

FLORENCIA BONELLI

O QUE
DIZEM
~ SEUS ~
OLHOS

UM AMOR TÃO INTENSO PODERÁ TRIUNFAR
EM UM MUNDO TÃO HOSTIL?

 essência



O QUE
DIZEM
~ SEUS ~
OLHOS



FLORENCIA BONELLI

O QUE
DIZEM
~ SEUS ~
OLHOS

Tradução
Sandra Martha Dolinsky



Copyright © Florencia Bonelli, 2006
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.
Título original: *Lo que dicen tus ojos*

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Laura Folgueira e Bárbara Parente
Diagramação: Abreu's System
Capa: Rafael Brum
Imagens de capa: Robert Fowler / Shutterstock
Amaia Arozena & Gotzon Iraola / Getty Images
Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bonelli, Florencia

O que dizem seus olhos – Um amor tão intenso poderá triunfar em um mundo tão hostil? / Florencia Bonelli ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.

368 p.

ISBN: 978-85-422-1301-0

Título original: *Lo que dicen tus ojos*

1. Ficção argentina 2. Romance Histórico I. Título II.
Dolinsky, Sandra Martha

18-0341

CDD A863

2018
Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

*A meu pai, por duas razões: por haver me inculcado o lindo
hábito da leitura e por se orgulhar de mim.
A minha mãe. Não há amor maior que o dela.
A meu adorado sobrinho Tomás, meu fazedor de milagres
pessoal, com a graça de Deus.*

“Os olhos são os lábios do espírito.”

CHRISTIAN FRIEDRICH HEBBEL



*Fazenda Arroyo Seco, Serras de Córdoba.
Janeiro de 1961.*

No alto do morro que dominava o milharal, Francesca pensou: *Sempre amarei este lugar, mesmo que se passem anos, mesmo que nunca mais torne a vê-lo.* Desceu correndo e, pela alameda, tomou o caminho que conduzia à casa da fazenda. *E por que não haveria de tornar a vê-lo?*, perguntou-se.

Reconheceu de longe seu Esteban Martínez Olazábal, que, montado em seu alazão, dava ordens a Cívico, o capataz. Ela não se escondeu do patrão e continuou caminhando; tinha-lhe apreço, ele sempre havia sido bom com ela.

— Ei, Francesca! — Surpreendeu-se Martínez Olazábal. — Só esperávamos você no sábado.

— Boa tarde, senhor. Boa tarde, Cívico.

— Menina — respondeu o homem, e tirou a boina.

— Os planos eram que eu chegasse sábado — retomou Francesca —, mas meu tio Alfredo me deu permissão e pude vir hoje.

— Como esse Alfredo a faz trabalhar! — comentou Esteban, risonho.

— Eu gosto de meu trabalho, senhor — afirmou Francesca.

A resposta agradou Martínez Olazábal, que lhe deu um tapinha carinhoso na face.

— Como estão as coisas em Córdoba?

— Tudo bem, senhor. Não há nenhuma novidade na casa, exceto Onofrio, que...

— O que aconteceu?

— Por sorte, nada grave, senhor. Enquanto arrumava as telhas soltas, ele escorregou e...

— Meu Deus! Ele caiu!

— Não, senhor, mas, ao se segurar na cornija, machucou o pulso e precisou engessar o braço.

Martínez Olazábal se despediu com pressa e esporeou o cavalo, que se perdeu em direção a casa.

— Menina, mas você ficou bonita! — exclamou Cívico, depois de se certificar de que o patrão estava longe.

Francesca deu-lhe um sorriso antes de se jogar nos braços daquele homem que amava como um avô.

— Eu e Jacinta estávamos contando os dias para que chegasse sábado. A menina Sofia — explicou Cívico, referindo-se à filha mais nova de Esteban — mandou nos avisar que você chegaria. Que coisa boa ter aparecido antes!

Encaminharam-se à casa de Cívico, que, apesar da boa rejuvenescida anos atrás, com materiais seguros e de qualidade, não pudera se livrar do apelido de “barraco”. Caiada, com telhas espanholas, tomada por um eterno caos de galinhas, cães e coisas velhas, a casa era uma das recordações mais gratas da infância de Francesca.

Entraram, afastando o pano que servia para manter longe os insetos, e logo foram envolvidos pelo aroma de manteiga quente e bolinhos fritos. Jacinta, mulher de Cívico, jogava pedaços de massa na panela com gordura fervente e cantarolava baixinho.

— Digne-se a olhar, mulher! — pediu o homem.

— *Pá quê? Pá vê um inútil como ocê?*

— Que nada! — respondeu o capataz. — Veja quem eu trouxe.

Jacinta, com as mãos cheias de massa e a testa suja de farinha, deu meia-volta, fingindo uma contrariedade que desapareceu assim que viu Francesca no meio da sala. Só atinou a limpar as mãos no pano de prato antes de abraçá-la e

cobri-la de elogios. Sentaram-se à mesa; foi servida a primeira rodada de chimarrão, do jeito que Cívico gostava, enquanto os bolinhos desapareciam do prato.

— Conte, Panchita, o que é de sua vida? — inquiriu Jacinta.

— Nada de novo. Continuo trabalhando no jornal, com meu tio Fredo. Ele me prometeu que este ano vai me dar uma coluna.

— Uma o quê?

— Vai me deixar escrever algo e publicar.

— Veja só, Jacinta! Essa pirralha vai ficar importante!

Em menos de uma hora, o casal a pôs a par das novidades no campo: fofocas de peões e até dos patrões, nascimentos de animais e resultados de colheitas, festas patronais, casamentos e *rejuntos*, como chamavam aqueles que se juntavam sem casar.

— E Paloma está de quatro meses — disseram, referindo-se à mais nova de seus seis filhos. — Diz Chaira, a vidente, lembra-se dela? Bem, ela diz que vai ser menino.

— E como vai se chamar? — interessou-se Francesca.

— Vão ter que olhar no santoral — deduziu Cívico.

— Sim. Melhor no santoral que no calendário, como fez o bronco do seu pai. Você tem a quem puxar... Nasceu em nove de julho. Seu pai foi olhar no calendário e viu “feriado cívico”, e aí tascou-lhe esse nome.

— Bah, não é tão ruim! — resmungou o homem.

Francesca gostava da simplicidade daquela gente, embora às vezes eles a surpreendessem com uma sabedoria que ela não encontrava nem sequer em seu tio Fredo, uma mistura de misericórdia, resignação e afã pela vida. Eram pessoas que não temiam a fome, o frio ou a falta do indispensável. A ausência de tanto não havia conseguido envilecer os sentimentos nem ensombrar o olhar daquela gente.

— E na casa grande, como vão as coisas? — perguntou Jacinta.

— Acabei de chegar. Não vi ninguém, nem Sofia. Imagino

que devem estar como sempre foram — disse Francesca, desanimada. — Dona Celia insuportável, assim como Enriqueta, e seu Esteban suportando as duas.

— E a menina Sofía se recuperou do... bem, daquilo?

Francesca fez um gesto significativo.

Cívico e Jacinta baixaram a vista e suspiraram. Tinham carinho pela filha mais nova do patrão, apesar das poucas ocasiões em que a haviam visto; na realidade, conheciam-na por meio de Francesca, que a adorava.

— Hoje, chega o menino Aldo — comentou Cívico para dissipar a nuvem de tristeza. — O patrão acabou de me contar.

— Uia, esse menino não deve ter nem mais um pelo na cabeça! — afirmou Jacinta. — Quantos anos já faz que não aparece por aqui?

— Vejamos... — disse Cívico, coçando o alto da cabeça. — Mais ou menos dez anos. Devia ter uns dezoito quando o mandaram para estudar *nas Europas*. Deve andar pelos vinte e oito.

— E acabou de chegar *das Europas*?

— Não — esclareceu o capataz —, faz mais ou menos três anos desde que voltou, mas ficou em Buenos Aires. Deve achar os portenhos mais ao seu nível.

— Você nem se lembra dele, não é? — perguntou Jacinta, dirigindo-se a Francesca.

— Quando minha mãe começou a trabalhar para Martínez Olazábal, eu tinha seis anos, era muito pequena. Eu me lembro de Aldo, mas pouco. Ele só estava em casa nos fins de semana, porque estudava no La Salle, um colégio a caminho de Saldán — esclareceu. — Mas nunca troquei uma palavra com ele. Ele passava os dias trancado na biblioteca, lendo. Ele e Sofía eram bem próximos. Lembro que ela sofreu muito quando o mandaram para o exterior.

— Caramba! — disse Cívico. — Essa família tem tristezas para todo lado. Tanto, tanto, para nada.

Quando a nuvem negra ameaçou aparecer de novo, Jacinta

interveio:

— Cívico, o que você está esperando? Leve Panchita para onde ela realmente quer estar, que não é aqui conosco, dois velhos chatos. Ande, leve Panchita até o Mourinho; o coitado deve estar meio louco, com certeza já sentiu o cheiro dela no ar.

Francesca agradeceu com um sorriso a intuição de Jacinta e não se envergonhou por deixar transparecer tanto a impaciência que sentia por ver Rex, seu cavalo. Ninguém conhecia melhor que Jacinta e Cívico o amor que aquele garanhão lhe inspirava.

A caminho do pasto, o capataz comentou que o Mourinho – chamava-o assim por se tratar de um puro-sangue árabe – continuava saudável, esbelto e inteligente e que, como nenhum peão se atrevia a se aproximar, porque o cavalo tinha a mania de morder, ele mesmo se encarregava de exercitá-lo, dar-lhe banho e escová-lo.

— Ele conhece você — disse Francesca.

— Ele me respeita porque sabe que sou seu amigo. Senão, bem que levantaria as patas para mim e me cravaria aqueles dentes que Deus lhe deu. Ando com vontade de castrá-lo.

— Nem pense nisso, Cívico — ameaçou a jovem.

— Seu Esteban, hoje mesmo, sugeri isso.

— Ninguém toca em um pelo de meu cavalo.

— Mas o cavalo não é seu, Panchita, é da menina Enriqueta. Lembra que lhe contei que o deram de presente a ela no aniversário de quinze anos?

— Sim, claro que lembro, mas aquela beata não se atreveu a chegar nem a dez metros dele. Ela nem lembra que Rex existe.

— Às vezes, eu me arrependo de ter deixado você pegar tanto carinho por um bicho que não é seu. Eu me pergunto o que aconteceria se o patrão decidisse vendê-lo.

Mas Francesca já não o escutava. Ela correu o último trecho e pulou a porteira com agilidade. Ao distinguir seu cavalo – o

único completamente preto – no meio da manada, ela se permitiu uns instantes de silêncio para se deliciar com o porte majestoso e imponente do animal.

Chamou-o. Rex, que já a havia farejado, começou a dar coices e a empinar ao ouvir a voz dela. Os demais cavalos se afastaram, assustados, e o Mourinho ficou sozinho no pasto.

— Pare de fazer esse escândalo lamentável — repreendeu-o Francesca. — E venha aqui que quero vê-lo de perto.

O cavalo se aproximou relinchando e sacudindo a cabeça. Depois de acariciar um pouco sua fronte, Francesca decidiu montá-lo.

— Espere que eu traga a sela! — gritou Cívico, na porteira.
— Pelo menos, ponha estes arreios!

— No pelo! — Foi a resposta da jovem.

Ela montou o cavalo com maestria e, segurando-se na crina, incitou-o com um som que o animal conhecia bem.

Ao entardecer, o céu parecia uma paleta de vermelhos e violeta. Francesca estava deitada na relva, com a cabeça apoiada nas mãos. Rex pastava distante dela. Ouvia-se o canto dos bem-te-vis e o chiado dos primeiros insetos noturnos. Ela inspirou o ar fresco tomado pelos aromas que só relacionava a Arroyo Seco.

Levantou-se de mau humor; tinha que voltar, senão sua mãe ficaria preocupada. Além do mais, havia prometido ajudá-la a preparar o jantar; seriam vários comensais essa noite.

— Vamos, Rex, temos que voltar.

Ela deixou o cavalo no pasto e, sem vontade, encaminhou-se para a casa. Passando pela alameda, entreteve seu olhar na paisagem. Embora houvesse visto aquele mesmo espetáculo muitas vezes, tornou a se surpreender com o sol, que, completo e refulgente minutos antes, agora desaparecia em um tênue resplendor por trás das serras azuladas. Em que

momento havia ido embora? A tarde se extinguia a uma velocidade insuspeitada, e essa agonia era opressiva. “Agora, filha, o sol está se escondendo; ele não quer encontrar a lua.” Será que um dia ela esqueceria a voz de seu pai, no mirante do parque Sarmiento, aos sábados à tarde, enquanto contemplavam, de mãos dadas, o fim do dia?

Em que momento você foi embora, papai?, perguntou-se.

O barulho de um motor tirou-a do transe. Francesca enxugou as lágrimas e escondeu-se atrás de um álamo antes que o automóvel esportivo passasse perto dela, levantando poeira. Divisou três figuras dentro: Aldo e duas mulheres. Ela deu de ombros com desinteresse e seguiu seu caminho. Era a primeira vez em muito tempo que via Aldo Martínez Olazábal. Dez anos atrás, ele havia partido para estudar na Sorbonne. Rico, bom moço, com um diploma debaixo do braço e o prestígio de quem volta do exterior, Francesca pensou, com sarcasmo, que ele devia ser o solteiro mais cobiçado de Córdoba.

Ela apertou o passo, sem deixar de lado a conversa consigo mesma. Disse a si que, agora que trabalhava no jornal de seu tio, poderia juntar algum dinheiro, tornar-se independente e tirar sua mãe da mansão dos Martínez Olazábal. Se bem que tinha que ser realista: não a tiraria tão facilmente dali, especialmente por causa da amizade que havia feito com outros criados, e mais ainda com Rosalía; na verdade, ela parecia adorar viver no palacete. Talvez Francesca partisse sozinha, mas nem em um milhão de anos deixaria Sofía ali, tão vulnerável e indefesa, e prometeu a si mesma que iria embora com ela.

Ao cruzar o portão que marcava os limites da casa grande, avistou a família Martínez Olazábal na galeria que circundava o velho casarão: dona Celia, como uma rainha dando audiência, acomodada em sua poltrona de vime de espaldar alto; Enriqueta, a filha do meio, com os olhos fixos na mãe, falando com gestos eloquentes; Sofía, mais longe e ausente,

como de costume, com o gato persa sobre a saia; o filho mais velho, o jovem Aldo, louro e de pele clara como dona Celia, mal curvando os lábios em um sorriso forçado. Francesca se perguntou quem seria a garota sentada ao lado dele e a mulher que conversava com dona Celia.

Ela se escondeu nas sombras da noite iminente; estava usando as calças de montaria de Sofia e já podia imaginar o interrogatório que sofreria se a patroa descobrisse.

Aldo se inclinou sobre sua irmã Sofia, pegou a mão dela e beijou-a. O gato miou, bravo com a interrupção, e tornou a se acomodar quando a jovem retomou as carícias.

Às últimas cintilações do dia, Aldo contemplava o parque que cercava a casa, espantado com o capricho e a beleza; chamou-lhe a atenção o gramado, um tapete perfeito que cobria as colinas em um conjunto de subidas e descidas que se perdiam nos confins do campo. O pátio espanhol, um lugar encantador perto da galeria, com uma fonte e bancos cobertos por cerâmicas maiólicas, recordou-lhe o frescor das sestas de sua infância, quando, recostado sob a noqueira, lia até adormecer. Um pouco mais longe, perto da piscina, o mirante: uma elevação natural do terreno, que seu avô Mario havia coroado com uma balaustrada, onde as damas costumavam se sentar para admirar a paisagem serrana.

— Como o parque está lindo! — comentou. Sofia se limitou a levantar a vista. — Nada a ver com o campo de Pergamino — afirmou. — Nota-se que Cívico é eficiente e trabalhador. Além de estar em ordem — prosseguiu —, este campo rende mais que o de Pergamino, mesmo suas terras sendo dez vezes menos férteis. Eu já disse a papai que o capataz de Pergamino não é como Cívico. Seu Tarso, lembra? — Sofia não demonstrou interesse. — Seu Tarso é um desastre. Até ouvi histórias de que rouba nosso gado e vende-o.

— Seu Cívico é um grande homem — sussurrou Sofia. —

Então, estive em Pergamino?

— Sim, passei uma semana. Papai me pede que vá de vez em quando lá para resolver uns assuntos. Depois, voltei à cidade, peguei Dolores e sua mãe e viemos para cá. O que achou de Dolores? Gostou dela?

Dolores Sánchez Azúa, noiva de Aldo Martínez Olazábal, era a única herdeira de uma das mais importantes fortunas de Buenos Aires. Nesse momento, Dolores conversava a sós com sua futura cunhada, Enriqueta, satisfeita com a atenção que a moça lhe dispensava. A mãe de Dolores, Carmen Ferreira, uma aristocrata cordovesa que, segundo se dizia, havia feito o melhor casamento de sua época ao desposar o fazendeiro portenho Carlos Sánchez Azúa, não segurava a língua ao descrever à sua amiga de infância, Celia Pizarro y Pinto, sua mansão na rua Cerrito.

— Gostou ou não? — insistiu Aldo.

— Não gosto do nome. Desde quando um filho é uma dor? Ou muitas, como nesse caso.

— Eu não conhecia essa sua veia irônica — respondeu ele, risonho. — Quem lhe ensinou isso?

— A vida, suponho — respondeu a garota com cinismo.

Aldo baixou o olhar. Sofía, arrependida do sarcasmo dirigido a uma das pessoas que mais amava, cedeu:

— É linda, ninguém pode negar isso. Como você a conheceu?

— Em uma das vezes que foi me visitar em Buenos Aires, mamãe convidou dona Carmen e Dolores para tomar um chá. Foi assim que a conheci.

— Essa mamãe... — murmurou Sofía, mas Aldo não a escutou. — Minha única crítica é que você não tenha escolhido uma cordovesa. Não acho justo, Aldo, depois de tantos anos de ausência, você decidir fincar raízes em Buenos Aires porque uma portenha o fez perder a cabeça. Aposto que, se vocês se casarem, só os verei na Páscoa e no Natal.

— Espere aí, mocinha! Eu não perdi a cabeça. E essa

história de casamento ainda vou ter que ver.

Sofía não disse mais nada; levantou a mão, disfarçadamente, e sorriu. Aldo olhou naquela direção e, desconcertado, vislumbrou entre as plantas uma jovem que se dirigia ao outro setor da casa.

— Quem é?

— Francesca, filha de Antonina, a cozinheira. Não se lembra dela?

— Vagamente.

— Francesca é minha melhor amiga — afirmou Sofía.

— Diga-lhe para vir aqui. Quero cumprimentá-la.

— Está louco? — reagiu a jovem. — Se mamãe a vir a dez passos daqui, vai soltar os cachorros. Não, nem pense em chamá-la.

Diante da surpresa de Aldo, Sofía explicou:

— Ela não quer que sejamos amigas. Ah, se ela soubesse que somos amigas há quinze anos e que nunca deixaremos de ser!

Celia interrompeu a conversa com dona Carmen e dirigiu um elogio a sua futura nora e uma recomendação a Aldo, que ficou com vontade de descobrir mais sobre a filha da cozinheira.

Por iniciativa da anfitriã, cada uma foi a seu quarto se arrumar para o jantar, que seria servido uma hora depois. Aldo se demorou na galeria, seguindo com o olhar a figura que se afastava pelo caminho de parreiras para o setor da cozinha. Teve sorte, pois alguém acendeu as luzes no final do percurso, e ele pôde ver que se tratava de uma garota alta, de belas formas.

Que cabelos lindos!, pensou.

Francesca entrou na cozinha e encontrou sua mãe e mais três criadas ocupadas com os refinados pratos que dona Celia havia exigido, em vista da importância dos convidados. Apesar da

idade, do sofrimento e do trabalho duro, Antonina conservava os traços esbeltos da juventude e a beleza de seu rosto siciliano.

— Por fim se dignou a aparecer! — censurou ao ver a filha no vão da porta.

Antes de prosseguir, ordenou às criadas que fossem à sala de jantar e pusessem a mesa, usando a louça inglesa, os candelabros de prata, as taças de cristal da Boêmia e a toalha de linho branco. As garotas saíram, ainda fofocando sobre a noiva do menino Aldo.

— Desculpe, *mamma*, eu me distraí com Jacinta e Cívico. E, depois, fiquei um pouco com Rex.

A mãe reprimiu a intenção de lhe dar um sermão por montar o cavalo de Enriqueta, certa de que seria em vão. Francesca sempre fazia o que queria. Olhou para a filha e sorriu com orgulho ao descobrir em seu olhar o caráter seguro e irreverente do pai.

— Seu Esteban foi à cidade, mas, antes, me perguntou pelo acidente de Onofrio — comentou Antonina. — Rosalía não lhe disse para ficar de boca fechada e não preocupar o patrão?

Antonina lançou um olhar furioso à filha, que a enfrentou sem sombra de arrependimento. *Eu nunca deveria ter lhe contado sobre seu Esteban e Rosalía*, pensou, mas a certeza de que sua filha jamais contaria nada tranquilizava-a.

Francesca xeretou as panelas, provou a ambrosia e enfiou um dedo no creme antes de defender-se.

— O problema é dele — disse. — Além do mais, eu queria afastá-lo dos currais para poder conversar com Cívico e montar Rex. Se você visse, *mamma*, a cara que ele fez quando eu disse que Onofrio quase caiu do telhado! Atiçou o cavalo e saiu feito um louco.

Enquanto Francesca ia ao quarto para se trocar, Antonina voltou dez anos no tempo, e a antiga cozinha da casa dos Martínez Olazábal se materializou diante dela; no meio, Rosalía, sua grande amiga, e o patrão Esteban estavam

enroscados em um beijo que deixaria corada a mais experiente das pessoas. Antonina se escondera na lavanderia e esperara que o patrão fosse embora. Ao voltar à cozinha, notara o sorriso de satisfação de Rosalía, que ajeitava o avental e os cabelos revirados. Ela a olhara sem fingir ignorância. Rosalía, envergonhada, desabara em uma cadeira e levava as mãos ao rosto, soluçando e dizendo que Antonina devia achar que ela era uma qualquer. Fora difícil acalmá-la. Quando Antonina conseguiu, pediu-lhe que lhe contasse tudo.

Rosalía Bazán, uma atraente mestiça de Traslasierra, de olhos castanhos cativantes, cabelo pesado e escuro e um corpo de curvas tentadoras, abandonara o barraco em que sua família morava para fugir de uma vida que, pouco a pouco, acabaria com ela. Em Córdoba, arrumara emprego como garçoneiro em um bar fuleiro, que, por se situar perto da área dos bordéis, atendia àqueles que já haviam matado outras sedes. Lá, ela conhecera Esteban Martínez Olazábal, um jovem bonito e simpático, que a cativara com palavras doces e modos de senhor. “Eu me apaixonei perdidamente por ele”, admitiu a Antonina. Tempo depois, Esteban lhe confessou seu compromisso com uma dama da alta sociedade cordovesa, Celia Pizarro y Pinto, à qual jurava não amar. Em sua simplicidade, Rosalía lhe perguntou por que se uniria a uma mulher que não amava; Esteban não respondeu e escondeu o olhar. Arrebatada de ciúmes e fúria ao ver que seu amante era covarde e frívolo, disse-lhe que ele era um homem ruim e que não tornaria a vê-lo.

Meses depois, Esteban soube que Rosalía esperava um filho dele. Ele já havia se casado com Celia, que também estava grávida. Sua vida transcorria suspensa entre as recordações de seu amor perdido e a espera pelo filho que Rosalía ia lhe dar. E apesar de lutar para se apaixonar por Celia, a frieza e a superficialidade de sua mulher impediam-no de sequer se afeiçoar a ela. Desesperado, ele se encheu de coragem e foi atrás de Rosalía, que, enciumada e com o orgulho ferido,

rejeitou-o. Durante dias, Esteban a visitou no bar, sem conseguir fazê-la mudar de ideia, mas Rosalía continuava amando-o, tanto que, semanas depois, lhe concedeu o perdão. Ela chegou à casa dos Martínez Olazábal com uma mala velha e um bebê no colo, chamado Onofrio, para fazer parte da criadagem da mansão. Ninguém nunca soube a verdade, nem mesmo a criança, até o dia em que Antonina surpreendera Rosalía e Esteban se beijando na cozinha.

Francesca voltou, de roupa limpa e banho tomado. Nem ela nem sua mãe disseram nada; cada uma permaneceu imersa em suas recordações e em seus planos enquanto cortavam ingredientes para a salada de frutas, temperavam molhos, glaçavam o presunto, batiam as claras do merengue italiano e amassavam morangos.

Sofía entrou na cozinha e surpreendeu sua amiga por trás. Fazia semanas que não se viam, e, em meio à emoção, as palavras se atropelavam desordenadamente. Antonina recebeu sua porção de carinho sem surpresa; sabia que Sofía a amava como a uma mãe, pois, diante do desamor de Celia, a jovem havia se apegado quase com desespero a ela, uma mulher simples e ignorante, mas gentil e carinhosa, que sempre cheirava a baunilha e a pão recém-assado.

— Eu comeria com vocês — disse Sofía —, mas minha mãe está com um humor dos diabos com essa história de meu pai ter voltado intempestivamente a Córdoba. Ela está furiosa! Disse que é um papelão com dona Carmen e Dolores, a noiva de Aldo. O que será que fez meu pai voltar à cidade?

Francesca acompanhou a amiga, mas não chegou perto da casa: na galeria, em sua majestosa cadeira, dona Celia, vestida para o jantar, folheava uma revista. As duas se despediram no final da trilha de parreiras e, enquanto contemplava Sofía entrar pela porta lateral e evitar a mãe, Francesca tornou a sentir a culpa por seu grande segredo, como uma carga pesada que a deixava quase sem ar. Fazia tempo que não se sentia assim, e achava que já havia superado aquilo, mas, essa tarde,

ao ver a amiga deliberadamente afastada e absorta no meio da algaravia de sua família, teve certeza acerca de quem estava nos pensamentos dela.

As freiras do colégio Veinticinco de Mayo haviam ensinado a Sofía que devia manter os rapazes longe; as sensações de efervescência e o galope desenfreado do coração, sem dúvida, eram coisa do demônio. Nesses casos, um gole de vinagre e o rosário rezado de joelhos no sal grosso constituíam um santo remédio para desanuviar a mente e afastar Lúcifer. Mas Sofía, cega pelos encantos de Nando e pela efervescência e o galope dentro de seu peito, esquecera o vinagre, o rosário e o sal grosso e se entregara sem prudência. Francesca, que nunca se apaixonara, vivera com excitação o frenesi de sua amiga e, confidente de suas aventuras, cúmplice de suas escapadas, sentira desejo de amar da mesma forma.

Tempos depois, a natureza racional de Francesca a levou a compreender que os patrões jamais aceitariam Nando, um rapaz de Mina Clavero que, como tantos outros, havia partido para a capital em busca de fortuna. Trabalhando no escritório de Martínez Olazábal como aprendiz, ele aspirava a juntar dinheiro para comprar terras em sua cidade natal e viver lá com Sofía. “Você cuidará da casa e dos filhos, e eu, da terra”, dizia. Sempre atento, ele anotava em uma caderneta tudo que escutava sobre vacas, colheitas, sementes, veterinários, criação e engorda. Na Biblioteca Maior, a da reitoria, pesquisava sobre o solo cordovês, pouco favorável à semeadura, exceto ao sul, e mais propício para a criação de gado. Conversava longamente com Cívico, quando este ia à cidade, “porque ele sabe mais que os livros”, dizia a Sofía, e ela o calava com um beijo, desejando fazer amor com ele.

Quando ficou grávida, Sofía não soube o que fazer. Temia contar a Nando, certa de que ele a repudiaria, pois um filho complicaria seus planos de construir fortuna. Ela jamais

pensou nos pais, mas, ao confessar a verdade a Francesca, juntas concluíram que não havia outra saída: os patrões precisavam saber. “Seu pai a protegerá, Sofi, não se preocupe”, animara-a Francesca, inocente, que ainda pagava com o tormento da culpa o estúpido conselho que dera à amiga.

Na tarde em que sua amiga entrou no quarto de dona Celia com a cara de uma pessoa condenada à morte, Francesca esperou com a orelha colada na porta. Logo chegaram os gritos de “vagabunda!”, “desavergonhada!” e “vadia!”, e também os gritos de Sofía. Francesca interveio para evitar que dona Celia batesse na filha, e, fora de si, jogou na cara da mulher mil rancores que a engasgavam havia anos. Atônita, dona Celia só reagiu ao ouvir a voz do marido, que, recém-chegado, mandou Francesca se calar e pediu que se retirasse. Ao sair, a última coisa que viu foram os olhos aterrorizados de sua amiga.

Sofía permaneceu em seu quarto, do qual só dona Celia tinha a chave. Por conselho de Rosalía, que havia falado com Esteban, Antonina mandara a filha passar um tempo com o tio, Fredo. Para Nando, foi uma surpresa ver Esteban pôr um envelope com dinheiro em sua mão e lhe dizer que não precisava mais dele. Certo de que havia feito seu trabalho com perfeição, a demissão foi um choque. Nessa mesma tarde, ele esperou Sofía no portão dos fundos da mansão e se espantou quando Antonina, com olhos chorosos, apareceu e disse que a menina havia viajado e que ficaria fora muito tempo, que talvez nem voltasse mais. Arrasado, sem emprego e sem amor, Nando voltou à pensão de Alto Alberdi, pegou sua misérrima bagagem e partiu para tentar a sorte em outro lugar. “Nunca mais voltarei a Córdoba”, afirmou. “Tudo me faz lembrar dela.”

Sofía partiu em uma viagem da qual ninguém sabia o destino

nem a duração. Passaram-se dias antes que Esteban autorizasse Francesca a voltar do exílio, com a ordem clara de que ficasse longe de dona Celia e de que, pelo bem de Sofía, não falasse sobre o “assunto” nem fizesse perguntas. Foi um ano duro para Francesca, sozinha e atormentada pelo remorso.

“Devíamos ter fugido... Ido para longe para ter o bebê. Tio Fredo teria nos ajudado”, censurava-se. Perdeu peso e o interesse pelo colégio, não lia mais – sintoma que alarmava sua mãe mais que os outros – e passava horas no parque da mansão, caminhando e mergulhada em monólogos mudos. Nunca recebeu cartas de Sofía nem se atreveu a tentar descobrir onde ela estava para lhe escrever. Um silêncio de morte afogou a recordação da filha mais nova dos Martínez Olazábal; ninguém a mencionava e, se alguém deixava escapar seu nome, o olhar cortante de dona Celia destruía a mera intenção de evocá-la.

Sofía reapareceu em Córdoba um ano depois e, no primeiro abraço, Francesca soube que a alma da amiga estava arrasada. Sem pronunciar uma palavra, choraram no velho sótão que havia sido seu esconderijo na infância. Choraram pelo amor perdido, pelas culpas que as atormentavam, pelo filho que nunca nasceria, pelo egoísmo e pela hipocrisia.

— Meu bebê nasceu morto, Francesca. Ninguém o queria, e ele não quis viver.

Francesca teria preferido não saber que, na realidade, o bebê nascera vivo e, embrulhado como um pacote, havia saído da casa próxima a Paris onde Sofía passara a gravidez para ser entregue a um orfanato, onde, por causa de arranjos prévios, era esperado havia dias. Esteban confessara a Rosalía que jamais teria admitido um aborto. “Não é o caso de consertar um pecado com outro”, dissera o homem.

Para Francesca, a verdade pesava mais que a culpa pelo mau conselho que dera e, durante dias, ela pensara em revelá-la à amiga, mas o olhar ausente de Sofía, sua voz insegura e o tremor permanente de suas mãos a ajudaram a compreender

que, se lhe contasse, estaria dando o golpe de misericórdia em sua debilitada sanidade mental. Calara-se, sem saber se agia corretamente.

Francesca voltou pelo caminho das parreiras e entrou na cozinha, onde sua mãe mandou que pusesse o uniforme; como ela não queria servir à mesa, vestiu-o resmungando.

— Por que não pediu a Paloma que ficasse para ajudá-la? Não estou com paciência para as impertinências de Enriqueta. Estou avisando: na primeira que ela aprontar, faço o prato dela virar chapéu.

Antonina escondeu um sorriso e tentou se mostrar contrariada; disse que a filha não teria que aparecer na sala de jantar nem suportar a menina Enriqueta, mas que ficaria na antessala, preparando os pratos.

Aldo cumprimentou Antonina educadamente enquanto servia à mesa, e, já mais avançado o jantar, elogiou-a dizendo que não havia provado manjares como aquele nem nos melhores restaurantes de Paris. A mulher, ciente da raiva que a gentileza provocaria em dona Celia, limitou-se a assentir com a cabeça, sem levantar a vista.

— O que seu Aldo estava dizendo? — perguntou Francesca.

— Que gostou da comida. Ele é muito gentil.

Francesca deu uma espiada na sala de jantar, e, por um instante, seu olhar cruzou com o do jovem patrão. Ela se escondeu atrás do batente da porta, envergonhada e ansiosa. A troca fugaz de olhares, inexplicavelmente, a havia afetado demais.

Mais tarde, na galeria, a família e as convidadas desfrutaram o tradicional *cappuccino* com docinhos. Nem Celia falava mais tanto; o cansaço e a noite serena do campo os deixaram silenciosos, alguns melancólicos, até. Sofia foi a primeira a

desejar boa-noite e dirigir-se para o setor da criadagem, sem reparar no olhar de censura de sua mãe. A seguir, foi Celia, que instou Enriqueta e dona Carmen a que a imitassem.

Aldo e Dolores ficaram sozinhos. Ela aproximou sua cadeira da dele, pegou a mão do noivo e disse em sussurros que ele estava muito bonito. Aldo se esforçou para sorrir e também lhe fazer um elogio. Certamente, com seus cabelos dourados e uma palidez acetinada nas faces, Dolores possuía uma beleza que deixava mais de um sem fôlego. No entanto, eram os olhos negros que ele havia notado durante o jantar que mantinham Aldo mais calado e pensativo. Dolores se deu por vencida com claras demonstrações de contrariedade, mas o noivo sequer notou e manteve a vista perdida na imensidão do jardim.

— Vamos dormir, querida — sugeriu Aldo. — Estou cansado. Você não se importa, não é?

— Se é o que você quer...

Fiel ao desejo de acender em seu noivo o mesmo amor apaixonado que sentia por ele, Dolores havia esperado uma aproximação maior no campo, iludida com o efeito de noites estreladas, de cavalgadas a lugares virgens e de alguns costumes agrestes que secretamente a excitavam. Porém, era evidente que nada entusiasmava Aldo. Ela se levantou e entrou sem esperá-lo.

Já no quarto, Aldo não conseguia dormir. O calor, os mosquitos, apesar das espirais repelentes, e o colchão mole demais obrigaram-no a abandonar a cama. Estava inquieto; sua mente pulava de um assunto a outro. Acendeu um cigarro e foi fumar perto da janela. Como se envolvera tanto com Dolores? Sua beleza, sua educação e suas maneiras delicadas o haviam cativado, mas, agora, dissipado o fulgor do começo do relacionamento, a proximidade da noiva chegava a lhe provocar verdadeiro fastio.

Um som vindo do parque, um barulho de galhos secos se partindo, destoou do concerto a que ele havia se acostumado.

Aproximou-se da janela. Em meio ao negrume, uma figura de branco que voava para o mirante o deixou atônito. Voltaram a sua cabeça as histórias de almas e espectros que Cívico lhe contava quando era pequeno. A aparição fantasmagórica se deteve perto da balaustrada do mirante para então se perder na mata que cercava a piscina. Aldo apagou o cigarro, vestiu o roupão e abandonou o quarto. Atravessou o parque quase correndo e subiu de dois em dois os degraus que levavam à piscina. O fantasma havia se transformado em uma linda mulher que experimentava a temperatura da água com o pé e cantava a meia-voz uma ária italiana. Ele se acomodou atrás dos arbustos e observou-a pelo tempo que durou seu banho de lua. Essa criatura, meio sobrenatural e meio terrena, que se movia com graça dentro da água, enfeitiçou-o, fez com que esquecesse seus problemas e deixou-o sem fôlego quando se despojou da roupa de banho e envolveu-se no roupão branco. Ao colocar o capuz, voltou a ser a alma que o havia guiado até ali e que, agora, se perdia na escuridão do caminho das parreiras.



Na noite seguinte, apesar das queixas de sua mãe, Francesca voltou à piscina. Era uma aventura que ela repetia ano após ano, desde a infância, e que havia começado como um desafio à autoridade de dona Celia, mas agora a atraía pelo encanto das noites e pela paz que encontrava ali. Antes de entrar na piscina, ela dedicou alguns minutos a admirar o reflexo da lua sobre a água, que a tingia de um cinza prateado. Miríades de vaga-lumes se acendiam no meio dos arbustos, algo a que estava acostumada, mas que sempre lhe parecia mágico. O coaxar distante das rãs se confundia com o pio das corujas; os sapos também revelavam sua presença e se atreviam a se aproximar da piscina. Embora causassem aflição em Francesca, ela não os incomodava; Cívico havia lhe explicado que eram úteis no controle de pragas.

A água estava morna e agradável devido ao dia quente. Ela caminhou pela parte rasa até submergir por completo na parte mais funda, onde ficou parada, com os olhos fechados. Depois, emergiu, agitada; sua cabeça retumbava, e ela precisou de alguns segundos para tornar a perceber os sons noturnos. Nadou de uma ponta a outra, às vezes de costas para admirar o céu que se apresentava como uma cúpula gigante e escura. Atravessou a piscina por baixo d'água uma vez mais e, ao emergir perto da escadinha, dois pés a aguardavam. Correu os olhos pela figura que se projetava diante dela e topou com os de Aldo. A respiração arfante por causa do esforço e o coração palpitante jogaram contra ela, e Francesca não conseguiu falar.

— Olá — cumprimentou Aldo.

Ela não pôde discernir se ele falava com sarcasmo ou com gentileza.

— O que está fazendo aqui? — inquiriu ela, soando mais impertinente do que teria desejado.

— Não acha que eu é que deveria lhe perguntar isso?

— Com licença — disse Francesca.

Aldo a seguiu com o olhar enquanto ela caminhava em busca do roupão. De perto, achou-a mais bonita ainda. Francesca se cobriu, calçou os chinelos e se virou na direção do parque. Aldo a interceptou antes que ela chegasse à escada.

— Aonde vai? — perguntou.

— Senhor, talvez isto sirva para que, de uma vez por todas, sua mãe demita a minha, e eu a possa levar para longe de sua família.

— Do que você está falando?

Francesca relaxou o semblante, e Aldo sorriu com evidente simpatia.

— Achou que eu ia contar a minha mãe? Está enganada... Francesca, não é? Esse é seu nome, certo?

— Francesca De Gecco, senhor.

— Eu sou Aldo, irmão de Sofia.

— Eu sei.

— Sim, claro.

— Boa-noite — disse Francesca. Ela tentou passar por ele.

— Espere! — disse ele, tomando-a pelo braço. — Por que vai embora?

— Isto foi uma imprudência, senhor. Prometo que não tornará a acontecer. Na realidade, é muita gentileza sua não me delatar a dona Celia. Não tornarei a usar a piscina, eu lhe garanto. Boa-noite.

Ela tentou se soltar, mas Aldo a reteve, obstinado.

— Pode usar a piscina todas as noites. Aliás, eu gostaria que continuasse vindo aqui. Você parece gostar bastante. Estive observando-a.

— Está debochando de mim, senhor?

— Não! Como pode pensar uma coisa dessas? — E a seguir, com menos brio, acrescentou: — Eu me pergunto como devem tê-la tratado em minha casa para que tome uma demonstração de gentileza como um insulto.

— Sou filha da cozinheira, senhor. Recebi o tratamento cabível. Agora, eu lhe suplico, deixe-me ir. Minha mãe deve estar preocupada.

— Voltará amanhã?

— Já disse que não.

— Eu lhe ordeno — disse Aldo, brincando, e sorriu diante da expressão de Francesca. — Volte amanhã. Ninguém vai saber, e você poderá usar a piscina pelo tempo que desejar, eu garanto.

Francesca sentiu a pressão em seu braço ceder enquanto Aldo lhe indicava, com um gesto galante, o caminho para o parque.

Ao chegar ao quarto, sua mãe a recebeu preocupada e deu-lhe um novo sermão por sua ousadia.

— Por que demorou tanto? — perguntou, quase perdendo as estribeiras.

— A água estava deliciosa. Nadei um pouco mais, só isso — mentiu Francesca.

No dia seguinte, o desejo de voltar à piscina não tinha nada a ver com a água morna nem com o encanto da noite. E apesar de tentar combatê-lo, Francesca rezava para que seu Aldo aparecesse outra vez.

Ela ajudou a mãe a servir o jantar, preparando os pratos na antessala, sem se atrever a espiar a sala de jantar, mas, atenta às vozes, notou que Aldo mal falava; quando o fazia, era em monossílabos. Depois, a família jogou buraco na galeria e demorou mais que o habitual para se retirar para dormir. Quando a última luz da casa grande se apagou, Francesca

correu para a piscina.

Aldo já estava ali; já havia até mergulhado e, deitado na borda com as mãos sob a cabeça, contemplava o firmamento. Ele se levantou com um salto ao escutá-la e foi recebê-la com um sorriso.

— A ideia de tomar banho de lua me seduziu — comentou ele para quebrar o gelo. — Importa-se que eu fique aqui?

— Mas, senhor, o que está dizendo? A piscina é sua.

— Não me chame de senhor, isso faz com que eu me sinta velho. Chame-me de Aldo.

— Certamente, só poderei chamá-lo pelo seu nome de batismo se estivermos sozinhos — disse Francesca, com uma ironia que a incomodou de imediato.

— Lamento pelo rancor que sente por minha família, mas sei que minha mãe é dura demais quando quer.

Não tornaram a falar por um bom tempo. Cada um ficou na sua, como se estivessem absolutamente sozinhos, mas a presença do outro, indiscutível como a da lua cheia no céu, deixava-os nervosos e constrangidos. Aldo falou primeiro, comentando alguma coisa sobre a beleza das árvores, e Francesca assentiu com a cabeça. A brevidade de sua resposta a obrigou a pensar em um comentário. Explicou, então, que aqueles eucaliptos haviam sido plantados quase cem anos antes pelo primeiro dono de Arroyo Seco, um tal de Pedro de Ávila. Aldo lhe confessou que pouco sabia da história de sua própria fazenda, então, Francesca contou a ele o que Cívico havia contado a ela.

Tornaram a se encontrar noite após noite. O desconforto do primeiro momento se diluía e uma confiança de velhos amigos tomava seu lugar. As conversas se prolongavam pela madrugada e, embora nenhum dos dois admitisse abertamente, era muito difícil se despedirem. Eles desejavam perpetuar a noite, queriam que o sol nunca mais nascesse, que não existisse mais nada exceto eles, a piscina e a escuridão que os ocultava daqueles que jamais aprovariam sua amizade.

Francesca notou que Aldo era um jovem triste. Quando teve coragem de mencionar isso, pegou-o de surpresa, pois ele mesmo disse que nunca havia parado para pensar nisso. Admitiu ter uma personalidade melancólica e bastante solitária, que justificou como herança de família.

— Pois eu seria muito triste se minha mãe fosse como a sua — afirmou Francesca, sem a intenção de ser insolente.

Aldo ficou atônito, mas, em vez de se ofender, soltou uma pequena gargalhada que Francesca interpretou como uma resistência à sua afirmação. No entanto, o rapaz acabou reconhecendo que sua mãe era frívola e distante.

— Já sua mãe é uma mulher maravilhosa — disse ele. — Pelo menos é o que pensa Sofia, que a adora. Tenho inveja de você — cedeu, por fim.

— Apesar de ser rigorosa e pouco complacente, minha mãe é a pessoa que mais amo neste mundo. Quando ela ficou viúva, eu tinha seis anos. Ela ficou sozinha, em um país que não conhecia. Quase não falava castelhano. Mas não teve medo e seguiu em frente. Claro que teve amigos que a ajudaram. O padre Salvatore, que minha mãe conhecia da Sicília, recomendou-a para trabalhar aqui. Mas meu tio Fredo foi quem mais nos apoiou.

— Irmão de seu pai? — perguntou Aldo.

— Não. Na verdade, não há laços de sangue entre nós. Meus pais e tio Fredo se conheceram no navio que os trouxe da Itália. Ficaram muito amigos, e quando eu nasci, ele foi meu padrinho. Depois de minha mãe, ele é a pessoa que mais amo.

O olhar de Aldo se ensombrou com um ciúme inexplicável.

Nessa noite, haviam brincado como crianças, apostando corrida na água. Mais tarde, agitados e animados, sentiam uma felicidade desconhecida que os fazia rir de bobagens, falar sobre coisas sem importância e desejar secretamente que

o tempo não passasse. Para ambos, as manhãs haviam se tornado insuportáveis, prelúdios de longas horas de espera que nunca morriam.

— Estou faminto — admitiu Aldo, deitado ao lado de Francesca. — Sofia me contou que você cozinha bem como sua mãe. O que acha de irmos para a cozinha e você fazer alguma coisa para mim?

A ideia a pegou de surpresa. A piscina, longe da casa grande e escondida pelos arbustos, protegia os dois da hostilidade externa; pensar em violar esse espaço e adentrar áreas proibidas provocou um mau presságio em Francesca.

— Que foi? — perguntou Aldo com ternura. — Se não está com vontade, não vamos.

— Não é isso. É que se alguém nos vir... Bem, poderia interpretar mal.

— Ninguém vai nos ver. Todos estão dormindo — afirmou Aldo. Ele estendeu-lhe a mão. — Vamos.

Na cozinha, Francesca serviu a ele um pouco do que restara do jantar e fez uma salada de tomates e azeitonas temperada com azeite de oliva, orégano, pimenta-do-reino e sal. Enquanto preparava tudo, a extrema atenção de Aldo a deixava nervosa, de olhos baixos, agindo como um robô e fingindo empenho e concentração.

Aldo devorou a comida em silêncio. Francesca, com um nó no estômago, levou apenas dois pedacinhos de carne à boca e ficou contemplando o homem que estava a sua frente, jovem e lindo, de maneiras elegantes. *Como as de um cavalheiro*, pensou. Ele tinha olhos claros e cabelos louros, curtos e bem-cuidados. O que ela estava fazendo na cozinha com o filho dos patrões? E todas as noites na piscina? O que esperava com isso? Estava ficando louca? Sim, estava louca, louca de amor por Aldo. *Aldo, meu amor*, pensou. Abandonou a mesa para que seus olhos não a delatassem.

— Vou lavar a louça. Minha mãe pode desconfiar — disse, dando-lhe as costas.

— Por quê? Você não lhe contou sobre nossos encontros?

— Ela jamais aprovaria. Por acaso o senhor contou à sua?

Aldo riu baixinho. Bebeu o último gole de vinho, acendeu um cigarro e esticou-se na cadeira. Fumou lentamente, saboreando o tabaco, satisfeito com a brisa fresca com cheiro de orvalho que entrava pela janela e com o simples fato de se encontrar ali. Um impulso o levou a deixar a mesa e pegar Francesca pela cintura. Ela soltou o que estava lavando. Ele afastou-lhe o cabelo e beijou-lhe a nuca.

— Estou louco por você — sussurrou.

Francesca fechou os olhos e respirou profundamente, atordoada pelo contato íntimo e feliz com a confissão. Seu corpo, cheio de sensações novas, obrigou-a a dar meia-volta. Aldo a apertou contra seu peito e beijou-a.

— Francesca, meu amor, diga-me que me ama — implorou ele, afundando o rosto em seu pescoço.

— Sim, sim, eu o amo — jurou ela, e tornou a sentir aqueles lábios ansiosos contra os seus.

Aldo dava desculpas inverossímeis para se ausentar durante grande parte das tardes e, à noite, culpava o cansaço para se retirar mais cedo, embora a ansiedade revelada por sua voz e seus movimentos não combinasse com o esgotamento que alegava sentir.

Dolores suspeitava de que havia outra. Quem, ali, no meio do campo? A filha de algum peão, talvez. Não se preocuparia; logo, ele a deixaria e voltaria para ela. No entanto, a traição a torturava e lhe arrancava lágrimas à noite. Afinal de contas, deixando de lado seus princípios e suas crenças, ela havia se entregado a ele para satisfazê-lo, inclusive em seus instintos mais baixos. Por que ele buscava em outra aquilo que ela já lhe dera?

Na hora da sesta, Francesca montava Rex e esperava Aldo perto do tanque australiano. Ele chegava em seu alazão, e

juntos percorriam lugares fascinantes pelos quais ela não havia incursionado em verões anteriores. As tardes eram curtas para eles e, no consolo da noite, na piscina, despediam-se com esforço, em uma tempestade de beijos febris e promessas de amor eterno.

Aldo tinha a felicidade nas mãos pela primeira vez. Nem recordava seus anos de tristeza. A frieza de sua mãe, a indiferença de seu pai, os estudos no La Salle e os dias de afastamento em Paris, que lhe haviam moldado um espírito ressentido e triste. Nada disso importava; agora, existia Francesca, tão real quanto a infelicidade que havia carregado por tanto tempo sem perceber. Ele podia aspirar à felicidade, a vida havia suspendido sua pena e lhe estendia a mão com uma oportunidade.

Por sua vez, Francesca se perguntava como enfrentaria os Martínez Olazábal se nem sequer tinha coragem para contar a sua mãe ou a Sofía. *Jamais me aceitarão*, pensava, desanimada, apesar do entusiasmo de Aldo. Ela sempre seria a filha da cozinheira para dona Celia. De nada valeria sua educação, tão esmerada quanto a de Sofía ou a de Enriqueta, nem sua cultura, adquirida após anos de leitura incansável, nem seu comportamento e suas maneiras elegantes. Enfim, de nada valia aquilo que eles valorizavam se sua origem fosse outra. E Aldo? O que pensava ele? Jurava de mil maneiras que a amava acima de qualquer coisa, que nada lhe interessava exceto ela e, apesar de Francesca se agarrar a essas palavras ardorosas, sua natureza analítica não deixava de alertá-la, em especial, pela presença tão próxima e real de Dolores Sánchez Azúa, a noiva oficial. Aldo não a mencionava e Francesca mordida a língua antes de perguntar sobre ela, porque, embora suspeitasse de que ele não amava Dolores – pelo menos não como a amava –, temia descobrir que, no fim, Dolores seria a senhora Martínez Olazábal, e ela, a Rosalía Bazán daquela história.

Todas as noites, Enriqueta levava a garrafa de uísque de seu pai para o quarto e, praticamente embriagada, conseguia adormecer. Nesta noite, mais sobressaltada que de costume devido a outra discussão com a mãe, ela havia optado pela sala escura. Deitada no sofá, bebia repetidas doses.

Alguma coisa estava errada, ela podia sentir; a vida pesava como chumbo em suas costas e ela não via sentido em começar e terminar um dia. *O que leva as pessoas a se levantar de manhã?*, perguntava-se. Por um tempo, a ideia de cursar belas-artes a havia entusiasmado. No entanto, as recusas categóricas de sua mãe se repetiram com constância, independentemente dos pedidos pacientes e comedidos ou da fúria a que Enriqueta recorrera como último recurso para batalhar por sua vocação. Pensara em fugir, mas desistira, sem coragem. Abandonara a luta e optara pela submissão, preferível a ficar sozinha em um mundo que não conhecia e para o qual ninguém a havia preparado.

Por isso, Enriqueta tinha inveja de Francesca, porque era livre. Desde pequena, a descontração e o atrevimento da filha da cozinheira a haviam feito atraente aos olhos de todos: Esteban Martínez Olazábal lhe dispensava atenções que não dava a seus próprios filhos; Miss Duffy, a preceptora, ensinava-lhe inglês e a protegia em suas travessuras; Sofia nutria por ela um encanto que os anos não diminuíram; e, entre todos os outros, destacava-se Alfredo Visconti, o famoso tio Fredo, a quem Enriqueta amava secretamente desde a adolescência. Sua aversão pela filha da cozinheira não a satisfazia em absoluto e era estúpido querer se enganar: ela teria gostado de ser como Francesca.

Absorta em seus pensamentos, servia-se de uísque sem trégua, e, à medida que as doses se repetiam, uma sonolência a afundava no sofá e embotava seus sentidos. A luz da galeria entrava por uma janela e banhava o retrato de seu pai e sua mãe no dia do casamento deles; ambos estavam sérios e eretos, não se tocavam, pareciam desconhecidos. Enriqueta

sorriu lastimosamente.

Um barulho chamou sua atenção. Ela deixou a garrafa de lado e levantou-se com dificuldade. Aldo? Aldo acordado a esta hora, andando pela sala? O que tinha na mão? Uma toalha? Permaneceu em silêncio, inquieta diante da possibilidade de que seu irmão a descobrisse bebendo, pois, embora a família soubesse de sua fraqueza, ninguém a mencionava.

Aldo abriu a porta sigilosamente e saiu. Por que estava voltando ao jardim se havia acabado de entrar depois de um passeio com Dolores? Enriqueta achou estranho e decidiu segui-lo. Ao se levantar, notou que a bebida já havia começado a fazer efeito, contudo ainda conseguia ficar em pé. Da galeria, viu seu irmão se perder entre os arbustos que margeavam a piscina. Por que iria à piscina de madrugada? Ele jamais havia gostado muito da piscina, nem quando menino, quando preferia ler no quarto.

Enriqueta atravessou o jardim até a escadinha que levava à piscina. Ao chegar ao último degrau, levantou a vista e teve que se segurar no corrimão para não sucumbir ao choque: Aldo beijava Francesca apaixonadamente, que correspondia com a mesma veemência. Enriqueta achou que o uísque tinha alterado suas faculdades mentais e que estava alucinando. Esfregou os olhos, e a cena ficou mais nítida ainda. O riso maroto de Francesca arranhou seus ouvidos e o olhar fogo de Aldo se chocou com a imagem de garoto tímido e calado que desde pequena ela havia formado dele. O último dos Martínez Olazábal havia caído sob os feitiços de Francesca De Gecco.

Um primeiro impulso quase a levou a precipitar-se e revelar sua presença, mas, diante da ideia maliciosa de deixar o assunto nas mãos de sua mãe, ela se calou e voltou para casa.

Os roncos de Celia tiraram-lhe um pouco da coragem, e Enriqueta pensou em não a acordar. Mas, animada pela notícia que lhe daria, tomou coragem e chamou-a.

— O que é, Enriqueta? — perguntou Celia, com voz dura. A jovem deu um passo para trás. — Você está fedendo a álcool! Está bêbada! Saia daqui!

O olhar de Enriqueta ficou turvo, mas ela preferia morrer a chorar na frente de sua mãe. Não se permitira isso quando menina, menos ainda se permitiria aos vinte e quatro anos.

— Tenho algo importante para lhe contar — disse. A segurança de sua própria voz lhe deu coragem. — Você não vai se arrepender de me escutar.

— Não pode esperar até amanhã? São quatro e meia da madrugada! — exclamou Celia, pegando o despertador.

— É muito importante — insistiu Enriqueta, com um tom de intriga que atizou a curiosidade de Celia.

— Bem, conte de uma vez e me deixe dormir.

Enriqueta detalhou tudo que havia presenciado entre Aldo e Francesca, com pormenores que a obrigavam a baixar a vista e diminuir a voz para fingir vergonha. Sua mãe a instava a prosseguir com uma curiosidade mórbida.

— Então, mamãe, o que vamos fazer? — perguntou Enriqueta, terminada a confissão.

— Você, nada — disse Celia. — Agora, tome um banho para acabar com esse cheiro de uísque e vá dormir um pouco. Você parece um cadáver.

— Mas, mamãe...

— E é melhor ficar quieta sobre esse assunto. Se alguém souber, vai ser por sua boca, e você vai ter que se ver comigo.

Enriqueta abandonou o quarto de sua mãe com as feições desfiguradas pelo pranto reprimido; o desprezo de Celia a havia humilhado profundamente, destruindo a esperança de uma palavra gentil, um “obrigada, filha”. Chegou a seu quarto e começou a chorar.

Celia, alheia aos tormentos de Enriqueta, concentrou-se na

revelação. Era perigosa, agora que seus planos tinham só um nome: Dolores Sánchez Azúa. Se Aldo fosse mulherengo, o interesse pela filha da cozinheira passaria logo, mas, conhecendo a natureza sensível de seu primogênito, julgava-o capaz de se apaixonar por uma qualquer e esquecer seus deveres com o sobrenome que carregava.

— Rapaz estúpido! Caiu como um idiota nas redes daquela bruxa.

Uma fúria cega se apoderou dela. Teria batido em Francesca se a tivesse a sua frente.

— Francesca, *figlia*, levante-se! — ordenou Antonina. — Vamos, *gioia mia*... — Tentou novamente, com um tom mais doce.

Antonina sabia que a filha havia se deitado de madrugada. A cada noite, suas escapadas se prolongavam mais e ficavam mais perigosas. De qualquer maneira, quem poderia vê-la àquelas horas? Ela parecia gostar tanto. Tinha uma vitalidade e energia invejáveis: o campo, as cavalgadas com Rex, as noites na piscina. Ela a contemplou serenamente. O frescor e a saúde de Francesca insuflavam vontade de viver em Antonina, como sempre haviam feito desde a morte de seu marido, Vincenzo.

— Então, vai acordar?

— *Cosa c'è, mamma?* — perguntou Francesca com impaciência, meio adormecida. — Que cedo! — resmungou ao dar uma olhada no relógio.

— Dona Celia decidiu que você e eu voltaremos a Córdoba hoje mesmo, agora mesmo. O motorista está nos esperando no carro.

Francesca se sentou na beira da cama, confusa.

— Temos que voltar para Córdoba? Por quê? O verão não acabou ainda.

— Não sei, Francesca. Há alguns minutos, a patroa veio me

dizer, e, pelo que pude entender, você e eu vamos, mas o resto da família fica. Paloma vai cuidar da cozinha em meu lugar.

— Não quero ir — resmungou Francesca, que, imediatamente, vislumbrou as consequências da decisão. — Eu ainda tenho alguns dias de férias antes de voltar ao jornal. Por que tenho que ir?

— Isto aqui não é um hotel. É o lugar onde sua mãe trabalha, e você está aqui porque o patrão permite, com a condição de que me ajude. Você já é bem grandinha para entender isso.

Antonina gostava do campo, mas queria voltar à cidade e reencontrar seus amigos: Rosalía, Ponce, o jardineiro, e Félix, o mordomo. Além do mais, nos últimos dias, uma ansiedade desagradável passara a alterar seus dias em Arroyo Seco, normalmente tranquilos e prazerosos, ao pensar em Fredo.

Francesca se vestiu, resmungando e jogando suas roupas dentro de uma bolsa com raiva. Dona Celia tinha uma estranha capacidade de estragar coisas boas. Com a partida intempestiva, ela não se despediria de Cívico nem de Jacinta e só voltaria a montar Rex no ano seguinte. A raiva cedeu por um instante e a tristeza ofuscou seu olhar ao se dar conta de que não veria Aldo por semanas; na verdade, essa era a melhor das hipóteses, pois, se ele decidisse voltar a Buenos Aires sem passar por Córdoba, não tinha ideia de quando tornaria a vê-lo.

Francesca se sentou na cama e contraiu a mandíbula para não chorar.



Naquela tarde de janeiro de 1961, Alfredo Visconti terminou de ditar uma carta a Nora, sua secretária, e pediu que se retirasse. A mulher o contemplou brevemente, pegou suas anotações e saiu. Alfredo se esticou na cadeira e pôs os pés em cima da mesa. Pensou nos acontecimentos do país, que conhecia perfeitamente e narrava em suas matérias havia muitos anos. Como diretor de *El Principal*, o jornal de maior tiragem da província de Córdoba, ele estava ciente de suas possibilidades – que ultrapassavam os limites de uma simples coluna – de formar opiniões e comunicar ideologias. Entre seus colegas, não só de Córdoba, mas de Buenos Aires e de países limítrofes, Alfredo gozava de respeito e admiração fundamentados em sua inteligência e sagacidade e também em seus valiosos contatos e fontes. Estes haviam demonstrado seu peso em várias ocasiões, como aquela vez, em 1951, em que ele fizera algumas ligações telefônicas ao *La Prensa*, o jornal portenho mais hostil ao regime peronista, para adverti-los de que uma represália feroz estava sendo armada contra eles.

— Do que está falando, Fredo? — perguntara, quase com sarcasmo, Gonzalo Paz, o diretor.

— Peguem leve — aconselhara ele. — Os peronistas não estão de brincadeira. Os códigos deles são outros, Gonzalo. Eva está de olho em vocês e não descansará enquanto não os esmagar, literalmente. Eu sei por uma boa fonte, acredite.

Semanas depois, já avançado março, o histórico edifício do *La Prensa*, na avenida de Mayo, pegara fogo, cheio de

documentos e elementos inflamáveis. Completamente destruído, o tradicional jornal dos Paz – a aristocrática família portenha que, segundo Eva Duarte, encarnava a oligarquia *vendepatria* – parara suas rotativas e fechara as portas. Um mês depois, recebeu o golpe de misericórdia quando uma lei o expropriou.

Alfredo girou a cadeira e cravou a vista em uma pintura a óleo pendurada atrás de sua mesa: mostrava a Villa Visconti, na região do Valle d'Aosta, ao norte da Itália, a um passo da França e da Suíça. Essa vila conservava as melhores recordações de sua infância e do início de sua juventude. A beleza da paisagem realçava a imponência do palacete que por gerações havia pertencido aos Visconti, uma das famílias mais arraigadas da área. A mão habilidosa do pintor havia transposto para a tela a majestade dos Alpes em contraste com o límpido céu e o verde-esmeralda que circundava a casa de seu pai.

Ele suspirou. A maneira como seu pai, Giovanni Visconti, havia perdido tudo, inclusive a honra, era sua mais dolorosa recordação, que, apesar dos anos, ele não esquecia nem perdoava. Depois da morte de sua esposa, de quem Alfredo mal se lembrava, Giovanni, tomado pelo desespero, entregara-se à bebida e, tempos depois, ao jogo. Ele dilapidara sua fortuna sem consideração pelos filhos nem por seu sobrenome. Os amigos da família começaram a excluí-los das reuniões. Quando os viam, atravessavam a rua e os olhavam de soslaio.

Arruinado e devastado moralmente, Giovanni cometera suicídio. Seus filhos, Alfredo e Pietro, dois juvenzinhos assustados e sem experiência, liquidaram o que restava da fortuna e fugiram da cidade, injustamente desmoralizados. Em Gênova, embarcaram no *Stella del Mare* e, aliviados, abandonaram a Itália. Alfredo chegara à Argentina aos vinte e quatro anos e se estabeleceu em Córdoba. Pietro, mais propenso ao rebuliço e à grandiosidade, preferira Buenos

Aires, onde morrera três anos depois devido a uma estranha infecção na garganta. A morte de seu irmão fora um duro golpe para Alfredo, que não teria se recuperado se não existisse a pequena Francesca.

Ele conhecera o siciliano Vincenzo De Gecco no convés do *Stella del Mare*. Ficara impressionado com sua sensatez e prudência e sentira-se atraído também pela força e pelo empenho com que pretendia enfrentar o mundo, bastante adverso naquele momento. Assim como ele, Vincenzo havia fugido de sua cidade natal, Santo Stefano di Camastra, um vilarejo ao norte da ilha, às margens do Mar Tirreno, onde só se esperava dele que se dedicasse à pesca. Entre outros conflitos, a família não aceitava sua namorada, Antonina D'Angelo, oriunda de uma cidadezinha próxima e ancestralmente inimiga de Santo Stefano. A jovem de dezenove anos, órfã e criada por uma velha tia, não hesitara em fugir para Palermo com seu amado, onde se casaram e partiram para Gênova. Ali, embarcaram no primeiro navio para a Argentina, país de que tanto haviam ouvido falar.

Alfredo tinha certeza de que Vincenzo não havia completado os estudos, no entanto, demonstrava avidez pelo conhecimento e devorava todos os livros que caíam em suas mãos. Vincenzo se apegara a Fredo, como o apelidara, ao descobrir nele o homem culto e refinado que teria gostado de ser. Tempo depois, já estabelecidos em Córdoba, viveram juntos a dor do desterro e a saudade da pátria.

Alfredo só conheceu a esposa de seu amigo vários dias depois; no primeiro trecho da navegação, a jovem permanecera no camarote, sentindo náuseas e vertigens que a mantinham prostrada na cama, à base de chá e biscoitos.

— O movimento do navio e a gravidez não lhe dão trégua — explica ra Vincenzo.

Certa tarde, Alfredo fora ao convés, para aproveitar que estaria vazio. Estava caminhando, com a vista perdida no horizonte e a cabeça cheia de questionamentos, quando viu, de

perfil, uma mulher levemente reclinada sobre a amurada, cuja palidez era acentuada pelo vermelho dos lábios e o negro das sobrelanceiras. A delicadeza de seus traços harmonizava com o resto de seu corpo, miúdo e bem-formado. Decidido a conhecê-la, ele deu uns passos, mas detivera-se subitamente ao ver Vincenzo aproximar-se e tomá-la pela cintura. A mocinha se voltara e jogara os braços ao redor do pescoço dele.

Alfredo levantou-se com uma exclamação contrariada e passou a andar em círculos. Ah, como amava Antonina! Mais de vinte anos não haviam acabado com esse amor que o atormentara duplamente, pela traição que representava e pela indiferença de Antonina, que só tinha olhos para seu marido. Nem mesmo após a morte de Vincenzo, seis anos depois da chegada a Córdoba, Alfredo se atrevera a confessar a paixão que o consumia, pois era evidente que a morte de Vincenzo não havia apagado a adoração que Antonina sentia por ele.

Pensou ter escutado a voz de Francesca na antessala, mas balançou a cabeça, desiludido. Devia estar confundindo com a de outra pessoa, pois ainda faltavam dias para que ela voltasse do campo. “Francesca”, disse para si, “o que seria de minha vida sem seu carinho?”. Ele havia ficado em Córdoba por ela, apesar de saber que o dinheiro e o poder do país se encontravam em Buenos Aires. Pietro, bem estabelecido na grande capital, instara-o a se mudar. Teria sido sensato aceitar a proposta de seu irmão e poupar-se de anos de martírio voluntário perto de uma mulher a quem amava desesperadamente e de quem só obtinha amizade. Mas Francesca, que chegara ao mundo para iluminar a escuridão de sua vida e arrancar-lhe um sorriso sempre que queria, tornara-se sua razão de viver.

Desde a primeira vez que a tivera em seus braços, um laço forte, como de sangue, unira-os. Cansado de mendigar carinho e nunca o obter, Fredo ficava feliz por sua relação com a afilhada ser reciprocamente intensa; ele sabia que, diante da

perda de pessoas queridas e das adversidades do destino, os dois se buscavam com o mesmo afinco.

Francesca cumprimentou Nora, secretária e amante de seu tio já havia algum tempo. Um lenço de seda e, dias depois, um par de brincos à vista no apartamento de Fredo haviam chamado a atenção de Francesca, que se recordou de tê-los visto em Nora. E embora conversasse livremente e sem rodeios com seu tio, não conseguira mencionar isso, envergonhada e enciumada. No início, ela canalizara a raiva para Nora, mesmo que, na verdade, considerasse a jovem bonita, inteligente e simpática. Passara a cumprimentá-la com secura, não lhe transmitia os recados e escondia papéis e documentos dela. Até que a encontrara chorando no banheiro do escritório. A secretária lhe contou que havia perdido um documento importantíssimo, que o senhor Visconti estava pedindo desde cedo.

— Eu o deixei no arquivo ontem antes de ir! — exclamou.
— Se esse papel não aparecer, ele vai me matar! Vou perder meu emprego!

Francesca correu para sua mesa, pegou o tal documento na gaveta e o devolveu ao arquivo, colocando-o entre outros papéis. Nora apareceu, com o nariz vermelho e os olhos inchados. Por iniciativa de Francesca, esvaziaram caixas, gavetas, estantes e pastas até encontrarem o documento. Nora sentiu uma alegria e um alívio indizíveis e abraçou Francesca, que, tensa, dizia que não havia feito nada demais, que só procurara com cuidado e tranquilidade.

— Agora sei por que seu tio a ama tanto — disse a secretária em um arroubo de sinceridade.

Afinal de contas, tio Fredo tem direito a se apaixonar, pensou Francesca, contrariada e ainda enciumada. Mas mudou sua atitude com Nora: cumprimentava-a com gentileza e, às vezes, até conversava com ela. No entanto, e apesar do esforço que ele fazia para se afeiçoar a Nora, Francesca não via Fredo feliz; seus olhos continuavam tristes, e seu andar, cansado.

Ela entrou na sala de seu tio sem bater. Surpreso e feliz, Fredo a apertou contra o peito e deu-lhe vários beijos no alto da cabeça. Fazia tempo que Francesca descobrira que o rosto dele se iluminava ao vê-la e que o tom de sua voz, normalmente monocórdio e apagado, se avivava. E notara que isso também acontecia na presença de sua mãe.

— Que surpresa! — repetiu o homem pela enésima vez. — Faltavam tantos dias para você voltar!

— Nem tantos, tio. Só uma semana.

— Para mim, muitos. Por que voltou antes? Já se cansou de seus amigos do campo?

— Não, nem em mil anos — afirmou ela. — Como sempre, dona Celia estragou tudo. Não sei o que lhe deu na cabeça, mas hoje, bem cedinho, disse que íamos voltar para Córdoba.

— Ah, então sua mãe também voltou — disse Fredo.

— Sim, ela também voltou — disse Francesca. — Estou tão decepcionada! Não pude nem me despedir de Jacinta e de Cívico. Espero que Sofia explique a eles o que aconteceu, senão, vão ficar ofendidos. E nem me despedi de Rex. Ah, tio, que tristeza!

Por um instante, ela sentiu o desejo de contar ao tio sobre Aldo, mas se deteve e ficou em silêncio.

Aldo se vestiu pela manhã. Estava de mau humor. Eram oito horas e mal havia dormido três horas depois de ficar dando voltas na cama com o corpo ainda excitado pela recordação de Francesca. Ele a desejava, amava-a.

O rosto de Dolores apareceu em sua mente como um relâmpago, e ele jogou longe uma bota. “Jamais devia ter tocado em um fio de cabelo dela!”, disse para si mesmo. Como poderia desfazer o compromisso depois de a ter levado para cama, logo ela, uma jovem tão apegada a suas crenças? Uma separação causaria um escândalo na família. Seus pais, especialmente sua mãe, queriam aquela ligação com os

Sánchez Azúa, pois, segundo diziam, as duas fortunas unidas constituiriam uma das mais poderosas do país. Não seria fácil terminar com uma herdeira e casar-se com a filha da cozinheira.

No meio do dilema, Aldo lembrou que Celia havia mandado chamá-lo. Acabou de se vestir e saiu do quarto. A ideia de conversar a sós com ela o deixava inquieto. Desde menino, ele sentia medo da mãe; agora, aos vinte e oito anos, tinha vergonha de reconhecer que continuava abrigando o mesmo sentimento covarde. O olhar de Celia possuía o dom de amedrontá-lo como poucas coisas no mundo; o ricto de sua boca, depreciativo e amargo, fazia-o perder as palavras. Ele se lembrava com profunda tristeza de ter preferido estudar no La Salle, colégio interno, a conviver com ela. “Eu seria muito triste se minha mãe fosse como a sua.” A sinceridade inocente de Francesca lhe arrancou um sorriso. *É verdade, pensou Aldo, mas, agora que tenho você, nada importa, só que você seja minha.*

Bateu à porta do quarto da mãe e entrou.

— Quero que você leve Dolores e a mãe para conhecer Alta Gracia hoje — ordenou Celia imediatamente. — Passem a noite no Sierras, divirtam-se no cassino e voltem amanhã.

Aldo a fitou atônito. Desde quando sua mãe decidia quais seriam suas atividades? Disposto a replicar, ele avançou uns passos. Celia arremeteu de novo e o fez estacar.

— Dolores anda muito abandonada. Carmen me fez notar isso ontem. Estava bastante consternada.

— Não creio que nem você nem dona Carmen devam se meter em meus assuntos com Dolores. Ambos somos maiores de idade e sabemos o que queremos.

Celia levantou uma sobrancelha e sorriu com sarcasmo.

— Então, você sabe o que quer, não é? E o que quer? Engravidar a filha da cozinheira e ter um bastardo com ela?

Aldo se sentiu tonto e não soube replicar. O medo atávico que se espalhou como veneno por seu corpo deixou-o desarmado e acabou com a coragem que havia sentido antes de

entrar no quarto.

— Sua brincadeira com aquela vadia acabou. Quero que amanhã mesmo, quando voltar de Alta Gracia, anuncie o casamento com Dolores, no mais tardar para o mês que vem.

— E quem caralhos você pensa que é para me dizer com quem tenho que me casar? — reagiu Aldo.

Com uma velocidade impensável para uma mulher de sua idade, Celia voou até seu filho e esbofeteou-o. Aldo desabou em uma cadeira e, com a cabeça entre as mãos, tentou acalmar-se.

— Veja, mamãe — começou, por fim. — Não espero que me entenda. Não me entendia quando eu era menino, menos ainda agora que sou um homem. Mas quero que saiba que amo Francesca e que estou disposto a me casar com ela, se ela me aceitar.

— Casar-se com ela? Um Martínez Olazábal com a filha de uns imigrantes toscos e incultos? A filha da cozinheira! Nunca, se eu puder impedir!

— E como vai me impedir? Não sou mais aquele menininho que morria de medo e que você dominava como bem entendia. Sou um homem e farei o que me der na telha. Eu me casarei com Francesca, e basta.

— Um homem? — debochou Celia. — Um homem que não trabalha e vive da mesada dada por seus pais? Isso é um homem para você? Porque não pense que vai continuar recebendo um centavo de meu bolso depois que casar com essa mulherzinha.

— Não a chame assim! Eu não admito!

— Não seja tolo, Aldo. — Celia tentou um tom amigável.

— Se o que você queria era um pouco de diversão fácil, tudo bem, eu compreendo.

— Você não sabe o que diz. Entre Francesca e eu jamais aconteceu nada. Ela é uma dama.

Celia não escondeu seu espanto; afinal de contas, se não houvera sexo, a relação era séria e comprometida.

— Melhor — disse ela, refugiada em seu sarcasmo. — Pelo menos, não teremos que suportar chantagens por causa de um bastardo.

Aldo optou por abandonar o quarto; mais uma insolência, e ele não responderia por si. Mas, antes de atravessar a porta, as palavras de Celia o atingiram como uma chicotada.

— Case-se com Dolores ou despeça-se do luxo e da tranquilidade a que está acostumado.

— Não me importa — afirmou Aldo, de costas.

— Veremos se não se importa de trabalhar como um escravo dando aulas na universidade por um salário de fome. Porque, com a carreira que escolheu, filosofia — disse ela com displicência —, não poderá fazer outra coisa. Acabaram-se as viagens à Europa, o Jockey Club, os ternos ingleses e os sapatos italianos. Você vai alugar um quartinho de dois por dois e comer sopa todos os dias. Mas, claro, junto com sua adorada Francesca.

Aldo saiu e bateu a porta.

Quando Vincenzo morreu, Alfredo propôs sustentar Antonina e a filha, mas a jovem viúva se ofendeu e ameaçou romper a amizade se ele voltasse a falar no assunto. Então, Fredo ofereceu ajuda financeira só para Francesca, acrescentando que, afinal de contas, era sua afilhada. Por fim, depois de muita discussão, Alfredo conseguiu que Antonina lhe permitisse pagar os estudos da menina.

Desde os primeiros anos, Francesca recebeu de seu tio o estímulo ao estudo e desenvolveu paixão pela leitura e por todo tipo de manifestação artística. Amante dos grandes autores da literatura, Fredo abastecia a biblioteca de sua afilhada com Shakespeare, Cervantes, Dante, Goethe e outros; Francesca, por sua vez, apaixonou-se pelas irmãs Brontë e por Jane Austen e lamentava que houvessem morrido tão jovens e que sua obra não fosse mais extensa. *Orgulho e*

preconceito, que ela havia lido três vezes – uma delas em inglês, com a ajuda de Miss Duffy –, e *Jane Eyre*, com o fascinante Edward Rochester como enigmático galã, eram seus tesouros mais preciosos.

O amor pela ópera e por Beethoven nasceu em Francesca com naturalidade, e Alfredo, feliz por encontrar uma discípula sempre pronta a escutar suas explicações sobre cavatinas, *allegros*, sopranos, tenores e diretores, não hesitou em lhe transmitir tudo que conhecia. Eles costumavam ir ao teatro San Martín, com a esperança, sempre adiada, de uma memorável visita ao Colón, que, segundo Fredo, tinha a melhor acústica do mundo. Francesca, fascinada com essa “melhor acústica do mundo”, esperava assistir a uma ópera na capital havia muitos anos, mas sua mãe se mostrava reticente a deixá-la ir.

A escolha do colégio que a menina frequentaria não trouxe grandes dilemas: Alfredo simplesmente optou pelo melhor, o Sagrado Corazón, dirigido por freiras francesas conhecidas por seu espírito rigoroso. Na realidade, para Fredo, pouca importância tinham as questões religiosas ou protocolares, que, claro, Francesca fora assimilando em seus doze anos de educação. O que mais lhe importava era que ela aprendesse francês, idioma que a menina acabou dominando com uma fluência incrível. Miss Duffy, a preceptora das Martínez Olazábal, havia aceitado lhe dar aulas de inglês nas horas vagas por um valor irrisório. “Eu aceito o dinheiro, senhor Visconti”, dissera a irlandesa, “porque, certamente, Antonina não vai permitir que eu dê aulas de graça. Mas saiba que tenho tanto carinho por essa menina que de bom grado o faria por nada”. Com sua mãe, Francesca falava o siciliano, dialeto fechado, difícil de pronunciar e de entender, mas que lhe serviu de base para aprender o italiano que Fredo se encarregou de lhe ensinar.

Observando Francesca empenhada na revisão de um artigo, Alfredo pensou, cheio de orgulho, que ela era sua obra-prima.

Para mim, ela é carne de minha carne, sangue de meu sangue, pensou.

— Achei que você estava na reunião com o redator-chefe — comentou a garota ao levantar a vista e vê-lo.

— Acabei de chegar — afirmou Fredo. — E vendo-a tão concentrada no trabalho, achei que você merecia tirar a tarde de folga.

Francesca aceitou; não havia pregado o olho na noite anterior e estava com sono. Estavam quase no fim de fevereiro. Fazia um mês que sua mãe e ela haviam deixado Arroyo Seco e ainda não recebera notícias de Aldo. A ansiedade de saber dele e o desejo de vê-lo a corroíam. Tinha dificuldade para dormir, não tinha apetite e precisava fazer grandes esforços para se concentrar no trabalho no jornal. Por meio de Rosalía, ela sabia que Aldo, Dolores e dona Carmen continuavam na fazenda e que não falavam em voltar para Buenos Aires. Por um lado, isso a tranquilizava; ele ainda estava perto. No entanto, a presença sempre ameaçadora de Dolores a deixava muito inquieta.

O escritório do *El Principal*, no bulevar Chacabuco, ficava a poucas quadras do palácio Martínez Olazábal, que era como os cordoveses chamavam aquela imponente mansão em estilo francês. Em frente à Plaza España, no coração do bairro Nueva Córdoba, a edificação, que ocupava um pequeno quarteirão, erguia-se no meio de um parque ornado com fontes e estátuas de mármore, circundado por uma grade de ferro fundido de três metros de altura que o avô de Esteban havia mandado buscar na França.

Como membro da criadagem, Francesca não podia entrar no palácio pelo portão principal, na avenida Hipólito Irigoyen; tinha que usar a entrada “dos plebeus”, como a chamava ironicamente, que se abria para o bulevar Chacabuco. Atravessou a Derqui e, a meia quadra da entrada, foi surpreendida por um automóvel esportivo vermelho que saía da mansão cantando pneus. Seu coração deu um salto ao

reconhecer Aldo ao volante. Correu o último trecho.

— Aldo! — chamou, mas o automóvel não se deteve.

Francesca o seguiu com o olhar até que Ponce, o jardineiro, aproximou-se e disse que sua mãe a esperava. Ela foi até a cozinha, onde Janet, a velha governanta, dava ordens a torto e a direito, alvoroçando o resto da criadagem. Rosalía sussurrava com Antonina e ria enquanto Timoteo, o motorista, comentava que “seria o evento social do ano”.

— O que foi, Timoteo? Por que tanto alvoroço? — perguntou Francesca.

Ao escutá-la, Janet perguntou, com sua habitual careta de superioridade:

— Você não sabe? Daqui a três semanas, a mansão estará em festa. O menino Aldo vai se casar com a senhorita Sánchez Azúa.



Em meio à dor, Francesca confessou à mãe que estava apaixonada pelo jovem Martínez Olazábal. Detalhou a ela a primeira noite na piscina, quando Aldo a surpreendera, e também as que se seguiram; falou-lhe das tardes que passaram juntos e das promessas de amor que trocaram. Antonina a escutou serenamente, sem espanto algum e sem condená-la, e permitiu-lhe desabafar até cair em seus braços. Passaram-se minutos silenciosos, enquanto Antonina a embalava em seu colo e beijava-lhe a cabeça.

— Ele disse que me amava — repetia Francesca. — E eu acreditei porque parecia sincero.

Antonina tomou o queixo da filha enquanto enxugava suas faces com um lenço. Não foi dura ao repreendê-la.

— Você não devia ter olhado para o jovem Aldo, *figliola*. Não devia ter respondido às insinuações dele. Você sabe como é essa gente. A história de Rosalía não foi suficiente para convencê-la?

— Eu sou diferente de Rosalía — replicou Francesca, brava.

— Claro que é — admitiu Antonina. — Graças a seu tio Fredo, você recebeu uma excelente educação. No entanto, para eles, você será sempre a filha da cozinheira. Dona Celia jamais admitirá que seu primogênito se case com uma mulher que ela considera muito inferior. Ela vai infernizar a vida dele, vai usar todas as artimanhas que conhece. Jamais permitirá.

— Eu sei que ele me ama, *mamma*, eu sei. Eu sinto aqui — disse Francesca, levando a mão ao coração.

— É provável que o jovem Aldo esteja perdidamente

apaixonado por você, mas ele sempre fez o que a mãe mandou. Tem tanto medo dela que vai se casar com quem ela escolheu para ele. Não se iluda, Francesca — suplicou Antonina. — O jovem Aldo já está comprometido com dona Dolores e vão se casar em breve. Eu lhe peço que fique longe dele para evitar problemas.

Mais tarde, Francesca levou Sofia ao sótão e, com os olhos nublados, apesar de ter prometido a si mesma não chorar, contou-lhe tudo sobre seu romance com Aldo. Sofia rapidamente saiu em defesa do irmão, afirmando que, sem dúvida, esse casamento era obra de sua mãe e de dona Carmen, pois ela não via paixão em Aldo. Seu irmão tratava a noiva com frieza, e nos últimos dias no campo, inclusive, com desprezo.

— Então, só posso pensar que Aldo é um covarde que se deixa dominar por duas bruxas e que não é capaz de lutar pelo que ama — deduziu Francesca. — Oh! Sou uma idiota por acreditar que ele me amava! Para ele, fui só uma brincadeira para amenizar seu tédio no campo. Mas eu o amo com todo meu coração!

Sofia sentiu como um golpe a recordação de Nando e seu bebê. Abraçou Francesca e cada uma chorou suas dores.

Esta noite, Francesca levou um copo de leite e biscoitos para o quarto para não dividir a mesa com os outros empregados, que só abriam a boca para falar do casamento do jovem Aldo. Vestiu a camisola e, sentada em sua cama, comeu e bebeu enquanto lia. Apesar de o livro ser interessante, sua cabeça estava em outro lugar, a vários quilômetros, na piscina de Arroyo Seco, onde tudo havia começado. Por fim, deixou o livro de lado e permitiu que as recordações a dominassem e lhe arrancassem suspiros e sorrisos tímidos. Não lhe fazia bem recordar, sendo que deveria esquecer, apagar Aldo Martínez Olazábal de sua cabeça e de seu coração, deixar de

amá-lo, odiá-lo, se possível, ou simplesmente ignorá-lo. Mas ela sabia que não conseguiria fazê-lo facilmente; suspeitava, até, que, por ora, tentar era uma missão inútil.

Umas batidinhas na janela a assustaram. Devia ser Sofia, que costumava convidá-la para passear no parque à noite, em busca da serenidade que não encontrava dentro do palácio. Ela abriu a janela, e seu sorriso desapareceu: diante dela, estava Aldo, contemplando-a com crescente intensidade. Ela ameaçou fechar a janela, mas Aldo pôs a mão para impedir e tornou a abri-la quase com violência.

— Deixe-me entrar — ordenou ele.

— Esta é sua casa, senhor. Pode entrar, se quiser — replicou Francesca. — Mas, antes que entre, eu sairei.

— Francesca, por favor — disse Aldo, com menos prepotência. — Temos que conversar.

— Não temos nada a dizer um ao outro, senhor. Está tudo acabado entre nós.

— Caralho, Francesca! — explodiu Aldo, descarregando o punho contra a janela. — Não seja tão orgulhosa. Deixe-me explicar. Vou entrar.

Aldo subiu no parapeito para pular para dentro do quarto.

— Está bem, está bem — cedeu Francesca. — Eu sairei. Mas, por favor, não entre.

Francesca vestiu um robe e calçou as pantufas. Subiu na cama e, a seguir, no parapeito, onde recusou a ajuda que Aldo lhe ofereceu. Recolheu o robe e a camisola e, com um pulo, caiu no gramado. Ajeitou o cabelo e apertou o cinto do robe.

— Ah, Francesca, meu amor! — disse Aldo antes de empurrá-la contra a parede.

Beijou-a apaixonadamente, sem lhe dar tempo para reagir, enquanto deslizava as mãos por dentro do robe e apertava sua cintura. Francesca gemeu de prazer e abandonou-se ao beijo como se os pensamentos negros que tivera momentos antes nunca houvessem existido. Sentia tanta falta do corpo de Aldo, de seus lábios contra os dela, de suas palavras ardentes

sussurradas ao ouvido e de suas promessas de amor que a decepção e a fúria se dissolveram sem esforço.

Aldo se ajoelhou diante de Francesca e obrigou-a a fazer o mesmo. Deitou-a delicadamente sobre o gramado e estendeu-se sobre ela. Como se estivesse em transe, a garota seguia obedientemente as instruções que as mãos de Aldo lhe davam. A sensação era tão prazerosa e cativante que seus músculos se afrouxaram e ele a dominava a seu bel-prazer. Francesca só podia pensar: *Aldo continua me amando como em Arroyo Seco. Ele continua me amando, apesar do casamento com Dolores.*

Essa frase se repetiu em sua mente com a intensidade de um alarido e sacudiu-a, tirando-a do êxtase com o efeito avassalador de um balde de água jogado sobre quem dorme tranquilamente. Ela começou a arfar desesperadamente e agitar os braços para tirá-lo de cima de si. Alheio à mudança de comportamento de Francesca, Aldo continuava beijando-a e tocando-a, enfeitiçado por uma paixão que jamais havia sentido por outra mulher.

— Chega! Largue-me! Chega!

Aldo se afastou levemente e contemplou-a com perplexidade. Francesca aproveitou para levantar-se.

— O que você pretendia? — recriminou-o enquanto se cobria. — Tomar-me aqui, no jardim, como se eu fosse uma qualquer?

— Francesca, por favor — suplicou Aldo, tentando segurar-lhe o braço.

Mas a garota se afastou com displicência.

— Não me toque nunca mais. Nunca mais tente. Você já não tem sequer o direito de me olhar. Tudo acabou esta tarde, quando eu soube que você vai se casar com Dolores Sánchez Azúa.

— Eu não a amo. Estou louco por você, Francesca. Louco por você — repetiu ele. — Quero fazer amor com você para provar. Aqui, agora mesmo.

Francesca bufou e afastou-se em direção à janela. Antes

que pudesse subir no parapeito, Aldo pegou-a pela cintura e obrigou-a a se voltar para ele. Por um instante, a ira de Francesca cedeu, ao descobrir na clareza azul dos olhos de Aldo que ele não estava mentindo, que a amava. Ele parecia triste e desesperado.

— Aldo — disse ela com paciência —, não torne tudo mais difícil. Deixe-me voltar para meu quarto. Você vai se casar com outra mulher.

— Mas é você que eu amo, Francesca. Com loucura!

E, pegando-a pela nuca, tornou a beijá-la.

Francesca não resistiu, mas ficou parada e fria. Aldo se afastou, interrogando-a com o olhar.

— O que foi? Acaso já não me quer?

— Aldo, não fui eu quem terminou nossa relação — disse Francesca com calma. — Foi você, quando decidiu se casar com outra.

— Eu me casar com outra não significa que nossa relação tem que acabar.

— O que você está insinuando? — perguntou Francesca.

— Tirar você de minha vida é impossível. Eu sei que não posso viver sem você. Todos esses dias sem sua presença em Arroyo Seco me fizeram compreender que você é vital para mim. — Ele fez uma pausa e tomou coragem para fazer sua proposta: — Vou lhe comprar um apartamento e colocá-lo em seu nome. Você vai morar nele com sua mãe. Eu lhes darei uma mesada, não lhes faltará nada...

Francesca atravessou-lhe o rosto com uma bofetada. Aldo cobriu a face com a mão e não tornou a levantar a vista.

— Covarde! Você não é homem! Como se atreve a me tratar como a uma qualquer? Quem você pensa que sou? Não pode me insultar porque sou apenas a filha da cozinheira.

— Eu não quis insultá-la — murmurou Aldo. — Perdoe-me. Eu lhe imploro que me perdoe.

— Agora, vejo que você não vale nada, Aldo Martínez Olazábal. Tudo foi uma ilusão. Ande, vá se casar com a ricaça,

mesmo sem amá-la. Corra, vá fazer o que sua mãe quer. Frouxo!

— Não me diga isso — suplicou Aldo. — Por favor, eu não suporto. Isso dói demais. Eu a amo, mas tenho que me casar com Dolores. Preciso me casar com Dolores. Ela e eu... Enfim, eu a convenci, e ela... ela se entregou. Eu fui seu primeiro e único homem...

— Não quero escutar isso — disse Francesca com severidade. — Não me importam seus assuntos com essa mulher. Se tem que se casar com ela, case-se, mas não me importune nunca mais. Tudo está acabado entre nós.

Aldo ameaçou pegá-la pelo antebraço, mas um olhar furioso de Francesca o imobilizou. Ele a viu subir no parapeito com agilidade e pular para dentro do quarto. Olharam-se fixamente antes que Francesca fechasse a janela com força.

Com o passar dos dias, Francesca foi se endurecendo e, inevitavelmente, chegou a sentir tamanho ressentimento pelos Martínez Olazábal que lhes desejava todo tipo de tormentos e males. Ela os evitava, saindo da mansão bem cedo e só voltando bem avançada a noite. E embora tivesse preferido se mudar para a casa de seu tio, só pernoitava no apartamento da avenida Olmos poucas vezes, para não interferir na relação dele com Nora. Ela havia percebido que, embora Fredo não a amasse, Nora era perdidamente apaixonada por ele. E, solidária à jovem secretária, Francesca voltava para o “inferno”, como chamava o palácio.

Na tentativa de consertar a confusão, Sofía propôs a Francesca falar ela própria com o irmão. Aldo e ela sempre haviam sido confidentes, e ela sabia que ele a escutaria e que não lhe negaria um esclarecimento para tamanha desfeita.

— Eu a proíbo de sequer mencionar meu nome a seu irmão — ordenou Francesca, e Sofía ficou impressionada com a dureza da amiga. — Posso não pertencer à alta sociedade

cordovesa, mas tenho meu orgulho.

No entanto, apesar da fúria e do ressentimento, Francesca morria de amor por Aldo. Não podia tirar da cabeça as noites na piscina, fascinantes, cheias de promessas e beijos ardentes. Jamais esqueceria os passeios a cavalo que sempre acabavam em um piquenique à sombra de uma árvore. Ela guardaria esses momentos como tesouros, embora a machucassem. “O amor pode nos levar às nuvens e nos deixar suspensos no ar quente do verão, enquanto um coro entoa as mais lindas canções, ou pode nos jogar sem piedade no fosso mais profundo, escuro e sórdido”, repetia diariamente para si mesma.

Alfredo suspeitava que Francesca estava passando por problemas, pois a notava dispersa e séria. Seu rosto abatido, suas olheiras, seu andar cansado e sua voz taciturna confirmavam isso. Nora deu-lhe uma dica ao sugerir que talvez se tratassem de problemas do coração.

— Se Francesca não lhe contou o que está acontecendo, certamente se trata de algum rapaz. Ela deve ter vergonha de lhe contar — concluiu Nora.

A novidade de Francesca poder estar apaixonada o deixou contrariado, e ele a refutou com maus modos.

— Sua afilhada é uma mocinha muito linda, com uma personalidade cativante. Por que um homem não se apaixonaria por ela? Você não faz ideia da quantidade de rapazes que trabalham no jornal que querem chamá-la para sair.

Fredo deixou a cama, resmungando, e trancou-se no banheiro, convencido de que demitiria qualquer um que ousasse se insinuar para sua menina. O espelho lhe devolveu o semblante de um homem que, velho e ferido, havia se tornado absurdo e insensato. Seria egoísta a ponto de não desejar para Francesca aquilo pelo que ele mesmo daria a vida?

Voltou para a cama, onde Nora o envolveu em seus braços.

Após aceitar que seria incapaz de falar abertamente com

Francesca, Alfredo se encaminhou à mansão dos Martínez Olazábal, decidido a transmitir a Antonina sua preocupação. Não se viam desde a festa de ano-novo, e o reencontro afetou a ambos da mesma forma. Constrangidos como adolescentes, balbuciavam formalidades e bebiam um suco, nervosos. Fredo perguntou pelos dias que ela havia passado em Arroyo Seco. Depois de um “muito bons, obrigada” de Antonina, ele disse que achava que não haviam sido bons para Francesca. A seguir, detalhou minuciosamente as mudanças que percebera em sua afilhada e, sem demora, concluiu:

— Sabe de alguma coisa, Antonina?

A mulher admitiu que a desconfiança dele tinha razão de ser e que sua filha não estava bem. Na realidade, estava sofrendo demais.

— Ela se apaixonou pelo menino Aldo e, agora, ele vai se casar com dona Dolores.

Antonina conteve Fredo quando ele se dispôs a procurar “aquele bastardo” pela casa toda para lhe quebrar a cara e obrigou-o a sentar-se de novo. Pegou a mão de Alfredo, que, perturbado, sentiu um calafrio nas costas.

— Alfredo, não se inquiete. Francesca é uma menina forte, vai superar isso. O amor pelo jovem Aldo é impossível. Acha que dona Celia os deixaria em paz?

— Alguém tem que tirar satisfações com esse filho de uma... Eu sou quase pai de Francesca. Ele me deve uma explicação.

— Deixe as coisas como estão — insistiu Antonina.

— Acha que... Enfim... Bem, que eles...

Antonina baixou a vista e negou com a cabeça, e Alfredo soltou um suspiro.

A cerimônia religiosa foi realizada em uma sala no térreo do palácio Martínez Olazábal e oficiada pelo próprio bispo de Córdoba. A festa aconteceu no grande salão e ocupou outros

espaços além, igualmente lotados de mesas e gente. Celia deu uma olhada ao redor: os três lustres de cristal regavam de luz as *boiseries* douradas; as mesas, dispostas inclusive no jardim de inverno, com toalhas brancas de linho, louça inglesa e talheres de prata, haviam sido aprovadas pela própria Carmen; pelas janelas de sacadas, vislumbrava-se o parque, cujas famosas roseiras se destacavam entre as fontes e as estátuas; os convidados, de fraque e de vestidos longos, mostravam-se satisfeitos com suas taças cheias de champanhe e os aperitivos de santola e caviar.

— Formam um lindo casal! — comentou Celia com dona Carmen e Enriqueta, obrigando-as a olhar para o centro do salão, onde Aldo e a esposa cumprimentavam os convidados. — Eu jamais teria permitido que Aldo desposasse outra. Dolores é a mulher perfeita para ele.

— Não acham que ela está mais linda que nunca? — perguntou retoricamente a mãe da noiva.

As duas mulheres disseram que sim.

Aldo deixou Dolores em companhia de uns parentes. A enorme quantidade de gente o sufocava, e o álcool, que estava começando a lhe subir à cabeça, já o cansava, pois ele havia começado a beber desde cedo. Foi ao jardim, em busca de ar fresco, esquivando-se de cumprimentos e elogios. Chegou à balaustrada da varanda, onde afrouxou a gravata e acendeu um cigarro. A beleza do jardim e o aroma do orvalho o transportaram a outras noites, quando a felicidade lhe pertencera. Levou a mão à testa e apertou os olhos, tentando esquecer. Buscou apoio na mureta, subitamente angustiado, pois a vida lhe parecia uma longa e inapelável condenação. Dias eternos de infelicidade ensombravam seu futuro, e ele não encontrava coragem para enfrentá-los. *Teria sido mais fácil se eu não a houvesse conhecido*, pensou. Como quem nasce cego ou em cativeiro, ele caminharia na escuridão ou viveria na ignorância do escravo que não conhece a liberdade, sem sofrimento nem recriminações, alheio aos sentimentos que

agora o atormentavam permanentemente, dormindo ou acordado.

Sentia-se tentado a correr até o quarto de Francesca e implorar que fugissem. Fugir era uma ideia recorrente desde que havia dito “sim” no altar improvisado no escritório de seu pai, mas era como se o rito e a festa houvessem lhe dado a real dimensão da obrigação que havia acabado de jogar sobre os próprios ombros. De certo modo, ele havia mantido, até o último momento, a ilusão de que o problema com Dolores Sánchez Azúa se resolveria e de que ele não teria que se casar com ela. Sorriu com ironia e chamou-se de idiota e covarde. Jogou a ponta do cigarro no chão e a pisou até desmanchá-la.

Caminhou pelo jardim e entrou na casa pela cozinha, onde os garçons e as criadas não notaram sua presença. Deslizou pelo corredor até a área da criadagem e abriu a porta do quarto de Francesca sem bater. Estava vazio. Voltou à festa e procurou Sofía.

— Diga-me onde está Francesca.

— Para quê? Para você incomodá-la e angustiá-la mais ainda? — respondeu a garota. — Não vou lhe dizer.

— Sofía, você é minha irmã, é a mim que deve lealdade. Diga-me onde ela está. Tenho que falar com ela. Tenho que lhe pedir perdão.

— Agora é tarde.

Aldo tomou-a pelo braço e cravou-lhe os dedos na carne ao sacudi-la levemente.

— Não estou com paciência, Sofía. Diga-me onde ela está ou começarei a gritar o nome de Francesca aqui mesmo, no meio do salão.

Sofía sorriu com ironia e deu de ombros.

— Nada me divertiria mais que ver você gritar no meio do salão e estragar a festa de mamãe.

A ameaça de Aldo não surtiu o mesmo efeito em Antonina. A mulher ficou pálida e teve que apoiar a bandeja com taças vazias em uma mesa.

— Senhor Aldo, por favor, o que está dizendo? Vai começar a gritar o nome de minha filha neste momento? Não insista mais nesse assunto. Deixe-a em paz, pelo bem dela e também pelo seu. O senhor acabou de se casar. Não vai querer pôr seu casamento em risco com tamanha loucura!

— Meu casamento não me importa nem um pouco. Vou contar até cinco e, se não me disser onde está Francesca, vou começar a gritar. Um, dois...

— Senhor Aldo, pelo amor de Deus, perdeu o juízo?

— Três, quatro...

— Está bem, está bem — cedeu Antonina.

— E não minta para mim — ameaçou Aldo. — Senão, vou voltar e cumprir a promessa de chamar sua filha aos gritos no meio do salão.

— Ela está na casa de tio Fredo — confessou Antonina.

— Eu conheço o edifício. Já levei meu pai até lá. Mas não sei qual é o apartamento.

— Sexto B — acrescentou Antonina e afastou-se em direção à cozinha.

Aldo pegou uma taça de champanhe e bebeu-a de um gole só, e depois outra e mais outra, até chamar a atenção de seu pai, que, do outro lado do salão, observava-o alarmado. A rapidez com que a bebedeira de seu filho crescia não condizia com o momento. Ele reconhecia que havia existido certa pressão por parte de Celia e de Carmen para que o casamento fosse antecipado, especialmente depois que se soube que Aldo e Dolores já haviam tido relações, mas, certo de que seu filho estava apaixonado, não compreendia a expressão de desespero em seu rosto. Levaria Aldo até a cozinha e pediria a Rosalía uma xícara de café bem forte.

Esteban seguiu Aldo até o jardim e mais além, quando seu filho foi em direção à parte posterior da casa, onde ficavam as cocheiras. Seus olhos não puderam acreditar ao ver seu filho entrar rapidamente em seu carro esportivo e abandonar a casa a toda velocidade.

Francesca se revirava na cama. Nem em um milhão de anos teria imaginado que seu amor por Aldo acabaria daquela forma; o relacionamento tão lindo que havia nascido em Arroyo Seco se degradara a ponto de fazê-la se sentir culpada e parecer pouca coisa, uma miragem que só ela havia visto. Àquela altura, Aldo e Dolores já deviam ser marido e mulher, e a festa estaria em seu apogeu. Um pessimismo impróprio de seu caráter a dominava, transtornando suas perspectivas, levando-a a pensar que nunca mais teria felicidade ou se apaixonaria de novo. Odiava Aldo, não só porque ele a havia magoado, mas também porque havia feito dela uma mulher ressentida, incapaz de sorrir.

Francesca escutou a campainha do porteiro eletrônico, que ecoou na quietude da noite. Esperaria seu tio Fredo se levantar e despachar o engraçadinho que se atrevia a brincar a essa hora. Mas os segundos se passavam sem que nenhum som viesse do quarto de seu tio. A campainha tocou de novo. Francesca saiu da cama, calçou as pantufas e, de robe, dirigiu-se à cozinha.

— Quem é? — perguntou com má vontade.

— Francesca, sou eu, Aldo.

Seu coração deu um pulo, sua boca ficou seca repentinamente, e ela não conseguiu articular uma palavra sequer.

— Francesca, abra — insistiu Aldo. — Preciso falar com você. Preciso lhe dizer algo muito importante.

— Não — disse ela.

— Abra. Vim lhe dizer que a amo.

— Não — repetiu ela, e desligou.

A campainha tocou de novo, várias vezes. Tio Fredo apareceu na cozinha.

— O que está acontecendo? — perguntou com voz sonolenta. — Quem é?

— É Aldo Martínez Olazábal, tio. Ele e eu...

— Eu sei. Sua mãe me contou.

Fredo pegou o fone e disse duramente:

— Já desço.

Esteban Martínez Olazábal estacionou seu automóvel a poucos metros do carro de Aldo e imediatamente reconheceu o edifício de Alfredo Visconti, seu grande amigo.

— Que diabos ele está fazendo aqui? — rosnou, inclinado sobre o volante para ver melhor os movimentos de seu filho. Saiu do automóvel e aproximou-se com cautela.

— Francesca, sou eu, Aldo. Francesca, abra. Preciso falar com você. Preciso lhe dizer algo muito importante. Abra, vim lhe dizer que a amo.

A poucos passos de Aldo, Esteban parou, atônito. A cena parecia rir, sarcástica, em sua cara: a história se repetia como um ciclo doentio. Primeiro, ele com Rosalía; agora, seu primogênito com a filha da cozinheira. Impotente, ele contemplava a dor de seu querido Aldo, seu predileto, que, atingido pela cruel sentença bíblica, pagava com acréscimo os pecados do pai.

— Aldo, filho... — disse suavemente, para não o assustar.

Foi em vão, pois Aldo deu um pulo e olhou-o com espanto.

— O que está fazendo aqui? Vá embora! Deixe-me em paz!

— Vamos, filho — insistiu Esteban com uma doçura que nunca havia dirigido aos filhos. — Você não tem nada a fazer aqui. Deixe essa garota em paz.

— Não! Jamais! — replicou Aldo, mostrando uma fúria que Esteban não conhecia. — Francesca é minha, e não renunciarei a ela, entendeu? Nunca renunciarei a ela.

Abriu-se a porta e apareceu Alfredo Visconti. Ao ver Esteban, ele abandonou a expressão agressiva e pareceu espantado.

— O que está fazendo aqui, Esteban?

— Segui meu filho, que abandonou a festa de seu próprio casamento intempestivamente.

— Leve-o de volta — disse Fredo com dureza. — Não quero que ele incomode minha sobrinha. Ela já sofreu muito

por causa da irresponsabilidade de seu filho.

— Preciso vê-la! — insistiu Aldo.

— Ela não quer vê-lo, Aldo — disse Fredo.

— Preciso falar com ela — repetiu o rapaz, mas sua coragem murchou.

— Vamos, Aldo — disse Esteban, abraçando-lhe os ombros. — Vamos.

Horas depois, já acabada a festa, Esteban ainda permanecia recostado no sofá de seu escritório com um copo de uísque na mão. Apesar do semblante esgotado, sua mente trabalhava com rapidez.



Aldo e Dolores passaram a noite no Sussex, o hotel de luxo da cidade. Pela manhã, a família Martínez Olazábal ainda dormia. A criadagem, sob o comando de Janet, punha ordem no salão revirado. Uma porta se abriu no andar de cima, chamando a atenção das criadas. Era seu Esteban. Notava-se de longe que ele havia passado a noite no sofá do escritório.

Esteban, com o fraque amarrotado, as costas doloridas e um gosto ruim na boca, precisava de um banho. Depois, vestiu roupas confortáveis e desceu para tomar o café da manhã. Rosalía o esperava na sala de jantar, com o café do jeito que ele gostava e as tortinhas de maçã que eram suas preferidas. Desejou-lhe um bom dia sem olhar para ele e, após servi-lo, foi embora. Ele teve que apertar os punhos para vencer o desejo de abraçá-la e beijá-la; os demais empregados estavam por todo lado, e ele não podia arriscar. E se, de uma vez por todas, arriscasse? E se deixasse de ser covarde?

Notara o semblante marcado pela dor na mulher que amava. Livrando-se da venda do egoísmo que o cegara durante anos, ele compreendeu o martírio que Rosalía suportava dia após dia, sem reclamar, sem ciúmes nem escândalos, com um sorriso, sempre disposta. Ele a havia humilhado de todas as formas possíveis. *Rosalía, meu amor, poderá me perdoar um dia?*, pensou. Logo depois, acrescentou: *Francesca não merece isso.*

Deixou a sala de jantar e deu de cara com Aldo, que chegava ao palácio.

— Bom dia, papai — cumprimentou o rapaz, sem olhá-lo nos olhos.

— Bom dia, filho. E Dolores?
— Ainda está dormindo no hotel. Vim buscar umas coisas.
— Aldo ia subir a escada, mas voltou. — Papai, queria dizer que decidi me estabelecer em Córdoba. Depois da lua de mel, Dolores e eu viveremos nesta casa.
— Acho que Dolores não vai gostar da ideia — sugeriu Esteban. — Ela está muito arraigada em Buenos Aires, e Córdoba vai lhe parecer uma aldeia.
— Sou o marido dela, agora, e eu decido. Tanto queria se casar, pois que arque com as consequências agora.
— Pensei que você estava feliz com esse casamento. Se eu soubesse que entre Francesca e você...
Aldo levantou a mão e o fez calar-se. Subiu rapidamente os degraus e trancou-se no quarto.

Esteban Martínez Olazábal bateu à porta de Alfredo. Este o convidou a entrar e ofereceu-lhe um uísque, que Esteban aceitou de bom grado. Conheciam-se havia muitos anos e, com o tempo, haviam se tornado bons amigos. Esteban gostava de ir ao apartamento de Fredo na avenida Olmos, um lugar caótico, cheio de livros, papéis e pastas por todo lado, paredes abarrotadas de quadros, móveis antigos, obras de arte e um denso aroma de tabaco holandês em cada aposento. Sim, ele gostava daquela toca, gostava do calor acolhedor que não encontrava nos salões do palácio Martínez Olazábal.

Alfredo lhe indicou o sofá, estendeu-lhe o copo e sentou-se em frente a ele.

— Francesca está aqui? — perguntou Esteban.

— Não. Foi à missa.

Fez-se um silêncio constrangedor. Em dado momento, os olhares se encontraram e ambos se estudaram com atenção, tentando decifrar o pensamento do outro, buscando as palavras corretas para abordar um assunto tão delicado. Alfredo se levantou e caminhou até a janela.

— Quero que saiba que só não enchi seu filho de tabefes pelas súplicas de Antonina, que não queria problemas. Eu o teria feito de boa vontade.

— Talvez houvesse sido o mais justo — aceitou Esteban. — De qualquer maneira, sou o menos indicado para julgar Aldo, e você bem sabe por que digo isso. Mas, independentemente disso, estou aqui por Francesca. O amor entre ela e Aldo é impossível.

— Porque ela é filha da cozinheira?

— Fredo, por Deus! Acaso, não me conhece?

Alfredo baixou a vista e voltou para o sofá, onde se esparramou, vencido.

— Perdoe-me, Esteban, é que Francesca está sofrendo tanto que... Eu a adoro como a uma filha e sempre fiz o impossível para lhe poupar sofrimentos. Não admito que um desalmado apareça e a deixe arrasada, como seu filho fez. Simplesmente, não posso suportar isso. Ela é uma garota sensível e inocente e está sofrendo muito.

— Eu soube do relacionamento que existia entre Francesca e Aldo ontem à noite. Acredite, se eu houvesse sabido antes, teria feito algo por eles. Mas, agora, é tarde demais. Aldo está casado.

— Com uma mulher de seu nível — disse Fredo.

— Acha que depois de conviver tantos anos com sua sobrinha não sou capaz de reconhecer que ela é uma garota fora de série, inteligentíssima, de uma personalidade avassaladora e de uma pureza adorável? Minhas filhas não são nada ao lado dela, por mais sobrenomes e brasões que ostentem. Além do mais, nos últimos tempos, ela se abriu como uma flor. Tenho certeza de que não lhe faltará um homem que a ame e que queira se casar com ela. Enquanto isso, preciso tirá-la de minha casa, onde ela só conseguirá sentir-se humilhada. Hoje de manhã, Aldo me comunicou sua intenção de estabelecer-se definitivamente em Córdoba, até me disse que quer viver no palácio. Nem preciso lhe explicar

com que intenções. Doeria em mim ver Francesca transformada em outra Rosalía. Ela não merece esse destino.

— Francesca não permitiria tal coisa.

— Eu não teria tanta certeza.

— Eu não lhe permito! — ofendeu-se Alfredo. — Francesca é uma jovem respeitável. Ela tem princípios.

— Eu sei, mas também é uma mulher apaixonada. E o amor, meu amigo... Enfim, não há princípios que possam contra ele.

Alfredo aceitou tacitamente essas palavras; de amor, ele entendia.

— Por que Aldo deixou Francesca? — perguntou Fredo.

— O casamento de Aldo e Dolores foi decidido em Arroyo Seco enquanto eu estava na cidade. Não quero defendê-lo, mas sei que meu filho se casou com Dolores por causa da pressão de minha mulher e de Carmen, mãe de Dolores.

— Ah, não me venha com essa! — disse Fredo, exasperado.

— Seu filho já é bem crescidinho para decidir sobre a própria vida. A Idade Média já passou faz tempo, meu amigo.

Esteban o fitou com resignação, pois, embora tentasse justificá-lo, não havia dúvida de que Aldo se comportara como um imaturo. Como um covarde.

— Provavelmente, pressentindo que Aldo queria terminar o noivado, Dolores confessou à mãe que havia mantido relações com ele. Você pode imaginar, se sabe como nossas mulheres são carolas, o escândalo que se seguiu. Celia e Carmen não desistiram até que Aldo marcou a data. De certa forma, tudo foi feito para salvar a honra de Dolores.

— Se acredita que a suposta honra de uma mocinha hipócrita vale a felicidade de seu filho, o problema é seu. Não me interessam seu filho nem a honra de ninguém. Só quero preservar minha Francesca de mais sofrimentos.

— E por isso estou aqui.

— Então, estou ouvindo — disse Fredo.

— Acho que o melhor é que Francesca se afaste de Córdoba.

Espere, deixe terminar. Eu conheço meu filho. Aldo não a deixará em paz, eu garanto. Afastar-se para esquecer também será bom para Francesca. Ontem à noite, fiquei pensando em uma solução e lembrei que você mantém contatos estreitos com a Chancelaria da Nação.

— O chanceler e eu somos grandes amigos — disse Fredo, que já desconfiava da proposta de Martínez Olazábal.

— Francesca é uma mocinha mais que preparada. Fala francês e italiano perfeitamente...

— E inglês — acrescentou Fredo.

— Não sabia! — surpreendeu-se Esteban. — Com mais razão ainda, acho que ela pode desempenhar um trabalho valioso em qualquer embaixada argentina.

Mandar Francesca para o exterior?, pensou Alfredo. *Separar-me dela por causa de um filhinho da mamãe que não tem os colhões no lugar?* No entanto, os temores de Martínez Olazábal não eram desatinados nem infundados. Ele conhecia a natureza apaixonada de sua afilhada e sua capacidade de entrega absoluta e tinha que aceitar que a possibilidade de ela se tornar amante do patrão não era tão remota. Por outro lado, se Francesca, com força de vontade, lutasse contra o assédio de Aldo e contra seus próprios sentimentos, transformaria sua vida em um inferno.

— Eu também farei uso dos contatos a meu alcance para conseguir um emprego para Francesca em alguma embaixada ou consulado — prosseguiu Esteban. — Mas sua amizade com o chanceler é a melhor carta que teremos para jogar.

— Deixe-me pensar — pediu Fredo, levantando-se para se despedir de Esteban.

— Não temos muito tempo — disse Martínez Olazábal, já na porta. — Dolores e Aldo partem hoje à tarde para o Rio de Janeiro, onde passarão um mês. No entanto, em vista de como estão as coisas, acho que voltarão muito antes.

Quando voltou a casa, esgotado pela discussão com Visconti, Esteban encontrou Celia em seu escritório, atarefada com uns papéis.

— O que está fazendo? — perguntou com irritação, pois não gostava que usassem sua mesa.

Celia levantou a vista e hesitou. Então, disse:

— Estou preparando o pagamento de Antonina.

Esteban tirou o chapéu e pendurou-o no cabide. Sério, aproximou-se da mesa.

— Que pagamento de Antonina? Não a pagou com os demais empregados?

— Estou me referindo ao pagamento final — explicou Celia, avaliando a reação do marido. — Quero que ela e sua filha saiam desta casa hoje mesmo — acrescentou.

Esteban a observava serenamente, sem revelar emoção alguma. Certa de que a notícia não interessava a seu marido, Celia enumerou uma série de calúnias contra Antonina: chamou-a de suja e fofoqueira e mencionou o desaparecimento de um camafeu, deixando uma insinuação no ar. Animada pela aprovação tácita de Esteban, que continuava olhando para ela de modo impassível, Celia arremeteu contra Francesca, dizendo que era “uma mocinha independente e irreverente demais e um terrível exemplo para Sofia, que faz tudo que ela diz”.

— E não tenha dúvidas de que aquele assunto — completou, em referência à gravidez de sua filha — foi resultado dos maus conselhos daquela vadia sem princípios nem moral. Por outro lado...

— Chega! — ordenou Esteban, e deu um tapa na mesa.

Celia teve um sobressalto e levou a mão ao coração. E embora parecesse disposta a retomar a palavra, seu marido lhe lançou um olhar furioso que a calou.

— Desde quando você sabe sobre Aldo e Francesca? — surpreendeu-a Esteban.

— Sobre quem?

Esteban pegou-a pelo braço e a obrigou a levantar-se.

— Não pense que sou bobo, Celia. Faz trinta anos que nos conhecemos. Você sabe que, de tolo, eu não tenho nem um fio de cabelo e que conheço bem o tipo de preconceitos e idiotices que guiam seus atos. Agora, diga-me desde quando você sabe sobre meu filho e Francesca.

— Insisto que não sei do que... Esteban, pelo amor de Deus! — queixou-se quando o marido a chacoalhou como se fosse uma boneca de pano.

— Não se atreva a invocar Deus nesta discussão! Desde quando?

Celia levou alguns segundos para avaliar a situação: àquela altura, pouco lhe importava que Esteban soubesse ou não; afinal de contas, Aldo e Dolores já haviam se casado.

— Eu soube em Arroyo Seco — admitiu ela.

— Você é uma mulher ruim — rosnou Martínez Olazábal, e Celia sentiu um calafrio. — Sabendo que ele estava apaixonado por outra mulher, como pôde aceitar que se casasse com Dolores? Por que não me contou? — perguntou.

— Como pode pensar que eu ia permitir que meu filho, um Martínez Olazábal Pizarro y Pinto, se unisse à filha da cozinheira, uma siciliana ignorante e sem passado? Ele teria que abandonar o país para ocultar a vergonha.

— O que corre por suas veias, Celia?

— Além do mais, não se tratava só do problema com essa vadia. Havia também a questão entre Aldo e Dolores, que... Bem, eu já lhe contei.

— O fato de Aldo e Dolores terem tido relações sexuais serviu como uma luva para você — completou Esteban.

— O que está dizendo! — scandalizou-se Celia. — Como pode pensar que uma coisa como essa me agrada? Pobre Dolores... Eu não podia permitir que Aldo, depois de maculá-la, deixasse-a de lado.

— Ah, porque certamente meu filho a forçou! Poderíamos dizer que foi quase um estupro.

— Esteban, por favor!

— Dolores devia ter pensado nas consequências ao aceitar ir para a cama com Aldo. Já é hora de as mulheres deste país se responsabilizarem por seus atos. Querem liberdade e reconhecimento? Pois bem! Terão, e, junto com isso, deverão assumir também as responsabilidades. Já não serão mais as coitadinhas dos contos. Na realidade, você, Celia, já não é faz tempo. Nem Antonina nem sua filha irão embora de minha casa. Aqui, quem manda sou eu, caralho!

— Não posso permitir que essas mulheres continuem sob meu teto. Eu quero que saiam daqui hoje mesmo!

— Ouça bem, Celia, e não me faça perder a paciência. Se contrariar a ordem que lhe dei em relação a Antonina e Francesca, irei embora eu. E juro que não será muito difícil: estou farto de você. E veremos — acrescentou, já na porta — o que vai dizer a suas amigas quando a fofoca de que eu pedi a separação se espalhar como rastilho de pólvora. Aí, sim, você terá que abandonar o país — disse ele, parafraseando-a com ironia.

Dez dias depois, Fredo se surpreendeu quando Francesca aceitou sua proposta sem hesitar. Os acontecimentos haviam confabulado para que a ideia de Esteban tomasse forma em poucos dias e, assim, a possibilidade de um emprego em uma embaixada ou em um consulado deixou de ser uma quimera e passou a ser uma realidade.

O cônsul argentino em Genebra havia acabado de sofrer um acidente automobilístico quando voltava de uma convenção em Mônaco, e, embora houvesse apenas quebrado o braço, sua secretária havia falecido. O consulado requeria imediatamente uma substituta.

— Imagino que esteja surpresa com essa oferta repentina — comentou Fredo. — Meus planos eram que você trabalhasse comigo no jornal.

— Você sabe o que houve entre mim e Aldo — disse Francesca, olhando-o fixamente. — Essa proposta tem a ver com isso, não é?

— Não quero que você sofra — defendeu-se Alfredo.

— Por isso, vou aceitar.

Para Francesca, uma oferta de emprego em Genebra representava uma salvação, uma oportunidade para evitar mais sofrimento. Muitas vezes, havia se perguntado como seria quando Aldo e Dolores voltassem da lua de mel no Rio de Janeiro. Acabaria cedendo, ela sabia; não passaria muito tempo antes que se tornasse amante de Aldo. Desejava-o com tanto fervor que ao primeiro roçar de mãos, ao primeiro abraço, ela cairia, entregue, na cama dele. E depois? Que futuro a aguardaria? Não seria muito melhor que o de Rosalía, com certeza. Afinal de contas, se Aldo não havia tido coragem de enfrentar sua mãe e a sociedade e prescindir de uma vida de luxos e dinheiro, por que supor que teria coragem de divorciar-se?

Ela não queria se afastar das pessoas que amava, mas precisava, pois não suportaria que se envergonhassem dela. Por fim, viveu sua mudança para Genebra como um exílio merecido, por ter posto os olhos em alguém muito acima dela.

Apesar do olhar úmido e da voz embargada, Antonina aceitou a partida de sua filha com resignação, com alívio até, pois havia pensado em pedir demissão para não a ver transformada em amante de um covarde. E com sua idade e suas parcas economias, uma decisão como essa a fazia perder o sono.

Sofía, ao contrário, chorou como uma Madalena arrependida. Trancou-se em seu quarto e não desceu para almoçar nem jantar. Francesca se cansou de falar com ela através da porta e optou por esperar até o dia seguinte. À noite, ao perguntar por sua filha mais nova, Martínez Olazábal soube de imediato qual era a causa de sua aflição. Diante da voz imperiosa do pai, a garota deslizou a tranca e deixou-o

entrar. Durante meia hora, Esteban, com uma paciência que era rara nele, expôs uma série de argumentos para justificar a partida de Francesca, tendo o cuidado de não citar o nome de Aldo. A incrível oportunidade que a vida oferecia à “pobre Francesca” foi seu melhor argumento. Uma jovem mais esperta e madura teria suspeitado da preocupação que o dono da casa mostrava pelo destino da filha da cozinheira, mas Sofía, que abrigava o espírito de uma menina, não pensou nisso e, reconfortada pela promessa de que em breve poderia ir a Genebra, desceu para jantar.

À medida que se passavam os dias e que a despedida se aproximava, Francesca somava preocupações a sua lista; o que mais a angustiava era a solidão de sua mãe, cheia de amigos que a adoravam, claro, mas sem um homem que a protegesse. Encontrou um brilho estranho nos olhos de Fredo e uma expressão desconhecida em seus lábios quando lhe pediu que cuidasse dela, que a visitasse, que a reconfortasse, que lhe desse ânimo.

— Mesmo que você não tivesse pedido, eu teria feito isso — afirmou Alfredo.

Francesca ficou olhando para ele.

Com tanto alvoroço, ela não havia pensado em Cívico, Jacinta e Rex. Talvez nunca mais tornasse a vê-los. Recordou, contrariada, aquele mau agouro do início do verão: “Sempre amarei este lugar, mesmo que se passem anos, mesmo que nunca mais torne a vê-lo”. Era incrível que, em tão pouco tempo, tivesse conhecido o amor e também o desengano. Sua vida havia virado de cabeça para baixo e, agora, ela tinha que fugir do lugar que considerava sua casa.



Francesca chegou a Paris em meados de abril de 1961 e embarcou em um trem para Genebra. Por alguns momentos, a magnificência da paisagem, com os Alpes como uma moldura imponente, o verde dos pastos e as flores ao pé das montanhas deteve a atividade frenética de seu cérebro e abstraiu-a das recordações, porém voltava a elas sem maior dificuldade. A imagem de sua mãe, de Sofía e de Fredo na estação de trem de Córdoba era a última de uma série. Antonina chorava, dando vazão às lágrimas que havia reprimido durante os últimos dias; angustiada, tentava recomendar à filha que não pegasse frio, que se alimentasse bem, que se cuidasse. As palavras ficavam enroscadas em sua boca. Fredo passara o braço pelos ombros de Antonina, e ela se apoiara em seu peito. Sofía, segurando a mão de Francesca, aparentava uma calma que desapareceu quando o apito do guarda anunciou a partida do trem para Buenos Aires.

“Preciso esquecer, tenho que esquecer”, disse Francesca a si mesma, voltando a observar a paisagem suíça. Ficou desorientada na estação de Genebra, até que, no meio da movimentação, escutou seu nome. Divisou em meio à multidão uma mulher de uns trinta e cinco anos, baixinha e roliça, que agitava um papel acima da cabeça e repetia “Francesca De Gecco, Francesca De Gecco” enquanto seus olhos corriam de um lado a outro. Avançando com a bagagem, Francesca se aproximou com dificuldade.

— Francesca De Gecco? — perguntou a mulher, quase sem fôlego.

— Sim, sou eu. Muito prazer.

— Ah, querida! Acredita que o cônsul me mandou para buscá-la? Com meu metro e sessenta, esta multidão enlouquecida quase me esmaga, e eu jamais a teria encontrado. Porém... Posso falar francês com você? Moro aqui há tantos anos que é mais fácil para mim. Enfim, o que estava dizendo? Ah, sim... — Ela levou a mão ao queixo e estudou Francesca da cabeça aos pés, sem insolência, mas minuciosamente. — Porém, você é tão alta e linda! Meu nome é Marina Sanguinetti — disse, estendendo a mão.

A conversa na plataforma terminou intempestivamente quando um homem, avançando com seu baú, quase atropelou a pequena Marina, que, após rosnar insultos em francês, propôs que saíssem dali. Pegaram um táxi na porta da estação. Francesca, perdida em um lugar tão pouco familiar, invejou a destreza de Marina quando indicou ao motorista a direção que deveria tomar. *Nem em cem anos vou conseguir me adaptar a este labirinto*, pensou ao chegar a uma área de ruas estreitas e edificações antigas.

— Você vai ficar em meu apartamento por um tempo — explicou Marina. — Até encontrar um lugar que lhe agrade e que se encaixe no orçamento do consulado. Acredite, não será uma tarefa fácil.

Marina cuidava do departamento pessoal e conhecia os currículos, salários e atividades de cada funcionário do consulado. Mexia também com informações sigilosas, que, com o tempo e a confiança, passaria a revelar a Francesca.

O apartamento de Marina, embora grande e antigo, tinha muito da personalidade vibrante de sua dona. Cheio de plantas, quadros modernos, enfeites, retratos e algumas excentricidades – como lâmpadas cobertas com finos tecidos coloridos –, o ambiente era acolhedor, sem luxos nem ostentação.

— Estou contente por você vir trabalhar no consulado — confessou Marina antes de fechar a porta do quarto. — Somos

poucas mulheres, e, para ser sincera, não me dou bem com nenhuma outra funcionária. Mas sei que você e eu seremos boas amigas. Agora, descanse. Amanhã eu lhe apresentarei seu chefe.

Francesca se familiarizou com Genebra em pouco tempo e aprendeu o trabalho sem dificuldade. Seu chefe, um cinquentão com o braço em uma tipoia e olhar triste, ainda lamentava a perda de Anita, sua secretária. De bom caráter e maneiras afáveis e elegantes, tinha, segundo Francesca, um grande defeito: era terrivelmente distraído. Esquecia onde deixava os óculos, que em geral estavam pendurados em seu pescoço, e vociferava que haviam roubado sua valiosa Mont Blanc, que Francesca sempre encontrava dentro de alguma gaveta. Sua agenda era um mistério, pois, embora fosse cheia de detalhes, ele sempre faltava aos compromissos ou chegava atrasado às reuniões. E odiava o caixa: as contas nunca batiam, e, na maioria das vezes, ele não encontrava recibos nem comprovantes. Às vezes, contradizia suas próprias ordens e, quando lhe informavam que havia sido decidido o contrário, perguntava que idiota havia tido uma ideia daquelas.

Em poucas semanas, Francesca compreendeu o mecanismo de grande parte do consulado, assumiu as rédeas do escritório descontrolado de seu chefe e se tornou seu braço direito. Os chefes de seção e demais funcionários preferiam falar com ela a consultar o cônsul, que não sanava as dúvidas nem resolvia os problemas. Francesca conhecia detalhadamente as tramitações recentes e, naquelas que remontavam a tempos atrás, pesquisava e averiguava as informações até estar a par. Os procedimentos se aceleraram e a bandeja destinada a assuntos pendentes raras vezes continha documentos no fim do dia. O cônsul começou a levar uma vida organizada. Já não faltava aos compromissos, se preparava para as reuniões e assinava os documentos até antes do esperado. Dois meses

depois, com um sorriso, ele chamava Francesca de “o milagre cordovês”.

Marina, que sempre adiava a busca do apartamento de Francesca, convidou-a, na segunda semana, a estabelecer-se definitivamente no seu.

— Sério? Obrigada, muito obrigada! — respondeu Francesca sem hesitar, já afeiçoada ao lugar amplo, confortável e acolhedor, e muito apegada a sua nova amiga.

Viam-se pouco durante as intensas jornadas de trabalho no consulado, salvo na meia hora dedicada ao almoço. À noite, depois do jantar, arrumavam o cabelo, pintavam as unhas ou simplesmente se esparramavam no sofá da sala comentando os fatos do dia e fofocando sobre esse ou aquele funcionário. Aos fins de semana, percorriam a cidade. Os monumentos, os soberbos edifícios e o imponente e silencioso entorno alpino fascinavam Francesca. O lago Lemán, com sua fonte que lançava água a cento e vinte metros de altura, tornou-se uma paisagem tão familiar para ela quanto a Plaza España em Córdoba, e, graças a uns barquinhos econômicos que o singravam em todas as direções, ela e Marina visitaram cidades e povoados encantadores situados à margem.

Embora gostasse de seu trabalho e estivesse apaixonada por Genebra e satisfeita por morar no apartamento de Marina, Francesca sempre evocava Aldo e, sem resignação, dizia a si mesma que, ao se afastar de Córdoba, havia se livrado da humilhação, mas não da dor. A dor vivia nela, Francesca a levava aonde quer que fosse como uma carga da qual não conseguia se livrar. De vez em quando, Marina a encontrava pálida e calada e, culpando a distância da pátria, organizava passeios e visitas a lugares novos para tirá-la da letargia.

A esposa do cônsul, ao voltar de uma viagem a Buenos Aires, feita por motivos familiares, foi até o escritório para conhecer a nova secretária, que seu marido havia descrito como uma

moça comum. Entrou na antessala sem bater.

— Bom-dia — cumprimentou Francesca, levantando-se.

— Bom-dia — respondeu a mulher. Observou-a com impertinência de cima a baixo enquanto tirava as luvas e jogava-as em cima da mesa. — Você é a nova secretária? — perguntou.

— Sim. Francesca De Gecco, muito prazer.

— Eu sou a esposa do cônsul — disse.

Francesca voltou para suas tarefas enquanto a mulher fazia a mesma entrada triunfal na sala de seu marido.

— Desde a primeira vez que a vi, eu soube que teríamos problemas com a condessa — disse Marina a Francesca durante o almoço.

— Condessa?

— É como chamamos a mulher do cônsul. Não notou que ela se acha a dona do mundo? Anita, a secretária anterior, que morreu naquele acidente que lhe contei, era amante de seu chefe. Sim, todo mundo sabia! Mas a condessa só descobriu por causa do acidente. O cônsul e Anita estavam voltando de um fim de semana em Mônaco. A mulher deve estar querendo morrer com a nova secretária do marido. Se Anita era linda, você é dez vezes mais.

Francesca não reparou no elogio; a confiança que havia acabado de escutar deixou sua cabeça a mil. Certa de que a mulher enciumada de um homem infiel não ficaria de braços cruzados se achasse que um perigo iminente espreitava a fraca força de vontade de seu marido, tentou calcular de que maneira aquilo a afetaria.

— Eu não comentei que chegou um convite para a festa do dia da independência da Venezuela?

— É mesmo?

— Vamos nos divertir muito.

— Como meu chefe não precisará de mim, pensei em não

ir — disse Francesca.

— Você está louca? Vai ser muito divertido. Os venezuelanos festejam o cinco de julho com pompa e circunstância.

À noite, enquanto se preparavam para a festa, Marina notou que Francesca estava melancólica; maquiava-se como um robô e não dizia nada. Sem outro recurso, comentou:

— Ao seu lado, eu pareço um inseto.

Francesca começou a rir.

— Pelo menos, consegui fazer você esquecer por um instante o que a deixa tão triste.

O edifício da embaixada venezuelana, um *hôtel particulier* do século XVIII, enfeitado com bandeiras e guirlandas, resplandecia ao fulgor das cores pátrias. Dava para ouvir da rua a música folclórica e a agitação da festa. Francesca e Marina entraram no salão quando o embaixador venezuelano dirigia umas palavras em inglês aos convidados, entre os quais se destacava, na primeira fila, um grupo de árabes vestindo longas túnicas e turbantes.

— Árabes? — perguntou Francesca, baixinho.

— Por causa da Opep.

— O quê?

— Depois eu explico.

O curto discurso do embaixador recebeu aplausos calorosos. Alguém exclamou “Viva a pátria! Viva a Venezuela!”, e o resto acompanhou com hurras e bravos, seguidos de música e dança. Os garçons percorriam o salão com bandejas de aperitivos ou taças. Os convidados comiam e bebiam enquanto conversavam em grupos espalhados pelo salão; outros, porém, preferiam dançar.

Marina se divertia, mas Francesca não conseguia sentir o mesmo entusiasmo. Admirava sua amiga, queria ser como ela, sempre disposta e otimista, com um sorriso permanente nos lábios, feliz em sua solidão, amando a vida como se tivesse tudo.

Um dia, eu fui assim, pensou Francesca.

Após cumprimentá-las brevemente, o cônsul argentino se manteve afastado. Sua esposa não tirava os olhos de cima dele. Observava-o entre um aperitivo e outro, entre uma palavra e outra. Se havia alguma mulher no grupo em que ele estava, ela se postava ao seu lado como se fosse uma estátua. Francesca e Marina se divertiram durante um bom tempo apenas contemplando o estranho casal.

— Por que os árabes foram convidados? — insistiu Francesca enquanto os observava andando juntos como uma manada.

Entre tanto tecido e turbantes, era difícil ver o rosto deles.

— No ano passado, os principais países produtores de petróleo se reuniram em Bagdá, entre eles, a Arábia Saudita e a Venezuela, e criaram a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, a Opep — explicou Marina. — Estabeleceram a sede aqui, em Genebra.

Gonzalo, um colega do consulado que havia convidado Francesca para jantar várias vezes, pediu para dançar com ela. Incentivada por Marina e pelos olhos esperançosos do rapaz, Francesca aceitou.

Francesca acompanhou o cônsul e sua esposa a um almoço organizado pelo governo do Cantão de Genebra, para atuar como tradutora em uma mesa ocupada, em sua maioria, por uma delegação de italianos. Desde cedo, ela havia estranhado seu chefe; ele não parecia o mesmo de sempre. Não lhe agradeceu o café, não comentou as manchetes do *La Nación* que recebia diariamente, não reclamou da quantidade de documentos que precisava assinar nem brincou com o sotaque cordovês dela. Ela pensou em perguntar se ele estava se sentindo mal ou se tinha algum problema, mas decidiu se calar.

Durante o almoço, Francesca pouco traduziu: alguns

italianos arranhavam o castelhano, e o cônsul, por sua vez, quase não abriu a boca. Sua esposa também ficou calada, contrariada pela presença da secretária, que havia chamado a atenção de um elegante milanês. Depois da sobremesa, na hora do café, vários membros do governo genebrês subiram ao palco com discursos nas mãos, e todos os rostos se voltaram para eles. O cônsul se acomodou em sua cadeira e, certo de que ninguém o via, dirigiu-se a sua secretária discretamente.

— Tenho algo a lhe comunicar, Francesca.

— Pode falar, senhor.

— Hoje de manhã, chegou um pedido de transferência para outra embaixada.

Ele levantou o olhar. Os olhos enormes de sua secretária o contemplavam fixamente, sem pestanejar.

— É você que será transferida, Francesca. — Diante da expressão de espanto da garota, ele acrescentou depressa: — Assim que recebi a ordem de Buenos Aires, fiz algumas ligações para tentar impedir, mas foi impossível. A ordem veio das altas esferas e é irrevogável. Não sei o que dizer.

— Por que eu? — perguntou Francesca. — Faz apenas quatro meses que trabalho em Genebra... Por que vão me transferir? Disse que a ordem veio das altas esferas? Mas eu... não entendo, senhor.

Após um instante de silêncio, ela perguntou:

— Para onde serei transferida?

— Para a embaixada da Arábia Saudita.

— Arábia Saudita! — repetiu ela em voz alta, e os comensais se voltaram para ela. — Com licença — murmurou. Pegou sua bolsa e abandonou a mesa.

Dirigiu-se para o banheiro, quase correndo, e fechou a porta atrás de si. Em torno dela, formou-se um vazio que abafou os ruídos externos. Apoiada na porta, ela se contemplou no espelho: seu queixo tremia e seus olhos brilhavam. Começou a chorar desconsoladamente. Chorava de raiva, de impotência, de tristeza, de medo. Feridas ainda

abertas sangraram de novo. As velhas dores misturaram-se às novas e assolaram sua alma. Ela já nem sabia por que estava chorando. Aldo, sua mãe, Córdoba, Fredo, Genebra. Palavras desordenadas afluíam em sua mente e a enchiam de dor e insegurança. O calor do meio-dia acabou sufocando-a. Francesca trancou a porta e tirou o blazer. Molhou um lenço e passou-o pelo pescoço e entre os seios. Refrescou o rosto e limpou o rímel sob os olhos. Mais à vontade e calma, pensou com cuidado na maldita transferência enquanto retocava o penteado.

— Claro! — disse a si mesma. — Como não pensei nisso antes? A esposa do cônsul pediu que me transferissem.

O abatimento do cônsul e os olhares de satisfação de sua mulher durante o almoço confirmavam sua hipótese. *A recente viagem a Buenos Aires, pensou. Ela deve ter tramado tudo com algum contato na chancelaria.* Já não tinha mais dúvidas. Sentiu alívio ao entender o que estava acontecendo, mas a sensação desapareceu quase imediatamente, sob a raiva que tingiu seu rosto. Apertou os dentes e fechou os punhos. Teria esbofeteado a esposa de seu chefe se ela estivesse ao seu lado. *Mulher do demônio! Teria me mandado para a embaixada da ilha de Galápagos, se existisse.*

Saiu do banheiro como uma fera. Cega de ira, trombou com um homem, que a segurou antes que ela caísse. Murmurou um agradecimento quando o sujeito lhe entregou sua bolsa e abandonou o lugar rapidamente.

Ao entrar no escritório e notar que Marina estava séria, Francesca compreendeu que sua amiga já sabia da transferência. Solto um suspiro e largou-se na cadeira.

— Isto chegou depois que você saiu para o almoço — disse Marina, levantando uma pasta em cuja capa aparecia a palavra “Urgente”. — Seu chefe me enviou.

— Acabei de saber. O cônsul me falou sobre a transferência

durante o almoço — disse Francesca.

— Ele deve estar desesperado. Perder seu “milagre cordovês” não deve ter nenhuma graça para ele.

— Pois ele que agradeça a perda à mulher — ironizou Francesca, mas logo se deprimiu. — Ah, Marina, por que tudo acontece comigo? Estou cansada.

— Você acha que foi a mulher dele que lhe pediu que tirasse você do consulado?

— Na verdade, não acho que ela pediu a ele; acho que conseguiu isso mexendo alguns pauzinhos na chancelaria. Não esqueça que ela acabou de voltar de Buenos Aires.

— Mas ela conheceu você depois da viagem. Ela não podia saber que você era jovem e bonita; poderia muito bem ser velha e feia.

— Talvez alguém na chancelaria tenha lhe mostrado minha ficha, onde consta minha idade. Eu sei que são só especulações. De qualquer maneira, você tem que concordar comigo que essa transferência repentina é muita coincidência, depois da animosidade dela para comigo.

— Sim, é verdade — concordou Marina, não muito convencida.

— E o pior é o destino! — acrescentou Francesca.

— Sim, Arábia Saudita.

— Pode me dizer alguma coisa?

— Agora não, mas posso descobrir.

Em 1919, terminada a Primeira Guerra Mundial, Churchill proferiu um discurso na Câmara dos Comuns em que disse: “É inquestionável que os aliados só puderam navegar até a vitória sobre a corrente ininterrupta do petróleo do Oriente Médio”. Seu pensamento foi referendado tempos depois por lorde Curzon, um importante membro do governo britânico, que afirmou: “A verdade é que os aliados devem sua vitória ao petróleo”. Por sua vez, Georges Clemenceau, chefe do governo

francês, peça-chave na derrota do exército alemão, declarou sem rodeios que “de agora em diante, para as nações e para os povos, uma gota de petróleo vale tanto quanto uma gota de sangue”.

O “ouro negro”, como o petróleo começou a ser chamado, colocou a maior parte da península Arábica no olho do furacão. A aliança entre o Ocidente e os donos do elemento que passou a mover a economia moderna precipitou o estabelecimento de sedes diplomáticas no jovem reino da Arábia, no principado de Kuwait, no Qatar, no principado de Abu Dhabi (mais tarde Emirados Árabes Unidos) e no sultanato de Mascate e Omã. No entanto, a Arábia, por sua preponderância na península e pela capacidade inigualável de seus poços, não tinha concorrentes.

A Argentina, enroscada em disputas domésticas e confiante no potencial de suas próprias jazidas, só percebeu em meados de 1960 que errara ao ficar de fora de uma realidade que havia mudado o mapa político mundial. Foi quando o governo de Arturo Frondizi, por meio do Ministério de Relações Exteriores e Cultura, deu início aos trâmites para estabelecer uma embaixada em Riad, capital do reino saudita. Em junho de 1961, após árduas negociações – os árabes são prudentes diante da abertura –, foi formalmente instituída a embaixada, em pleno bairro diplomático da capital árabe.

— Dizem que o embaixador é um homem jovem — informou Marina a Francesca à noite, enquanto jantavam. — É especialista em assuntos do Oriente Médio — acrescentou, lançando um olhar significativo para Francesca. — É muito culto e fala árabe perfeitamente. Não pude descobrir muito mais, só que é uma embaixada pequena, com poucos funcionários.

Francesca revirava a comida no prato, sem comer nada, com os olhos fixos na toalha de mesa. As palavras de Marina pareciam um eco distante enquanto Francesca repassava os fatos de um passado próximo que ainda a torturava, as

dúvidas do presente e as possibilidades de um futuro cada vez mais incerto. Em Genebra, ela havia encontrado certa paz, que a enchera de esperança. Mas sua viagem à Arábia, inopinada e estranha, punha em xeque o indelével círculo protetor que ela havia criado ao seu redor.

— Francesca, não desanime — acrescentou Marina. — Se não concorda com a transferência para a embaixada da Arábia, peça demissão e volte para Córdoba. Você não disse que trabalhava no jornal em que seu tio é diretor? Tenho certeza de que ele lhe daria emprego de novo se você pedisse.

— Não posso voltar — disse Francesca com voz insegura.

Sentiu um grande alívio ao contar todos os seus pesares a Marina, como se houvesse dividido a carga com ela. De qualquer maneira, não dormiu bem; por curtos períodos, era tomada por uma sonolência leve, que desaparecia com um sobressalto; ela se agitava entre os lençóis, acalorada e irritada. Antes das seis horas, tomou um banho. Ao sair do chuveiro, uma energia renovada havia apagado o abatimento da noite anterior. *Estou cansada de levar essa tristeza para todo lado*, pensou. Parecia uma insensatez sofrer tanto por algo que havia ficado para trás e também lhe parecia pouco inteligente se angustiar por circunstâncias futuras, que via com maus olhos devido ao pessimismo, mas que, na realidade, eram uma boa oportunidade para conhecer outra cultura e outro país.

Antes de ir para o escritório, passou pelo correio, onde despachou um telegrama para Fredo informando sucintamente a novidade de sua transferência. Seu tio saberia aconselhá-la e poderia, inclusive, descobrir a origem de uma ordem tão repentina.

A linda manhã de verão, o ar fresco do lago e as flores que forravam os canteiros nas praças acentuaram seu bom humor. Ela se dirigiu ao escritório com passos rápidos, pela costa. Imaginava como seria a Arábia. Não sabia nada sobre esse país, exceto que um eterno e abrasador tapete de areia cobria grande parte de seu território. *O deserto*, pensou. A mera

menção dessa palavra lhe inspirou medo.

Os dias seguintes foram uma maratona: arquivos, relatórios e documentos se empilhavam em sua mesa. O cônsul, cabisbaixo e reticente, se limitava a aumentar a pilha de papéis com a mesma ladainha: “Deixe pronto antes de ir”. Às vezes, Francesca tinha vontade de pegá-lo pelos ombros, sacudi-lo e jogar-lhe na cara: “Ouça, homem, foi sua mulher quem me tirou daqui!”. Mas, no fim, acabava sentindo pena dele.

Recebeu várias ligações da chancelaria de Buenos Aires, que a deixava tonta com ordens e recomendações. Insistiam na importância de que ela estudasse com atenção o material que haviam enviado sobre cerimonial e protocolo nos países muçulmanos. Explicaram que, como assistente particular de um embaixador, suas funções excederiam as de uma simples secretária, e que, dentre um amplo repertório de obrigações, ela tinha que saber desde pôr a mesa corretamente até receber um membro da realeza saudita. “É uma embaixada muito pequena, com poucos funcionários”, diziam. “Recairão sobre você tarefas de todo tipo.” O trabalho não a assustava, nem a diversidade de responsabilidades em que a chancelaria tanto insistia. Pelo contrário, faziam-na sentir-se importante.

A resposta de Alfredo chegou em um telegrama três dias depois: “Aceite. É uma oportunidade magnífica”. Duas semanas depois, ele completou o conselho com uma extensa carta, que Francesca leu até decorar. Ela se surpreendeu; ignorava os vastos conhecimentos de seu tio sobre petróleo e Oriente Médio. Ele falava da importância geopolítica dos países da península, em especial da Arábia, e de como a modernidade, inexoravelmente, levava o mundo capitalista a depender cada vez mais do petróleo oriental, de qualidade superior e de fácil extração. “Enfim, você vai conhecer a área do planeta disputada pelas grandes companhias petrolíferas e potências do globo”, concluiu. Acrescentou uma curta lista de livros que a ajudariam e que, sendo de autores europeus,

Francesca conseguiu encontrar facilmente na biblioteca perto do consulado. Fredo terminou sua carta pedindo-lhe que não se preocupasse com sua mãe, pois ele saberia convencê-la.

Certamente, Antonina desaprovava a ideia da transferência de Francesca para um país do qual raramente havia ouvido falar.

— Arábia! — exclamava. — Terra de hereges e selvagens!

— Não exagere, Antonina, por favor — dizia Fredo.

— O que você quer? — dizia Rosalía. — Que ela volte para Córdoba para sofrer?

Antonina acabou cedendo. Desde que voltara da lua de mel, Aldo não havia parado de perguntar por sua filha. Inclusive, se desesperava às vezes e, aos gritos, exigia que Sofia ou ela lhe dessem o endereço de onde Francesca se encontrava. Por fim, Antonina se resignou à ideia e deu seu consentimento.

Francesca devorou os livros que seu tio lhe recomendou, especialmente *A civilização árabe*, de um tal de Gustav Le Bon. E embora houvesse procurado mais bibliografia, pouco encontrou. Mas, o que leu lhe serviu para aprender, ao menos superficialmente, os costumes e as características dos árabes, que eram retrógrados, pelo machismo dos homens e a submissão das mulheres.

Mesmo assim, à medida que se passavam os dias, Francesca se reconciliava com a ideia de ir para a Arábia Saudita. *Afinal, tio Fredo tem razão, pensava. Tenho que ver essa viagem como uma oportunidade dada pelo destino, e não como um revés.*



No final de setembro, depois de uma viagem longa e extenuante, Francesca chegou a Riad. De Genebra, havia partido de trem rumo a Frankfurt, onde pegara um avião que aterrissara em Jidá, a segunda maior cidade do reino saudita, após dez horas de viagem. Teve que ficar ali por um bom tempo devido ao atraso do voo, intimidada pelos homens de turbante que a olhavam com cara de poucos amigos. Seu avião deixou Jidá e, em duas horas, chegou à capital.

Ao entrar nas instalações do aeroporto e sentir-se realmente em terra árabe, ela experimentou uma emoção, um misto de insegurança diante do desconhecido e de curiosidade pelo novo, que fez seu estômago revirar. *Como vim parar na Arábia?*, perguntou-se, e não sabia se ria ou gritava. Olhou ao redor e foi difícil acreditar que a civilização árabe havia sido brilhante na antiguidade. Pouco restava de sua antiga glória.

Francesca pegou a mala e seguiu os demais passageiros, pois não havia placas indicativas. Uma sala espaçosa se abriu diante dela, e as pessoas se dispersaram lentamente, em silêncio. Ela ficou sozinha, esperando.

— Senhorita De Gecco?

A voz suave chegou de trás dela. Francesca deu meia-volta e encontrou um par de olhos escuros que a observavam de cima a baixo. Ela havia escolhido com cuidado sua vestimenta, que, no entanto, parecia não bastar para aquele homem enrolado em uma túnica de algodão branco, com a cabeça coberta por um tecido do mesmo tom, preso com um cordão grosso. Ele tinha um rosto seco, moreno, e ela achou difícil

adivinhar sua idade, mas decidiu que devia beirar os quarenta anos.

— Sim, sou Francesca De Gecco — afirmou, estendendo a mão.

O árabe, porém, levou a sua própria mão ao coração e, a seguir, aos lábios e à testa; estendendo-a para a frente, arrematou o gesto com uma leve inclinação. Francesca recordou-se, então, da saudação ancestral dos beduínos, que ainda constituíam grande parte da população peninsular. Homens sem governo nem leis, filhos das areias eternas, que temem Alá e seu profeta Maomé, que só respeitam a autoridade do chefe da tribo e as leis do deserto, que, com suas inclemências, determinam a rota a seguir estação após estação, em uma peregrinação sem descanso. Mesmo no século XX, ainda faziam parte da invariável paisagem, com suas caravanas de homens, mulheres, crianças, camelos e bagagens.

— Lamento pelo atraso de seu voo — disse o homem em um francês mal pronunciado, mas cuja gramática era impecável. — Deve estar cansada. Meu nome é Malik bin Kalem Mubarak. A partir de agora, seu motorista e servo. — Pegou a bagagem de Francesca e acrescentou: — Temos que pegar suas credenciais. Levará apenas alguns minutos.

Na sala, três homens vestindo camisa e calça cáqui, além do eterno turbante de pano, conversavam animadamente em árabe. Calaram-se de imediato ao notar Francesca. Malik tomou a palavra, e um dos árabes respondeu com maus modos. Discutiram, e Francesca teve receio de que houvesse algum problema com sua admissão.

— Senhorita, eles querem revistar sua bagagem — disse Malik. — Não consigo fazê-los entender que é funcionária da embaixada. É que a documentação ainda não está pronta. Será uma revista de rotina.

Francesca depositou sua bagagem de mão em cima da mesa e Malik fez o mesmo com a mala. Dois guardas as revistaram;

o homem que parecia ser o chefe se concentrou no passaporte. Reviraram as roupas sem consideração e riram dos perfumes, cremes e cosméticos. Francesca se esforçou para manter a calma e não fazer uma cena em seu primeiro dia na Arábia. O sujeito que revistava a mala pegou o livro de pintura clássica que Marina dera a Francesca como presente de despedida, folheou-o rapidamente e falou com dureza com Malik enquanto sacudia o livro no ar.

— Senhorita — disse Malik —, não poderá entrar na cidade com esse livro. É por causa das imagens humanas que contém. O Sagrado Alcorão proíbe.

Começamos bem, pensou Francesca, com ironia, apertando os punhos para não arrancar o livro das mãos do homem. *Retrógrados!*

— É absolutamente necessário? — perguntou ela, contrariada.

— O Alcorão proíbe, senhorita — insistiu Malik.

Ela acabou cedendo e vendo seu lindo livro ir parar no fundo de uma gaveta. Os guardas lhe devolveram seus pertences revirados e Malik indicou-lhe a saída sem olhar para ela. A caminho da embaixada, Francesca, confortavelmente acomodada na parte de trás da Mercedes-Benz que os levava, se concentrou na paisagem e pensou que estava viajando por um túnel do tempo.

Riad era, sem sombra de dúvida, uma cidade perdida no tempo. Suas ruas, a maioria de pedras ou paralelepípedos toscos, labirínticas e estreitas, corriam por entre edificações sóbrias, sem luxo, velhas, mas bem conservadas, de fachadas cinza ou avermelhadas, eternamente envoltas em uma nuvem de pó da qual pareciam não poder se livrar. *Devem ser tão escuras por dentro!*, pensou, ao notar que só tinham duas ou três janelas pequenas protegidas por grades que pareciam de filigrana. A cada tanto, uma imponente mesquita alterava a monótona paisagem urbanística.

Malik não falava. Contrariado devido ao livro com figuras

humanas, ele se perguntava se era mesmo necessário contratar uma mulher como assistente do embaixador. Certamente, não gostava dos “infiéis”, fossem homens ou mulheres, mas preferiria um de seu mesmo sexo, e não uma jovem cheia de brios, com a falta de pudor e o descaramento do Ocidente pintados no rosto. Achava um sacrilégio que pessoas de outras religiões se atrevessem a entrar na terra onde havia nascido o profeta Maomé.

A paisagem mudou quando entraram no bairro diplomático. As construções sóbrias e orientais deram lugar a palacetes e mansões no melhor estilo parisiense, cercados por parques e limitados por grades.

— Chegamos — anunciou Malik.

O automóvel cruzou o portão e adentrou um parque bem-cuidado, embora pobre em plantas e flores. Tamareiras flanqueavam o caminho até o pórtico e constituíam o maior atrativo. Malik abriu a porta do carro e ajudou-a a descer. Uma mulher pequena, com um sorriso agradável, aproximou-se e pegou sua bagagem de mão.

— Seja bem-vinda — disse em francês e sorriu amistosamente. — Meu nome é Sara. Sou responsável pelas questões domésticas da embaixada.

Malik passou carregando a mala e Sara indicou a Francesca o caminho da entrada.

— É um prazer tê-la aqui conosco — prosseguiu ela. — Estou feliz por ter outra mulher na embaixada, porque, afora Yamile, a cozinheira, e eu, os demais são homens. Somos poucos, na realidade.

Sara lhe causou uma boa impressão.

— Você deve estar esgotada — disse enquanto a acompanhava escada acima. — É uma viagem interminável. Seu quarto fica deste lado; espero que seja de seu agrado.

— Com certeza, será — disse Francesca.

— O senhor embaixador... — continuou Sara, parando para abrir uma porta. — Entre, por favor, este é seu quarto. O

senhor embaixador a estava aguardando, mas, como atrasou, não pôde esperá-la e saiu. Tinha um compromisso.

— Houve um atraso em Jidá — explicou Francesca.

— Sim, sim, entendo. Sempre há atrasos neste país — disse Sara, com um gesto de resignação. — Enfim, o senhor embaixador disse que a verá à noite, quando voltar. Antes de fazer sua sesta, não gostaria de tomar um banho?

— Sim, seria muito bom.

Depois de tomar um banho, Francesca se deitou na cama, fixou a vista no teto e tornou a se perguntar: *Como diabos cheguei aqui?*

Mauricio Dubois, o embaixador argentino na Arábia Saudita, não tinha mais de trinta e cinco anos. Alto e magro, um tanto sem graça, possuía, porém, as maneiras de um cavalheiro, um tom de voz suave que sempre acalmava Francesca e o olhar franco de um homem bondoso.

Diferente do cônsul, era raro precisar recordar-lhe seus compromissos ou obrigações; ele conhecia perfeitamente os assuntos da embaixada e se preocupava com o bem-estar de seus funcionários. Com o tempo, Francesca chegou a admirá-lo com a mesma devoção que dedicava a Fredo. Gostava de sua personalidade tranquila e conciliadora, de seus modos serenos, embora firmes, quando indicava um erro, da paciência ao ensinar e do tempo que se permitia para meditar. Tinha uma cultura vasta, mas nunca se gabava disso, e parecia ficar contrariado quando Francesca a elogiava.

— Você fica espantada porque eu sei muito sobre os árabes, mas, com o tempo, saberá tanto quanto eu.

— Duvido, senhor — replicava Francesca.

No dia em que se conheceram, embora Dubois tenha disfarçado, Francesca notou que ele ficara surpreso, incomodado, talvez, por sua juventude.

— Quantos anos você tem? — perguntara enquanto

folheava seus antecedentes.

— Vinte e um, senhor — dissera Francesca, sem se acovardar.

Mauricio levantara a vista e a contemplara seriamente. Dissera que não havia tido tempo de ler com atenção seu currículo devido aos incontáveis compromissos durante as primeiras semanas em Riad, mas esclarecera que estava a par de seus talentos.

— Eu precisava de alguém aqui em agosto — prosseguira o embaixador —, mas houve um atraso. Iam mandar outra pessoa, mas, de última hora, não sei por que, designaram você. Sei que você trabalhava no consulado de Genebra. Espero que a mudança não a tenha desagradado. Apesar das grandes diferenças em relação a nós, os árabes têm uma civilização fascinante, que você vai gostar de conhecer.

Sim, claro, pensara Francesca, com ironia, ao recordar o episódio com seu livro de arte clássica. Quase o mencionara, mas optara por se calar, pensando que o embaixador interpretaria o ocorrido como um descuido de sua parte. Entregara ao novo chefe uma carta de recomendação do cônsul.

— “A senhorita De Gecco” — lera Dubois em voz alta — “é capaz e inteligente. Conhece seu trabalho perfeitamente e raras vezes é necessário recordar-lhe alguma situação ou responsabilidade”. Vejo que seu antigo chefe lhe tem em alta conta; imagino que deve lamentar havê-la perdido. Pois bem, lamento por ele, mas estou satisfeito por se juntar a nós. Precisa saber que, exceto o pessoal do serviço, que são árabes, você, o responsável pelos assuntos financeiros, o adido militar e eu constituímos toda a embaixada. Não vou mentir para você, Francesca. Seu trabalho não será fácil nem leve. Você não só será minha assistente particular, como também, em mais de uma oportunidade, atuará como secretária dos dois delegados. Sem excluir, obviamente, a responsabilidade pelos assuntos protocolares e cerimoniais, que recairão sobre você.

Ou seja, organizar eventos, reuniões, dizer-me quais visitas devo retribuir e como agir. Espero não a ter assustado.

— Em absoluto — respondera Francesca enquanto o embaixador a olhava com complacência.

Semanas depois, Francesca tinha a sensação de que já trabalhava com Mauricio Dubois havia muito tempo. A certeza de que seu chefe também estava satisfeito com ela a tranquilizava, pois, embora fosse paciente e tivesse bons modos, ele era exigente e detalhista. Dava ordens minuciosamente, repetia explicações e não ficava bravo se ela lhe perguntava cinco vezes a mesma coisa, mas, na hora de avaliar os resultados, queria que fossem ótimos.

— Reunião com o cônsul da França, almoço no Ministério do Petróleo, cuidar da correspondência atrasada... Meu Deus! — exclamou Francesca em uma segunda-feira. — Ele vai ter que se dividir ao meio para cumprir todos os compromissos.

Ela tentou reorganizar a agenda e distribuir as atividades ao longo do resto da semana, sabendo que os dias seguintes seriam tão sobrecarregados como aquele.

Ela mesma tinha um dia difícil pela frente. A ajuda que recebia de Sara, Yamile e Kasem, o motorista do embaixador, era inestimável. Ela se dera bem com os três desde o início: Sara, doce e serena, recordava-a sua mãe; Yamile, uma jovem meio distraída e atrapalhada, mas cheia de boa vontade e disposição, divertia Francesca com suas tiradas; e o velho Kasem, bonachão e complacente, não parecia árabe para ela.

Porém, Francesca abrigava sentimentos diferentes por Malik. Ficava incomodada com seu olhar dissimulado e sua cara feia, como se estivesse censurando-a o tempo todo por alguma coisa, e preferia se virar sem ele. Suas palavras no aeroporto – “Meu nome é Malik bin Kalem Mubarak. A partir de agora, seu motorista e servo” – obviamente haviam sido mera formalidade. Da função de motorista, Francesca havia

aberto mão, de fato. Evitava sair, pois era obrigada a enrolar-se naquela *abaaya* preta e quente, que era o manto com que as árabes se envolviam da cabeça aos pés. Quando não tinha alternativa, optava por se dirigir a Kasem. Com o tempo, Malik passou a cuidar dos trâmites e encargos do embaixador ou dos adidos, com quem parecia ficar mais à vontade, ficando fora da embaixada durante grande parte do dia. Francesca o teria posto no olho da rua se não soubesse que se tratava de uma pessoa recomendada pela Casa Al-Saud, dinastia que reinava na Arábia desde 1932.

— Com licença, posso entrar?

— Sim, Sara, entre.

— Isto acabou de chegar para a senhora — disse e entregou-lhe um pacote.

— Por favor, Sara — pediu Francesca enquanto pegava o pacote —, pode me chamar de Francesca. Vamos trabalhar juntas durante um longo tempo, e será mais fácil se deixarmos as formalidades de lado.

Sara levantou os olhos e respondeu com um sorriso infantil que contrastava com aquele rosto enrugado e curtido pelo tempo.

— Como Kasem, Yamile e você falam francês tão bem?

— Kasem e eu somos argelinos. Nossa pátria é uma colônia francesa desde 1847. Em 1954, após a primeira insurreição contra a dominação francesa, a situação política e social ficou complicada e perigosa para Kasem. Ele é meu companheiro — explicou a mulher. — Tivemos que fugir da Argélia. A polícia francesa o perseguia e... enfim, eu tinha parentes na Arábia, e decidimos nos abrigar aqui. Quanto a Yamile, ela trabalhou por muitos anos para a esposa do embaixador belga; lá, aprendeu francês, mas não muito bem, como a senhora... digo, como você deve ter notado.

Francesca abriu o pacote e descobriu que se tratava de seu livro de arte clássica. Em vão, procurou uma nota.

— Que estranho! — comentou em voz alta. — Este livro foi

confiscado quando cheguei a Riad porque contém figuras humanas, mas, agora, o devolveram.

— Talvez o senhor embaixador tenha apresentado uma queixa.

— Impossível — afirmou Francesca. — Eu não comentei nada sobre esse inconveniente com o embaixador.

Com o tempo, Francesca foi dominando todos os assuntos da embaixada, e raras vezes lhe escapava algum detalhe. Segura e satisfeita com seu trabalho, estava começando a experimentar a mesma sensação que, em Genebra, lhe havia permitido sonhar com um pouco de paz e felicidade. No entanto, havia momentos em que ela desmoronava na cadeira de seu quarto. Reprimia o pranto e se obrigava a recompor-se. Afinal de contas, apesar do desengano, a vida não havia sido tão dura com ela: acaso, alguma vez, pensara na possibilidade de sair de Córdoba para viver em uma cidade como Genebra, participar de festas de embaixadas e consulados, entre funcionários importantes e pessoas interessantes?

O que havia de ruim em passar alguns anos na Arábia, um país misterioso e fascinante, quase uma lenda? Ela gostava de trabalhar com Dubois, com quem aprendia algo novo a cada dia. Sentia-se bem com Sara e Kasem. Não podia se queixar. Havia sofrido, sim, mas quem não sofreu? Sua mãe não havia sofrido ao ficar viúva? E Fredo, com o suicídio do pai e a morte de Pietro, seu irmão? E Sofía? Acaso, Francesca deixaria que sua vida transcorresse na monótona melancolia em que sua amiga vivia mergulhada? Viveria amarrada ao passado, suspirando e apertando os lábios para não chorar? Sentiu vergonha. Como podia comparar sua tristeza com a angústia de quem perdeu um filho? O sofrimento de Sofía não tinha nada a ver com o desencanto de um amor precipitado que durou poucas noites de verão.

Ela se levantou, ajeitou a saia e abandonou o quarto. O

relatório acerca de Jidá, primeira tarefa desse tipo que Dubois lhe atribuía, a deixava entusiasmada e a fazia recordar seus dias no *El Principal*, quando realizava pesquisas para algum artigo e, mergulhada nas bibliotecas, enchia as mãos de pó de livros velhos e pouco consultados e descobria fatos e histórias incríveis. Na Arábia, no entanto, a busca por informação era difícil. A falta de bibliotecas e museus se somava à reticência dos árabes a falar sobre certas questões do país. Recomendada por Mauricio, foi recebida no Ministério de Economia e Finanças por um funcionário ostensivamente incomodado por tratar com uma mulher, que lhe forneceu pouca informação, alguns folhetos antiquados e o nome de um livro que, por estar em árabe, ela nem se deu o trabalho de procurar. Mas, independentemente desses reveses, o relatório sobre Jidá, mesmo sendo um avanço em suas funções, tinha que estar pronto na manhã seguinte.

Riad era a capital do reino, mas Jidá, situada às margens do mar Vermelho, com seu moderno porto, tentava se aproximar do mundo ocidental. O desenvolvimento e a abundância da cidade cresciam a passos de gigante conforme aumentava a riqueza da família Al-Saud. Navios das mais variadas nacionalidades chegavam diariamente com toneladas de mercadorias, dezenas de gruas operavam sem parar, transações milionárias eram realizadas nos depósitos aduaneiros. Dubois sabia que as possibilidades de negócios com a Argentina se encontravam em Jidá.

Francesca cruzou com passos rápidos o corredor da mansão que comunicava a ala dos quartos com o setor dos escritórios e entrou na sala de seu chefe sem notar que alguém estava ali. Um árabe, confortavelmente sentado no sofá, seguiu-a com o olhar, atraído por seu cabelo, longo e grosso, preto como a asa de um corvo, brilhante como ardósia ao sol, que caía por seus ombros e costas até quase roçar sua cintura. O terninho azul-marinho ajustava-se a seu corpo juvenil de contornos voluptuosos.

O homem limpou a garganta e se levantou quando a saia de Francesca subiu por suas pernas enquanto ela tentava alcançar um atlas situado na prateleira mais alta da biblioteca. O árabe, sério e imponente, avançou em sua direção e obrigou-a a recuar contra a estante.

— Jamais pensei que uma argentina pudesse ser mais bonita que as mulheres de meu povo — disse o homem em perfeito francês.

Francesca ficou enfeitiçada por aquela voz grossa e profunda, olhando para o homem feito tonta, sem pronunciar uma palavra nem exigir explicações, apesar do susto que ele lhe dera e de contemplá-la de cima a baixo com insolência. Quando, por fim, os olhos do árabe encontraram os dela, Francesca se surpreendeu. De um verde intenso e puro, com cílios escuros e fartos, tinham vida própria, como se, apesar da solenidade de suas feições, os olhos sorrissem constantemente.

— *Inshallah!* — exclamou ele, fazendo a saudação oriental: a mão sobre o coração, a boca e a testa.

Francesca saiu do estupor ao ouvir a porta ser aberta.

— Meu amigo! — escutou seu chefe dizer.

O árabe se voltou, sorriu, notavelmente satisfeito, e foi ao encontro de Mauricio. Estreitaram-se em um abraço enquanto pronunciavam palavras acaloradas em árabe. Francesca abandonou a sala discretamente. No corredor, continuou quieta, apertando o atlas contra o peito, onde seu coração palpitava descontrolado. Quem era aquele homem? “Meu amigo”, havia dito o embaixador, com um júbilo que lhe era pouco comum. Embora houvesse se sentido atemorizada pela figura soberba e pela expressão dura do homem, tinha que admitir que seu olhar a havia fascinado.

— O que foi, querida? — perguntou Sara ao encontrá-la no meio do corredor com o olhar perdido. — Que cara!

— Estou um pouco cansada, só isso.

De qualquer maneira, o que poderia lhe dizer? Que um

árabe atraente e insolente a havia assustado na sala do embaixador?

— Por fim, meu amigo! Aqui está você entre nós, e como embaixador! — disse o árabe, satisfeito, e deu tapinhas nas costas de Dubois. — As autoridades de seu país mandaram um puro-sangue para lidar com os meus.

— Tenho que reconhecer que as intervenções de seu tio Fahd foram mais que proveitosas nesse assunto — admitiu Dubois. Um sorriso cúmplice brotou em seus lábios. — Suas constantes recusas a dar sua aprovação a outros diplomatas foram mais que convincentes para que o chanceler argentino entendesse que vocês queriam alguém específico. Não fosse pela insistência dele, não sei quem estaria hoje aqui.

— Algum tolo sem experiência nos costumes de meu povo — afirmou o árabe.

Um ar de orgulho tomou as feições de Mauricio. Ele estava bastante seguro de seus próprios talentos e qualidades, bem como de seus amplos conhecimentos sobre o Oriente Médio. Porém, escutar que Kamal bin Abdul Aziz Al-Saud, filho do fundador da Arábia Saudita e príncipe herdeiro do trono, reconhecia isso significava muito para ele.

— Vamos, sente-se, por favor. Quer beber alguma coisa?

Ele tocou um sininho para chamar Sara, que apareceu, trazendo uma bandeja, e serviu café.

— Sua falta de cortesia não tem limites — reclamou Mauricio assim que a mulher abandonou a sala. — Faz tempo que estou em Riad, e essa é a primeira vez que você se digna a me visitar. Nem sequer estive na cerimônia de apresentação de minhas credenciais.

— Fique tranquilo, pois não perdi nem um detalhe de sua chegada, nem da cerimônia nem de nenhum dos seus movimentos — asseverou Kamal. — Meu irmão Faisal e meu tio me contaram tudo, bem como minha mãe. Sei que você foi

vê-la.

— E a encontrei muito bem. Foi ela quem me disse que você estava na França, a negócios.

Kamal deixou a xícara e acendeu um cigarro. O forte aroma do tabaco oriental inundou a sala. Ficou calado, como se estivesse sozinho e precisasse refletir. Mauricio não se impacientou; depois de tantos anos, havia aprendido a respeitar os silêncios do amigo e aquela tranquilidade e medida que deixam os ocidentais exasperados.

— A verdade é que prefiro ficar longe de Riad — disse Kamal.

— Entendo — sussurrou Mauricio e recostou-se. — Faisal deu a entender isso. As coisas entre você e Saud continuam mal, não é?

Kamal levantou a vista e Dubois compreendeu que ele não tocaria no assunto.

Era duro admitir suas dissidências profundas com seu meio-irmão Saud, rei da Arábia desde a morte de seu pai, em 1953, especialmente porque o islã proibia disputas entre membros de uma família. No entanto, as desavenças existiam e cresciam, pois a conduta do rei se afastava dos preceitos do Alcorão, e todos os Al-Saud pediam a Kamal que assumisse o governo.

Em 1958, devido a uma crise financeira gravíssima decorrente das extravagâncias e dos excessos de Saud, este havia sido forçado a admitir a intervenção de Kamal, que, após sua nomeação como primeiro-ministro, guiara o destino da Arábia com o objetivo primordial de tirá-la do atoleiro em que se encontrava. Nesses dias, a figura do rei se transformara em mera formalidade, e o ódio de Saud por seu irmão se intensificara.

Esse ódio havia nascido anos atrás, quando Saud, ainda muito jovem, tivera que dividir o carinho de seu pai, o rei Abdul Aziz, com seu novo irmão, Kamal. Conforme crescia, o jovem Kamal ganhava a admiração e o carinho de seus tios,

irmãs e demais parentes, que começaram a consultá-lo e a envolvê-lo de maneira mais frequente nos assuntos do reino.

Dois anos depois de sua nomeação como primeiro-ministro, em 1960, Kamal renunciou ao cargo para evitar mais disputas com o irmão. Nos últimos tempos, a relação havia se tornado insustentável; eles raramente concordavam e cada discrepância provocava uma nova tempestade. Kamal pressentia que a fúria de Saud tinha origens mais profundas que as questões de Estado e, certo de que não podia lutar contra esse ódio atávico, afastou-se, apesar das queixas e recriminações da família, em especial de sua mãe, Fadila.

Mauricio limpou a garganta e ofereceu mais café a Kamal, que aceitou e estendeu sua xícara.

— Diga-me — começou Dubois, com outro tom —, como está Ahmed?

— Bem. Esteve comigo em Genebra, você sabe, por causa da Opep. Depois voltou a Boston. Tinha uns exames para fazer.

Mauricio se absteve de perguntar sobre a Opep e suas consequências no mundo oriental, certo de que, por se tratar de outra invenção de Saud e de seu ministro Tariki, Kamal também não abordaria esse assunto.

— Quem é a formosura que encontrei aqui antes? — perguntou Kamal, apontando para a porta.

— Minha secretária — respondeu Dubois. Olhou-o sério.
— Nem pense nisso.

— Por acaso, já foi cativado por aqueles olhos negros e a está reservando para si mesmo?

— Você sabe que não misturo trabalho com prazer.

— Mas é claro! — respondeu Kamal, sorrindo com sarcasmo.



O relógio de parede do quarto de Francesca marcava onze horas da noite. O cansaço e a saudade estavam começando a pesar sobre ela; isso sempre acontecia quando chegava a noite. Ela balançou a cabeça e se esforçou para sorrir e não pensar em suas tristezas. Responderia à carta de Marina e, esgotada, iria para a cama.

Escreveu à sua amiga assegurando que ainda não havia sido raptada por nenhuma caravana de beduínos e que não havia perdido a virgindade em nenhum oásis. Ela gostava de Marina. Sempre contente e otimista, ela sabia acabar com o abatimento. Francesca terminou a carta pedindo-lhe que respondesse logo porque a fazia rir.

Já na cama, releu o relatório sobre Jidá, que entregaria a seu chefe na manhã seguinte, bem cedo. Logo depois, apagou a luz, rezou brevemente e se dispôs a dormir. “Jamais pensei que uma argentina pudesse ser mais bonita que as mulheres de meu povo.” A voz do árabe que ela havia conhecido naquela manhã a despertou por completo. Recriminou-se por sua falta de tato e educação: deveria ter se apresentado, dito alguma coisa, um “bom-dia”, talvez, ou se desculpado por ter entrado sem bater. Mas ela havia ficado muda, observando-o avançar na direção dela, e então, frente a frente, deixara-se dominar por uma estranha sensação de medo e ansiedade. Sim, medo. Acaso, não se tratava de um árabe, um homem brutal, de hábitos selvagens e retrógrados, um ser primitivo, despojado de toda gentileza para com uma mulher, menos respeitada que um animal?

“Nunca saia da embaixada sem a *abaaya*”, advertira-a Sara. A *mutawa*, como se chamava a polícia religiosa do país, famosa por sua rigidez e sua crueldade, a surraria duramente só por vê-la com os tornozelos expostos.

Ela também havia sentido uma clara ansiedade em relação ao árabe. Ou não? Não, certamente se tratava do mesmo medo. O coração acelerado e o frio no estômago eram resultado do susto, da surpresa. Não era ansiedade. Mas ela tinha que admitir que, apesar da túnica e do turbante, achara-o atraente, dono de uma beleza exótica que a impressionara. Um estilo completamente diferente do de Aldo.

Uma semana depois, no começo de novembro, o calor parecia de verão. *Nunca faz frio aqui?*, pensou Francesca, irritada. A sala do embaixador, no entanto, era agradável; mantinham as janelas fechadas durante as horas de sol mais sufocantes e, no crepúsculo, escancaravam-nas, permitindo que a brisa da tarde trouxesse o frescor do parque. Nesse dia, em especial, ela se ocupava com detalhes da sala de Dubois: havia conseguido flores, que perfumavam e coloriam o ambiente, meio apagado por causa do tradicional verde-musgo das poltronas e do bege das cortinas. Sara havia se esmerado no polimento do piso e da prataria e Yamile estava colocando na mesa sanduichinhos e bebidas geladas para os convidados do embaixador.

“Será uma excelente oportunidade de negócios para a Argentina”, comentara Mauricio ao se referir à reunião dessa tarde. Vários empresários de Jidá que visitavam a capital, interessados em ampliar seus negócios, haviam aceitado o convite do novo e jovem embaixador argentino.

Kasem, em seu papel de mordomo, levou até a sala de Mauricio três homens, um evidentemente árabe, apesar de seu terno ocidental, e dois ingleses. Francesca deu-lhes as boas-vindas, convidou-os a sentar-se e ofereceu-lhes bebidas. A

seguir, comunicou que o embaixador não tardaria a chegar e entregou-lhes um relatório sobre as vantagens de investir na Argentina. Como sugeriu, eles poderiam folheá-lo enquanto aguardavam. Dubois chegou, elegantemente vestido e perfumado, e pediu a Francesca que se retirasse.

Ela encontrou Sara no corredor, recolhendo pedaços de louça caídos no chão e choramingando baixinho.

— O que aconteceu? Você se machucou? — perguntou Francesca, alarmada, abaixando-se.

Tomou as mãos nodosas e cheias de calos da argelina e verificou se não havia se cortado.

— Será que o embaixador escutou o barulho? Deixei cair a bandeja com as xícaras do café — disse Sara, angustiada. — Tropecei na borda do tapete e, como uma estúpida, derrubei a bandeja. Que inútil!

— Não se preocupe, eu cuidarei disso. Traga xícaras novas. O embaixador deve estar esperando o café.

Sara se levantou, ainda nervosa e soluçando, e retornou à cozinha. Francesca voltou a se abaixar para recolher os cacos de xícaras e pratos.

— Precisa de ajuda?

Uma figura alta havia parado em frente a Francesca: era o “meu amigo” de Mauricio outra vez. Ele a contemplava e sorria, e Francesca ficou irritada por não saber se ele estava sendo debochado ou amistoso. O homem lhe estendeu a mão, mas ela se levantou sem aceitar sua ajuda. Ruborizada, fingiu ajeitar a saia e o blazer para não o olhar. Ele não a veria envergonhada, não, senhor! Inspirou profundamente e, com mais domínio, atreveu-se a levantar os olhos. O homem continuava olhando para ela com naturalidade e com aquele maldito sorriso astuto. Francesca já lhe mostraria que não era como as mulheres do povo dele. Seria mordaz e insolente com o tal “meu amigo”; afinal de contas, era um bárbaro, um selvagem, um homem incivilizado e libidinoso que aprovava a poligamia. Nem passou por sua cabeça, nesse instante de pura

raiva, que Mauricio a poria no olho da rua se fizesse isso.

— É uma impressão equivocada minha ou o senhor está decidido a me matar de susto?

Kamal caiu na gargalhada, deixando Francesca desconcertada.

— Cale-se! — ordenou ela. — Está havendo uma reunião importante a poucos metros daqui. Meu chefe vai chamar minha atenção por sua causa.

O árabe se despediu com uma inclinação de cabeça e seguiu seu caminho. Dois núbios altos e fortes o seguiram, mantendo-se alguns passos atrás. Francesca não conseguiu avisar que ele não podia entrar na sala do embaixador, mas, ao escutar a voz de Mauricio, dizendo “por fim chegou, Kamal!”, compreendeu que o aguardavam. A porta foi fechada e os núbios pararam ali, um de cada lado, firmes como colunas.

Kamal?, pensou Francesca. *Fora assim que Dubois o chamara? Kamal.*

* * *

Mauricio voltou a sua sala depois de despedir-se dos empresários de Jidá. Kamal o aguardava.

— Outra xícara de café? — ofereceu Mauricio.

— Não, obrigado. Desculpe por ter chegado atrasado à reunião.

— Eu sei que você anda muito ocupado e agradeço que tenha vindo. Para esses homens, sua presença serviu como uma garantia para futuras operações com empresas de meu país.

— Espero ter ajudado.

— Sim, claro — respondeu Mauricio, vagamente, olhando para ele. — Aconteceu alguma coisa?

— Está com tempo? Preciso falar com você.

— Sim, claro. Vamos nos sentar.

— Não, vamos ao jardim. Preciso de ar fresco.

Era provável que seu irmão, Saud, conhecendo a estreita amizade que unia Kamal a Dubois, houvesse enchido a embaixada de microfones. Kamal só encontraria segurança em um lugar aberto. A um sinal seu, os núbios, que se preparavam para segui-lo, tornaram a se postar ao lado da porta.

No jardim, caminharam um bom trecho em silêncio; Kamal fumava e Mauricio aguardava com paciência. Gostava de Kamal como de um irmão e admirava-o também por sua ousadia e inteligência. No entanto, era sua completa ausência de vaidade que ele mais respeitava. *Não tem qualquer consciência de si mesmo*, costumava pensar ao vê-lo agir. Desde a infância, no colégio interno em Londres, Mauricio se sentira atraído pelas maneiras tranquilas, pelos movimentos lentos e pela voz calma daquele menino árabe que, sob a sombra de um carvalho, lhe falava do deserto, das noites no oásis, das aventuras a cavalo e das batalhas que seu pai havia travado para conquistar o reino. Em sua alvoroçada mente de dez anos, Mauricio misturava Simbad, o Marujo com o rei Abdul Aziz e Ali Babá e seus tapetes voadores com os cavalos do profeta Maomé. Não se afastava de seu amigo, persuadido de que nele residiam a segurança e a diversão. Os verões no palácio em Riad ou nas tendas do avô de Kamal, o xeque Harum Al-Kassib, haviam-no salvado da tristeza irremediável em que teria caído em Buenos Aires voltando ao seio de uma família em que só encontraria tios e primos praticamente desconhecidos. Sem dúvida, teria sido muito difícil superar a morte prematura de seus pais se Fadila e o rei Abdul Aziz não o houvessem acolhido como a um filho.

Anos depois, na Sorbonne, enquanto ele e seus colegas, alvoroçados por uma revolução de hormônios e ideias liberais, julgavam-se capazes de dominar o mundo e conquistar qualquer mulher, Kamal passava horas na biblioteca e depois se trancava em seu quarto, onde, absorto como agora nessa caminhada, meditava.

— Em que tanto pensa? — perguntara-lhe Mauricio certa vez, contrariado porque Kamal não o acompanharia em uma de suas saídas noturnas.

— Estou tentando entender os ocidentais — respondera Kamal antes de voltar a seu hermetismo.

Ao chegar à varanda, foram atraídos pelo tilintar das pedras de gelo dentro da jarra de limonada que Sara trazia para lhes servir. Apesar do pouco verde, o jardim era bonito. Sentaram-se para beber o suco.

— Vadana, a esposa de Saud, visitou minha mãe hoje de manhã — disse Kamal, de repente. — Como você pode imaginar, o encontro não foi nem amistoso, nem tranquilo.

— Você estava presente? — perguntou Mauricio, inquieto.

— Não, Fátima me contou. Entre outras coisas, Vadana se queixou de que a família está traindo seu marido, pois ele foi o rei escolhido por meu pai para sucedê-lo. Enfim, disse que estamos traindo a memória e as decisões de meu pai.

— A família tornou a pedir que você tome as rédeas? — perguntou Mauricio.

Kamal assentiu. Deixou o copo em cima da mesa e relaxou na cadeira.

— Eu cheguei atrasado à reunião porque estava em mais um encontro organizado por meus tios Abdullah e Fahd. A situação é complexa... A Arábia está fortemente deficitária. Sim, essa é a realidade — acrescentou Kamal, para o espanto de Mauricio. — Conseguimos vencer o temporal depois da crise de 1958, mas as coisas não foram resolvidas. Depois, como você sabe, renunciei ao cargo de primeiro-ministro e mantive-me afastado. Meu irmão Faisal diz que, se eu não houvesse saído, Saud jamais teria feito as loucuras que fez, em especial, a criação da Opep.

— A Opep foi coisa de Tariki — comentou Dubois, em referência ao ministro mais importante do reino. — E Saud se deixou arrastar, como sempre.

— A criação da Opep não é uma ideia descabida.

— Pensei que você havia ficado bem contrariado com isso.

— Tenho certeza de que ainda não é hora de enfrentar tão abertamente o Ocidente. O poder das companhias petrolíferas continua sendo forte, e nós não contamos com recursos financeiros e não teremos acesso a crédito. Somos donos de litros e litros de petróleo que, em si, não servem para nada se não arranjamos compradores. Além do mais, não sei como os outros países exportadores reagirão. Eles vão se juntar a nós ou continuar vendendo para as companhias? O Irã é o segundo maior produtor, e, depois que os norte-americanos foram buscar Reza Pahlavi no exílio em Roma e o restituíram ao trono, não me restam dúvidas de qual lado ele vai escolher, a menos que seja um suicida. Em resumo, desafiar o Ocidente com a Opep vai nos fazer quebrar.

— Como diria Jacques, é uma quixotada.

Kamal assentiu. Mauricio conhecia o olhar que via nele. Sabia que, sem escrúpulos, apesar de seus modos serenos e voz modulada, estava traçando, com a precisão de uma máquina, um plano para cair sobre sua vítima e despedaçá-la antes que ela pudesse destruir a coisa mais importante para ele: a Arábia.

— Vai aceitar ser primeiro-ministro de novo?

— Só se me derem controle absoluto dos ministérios mais importantes, em especial o da Fazenda e o do Petróleo. Quero que seja assim para não ter que tratar dos assuntos fundamentais com meu irmão. Eu decido e não se discute — completou, sem elevar o tom.

— Você sabe que isso acabaria levando, cedo ou tarde, a um pedido de abdicação de Saud.

Kamal o contemplou com uma seriedade que, apesar da confiança que havia entre os dois, incomodou Mauricio, pois não conseguia saber se o tinha contrariado com o comentário ou se seu amigo estava simplesmente refletindo.

— Mesmo com seus desacertos, há quem apoie Saud — retomou Kamal. — Um grupo da família, influenciado pelos

ulemás e doutores da fé, quer me ver longe do poder. Dizem que sou feito “à moda ocidental”, que depois de tantos anos na Inglaterra e na França não resta em mim nada do espírito árabe que meu pai me inculcou.

— Quem diz isso não o conhece — afirmou Mauricio, irritado. — É verdade que você estudou nos melhores colégios e universidades ocidentais, mas isso só exacerbou seu amor por seu povo, como se, por conhecer tanto as idiossincrasias dos ocidentais, você houvesse escolhido ser árabe por um ato livre e inteligente. Quem não vê isso é um estúpido.

— Não me interessa o que pensem de mim. Isso só me preocupa na medida em que signifique um entrave para subir ao poder o quanto antes e evitar o desastre. Bem, já tomei muito seu tempo — disse. — Além do mais, tenho que me encontrar com tio Abdullah, e vou me atrasar se não sair agora.

Deixou a cadeira e dirigiu-se a seu Rolls-Royce, estacionado a poucos metros. Os núbios saíram da embaixada, atravessaram o jardim e entraram no automóvel, onde Kamal os aguardava no banco de trás. Enquanto o carro se afastava pelo caminho de palmeiras, Kamal voltou o olhar para a varanda e, ali, a viu: Francesca estava se aproximando de seu chefe com papéis na mão; Mauricio lhe dizia algo e ela sorria, lisonjeada.

“Os árabes podem ser amarrados a uma ideia como se estivessem presos por uma correia e arrastados pelos quatro cantos do mundo. Seu espírito é estranho e sombrio, tão propenso ao abatimento quanto à exaltação, porém mais ardente e mais febril que em qualquer outra pessoa. Um povo instável como a água, mas, exatamente como a água, seguro da vitória final. Desde a aurora da vida, suas ondas se quebram uma atrás da outra. Todas elas caíram. Mas chegará um dia em que uma onda parecida rolará sobre o lugar onde o mundo

material terá deixado de existir e o espírito de Deus pairará, então, sobre a face dessas águas... a Arábia.”

Francesca fechou *Os sete pilares da sabedoria*, de Thomas Edward Lawrence, e refletiu sobre o texto que havia acabado de ler.

“Com este livro, você vai conseguir compreender, em parte, a essência dessa gente que provoca tantos sentimentos contraditórios no Ocidente”, dissera-lhe Mauricio.

Nenhum sentimento contraditório, pensara Francesca. Simplesmente se trata de um povo atrasado que não quer avançar. Mas tivera o cuidado de não dar isso a entender a seu chefe, que tanta paixão sentia pelos árabes.

Pois bem, pensou, após meditar sobre as palavras de Lawrence. Os árabes são como crianças. Crianças que se exaltam e se abatem com a mesma intensidade, meninos que podem ser conduzidos como se estivessem indo à escola, crianças que, por um absurdo da natureza, têm nas mãos a base da riqueza do mundo industrial. Essa última dedução a preocupou. A criação da Opep não parecia brincadeira de crianças, e, sim, uma jogada estratégica de xadrez; arriscada, sem dúvida, mas um belo reflexo da valentia e da consciência que os árabes têm de si mesmos.

“O que será dos árabes depois da criação do cartel?”, perguntara Fredo em sua última carta. Segundo ele, as companhias petrolíferas criariam uma frente comum e acabariam com eles impunemente. “Naturalmente, a situação é injusta: as companhias se apoderaram do petróleo e jamais pensaram em compensar melhor os países produtores; nem têm intenção de fazê-lo, eu garanto. Se der uma olhada nas estatísticas de consumo, o desperdício de petróleo devido ao baixo preço pode acarretar uma situação gravíssima a longo prazo. Mas quem pensa nesse futuro distante, se no presente recolhem dólares com pás?”

Ela se deitou na cama, cansada de pensar em tantos

problemas. Quem cuidaria dessa situação? A impotência tomou seu coração, e, como se fossem sua inteira responsabilidade, sentiu-se angustiada pelas desgraças que assolavam o mundo, de norte a sul e de leste a oeste. Francesca nem sequer soubera ajudar Sofia e seu bebê. Talvez, se houvesse sido mais astuta e ousada, a essa altura teria um afilhado de quatro anos. Enfim, quem era ela além de uma mera secretária que punha flores na sala de seu chefe e sorria para os convidados dele? Parecia muito pouco para ela, que havia nascido para algo grande. Seu tio sempre dizia: “Você será uma grande mulher”. Simples ilusão de Fredo, que a amava tanto. O que ela estava fazendo? Nada, além de chorar o amor perdido de um pobre estúpido.

Ao referir-se a Aldo dessa maneira, sua alma se apertou: ela jamais o havia considerado um pobre estúpido. Bem, já o havia chamado de covarde, mas com ternura e compaixão, perdando-o no fundo. No entanto, esse “pobre estúpido” havia surgido tão espontânea e sinceramente que a culpa tomou o espaço das desgraças do mundo e Francesca se sentiu pior.

Pegou a carta de sua mãe e se pôs a ler.

Córdoba, 14 de novembro de 1961.

Cara figlia,

Como explicar quanta saudade sinto de você? Bem, você já sabe, pois digo isso em cada carta que lhe escrevo. Tê-la tão longe me fez voltar a sua infância e recordar como nós três éramos felizes. Você é inteligente e independente como seu pai; sem dúvida, você é um fiel reflexo dele, filhinha. E isso deve enchê-la de orgulho, porque seu pai foi um dos homens mais nobres que conheci, e tenho que agradecer ao céu por ter sido mulher dele. Tenho tanta vontade de vê-la, de tocá-la, de niná-la e fazê-la dormir como quando era menina...

Espero que realmente esteja tão bem quanto diz em suas cartas. Fico muito feliz por seu chefe ser tão bom. Sofia, aqui ao meu lado, está mandando um “oi” e prometeu lhe escrever logo. Agora que você não está aqui, eu me tornei confidente dela. Era só o que me faltava! Não, não me incomoda. Eu realmente adoro essa menina e, se não fosse por ela, não sei o que faria nesta enorme mansão onde tudo é dor e tristeza.

Seu tio Fredo vem me visitar quase todos os dias, apesar de estar muito ocupado com o jornal. Ele diz que perdeu seu braço direito quando você foi embora. Isso me deixa toda orgulhosa.

Figliola, cuide-se bem e aprenda a ser feliz em qualquer lugar onde Deus a ponha.

Tua mamma, che ti ama.

P.S. Aqui vai uma fotografia de Rex com Cívico, que Sofia tirou para você semanas atrás em Arroyo Seco.

Francesca acariciou a foto e decidiu comprar um retrato para colocá-la em cima do criado-mudo. *Nem uma palavra de Aldo*, pensou. Parecia que ambas, Sofia e Antonina, haviam confabulado para não o mencionar. Ela também não perguntava.

Foi até a janela, onde as cortinas de *voile* se agitavam ao balanço de uma brisa fresca e suave. Ficou impressionada com as estrelas e a lua cheia no céu. Tinha que admitir que nem a beleza das noites de Arroyo Seco se comparava à de Riad.

Deitou-se de novo; o cansaço a dominava.

“Aldo, onde você está? Vamos à piscina.” Aldo não aparecia, e o negrume da noite estava começando a assustá-la. Caminhava com o corpo tenso para evitar fazer qualquer barulho que acordasse dona Celia. Foi até os arbustos que cercavam a piscina e chamou-o de novo, sem resultados. Na

distância, sob a luz da lua, divisou Rex e chamou-o desesperadamente; tinha a sensação incrível de que o cavalo era a única coisa que lhe restava no mundo. O puro-sangue parou de pastar e levantou a cabeça. Olhou para ela e foi embora a todo galope. Seguiu-se o vazio, uma desconexão total e completa com o mundo real, enquanto Francesca flutuava em uma escuridão apavorante. Mesmo tentando se segurar em algo firme, mesmo tentando apoiar os pés no chão, ela continuava voando sem rumo em meio ao negrume que não lhe permitia sequer ver a própria mão. “Rex, não vá embora, não me deixe aqui sozinha!” Ela começou a soluçar, percorrendo uma paragem tenebrosa, cheia de galhos espinhentos que laceravam seus braços e pernas. A dor era forte demais, mas ela prosseguia, estimulada pela intuição de que encontraria Aldo no final do bosque. “Aldo, não estou brincando, quero ver você.” A duras penas, ela reconheceu o jardim do palácio Martínez Olazábal, onde as bem-cuidadas plantas de Ponce haviam se transformado em mato. “Vamos, Aldo, não me deixe, não me abandone. Estou com medo.” Através da mata, divisou-o no salão principal, dançando com Dolores. Riam e sussurravam. A jovem estava muito bonita, e a satisfação em seu rosto dava mais brilho a seus olhos azuis. Francesca caiu de joelhos e cobriu o rosto molhado de lágrimas. “Precisa de ajuda?”, perguntou alguém atrás dela. Ao se voltar, apavorada, uma túnica gigantesca envolveu-a e sufocou-a.

Francesca acordou sobressaltada e não conseguiu dormir de novo.

— Não é ético. Não vou fazer o que está me pedindo. É melhor tirá-la da cabeça — sugeriu Mauricio. — Não me olhe assim. Essa é minha última palavra. E nem sua paciência de beduíno, nem sua diplomacia árabe vão me fazer mudar de ideia.

Kamal acendeu um cigarro e soltou uma grande baforada,

através da qual Mauricio vislumbrou um par de olhos que o perscrutavam com frieza.

— Ela é uma menina. Tem apenas vinte e um anos — alegou Dubois. — Não posso deixá-la à mercê de um Don Juan como você. Ela não é como as mulheres com as quais você está acostumado. O que aconteceu com a italiana que conheceu em Saint-Tropez?

Kamal torceu os lábios, e Dubois bufou:

— Por que quer que eu lhe apresente Francesca?

— Isso é assunto meu — replicou Kamal. — Vai me colocar na situação constrangedora de recordá-lo os favores que me deve nesse assunto?

— Não é necessário. No entanto, insisto que não acho bom que você se relacione com minha secretária. Ela é...

— Sim, já sei. É uma menina, e eu sou um Don Juan que deveria voltar com a italiana de Saint-Tropez. Mas, agora, o que quero é conhecer sua secretária. Se você não nos apresentar, vou arranjar outro jeito de me aproximar dela. E sabe que vou conseguir.

À tarde, Mauricio chamou Francesca a sua sala. Com naturalidade, e com seus cabelos flutuando sobre os ombros e sua silhueta que se movia graciosamente, a garota entrou na sala e sorriu. Mauricio conteve um suspiro e lamentou a promessa feita a Kamal. Certamente, ele havia notado o frescor juvenil e a indiscutível beleza de sua secretária. Porém, apesar de sua vitalidade, algo nela lhe dava vontade de protegê-la, de resguardá-la do mundo, como se fosse uma criatura frágil e vulnerável. O que estava acontecendo com ele? Levantou-se e disfarçou a inquietude procurando um livro na biblioteca.

— Francesca — disse sem se virar —, preciso que você organize um jantar para alguns árabes aqui na embaixada. Será daqui a duas quintas-feiras. Você sabe, a quinta-feira árabe equivale a nosso sábado.

— Quantas pessoas, senhor? — perguntou Francesca, que

já fazia anotações em sua caderneta.

Mauricio não respondeu de imediato. Virou-se e ficou olhando para ela. *É uma loucura*, pensou.

— Algum problema, senhor?

— Não, em absoluto. O que você havia perguntado? Quantos convidados... Bem, vejamos... Seremos sete no total, incluindo você.

— Eu? — surpreendeu-se Francesca.

— Gostaria que você participasse do jantar. Se a ideia lhe agrada, claro. É uma reunião fora do protocolo, com alguns amigos que venho querendo convidar desde que cheguei a Riad, mas que, por uma razão ou outra, não convidei. Você gostaria de vir?

— Sim, claro que sim. Muito obrigada, senhor. Será uma honra.

— Ótimo.

Na opinião de Francesca, Dubois estava inquieto e agitado. Ficava mexendo na papelada e nas pastas como se não conseguisse manter as mãos quietas; punha e tirava os óculos mesmo sem ler nada.

— Está procurando alguma coisa, senhor?

— Sim, na verdade, sim. Uma pasta que chegou hoje de Buenos Aires com um pedido de visto para entrar na Arábia. A pasta é verde... Aqui está. — Ele a entregou a sua secretária.

— Esse pedido não deveria ter sido encaminhado à embaixada árabe em Buenos Aires? — perguntou Francesca, intrigada.

— Sim, se houvesse uma, mas os Al-Saud não constituíram sede em nosso país. Suponho que o farão em breve. Enquanto isso, nós cuidamos dos vistos. Você deve saber que as exigências para entrar na Arábia são muitas e severas. Cuide desse pedido, por favor. Depois, lhe direi onde apresentar os documentos e com quem falar.

Francesca abriu a pasta. “Nome e sobrenome do solicitante: Aldo Martínez Olazábal.” A cor desapareceu de seu

rosto, e ela precisou se apoiar na mesa.

— Francesca! — Dubois deu um pulo. — O que você tem? Está branca como papel! Sara! O que está sentindo? Sara! Não vai desmaiar, não é?

A cabeça de Francesca estava vazia, e ela não reagia às perguntas de seu chefe. Sara apareceu e correu para pegar sais e álcool. Francesca, um pouco melhor, desculpava-se e afirmava que havia sido só uma queda de pressão causada pelo calor. *Mas não está tão calor*, pensou Mauricio, abanando-a com uns papéis.

Os sais e o algodão com álcool a ajudaram e, minutos depois, ela estava em sua cama, louca de amargura e ansiedade. *Aldo, por que não me deixa em paz?*, pensou, lamentando-se. Mordeu o lábio e apertou os olhos, mas as lágrimas brotaram mesmo assim, e ela desatou a chorar. Sara entrou no quarto trazendo um caldo e se assustou ao vê-la nesse estado. Francesca se jogou em seus braços e desabafou, contando-lhe a verdade.

— Quem será que disse a esse rapaz onde você está? — perguntou a argelina.

— Sofia, a irmã dele — disse Francesca. — Ela deve ter convencido a irmã a falar. Ela tem uma fraqueza por Aldo.

— Esse homem deve amar muito você — concluiu Sara. A seguir, ficou pensativa. — Mas ele é casado, e você não deve tornar a vê-lo. A desgraça e a vergonha caíam sobre você. Modifique os trâmites e diga ao embaixador que os árabes recusaram o visto. É difícilimo entrar na Arábia, eu garanto. O embaixador não achará estranho.

Francesca sentiu-se incapaz de manipular os documentos. Se Mauricio percebesse a manobra, ela teria que pedir demissão. Permitiria que o trâmite seguisse seu rumo.

Horas depois, enquanto todos os funcionários da embaixada dormiam e Mauricio ainda trabalhava em sua sala, o telefone

tocou, quebrando a quietude.

— Ah, Kamal, é você.

— Disseram que você queria falar comigo.

— Sim, trata-se de... Bem, de minha secretária.

— O que aconteceu? — perguntou Kamal com um tom aflito que Dubois não reconheceu nele.

— Nada grave, mas acho que você não é o único interessado em conquistá-la.

— Explique.

— Hoje, eu lhe entreguei um pedido de visto de um tal de... Espere, anotei aqui. Aldo Martínez Olazábal. Quando Francesca abriu a pasta, ficou muito abalada. Ficou branca e sem forças, e tivemos que a reanimar com sais e álcool. Ela disse que foi uma simples queda de pressão, mas achei que algo naquela pasta a deixara aflita. Li atentamente os antecedentes do solicitante. É um sujeito de vinte e nove anos, de Córdoba. Francesca também é de Córdoba, e tenho quase certeza de que o conhece. Nesse mato tem coelho. E sabe de uma coisa? Eu aposto que esse homem virá à Arábia para buscá-la.

Fez-se um silêncio na linha, tão longo que Mauricio achou que a ligação havia caído.

— Mande-me esse processo amanhã bem cedo — disse Kamal subitamente. — Eu cuidarei disso.



Francesca revisou com o olhar a sala de jantar onde os amigos do embaixador fariam a refeição. A mesa de mogno, com jogo americano de linho branco, candelabros de prata e um arranjo floral, destacava-se no centro. Lamentou a pouca quantidade de flores, só uma dúzia de rosas brancas na entrada principal e jasmims na mesa; ela teria gostado de encher os vasos da sala de visitas e da sala de jantar, mas era difícil arranjar flores naquela região tão desértica.

Desanimada, ela subiu os degraus lentamente, sem se importar que os convidados estivessem quase chegando e ela não estivesse pronta para recebê-los. Pensou em inventar uma desculpa, dor de cabeça ou de estômago, qualquer coisa para não ter que suportar um jantar com desconhecidos, alguns deles árabes, pois só queria se jogar na cama e dormir. Sim, dormir, fechar os olhos e esquecer que sua vida fora transtornada por completo. No entanto, ao chegar a seu quarto, tomou um banho e se arrumou depressa. Não podia ser tão indelicada com o embaixador.

Foi até seu criado-mudo e, pela enésima vez, pegou a carta de Sofia, recebida pela manhã. Em um dos trechos, Sofia dizia: “Em seu desespero, Aldo arrombou a fechadura de minha escrivaninha e leu sua correspondência: desde as primeiras cartas que você me mandou de Genebra até a última, já em Riad. Eu lamento, sinto muito! É um inferno, Francesca. Aldo fica andando pela casa feito um louco, procurando você. Começou a beber e chega tarde todas as noites, bêbado como um gambá. Dolores está entrincheirada no quarto de hóspedes

e quase não lhe dirige a palavra. Às vezes, eu os escuto brigar feio. O que será de meu pobre irmão? Agora que ele sabe onde você está, disse que vai buscá-la, nem que tenha que ir até o Polo Norte”.

Por sorte, seu chefe não havia mencionado novamente o processo de Aldo, mas ela morria de curiosidade. Que fim teria levado aquela pasta? Por mais que a houvesse procurado na sala do embaixador, não conseguira encontrá-la. Quem cuidaria do trâmite? Possivelmente Malik. Cansada de conjecturar, devolveu a carta de Sofia ao criado-mudo.

Embebedar-se? Isso era o melhor que Aldo podia fazer? Será que ele nunca pegaria o touro pelos chifres?, perguntou-se, e um misto de dó e raiva confundiu seu coração. A imagem daquele rapaz romântico e doce que a havia coberto de beijos e promessas à beira da piscina ia desaparecendo no passado, e, como se ele houvesse morrido prematuramente, Francesca vivia a perda com muita dor. O relato cru desse outro Aldo, choroso e bêbado, não pertencia àquelas recordações. Pior ainda: manchava e denigria o passado.

A convicção de que devia se mostrar alegre e à vontade no jantar do embaixador a ajudou a mudar de cara. O vestido de cetim marfim que usava recordou-a Marina e a tarde em que o compraram em uma liquidação. “Você parece uma sereia”, dissera a jovem, sem nem sombra de inveja, admirada com a aparência de Francesca. Ela prendeu o cabelo em um coque à altura da nuca para valorizar o decote e, apesar de não gostar de adornos e joias, decidiu usar os brincos de pérola que Fredo lhe dera de presente quando fizera quinze anos. Passou uma maquiagem leve: rímel, blush e brilho nos lábios, mas se perfumou generosamente com seu Diorissimo, pois adorava a aura de jasmims que a envolvia. Contemplou-se no espelho, satisfeita.

— Posso entrar? — perguntou Sara, assomando-se à porta.

Francesca levantou-se e fez um sinal para que entrasse. A mulher entrou e, ao vê-la, ergueu desmesuradamente suas

pálpebras enrugadas.

— Você está simplesmente perfeita — disse.

— Obrigada, Sara.

— O senhor embaixador perguntou se você pode descer. Os convidados estão quase chegando.

Na sala de jantar, Kasem, elegante em seu uniforme de gala, acendia as velas dos candelabros enquanto Yamile colocava cestas de filigrana com pão pita, biscoitos e bolos. Do toca-discos da sala principal, chegava a voz magnífica de Édith Piaf, que transportou Francesca ao apartamento de Fredo, onde, graças a um fonógrafo muito antigo, eles escutavam repetidamente “La vie en rose” e “Non, je ne regrette rien”.

Mauricio, apoiado no batente da sacada, envolvido pelo encantamento da noite, recordava outras noites no deserto, quando Kamal e ele, dois moleques de doze anos, escapuliam do oásis onde a tribo do xeque Al-Kassib acampava e percorriam um bom trecho até ver toda a paisagem do alto de uma duna. O infinito manto dourado que os cegava em suas cavalgadas diurnas, à noite, se revelava como um mar escuro de ondas prateadas e estáticas. Eles se sentavam sobre um tapete, comiam tâmaras e nozes até se empanturrar e contavam histórias de almas e cavalos alados.

— Estava me chamando, senhor?

Mauricio ficou aturdido diante da jovem alta e esbelta, vestida de cetim marfim, que o observava, expectante. *Ele a quer para si*, pensou com desânimo. *Eu sei. Eu o conheço.*

— Sim. — Dubois tossiu e aproximou-se. — Eles já vão chegar.

Nesse instante, o ruído de um motor o interrompeu.

Kasem saiu da mansão e aguardou os primeiros convidados no pórtico. Ajudou a descer do automóvel um cinquentão gordinho e baixinho, de bigode grosso e nariz proeminente, e uma garota muito atraente, vestindo um maravilhoso vestido de tafetá de seda vermelha com estola de plumas brancas e

luvas longas. Francesca olhou para seu vestido de liquidação, que lhe pareceu um farrapo.

— Mauricio! — exclamou o homem, avançando pela entrada da embaixada. — Há quanto tempo!

Fundiram-se em um abraço, expressando satisfação mútua com o reencontro e mencionando o bem que o tempo havia feito aos dois. Francesca, atrás de seu chefe, foi até a garota e convidou-a a entrar. Mauricio se deu conta de sua indelicadeza e justificou-a pela emoção de rever, depois de tantos anos, seu professor preferido da Sorbonne, Gustav Le Bon. O nome pareceu familiar a Francesca. Imediatamente, foi apresentada pelo embaixador.

— Doutor Le Bon, esta é minha assistente, Francesca De Gecco.

— É um prazer, senhorita De Gecco. Tenho certeza de que é uma jovem muito inteligente e capaz, se trabalha com meu discípulo. E muito paciente — acrescentou com um sorriso. — Esta é minha filha, Valerie. — Ele pegou a garota pela cintura. — Lembra-se, Mauricio, da pequena Valerie? Pois bem, aqui está ela, uma mulher.

— O professor não está mentindo — concordou Dubois. — Aquela adolescente que entrava correndo no escritório do pai, com os cabelos alvoroçados e as mãos cheias de doces, está mesmo uma mulher, com todas as letras. Bem-vinda — acrescentou.

Valerie fez um gesto de complacência e estendeu a mão, que Dubois apertou levemente. A moça cumprimentou Francesca, sem deixar de olhar para o vestido dela. Kasem recebeu a estola, a bolsa e os casacos dos recém-chegados, e Mauricio pediu que se acomodassem na sala, à espera dos demais. Yamile ofereceu sucos, aperitivos sem álcool e canapés. O doutor Le Bon comia sem solenidade e lambia os beiços com o suco de laranja. Francesca o achou uma pessoa encantadora, ao contrário de sua filha Valerie, que parecia arrogante e antipática.

Ao som de outro carro, Mauricio se dirigiu ao vestíbulo. Francesca, que estava respondendo a uma pergunta de Le Bon, seguiu-o momentos depois, encontrando-o cercado por três homens, dois vestindo um elegante smoking e o outro, o tradicional turbante e a túnica. Um dos convidados, o mais alto, reparou nela e aproximou-se. Francesca o observou com atenção e percebeu que se tratava do tal Kamal. Sem a vestimenta típica, ela não o havia reconhecido.

— Francesca — disse Mauricio —, quero lhe apresentar meu melhor amigo, Kamal Al-Saud, príncipe da Arábia, filho do grande rei Abdul Aziz.

A medida que o embaixador acrescentava títulos e talentos ao homem, Francesca se sentia pior. Pois bem, ele era um príncipe da dinastia reinante.

Queria que a terra me engolissem agora, pensou. Enquanto suas maneiras impróprias e impertinências dirigidas ao “filho do grande rei Abdul Aziz” voltavam a sua mente, ela pressentia o fim de sua curta carreira diplomática. A chancelaria havia sido especialmente insistente em relação ao tratamento adequado aos membros da família Al-Saud e ao cumprimento rigoroso do complicado protocolo do país. *Agora, ele vai me expulsar da Arábia. Vai apresentar uma queixa pelo modo como o tratei. Fui mal-educada. Mande-o calar a boca! Ah, santo Deus, isso não pode estar acontecendo!*, concluiu, arrasada.

Como se não fosse com ela, ficou olhando para sua mão enquanto o árabe tomava-a e roçava os lábios nela. Então, ele a deixou sem palavras ao dizer:

— É um prazer conhecê-la... apropriadamente.

Superado esse confuso momento inicial, Francesca se viu diante dos outros dois convidados. Dubois os apresentou, mas ela não fez nenhum esforço para decorar os nomes. Kamal Al-Saud. Esse era o único nome que retumbava em sua mente.

Criou-se uma confusão de saudações e abraços na sala. O professor Le Bon brincou com Kamal e com o outro homem de smoking, a quem chamou de Jacques. O homem de vestimenta

árabe, um rapaz de uns trinta anos, mirrado e tímido, com uns óculos pequenos que lhe conferiam uma acentuada feição intelectual, cumprimentou com respeito Le Bon e confessou que desejava conhecê-lo havia tempo e que Kamal lhe havia falado muito dele. Valerie conhecia Kamal e o tal Jacques, cumprimentou-os com familiaridade e recebeu, encantada, elogios a sua beleza e elegância. Para Francesca, o comportamento da jovem pareceu presunçoso.

Kasem consultou Francesca sobre os lugares à mesa, e, com prazer, ela se afastou com ele para lhe dar instruções; precisava de um instante para acomodar as ideias e acalmar-se depois daquele choque. Confusa em meio a tantos desconhecidos, intimidada pela arrogância de Valerie e especialmente envergonhada por seu comportamento para com o príncipe Kamal, manteve-se afastada mesmo depois de Kasem já ter recebido suas orientações e voltado para a cozinha.

Mauricio Dubois convidou todos a passarem à sala de jantar. Jacques apoiou a mão no ombro de Le Bon e caminharam juntos, gargalhando. De má vontade, Valerie aceitou o braço do rapaz árabe, enquanto lançava olhares desesperados a Kamal, que ainda conversava na sala com Dubois.

— Francesca, vamos para a mesa — disse Mauricio.

Ela não teve opção a não ser acompanhar seu chefe e o príncipe.

— Eu disse que seria um jantar fora de protocolo — comentou Mauricio a Kamal. — Não precisava usar um smoking.

— Achei que esta roupa ocidental minimizaria o aspecto selvagem de minha aparência e não provocaria sustos em ninguém — disse o árabe.

Francesca sentiu um calor que arrebatou suas faces. Baixou os olhos e achou que não os levantaria durante o resto da noite.

— De jeito nenhum — opôs-se Valerie, que havia escutado o comentário. — Acho que a vestimenta dos árabes é muito mais sugestiva e sedutora que os enfadonhos trajes ocidentais.

Kamal sorriu e inclinou a cabeça. Uma fúria, somada a uma incompreensível sensação de rivalidade, dominou Francesca. Contrariada, ela se sentou à esquerda de Mauricio, em frente a Kamal, que conversava muito à vontade com Valerie. A jovem comentou que estava aprendendo árabe, e Kamal prosseguiu a conversa em sua língua pátria. Valerie tentava responder, e ele a ajudava e corrigia.

Francesca tocou o sininho, e Sara e Yamile apareceram com bandejas e travessas. Kasem serviu bebidas sem álcool, em respeito às normas estritas do Alcorão. Comiam e bebiam à vontade. Yamile era uma excelente cozinheira, especialista nos pratos tradicionais. Mais tranquila ao ver que o jantar corria segundo seus planos, Francesca tentou relaxar e participar da conversa, mas a presença categórica de Al-Saud a sua frente a mantinha tensa e a obrigava a desviar os olhos para não o encarar.

Kamal escutava, comia e observava. Gostava do perfume de Francesca, que chegava como ondas até ele, gostava de seu cabelo e do jeito como o havia prendido, gostava de seus enormes olhos negros e seus pequenos lábios carnudos e brilhantes, gostava de seu rostinho redondo e suas mãos delicadas e gostava da brancura incandescente de sua pele, que reverberava em contraste com as sobrancelhas e os cabelos.

“Ela é uma menina. Tem apenas vinte e um anos”, dissera Mauricio. Ah, mas como ele gostava dessa menina de apenas vinte e um anos! Talvez Mauricio tivesse razão, talvez devesse deixá-la em paz. Ou Mauricio a queria para si? Olhou de soslaio para o amigo e viu que ele a contemplava, encantado.

Brigaria com Mauricio, depois de tantos anos, por causa de uma mulher? Uma menina, na realidade?

Ele a desejava, e sempre tomava o que desejava, sem escrúpulos, sem avaliar suas veleidades: tomava e pronto.

Certamente, era um velho para ela, mas também não se importava. Valerie, com seus quase trinta anos e sua óbvia frivolidade, sem dúvida era o tipo perfeito para uma conquista fácil e passageira; além do mais, ela se mostrava disposta e não parava de provocá-lo. Porém, era a *menina* que ele queria.

— Faz muito tempo que não vai a Paris, senhor Méchin? — perguntou Valerie ao homem que chamavam de Jacques.

— Fui visitar minha irmã e meus sobrinhos em julho, mas não por muito tempo. Kamal e eu tivemos que ir a outras cidades. Só ficamos duas semanas. E digo que, depois de tantos anos de ausência, eu a encontrei mais bonita que nunca. Conhece Paris, senhorita? — perguntou a Francesca, pegando-a de surpresa.

— Só de passagem para Genebra — respondeu ela, com bastante aprumo. — Mas quem teve a sorte de conhecê-la diz que é uma das cidades mais bonitas do mundo.

— Justamente — comentou Valerie —, mas é Genebra que está na moda.

— Ah! — exclamou Dubois. — Francesca a conhece bem!

Kamal endureceu suas feições e franziu o cenho: só ele, que conhecia tão bem Mauricio, notou, em contraste com o habitual ânimo retraído e tranquilo, o comportamento de um adolescente apaixonado.

— É mesmo? — perguntou Jacques Méchin.

— Antes de vir para Riad, trabalhei cinco meses no consulado argentino em Genebra. Posso dizer que a conheço bastante bem. Inclusive...

— O senhor deve conhecê-la também — interrompeu Valerie, dirigindo-se a Kamal. — Por causa da Opep, digo.

— Não vamos falar da Opep! — pediu Le Bon. — Estou muito desgostoso com essa ideia de seu irmão, Kamal.

— O ministro Tariki tem mais a ver com isso que o próprio Saud — disse Ahmed, o jovem de aspecto intelectual.

— Mas Tariki jamais teria conseguido criá-la sem a concordância de Saud — replicou Le Bon. — Apesar de sua

importância no governo, ele é um ministro, e Saud, o rei. A Venezuela também parece muito satisfeita com a ideia do cartel. — Ele balançou a cabeça em clara reprovação ao acrescentar: — Pérez Alfonso disse que a Opep será o instrumento mais poderoso já posto a serviço do Terceiro Mundo. Com um arrojo suicida, ele declarou à imprensa, uns meses atrás, que, com a Opep, vão enfrentar o Ocidente até o fim. Ele está louco? O que pretende, que as companhias acabem com ele?

— A ideia do embargo também é um desatino — comentou Jacques Méchin. — O mundo ocidental pode prescindir dos poços da Arábia e da Venezuela, pois sabe que conta com dois aliados que continuarão lhe enviando navios lotados de petróleo: o Irã e a Líbia.

— Líbia? — surpreendeu-se Le Bon.

— No ano passado, os prospectores da British Petroleum descobriram campos petrolíferos de um hidrocarboneto da mais alta qualidade, comparável ao nosso — explicou Ahmed, tomando a palavra. — O rei Idris, antigo aliado inglês, não se uniria ao embargo, pois trairia todos os seus irmãos árabes.

— Quais serão as consequências se a Opep continuar pressionando? — perguntou Dubois.

— As companhias, embora não oficialmente, também agem como um cartel — explicou Ahmed. — E se levarmos em conta o que já foi dito, corremos o risco de nos encontrarmos, de um dia para o outro, sem nenhuma companhia petrolífera em nosso território. Estamos expostos ao fechamento dos poços, à interrupção dos trabalhos nas instalações de bombeamento e refinamento, ao fechamento das redes de distribuição e transporte. Enfim, ficaríamos com uma estrutura silenciosa e vazia, e, pior ainda, sem o dinheiro que bem ou mal recebemos pela concessão. E nós não teríamos nem a tecnologia, nem os procedimentos para pôr as refinarias de novo em funcionamento.

— Embora as condições não sejam adequadas — disse

Francesca, e os homens voltaram a cabeça para ela —, a criação da Opep teria acontecido cedo ou tarde. Basta observar as estatísticas para chegar a essa conclusão.

O silêncio reinou na sala de jantar, e Francesca pensou que os convidados iam voar para cima dela, de tão fixamente que a observavam. Fitou Kamal, sério e imutável. Interpretou que o havia irritado e prosseguiu.

— Em 1914, foram consumidos seis milhões de toneladas de combustível. No ano passado, estima-se que foram consumidos trezentos milhões de toneladas, e a perspectiva para 1975 é de quinhentos milhões de toneladas. E se levarmos em conta que o petróleo é um recurso escasso e limitado, sem a criação da Opep, independentemente de toda a comoção política que provocou, ele continuaria sendo desperdiçado a dois dólares o barril até provocar uma catástrofe, até que não restasse nem mais uma gota no planeta inteiro. Claro que a criação desse cartel tem um interesse econômico, mais que de outro tipo, para os países produtores, porém não deixa de ser benéfico para a humanidade, que a cada dia depende mais do petróleo.

O silêncio voltou a reinar. Francesca pegou sua taça e, como se todas as consequências dependessem da atitude do príncipe saudita, contemplou-o por sobre a borda enquanto bebia um gole de champanhe. Intimamente, desejava tê-lo importunado com algo que ele certamente julgaria como uma insolência de sua parte. Afinal de contas, ela não era mais que uma mulher, um ser inferior, útil para procriar e satisfazer o homem, mas que devia manter a boca fechada e só falar se alguém lhe dirigisse a palavra.

— Eu não sabia que você estava tão bem informada — comentou Mauricio, quebrando o silêncio constrangedor.

— O que disse a senhorita De Gecco é tão certo quanto a existência de Alá — disse Kamal, manifestando-se pela primeira vez. — No entanto, como ela também indicou, ainda não existem condições adequadas.

— Um dia — retomou Francesca, buscando os olhos de Kamal —, esse momento chegará, e os povos árabes precisarão estar atentos para não perder sua única oportunidade.

— Estaremos — afirmou Kamal. — Não tenha dúvida.

— Eu me pergunto — insistiu Francesca — se a paixão e o entusiasmo de seu povo, que na antiguidade o levaram à glória, produzirão o mesmo efeito neste mundo atual, que é frio e racional. Receio que os centros de poder conheçam essa característica dos árabes e façam uso dela para, subrepticiamente, mantê-los sob controle.

— O Oriente luta com armas completamente diferentes, mas luta, e deve ser temido, pois vence ou morre tentando. Os ocidentais não compreendem isso, e estão distraídos, o que joga a nosso favor.

Os demais acompanhavam com atenção o diálogo sutilmente áspero entre o príncipe e a secretária, que se posicionava de igual para igual em um combate que ninguém naquela mesa teria se atrevido a travar com Kamal Al-Saud.

— É evidente que você leu muito sobre essas questões, Francesca — intercedeu Dubois. — Se eu soubesse que domina tão bem os problemas do Oriente Médio, já a teria consultado sobre mais de uma decisão.

Os outros riram, mas não Kamal, que continuou comendo. Ao vê-lo sério e calado, Francesca se arrependeu de sua insolência. Ainda não compreendia por que havia sido dura, até mal-educada. Ofendera-o com elegância ao dizer que seu povo era apaixonado e entusiasta, sendo que, na realidade, só um idiota teria ignorado que ela queria dizer exaltado e fanático. Mas ela não conseguira se controlar. As palavras brotaram com facilidade, e, alentada pela animosidade que sentia em relação aos árabes, ela descarregara sua fúria nele.

— O que você leu? — insistiu Mauricio, ainda espantado.

— Tenho que confessar que, nas longas cartas que troco com meu tio Alfredo, muitas vezes tocamos nesse assunto.

Além de recomendar uma infinidade de livros, ele me explicou toda essa questão do petróleo e me deu sua opinião a respeito.

— O tio de Francesca, Alfredo Visconti, é um conhecido jornalista e escritor argentino — explicou Dubois. — Ele dirige um jornal em Córdoba, uma das cidades mais importantes da Argentina, e tem colunas em dois dos jornais de maior tiragem de Buenos Aires.

— Irmão de sua mãe, suponho? — perguntou Jacques Méchin.

— Na realidade, não existe laço sanguíneo entre nós. Ele é meu padrinho de batismo. Para nós, sicilianos, isso é muito importante.

— Mas você não é argentina? — perguntou Le Bon.

— Eu, sim, mas meus pais são sicilianos.

— Na antiguidade, meu povo ocupou a ilha da Sicília durante oito séculos — disse Ahmed.

— E deixou marcas indeléveis — afirmou Le Bon. — Dediquei boa parte de meu livro *A civilização árabe* a essa questão.

Ah, é daí que conheço seu nome, pensou Francesca. Gustav Le Bon era o autor do livro que ela havia lido em Genebra.

— É um livro excelente — afirmou Francesca. — E muito ameno, também.

— Você o leu? — perguntou o francês, vaidoso.

Seguiu-se uma discussão sobre livros, escritores e estilos, que prosseguiu na sala de visitas enquanto o café era servido. Valerie, entediada com a conversa, da qual não participava, decidiu cativar aquele príncipe tão atraente, que não havia aberto a boca desde o fogo cruzado com a secretária. Ela se sentou ao lado dele no sofá de três lugares e cruzou as pernas de forma sugestiva. Francesca olhou para eles de soslaio e situou-se ao lado de Jacques Méchin, que defendia com tenacidade, apesar da discordância de Le Bon, a primazia de Marlowe sobre Shakespeare.

Com um movimento rápido que deixou Valerie

desconcertada, Kamal abandonou o sofá e foi até a janela, onde acendeu um cigarro e fumou com os olhos fixos no céu estrelado. *Uma menina*, pensou, e sorriu. Voltou-se para olhar para Francesca: nada evidenciava seus vinte e um anos, nem seu corpo, nem suas maneiras, nem sua inteligência; seu rostinho, talvez, tão delicado e pequeno.

— Faz tempo que vive na Arábia? — perguntou Francesca a Méchin.

— Tanto tempo que já nem me sinto francês. Cheguei à Arábia quando ainda nem era a Arábia e, sim, um grupo de tribos que erravam pelo deserto e se enfrentavam em batalhas cruéis para delimitar os territórios.

A voz de Méchin a fazia relaxar, e os relatos sobre beduínos, guerras, caravanas e xeques pareceram-lhe cativantes e incríveis. Especialmente porque, ocorridos naquele mesmo século, pareciam histórias extraídas de *As mil e uma noites*. Ela teve que admitir que os árabes eram enigmáticos e fascinantes. Um pouco brutais, inteligentes, cheios de vida e paixão, orgulhosos como poucos, mas não vaidosos; na verdade, seguros de si e apegados a sua tradição. Inconscientemente, voltou-se para Kamal, que a contemplava fixamente, e sustentou seu olhar. *É a primeira vez que vejo seus cabelos*, notou, e deteve-se em seus cachos castanhos.

Quantas mulheres ele terá em seu harém?, pensou. Tornou a dar-lhe as costas e fingiu prestar atenção a Méchin e Le Bon.

— Senhorita De Gecco — disse Kamal, que se movera sigilosamente até parar atrás dela —, quando falou da paixão e do entusiasmo de meu povo, a que se referia exatamente?

Muito bem, agora, ela pagaria por seu cinismo e insolência. Havia brincado com fogo e se queimaria. Um homem muito mais velho que ela, inteligente e sagaz, não deixaria passar sua impertinência sem uma vingança justa e reconfortante.

— Bem... Eu... — balbuciou ela.

— Não vou permitir que retomem essa conversa enfadonha sobre petróleo, cartéis e essas coisas das quais uma mulher

não entende.

Pela primeira vez na noite, Francesca agradeceu a intervenção da filha de Le Bon. Valerie levantou-se, aproximou-se de Kamal e pegou-o pelo braço, certificando-se de que seus volumosos seios roçassem nele.

— Por favor, senhor Kamal, não continue falando de política. Fale-me de seus cavalos. Meu pai me disse que estão entre os melhores do mundo.

Sentaram-se no sofá de novo e conversaram com afabilidade. A noite prosseguiu sem contratempos. Francesca fingia interesse nas discussões de Méchin e Le Bon enquanto Kamal mantinha Valerie interessada com relatos de seus puros-sangues.

Apesar dos protestos da filha, Gustav Le Bon foi o primeiro a se despedir. De volta à sala, Francesca ofereceu outra rodada de café e *baklava*, que Ahmed, Jacques e Mauricio aceitaram de bom grado. Kamal, em silêncio, afastou-se do grupo e ficou olhando os discos. Francesca achou que era uma boa oportunidade para se aproximar e demonstrar educação e gentileza.

— Deseja outra xícara de café, alteza? — perguntou.

— Não, obrigado — disse Kamal.

Francesca soltou um suspiro, desanimada. Já ia para a cozinha quando Kamal deu meia-volta rapidamente e pegou-a pelo pulso. Francesca lançou um olhar desesperado ao grupo na sala, que continuava entretido na conversa, sem notar a cena.

— Vou embora — disse Kamal.

Sua voz, baixa como de costume, revelava uma excitação que Francesca interpretou como uma ameaça. Além do mais, havia algo em seus olhos, um brilho que a deixou sem fôlego. Ele lhe diria que era uma tola sem educação, uma malcriada sem consciência que o havia ofendido e humilhado na frente de seus amigos e de uma dama. Diria, por fim, que ela não merecia pisar em solo árabe.

Al-Saud, porém, deu-lhe um beijo no pulso, sobre as veias. Se houvesse lhe dado um tapa, ela não teria se surpreendido tanto. Mas um beijo, um beijo no pulso, um beijo dado com os olhos fechados, prolongado até ela sentir sua respiração quente sobre a pele, isso ela jamais teria esperado. Kamal soltou-lhe o braço e passou ao lado de Francesca como se ela fosse um móvel. Ela o ouviu dizer que ia embora, algo acerca de tios e encontros que ela não compreendeu, e, antes que seu chefe a chamasse, fugiu para a cozinha.

Francesca viveu os dias seguintes ao jantar em absoluto desassossego, por uma razão ou outra.

Por um lado, queria ver Kamal Al-Saud de novo; a intensidade do desejo dele a deixava envergonhada e enfurecida. Ela não esquecia as horas passadas em frente a ele na mesa de jantar, como também não esquecia sua atitude inexplicável quando os outros não estavam olhando. Aquele beijo no pulso havia tocado sua alma. *Ele quer brincar com você*, pensava. Ela logo entendeu que aquele beijo era a melhor vingança contra todas as suas imprudências. Certamente, ele sabia que ela não o poderia esquecer, que sentiria a respiração dele sobre sua pele durante dias. E ela merecia isto: tomada por uma vaidade estúpida, ela havia enfrentado um leão e, embora a fera lhe houvesse permitido brincar à vontade, dera o bote no instante final e a deixara inquieta, sem possibilidade de réplica. Com aquele beijo, ele havia delimitado seu território. Sem palavras, havia dito: “Aqui, quem manda sou eu”.

Porém, era evidente que ele não tinha ficado tão bravo: os dias se passavam, e ela continuava na Arábia. Na manhã seguinte ao jantar, Francesca tremeu todas as vezes que seu chefe a chamou; parada à porta da sala dele, com a mão a centímetros da maçaneta, pensava: *Agora, vai me mandar embora*. No entanto, Mauricio queria apenas falar de trabalho

ou consultar a agenda. Só em uma oportunidade mencionou o jantar da noite anterior, e para cumprimentá-la. Francesca murmurou um “obrigada” e rapidamente mudou de assunto.

Eliminada a certeza de que seria demitida, ela não conseguia explicar a si mesma por que o príncipe Kamal continuava voltando a sua cabeça com uma frequência desconfortável.

Aldo e sua ideia de ir à Arábia Saudita completavam suas preocupações. Ela ficaria mais tranquila se soubesse quem estava cuidando do pedido de visto. Devia ser Malik. Mas sua relação com ele ia de mal a pior; inexplicavelmente, o árabe havia desenvolvido uma animosidade em relação a ela que Francesca julgava não merecer, pois o único erro que podia ter cometido aos olhos desse homem era ter nascido mulher. Ele praticamente não lhe dirigia a palavra, mal a cumprimentava e, quando se cruzavam no corredor, olhava-a de soslaio, com displicência.

Uma semana depois, ela recebeu uma carta de Aldo Martínez Olazábal, a primeira de muitas. O nome de Francesca, escrito com caligrafia clara e uniforme, correspondia à imagem romântica e apaixonada do Aldo que ela amava tanto, oposto àquele outro homem medroso e alcoólatra.

Rasgou o envelope, mas, já quase pegando a carta, pensou: *Se a ler, mandarei tudo para o inferno, voltarei a Córdoba e me entregarei a ele.* Então, rasgou-a e jogou-a no lixo. A tortura aumentava à medida que as cartas se sucediam. Apesar de sua pouca força de vontade, Francesca se livrara delas sem lê-las.

Sara se preocupava e censurava-a por estar magra demais. E Yamile corria para lhe dar nozes, ricota e tâmaras, que só conseguiam aumentar sua falta de apetite.

Frequentemente, recebia cartas de sua mãe e de seu tio. Na última, Antonina parecia ter percebido que sua filha vivia na mesma casa que o embaixador e mostrou-se contrariada e escandalizada.

“É inadmissível que uma moça viva sob o mesmo teto que um homem sozinho”, escrevera. E embora Francesca lhe explicasse que ninguém alugaria um apartamento para uma mulher na Arábia e que não morava sozinha com o embaixador, mas com os demais funcionários e empregados, sua mãe não dava o braço a torcer. Francesca comentou que Marta, uma argentina de aproximadamente quarenta anos, havia começado a trabalhar como secretária do adido militar e do responsável pelos assuntos financeiros, e, então, sua mãe pareceu se acalmar.

Fredo se interessava pelo bem-estar de Francesca e sempre repetia que, se não estivesse satisfeita na embaixada, ele poderia falar com seu amigo, o chanceler, e pedir-lhe uma transferência. *Ir embora daqui?* A ideia lhe parecia uma loucura. Estava bem em Riad: Mauricio a respeitava e valorizava, Sara e Kasem cuidavam dela como se fosse uma filha, e o resto dos funcionários, com exceção de Malik, apreciava-a e tratava-a com carinho. Havia também Jacques Méchin e o professor Le Bon, que, depois da noite do jantar, voltavam assiduamente e demonstravam que gostavam de conversar com ela. Em uma dessas visitas, Méchin comentou que havia sido vizir do rei Abdul Aziz e que, atualmente, era assessor de Kamal.

— Conhece o príncipe Al-Saud há muitos anos? — perguntou ela.

— Desde que ele nasceu — respondeu Méchin. — O pai dele e eu já éramos grandes amigos nessa época, e, quando Kamal completou seis anos, Abdul Aziz me fez responsável pela educação do filho.

Le Bon interrompeu Méchin com um comentário sobre a Sorbonne e o fez perder o fio da conversa. Francesca pensou em retomá-lo, mas se calou, ciente da imprudência. Perdida essa oportunidade, ela não teve outra para indagar sobre o árabe enigmático.

Le Bon, que estava preparando o segundo volume de A

civilização árabe, monopolizava a atenção de Mauricio e o entretinha com interrogatórios e anotações, pedindo-lhe descrições detalhadas de cidades, oásis e desertos que havia conhecido. Interessava-se profundamente pelos costumes dos beduínos, em especial, por sua relação quase espiritual com seus cavalos. Francesca ansiava escutar esses diálogos, certa de que o nome de Kamal Al-Saud apareceria várias vezes.

Certa noite, enquanto se despediam de Méchin e Le Bon na entrada da embaixada, Mauricio perguntou quando Kamal voltaria de Washington.

Washington, repetiu Francesca em pensamentos, inexplicavelmente satisfeita por saber que ele estava fora de Riad. Ela havia se perguntado centenas de vezes por que ele não acompanhava os amigos nas visitas à embaixada. Inclinação a pensar que Kamal não se lembrava dela em absoluto, ou apenas como uma menina insolente, decidiu esquecê-lo. *E aquele beijo?*, pensava, insistente, enquanto olhava seu pulso e recordava aqueles lábios grossos e suaves sobre suas veias.

— Onde está Kasem? — perguntou Francesca à porta da cozinha.

— Saiu com o embaixador. Disse que voltariam tarde.

— E Malik?

— Estou aqui, senhorita — respondeu o árabe, aparecendo na cozinha.

Francesca tinha a impressão de que Malik possuía o dom de estar presente em todos lugares; uma hora, o via na sala do embaixador, cuidando de papéis e processos, e, no instante seguinte, encontrava-o no corredor, sempre à espreita.

— Preciso de você — disse Francesca, segura e seca. — Tenho que ir ao mercado.

O homem inclinou a cabeça em sinal de assentimento e saiu.

— Posso usar sua *abaaya*, Sara? A minha ainda não secou.

— Você é muito mais alta que eu. Não vai cobrir bem suas pernas.

— Ah, Sara, é coisa rápida! Na bagunça do mercado, ninguém vai notar se minhas pernas estão cobertas ou se estou usando minissaia.

— Mini o quê? — perguntaram em coro Sara e Yamile.

— Minissaia. É uma saia que vem até aqui — explicou, indicando sua coxa.

— Por Alá misericordioso! — exclamou a argelina. — Não prefere mandar Yamile ou eu mesma? O que precisa comprar?

— Tenho que ir eu mesma. O embaixador me pediu que comprasse uma lembrança para a esposa do embaixador da Itália e foi muito minucioso e detalhista quanto ao que queria. Preciso ir eu mesma — insistiu.

Francesca se envolveu na túnica e entrou no automóvel. Quando saíram do bairro diplomático, a cidade voltou a vestir seu traje oriental, rústico e pitoresco. As mulheres, totalmente cobertas, circulavam em grupos, com a cabeça baixa e as mãos à altura do rosto para segurar a túnica, seguidas por crianças e cães.

Malik parou o carro e deu passagem a um pastor e suas cabras; a alguns metros, outro homem lutava com um boi empacado. No saguão de uma casa, Francesca divisou galinhas e perus, que bicavam as juntas dos paralelepípedos, e dois bebês, sujos, sem nada além de fraldas, engatinhando por ali. Afastou os olhos, enojada. Arriscando-se, descobriu o rosto para observar mais claramente, entre a filigrana de uma janela, o brilho de uns olhos que a contemplavam com tristeza, cheios de lágrimas. Malik prosseguiu e desceu a rua rapidamente. A tristeza daquele olhar impressionou Francesca. Sem dúvida, era o olhar de uma mulher, de uma mulher sofrida que queria gritar aos quatro ventos sua dor, mas que só podia desabafar olhando pela intrincada grade de uma janelinha. Seria a janela do harém onde vivia? Estaria seu

marido, adorado e temido, fazendo amor com outra das suas mulheres nesse instante? *Por que não se revoltam?*, gritou Francesca por dentro.

Ao longe, em meio a uma névoa de areia, impunha-se a torre do forte Masmak, onde o rei Abdul Aziz havia vencido o clã Raschid, seu inimigo ancestral. Mauricio lhe contara que esse forte era o símbolo indiscutível da superioridade e do poderio dos homens da casta Al-Saud, que exaltavam principalmente o amor pela terra, as tradições e o arrojo, e que, por isso tudo, estavam dispostos a morrer com orgulho, e assim cumular de glória seu nome e o de seus descendentes. “O Oriente luta com armas completamente diferentes, mas luta, e deve ser temido, pois vence ou morre tentando.” Francesca recordou as palavras de Al-Saud, que começavam a fazer sentido à medida que as peças soltas de seu quebra-cabeça árabe se juntavam e ela compreendia sua idiossincrasia, complexa por ser diferente, fascinante por ser apaixonada e verdadeira. Esse povo havia suportado invasões, ocupações, guerras e pilhagens, e, com notável brio, enfrentara exércitos muitas vezes superiores aos seus. Acaso, as cruzadas não eram prova suficiente disso? No entanto, ela não esqueceria tão facilmente o olhar triste que vira pela janela, que complicava novamente o quebra-cabeça que um segundo antes parecia resolvido. Suspirou e abriu a janela para tomar ar fresco. *Nunca vou entendê-los*, rendeu-se por fim.

Malik parou o carro a poucos metros do mercado. Uma dezena de crianças desgrenhadas se aglomerou junto à sua porta, vociferando em árabe. Malik desceu do automóvel e afugentou-os com ameaças e empurrões.

— O que aquelas crianças queriam? — perguntou Francesca, sem esconder sua contrariedade pelo tratamento que receberam.

— Sabem que é o carro de uma embaixada e vêm pedir dinheiro. Alguns se oferecem como guias dentro do mercado.

— Um guia seria bom para mim. Não sei por onde começar.

— Eu conheço o mercado como ninguém.

— Então, leve-me a uma barraca de joias finas.

Não era possível caminhar livremente dentro do mercado. Centenas de ruelas, ensombradas pelos toldos das tendas, todas lotadas de gente que apregoava e regateava, constituíam o maior mercado de Riad. O cheiro de esgoto e lixo se misturava ao aroma das comidas e dos incensos queimados. Ela pegou um frasco de perfume que trazia na bolsa e molhou a *abaaya* à altura do nariz. Com o estômago revirado, avançava penosamente atrás de Malik, que abria caminho por entre a multidão e avançava a uma velocidade difícil de acompanhar. Subiam e desciam escadas, dobravam esquinas, e o mercado parecia se estender até o infinito. De vez em quando, uma criança se pendurava na túnica de Francesca, estendendo a mão e sorrindo. Os donos das tendas a interceptavam e a impeliam a entrar com uns modos que, embora não fossem indelicados, deixavam-na com medo de contrariá-los. Chamava Malik, que voltava atrás e a esperava à entrada da tenda, contrariado. Ela não conseguia se livrar dos vendedores e seguir caminho; de uma mulher, mais tenaz que os outros, teve que comprar uma dúzia de botões de rosas brancas, já meio abertos, mas naturais e aromáticos, que acabariam enfeitando seu quarto.

— Esta é a melhor tenda de joias — afirmou Malik ao chegar à área das joalherias. — Bons preços e boa mercadoria — disse, apoiando-se em uma coluna para esperar.

A vitrine cintilava sob os raios de sol que se infiltravam pelos vãos do toldo. A variedade de joias aturdiu Francesca: de ouro, de prata, com incrustações de pedras preciosas, de ônix, esmaltadas com cores vivas, com pérolas rosadas e cinza. Ela recordou as especificações de Mauricio. O dono da tenda ofereceu-lhe inúmeras joias, mas Francesca não se decidia por nenhuma. Em uma estante elevada, viu um pingente de ouro

com águas-marinhas. Colocou-o sobre a palma de sua mão e observou-o com atenção. O vendedor a aturdia apregoando a mercadoria, agitando as mãos e sorrindo sem dentes, como se toda a sua felicidade dependesse da presença de Francesca.

Ao esticar-se para devolver a joia à prateleira, uma pancada no pé causou-lhe uma pontada de dor que subiu de seu tornozelo até o quadril, tirando-lhe as forças e a fazendo cair no chão. Sua perna tremia, e a dor pungente lhe arrancava lágrimas. Ela mordida os lábios para não gritar. Os poucos raios de sol desapareceram em um piscar de olhos quando um grupo a circundou e dominou o ar com o cheiro de corpos sujos. Ela tentou chamar Malik, mas sua garganta estava seca, e só conseguiu emitir um grasnido incompreensível. *Onde está Malik?*, pensou, com desespero, mas não o encontrou no meio da multidão. *As rosas...*, lamentou ao vê-las pisoteadas. Os homens gritavam e faziam sinais, mas ninguém a ajudava. A falta de ar e o mau cheiro a faziam passar mal, e a pontada de dor na perna só aumentava.

Um árabe, que vociferava mais alto que os demais, arrancou-lhe a *abaaya* e, segurando-a pelo braço, obrigou-a a levantar-se. Francesca tornou a cair, incapaz de sustentar-se. Chorava descontroladamente e chamava Malik aos gritos enquanto o homem insistia em levantá-la à força, agitando um porrete acima da cabeça dela. Os rostos começaram a girar, sua respiração ficou pesada e um formigamento que lhe subia do estômago dava-lhe vontade de vomitar.

Repentinamente, as vozes se calaram, a multidão abriu caminho e alguém a levantou do chão com facilidade e segurou-a no colo. A luz do sol bateu em cheio no rosto de quem a ajudava.

— Kamal, graças a Deus! — murmurou ela em castelhano.

Agarrou-se ao pescoço dele e descansou sobre seu peito com os olhos fechados. Escutou as vozes de Malik, de Kamal, discutindo em árabe, e do homem que a havia ameaçado com o porrete, além do murmúrio de vendedores e curiosos, que

não parava.

— Tire-me daqui, por favor! — implorou ela.

Ao chegarem ao carro da embaixada, Malik abriu a porta depressa, e Al-Saud colocou-a no banco. Falou rudemente com o motorista, que rapidamente se pôs ao volante e partiu. Francesca se endireitou no banco e, pelo vidro de trás do carro, viu Kamal voltando ao mercado a passos rápidos.

Depois que o médico foi embora, Sara ajudou Francesca a acomodar-se em uma cadeira e colocou seu pé sobre um banquinho. O inchaço no tendão lutava contra a faixa apertada e pulsações dolorosas se espalhavam por sua perna até a virilha. Sara lhe deu um copo de água, e Francesca tomou o calmante.

— Malik disse que a *mutawa* bateu em você porque dava para ver metade de suas panturrilhas. Eu disse para você não usar minha *abaaya*, disse que ia ficar pequena! Veja o que ganhou, uma bela pancada no pé!

— Que *abaaya* pequena o quê! — disse Francesca, enfurecida. — Deviam botar fogo neste país de selvagens.

— Shhhh! Não diga isso nem de brincadeira! — scandalizou-se a argelina. — Se um árabe a escutar, será muito pior que uma simples pancada! Você será lapidada sem compaixão. Nunca mais fale assim enquanto estiver em solo islâmico.

O medo e a firmeza de Sara, normalmente tranquila e comedida, emudeceram Francesca. Até que ponto chegava o fanatismo desse povo? Lapidá-la por falar mal dos árabes? O olhar triste que vira à janela voltou a sua mente, e ela se sentiu embargada pela compaixão.

Mauricio pediu licença e entrou. Parado diante dela, sem pronunciar uma palavra, com um sorriso sofrido e um olhar suplicante, parecia implorar seu perdão.

— Sinto muito pelo que aconteceu — disse. — Eu não

devia tê-la mandado ao mercado.

— Eu é que lhe devo desculpas, senhor. Fui imprudente ao usar a *abaaya* de Sara. Espero que esse episódio não tenha nenhuma consequência.

— Pretendo apresentar uma queixa — asseverou Mauricio.

— Não, por favor, deixe as coisas como estão. De que adiantaria uma queixa? Isso poderia lhe criar problemas, e essa é a última coisa que quero, de verdade.

— Depois veremos isso — cedeu Mauricio. — Mudando de assunto, o doutor Al-Zaki disse que a pancada causou uma tendinite.

Bateram à porta, e Sara abriu-a depressa. Kamal entrou sem preâmbulos, com uma expressão séria que tomava seu rosto, moreno e sombrio que raras vezes deixava transparecer o que seu dono pensava. Nesse momento, porém, ele revelava que Al-Saud estava disposto a esmagar com fúria e sem piedade quem atravessasse seu caminho. Francesca sustentou seu olhar. Não se acovardaria. Um árabe extremista e bruto não acabaria com a civilização e a cultura que ela havia absorvido desde seu primeiro dia no mundo. Ela teria lhe dito umas poucas verdades se sua pretensão não houvesse perdido forças quando escutou suas palavras:

— Eu me encarregarei pessoalmente de punir e demitir o agente da *mutawa* que fez isso, senhorita. Dou-lhe minha palavra — acrescentou, com a mão direita sobre o coração.

— Um beduíno nunca dá sua palavra em vão — disse Dubois, com um sorriso.

Francesca fitou Al-Saud sem constrangimento nem rubor, encantada com sua força e virilidade. Sua raiva sumiu e a dor no calcanhar desapareceu. Escutava o embaixador falar, mas sem compreender o que dizia e sem que isso lhe importasse também, concentrada naquele monumento de túnica branca e olhos cor de jade que sustentava seu olhar com desembaraço.

— Obrigado por mandar o doutor Al-Zaki — concluiu Mauricio.

Francesca voltou à realidade.

— Como eu estava dizendo quando você chegou, o médico diagnosticou uma severa inflamação no tendão — prosseguiu Mauricio. — Mas uns dias de descanso e os remédios bastarão para curá-la. Ele disse que foi um milagre uma pancada tão forte não ter quebrado um osso do pé.

Kamal andou em direção à janela e permaneceu em silêncio, olhando para o jardim. Francesca ansiava que ele voltasse e falasse com ela; queria ter certeza de que ele não a culpava pela cena no mercado, que sinceramente acreditava que o comportamento do oficial da polícia religiosa havia sido cruel e insensato.

— Quando voltou de Washington? — perguntou Mauricio.

— Hoje de manhã.

— Foi uma sorte você estar no mercado. O que estava fazendo lá? — estranhou Dubois.

— Antes de viajar, prometi a Fátima que lhe compraria um anel e uma gargantilha. Você a conhece; assim que me viu, não me deu tempo nem de desfazer as malas e já me arrastou ao mercado.

Fátima?, pensou Francesca. Decepcionou-se, convencida de que, pela mudança que via no príncipe, tratava-se de sua esposa favorita.

Antes de abandonar o quarto às pressas para atender a um chamado urgente, Mauricio pediu a Kamal que o acompanhasse até sua sala, pois precisava falar com ele. Kamal assentiu, mas não o seguiu. Foi até o criado-mudo, onde pegou o retrato de Antonina e a foto de Rex e Cívico. Contemplou-os com atenção por um bom tempo. Sara, encolhida perto da porta, olhava para ele com desconfiança, enquanto Francesca se debatia entre dizer algo ou manter uma atitude indiferente. *Agora, vai me dizer que em seu país são proibidas representações de figuras humanas*, pensou.

Ela não toleraria isso: mandaria para o diabo ele, o Alcorão e o próprio Maomé. Teria que deixar a Arábia e voltar à

Argentina. Pois bem, ela estava disposta a isso e a muito mais se conseguisse extravasar o ódio que sentia pelas pessoas da raça dele.

Kamal virou-se com o porta-retratos na mão e sorriu. De novo, conseguiu desarmá-la.

— Essa é sua mãe, não é?

Francesca assentiu.

— É uma linda mulher. Esse cavalo é seu, suponho?

— Deveria ser.

— Como assim?

— Na realidade, Rex pertence à filha do patrão de minha mãe, mas ela é tão medrosa que nunca se atreveu a montá-lo. Quando tinha doze anos, eu me apropriei dele, e é como se fosse meu. Rex e eu nos entendemos desde o começo. Não sei como dizer, e não sei se pode me entender, mas o que nos une é algo muito forte, como um laço de sangue. Ele é muito malvado com todos, exceto comigo e com Cívico, o da foto. Cívico diz que Rex é bom com ele porque sabe que é meu amigo. — Francesca baixou a vista e, com outro tom de voz, acrescentou: — Talvez eu nunca mais torne a vê-lo, agora que estou tão longe. Talvez o patrão o venda. Enfim, não quero incomodá-lo com minhas coisas.

— A julgar pela fotografia, trata-se de um *muniqi* — disse Kamal, sorrindo ao notar o desconcerto de Francesca. — Durante quase dez anos, você teve um *muniqi* e não sabia? Esse é um dos três tipos de cavalos árabes, famoso por sua velocidade. São usados principalmente para corridas. Os cavalos árabes são os melhores do mundo. São um símbolo de meu povo, sabia? Um símbolo de força, lealdade e amizade. Nós, beduínos, criamos cavalos há séculos e levamos a pureza da raça a níveis extremos.

Kasem interrompeu Al-Saud para comunicar-lhe que o embaixador o aguardava em sua sala. Kamal devolveu os retratos ao criado-mudo, despediu-se com o clássico cumprimento oriental e abandonou o quarto.

— Não gosto do jeito como esse árabe olha para você — disse Sara. — Cuidado com os árabes, Francesca. Eles são como caçadores. E esse, com esses olhos de tigre, olha para você como se fosse uma gazela. Tenha cuidado, querida. Se ele a pegar, você não conseguirá escapar de suas garras.

Quando Kamal entrou na sala, sem bater, Dubois estava interrogando Malik, que não se dava o trabalho de esconder a satisfação que sentia pela pancada que Francesca havia levado, pois, segundo insistia, “ela é muito descuidada, apesar das minhas advertências de que deve ter mais atenção”.

— Não esqueça, senhor embaixador, que se viam as panturrilhas — disse ele.

— Onde você estava quando tudo aconteceu? — interveio Kamal, sem se importar por desautorizar Mauricio.

— Veja, alteza, eu... estava ali, e logo me aproximei para ajudá-la.

— Isso é mentira — afirmou Kamal. — O que me levou à senhorita De Gecco foram seus gritos desesperados chamando você. E você apareceu depois de mim.

— Na realidade, alteza, eu havia me afastado por um instante para conversar com um amigo que é dono de uma tenda. Estava poucos passos mais além.

— Como pôde deixá-la sozinha um instante sequer?! — disse Kamal, alterado.

Dubois se interpôs, achando que seu amigo pularia sobre Malik.

Al-Saud, incomodado com o próprio destempero, deu meia-volta e dirigiu-se à sala contígua, onde se largou no sofá e acendeu um cigarro. Escutou a voz de Mauricio, que, sem maior autoridade, pediu a Malik que não mais se afastasse de nenhuma pessoa da embaixada quando saíssem dos limites do bairro. Dubois dispensou o motorista e foi até Al-Saud.

— Por favor, Kamal, o que está havendo? Jamais o vi tão alterado.

— Quem é esse sujeito?

— Meu motorista. Malik bin Kalem Mubarak.

— Como veio trabalhar aqui?

— Foi recomendado por sua família. Trouxe uma carta muito elogiosa, assinada pelo secretário particular de seu irmão, o rei Saud.

Kamal se levantou, e sua figura imponente acovardou Mauricio. Rapidamente, ele explicou que não pudera se recusar a contratá-lo, que não era um mau funcionário e que trabalhava com afinco. Al-Saud arrastou Mauricio para fora e, no corredor, livres de possíveis microfones ocultos, afirmou:

— Ele é espião de Saud.

Mauricio se mostrou reticente a acreditar, mas os argumentos de seu amigo acabaram minando sua confiança. Não era estranho pensar que Saud supusesse que, além de recordar os velhos tempos no colégio interno na Inglaterra e os dias na Sorbonne, Kamal e ele trocavam informações valiosas, úteis na luta pela conservação de seu trono cambaleante.

— Os dias de meu irmão no trono estão contados — sussurrou Kamal. — E ele sabe. Sabe também que a família quer que eu fique no lugar dele. Não acha que ele faria qualquer coisa para defender seu poder? Eu o conheço melhor que você. Ele não tem escrúpulos, e lutará com o que tiver à mão para se manter no trono. Acredite quando eu digo que Malik está aqui para espionar meus movimentos.

— Então, vou demiti-lo — afirmou Mauricio, alterado. — Não quero dedos-duros em minha embaixada.

— Não, demiti-lo seria revelar que sabemos por que está aqui. Afinal de contas, se você está dizendo que ele é um bom funcionário, que desculpa poderia dar para demiti-lo? É melhor deixar que ele acredite que continuamos no escuro e usá-lo segundo nossos interesses.

Mauricio gostava muito de Kamal, e teria feito qualquer coisa por ele, mas misturar os assuntos da embaixada com as picuinhas internas da dinastia Al-Saud não lhe parecia bom. De qualquer maneira, assentiu sem vontade, pois também não queria contradizê-lo.

— Mantenha Francesca longe desse homem — disse Kamal após uma pausa. — Não quero que ela saia com ele nem que tenham assuntos em comum. Se você não tiver outro motorista, mandarei um de minha confiança.

— Tenho Kasem. Ele é de confiança e sei que adora Francesca.

— Ótimo.

Kamal tornou a ficar ensimesmado, e Mauricio esperou, receoso.

— Não tenho mais dúvidas — disse o árabe por fim. — Foi o próprio Malik quem entregou Francesca à *mutawa*.

Dois dias depois, Francesca recebeu um buquê com vinte e quatro camélias. Ela jamais havia tido uma camélia nas mãos; de brancura e beleza incomparáveis, ela ficou fascinada com a suavidade das pétalas e a perfeição de sua forma. Recordou o livro de Alexandre Dumas e sentiu-se intimamente comovida. Abriu o cartão com mãos ansiosas e leu a mensagem: “Desculpe, senhorita De Gecco. Kamal Al-Saud”.

Ela teria dado um pulo, com o buquê na mão e o cartão apertado contra o peito, se Sara não a houvesse olhado com uma expressão furiosa.

— São do príncipe Kamal, não são?

— Sim, para se desculpar pela *mutawa*.

— Claro, para se desculpar... — repetiu a argelina, maliciosa.

Francesca ignorou o comentário; não queria discutir, só admirar as flores e pensar no homem que as havia mandado, que, depois de dois dias, ainda se preocupava com ela.

— Onde será que ele as comprou? — perguntou, pois achava tão difícil encontrar até mesmo umas poucas rosas murchas e abertas.

— Eu já falei — disse Sara, solene — que quando um árabe quer algo, ele consegue, a qualquer preço, nem que tenha que mover céus e terras. E esse homem quer você para ele, Francesca. Eu sei que quer.

— Sara, o que está dizendo?

— Leve a sério minhas palavras — disse Sara, brava. — Este país está passando por uma tempestade, e o príncipe Kamal está no olho do furacão. Não se aproxime dele, não lhe dê atenção, ou não sei o que pode acontecer com você.

Depois dessas palavras agourentas, Sara abandonou o quarto. Francesca sentou-se na beira da cama e olhou as camélias. *Que lindas!*, pensou. Pegou o vaso na cômoda, encheu-o de água no banheiro e ajeitou o buquê ali. Era duro pensar que murchariam em pouco tempo. Um dia, não muito distante, teria que as jogar na lata de lixo. *O belo e o bom são tão efêmeros*, pensou, e o rosto de seu pai apareceu, cheio de vida, com aquele sorriso pleno que parecia iluminá-lo como uma aura. “*Dov’è la mia principessa?*” Ela jamais esqueceria as palavras pronunciadas por ele todas as tardes ao voltar do trabalho. Mesmo que estivesse brincando com sua boneca favorita, ela a abandonava ao ouvir “*Dov’è la mia principessa?*”, porque sabia que seu pai a apertaria contra seu peito, encheria suas bochechas de beijos e a levaria no colo até a cozinha para cumprimentar Antonina. Francesca se agarrava com desespero a essa recordação e à do mirante do parque Sarmiento, pois não tinha outras de Vincenzo. Depois, vinha a lenta degradação das feições luminosas de seu pai, o pranto de sua mãe, o velório, o cheiro insuportável de magnólias e velas, o lamento das vizinhas, a carruagem preta e os cavalos, o cemitério de nichos tenebrosos e o cortejo silencioso pelas ruas estreitas. Seu pai havia murchado, como logo o fariam as camélias, e deixado um vazio no mundo de Francesca.

Existiria algo bonito e bom que durasse para sempre? O amor de Aldo também havia desaparecido, e só restara uma ferida mal cicatrizada, que de vez em quando doía e supurava.

Na manhã seguinte, um rapaz bateu na porta da embaixada e anunciou que trazia um envelope para Francesca. Kasem disse que o receberia, mas o garoto não aceitou, insistindo que voltaria quando a senhorita De Gecco pudesse atender-lhe pessoalmente. Contrariado, Kasem o convidou a entrar e pediu que aguardasse. Algum tempo depois, Francesca entrou no vestíbulo, com o pé enfaixado, apoiada no antebraço de Sara.

— Sou Francesca De Gecco — apresentou-se, e Sara traduziu suas palavras ao árabe. — Disseram que você trouxe algo para mim.

— Sim, senhorita. — O garoto estendeu-lhe um envelope pardo com seu nome.

Francesca o abriu e retirou uma pasta verde que não demorou a reconhecer como aquela que guardava o processo do pedido de visto de Aldo. Um carimbo grande, de tinta vermelha, destacava-se na capa e dizia em inglês: “Indeferido”.

— Quem lhe deu isto? — inquiriu ela.

— Meu chefe, senhorita.

— Quem é seu chefe?

— Jalud bin Malsac. Ele trabalha na Agência de Imigração, senhorita.

Francesca entregou umas moedas ao rapaz e o dispensou. Antes de entregar a pasta ao embaixador, revisou-a criteriosamente, sem encontrar razão para o indeferimento; havia apenas algumas anotações em árabe, com o escudo de palmeiras e cimitarras como timbre, intercaladas entre os documentos, e, por último, uma carta em francês dirigida a Dubois e assinada por Jalud bin Malsac, na qual informava que era impossível permitir a entrada do cidadão argentino Aldo Martínez Olazábal, visto que a cota de vistos a estrangeiros já havia sido atingida naquele ano. Ela fechou a pasta e foi à sala

de Mauricio, perguntando-se o que sentia. Alívio, por um lado, embora, no fundo, quisesse tornar a ver Aldo, longe de tudo e de todos. Fantasizou uns dias a sós em Riad, do outro lado do planeta, sem Dolores ou dona Celia se interpondo entre eles como sombras, sem a culpa angustiante de amar um homem casado, que, por outro lado, havia covardemente traído seu amor. Nada disso contaria em Riad: nem Aldo seria um covarde, nem ela uma mulher qualquer; seriam somente os apaixonados de Arroyo Seco.

A palavra carimbada em tinta vermelha a devolveu à realidade.



Apoiada em uma coluna de mármore, Francesca contemplava o salão da embaixada francesa. Chamaram-lhe a atenção os belos afrescos de estilo rococó no teto, as molduras folhadas a ouro, os três lustres de tamanho imponente e as janelas altas com pesadas cortinas de veludo, que, escancaradas, davam passagem ao frescor do sereno. Em um canto, a longa mesa se destacava, coberta de manjares: faisões assados, um peru recheado, saladas, caviar, santola, lagostins e uma grande diversidade de molhos. Os garçons, apesar da presença de alguns árabes, ofereciam taças de champanhe. Dezenas de casais dançavam no centro do salão, circundados por grupos que, em conversas animadas, desfrutavam os pratos e bebiam. A festa de fim de ano organizada pelo embaixador francês era um sucesso.

Francesca, no entanto, estava contrariada. Perguntava-se por que Mauricio a havia convidado se não parava de discutir política com diplomatas europeus. Achou uma descortesia que a deixasse sozinha. Ela já havia cumprimentado Le Bon, sua filha Valerie, que estava maravilhosa em um vestido de lamê prateado, Méchin, que elogiou seu vestido de formatura sem graça, presente de tio Fredo, e Ahmed Yamani, o jovem amigo do príncipe Kamal que havia comparecido ao jantar na embaixada argentina tempos atrás. Ninguém mencionava Al-Saud, e ela se abstinha de perguntar por ele. Não tivera notícias dele desde o incidente no mercado, duas semanas antes. Talvez houvesse voltado à Europa ou aos Estados Unidos, sempre ocupado com seus assuntos. Como se atrevia a

pensar que um homem como ele, príncipe da dinastia que era dona de grande parte do petróleo do mundo, ocupado com problemas complexos, que frequentava os salões europeus mais elevados e seletos, pensaria em uma simples secretária de embaixada que não sabia sequer como se comportar no mercado de Riad?

Valerie e seu pai pediram licença para cumprimentar uns conhecidos, e Yamani se juntou a um grupo de franceses, deixando-a sozinha com Jacques Méchin, que imediatamente a convidou a dançar a música seguinte. Francesca levantou levemente o vestido, e ele pôde ver que o pé ainda estava enfaixado.

— Ah, certo! Desculpe, senhorita, eu havia esquecido. Venha, vamos nos sentar ali. Teremos uma vista fantástica da pista de dança. Sente dor? — perguntou, já sentados no sofá.

— Não, já quase não sinto dor, mas prefiro não abusar. O doutor Al-Zaki me disse que, por precaução, devo usar a faixa mais uns dias. Mas já quase não manco.

Méchin ficou calado. Francesca intuiu que ele queria mencionar o incidente do mercado, mas que se reprimia, talvez para não expressar o que realmente achava de algumas práticas árabes.

— Por que vive na Arábia, senhor Méchin?

— Porque amo esta terra. Quando cheguei, eu era estudante de arqueologia, membro de um grupo de pesquisas que tentava seguir a rota das cruzadas. Ao chegar às margens do mar Vermelho, tivemos problemas: roubaram grande parte de nosso equipamento e destruíram os dois jipes, único meio de transporte com que contávamos. Uma tribo de beduínos nos ajudou. Vivemos com eles durante algumas semanas; eles nos mostraram o deserto, seus melhores oásis, e nós nos deleitamos com suas comidas. Enfim, conhecemos em detalhes seus costumes e religião. O grupo de pesquisas voltou a Paris, mas eu decidi ficar algum tempo. Nunca mais voltei. Conheci Abdul Aziz em Ta'if, uma das cidades mais bonitas da

Arábia. Lá, eu me converti ao islamismo e travei a amizade mais sincera e duradoura de minha vida. Nunca mais me afastei de Abdul Aziz. Pouco tempo depois, ele fundou o reino e nomeou-me seu vizir. Ah, Kamal está chegando — disse, interrompendo-se de súbito.

O coração de Francesca deu um pulso. Ela o buscou com o olhar por entre as pessoas que circundavam as mesas, mas Méchin o indicou a alguns passos: ele estava convidando Valerie Le Bon para dançar. Andaram de mãos dadas até a pista, onde Kamal pegou Valerie pela cintura, e ela passou seu braço pelo pescoço dele. Dava para notar que era um momento muito agradável, pelo sorriso que ocupava o rosto de Al-Saud e por sua loquacidade. Valerie, por sua vez, estava satisfeita com aqueles braços fortes ao seu redor.

— Pensei que Kamal não viria — comentou Méchin. — Ele acabou de chegar do Kuwait. Jalifa Al-Sabah o convidou a passar uns dias em seu palácio às margens do golfo. Os Al-Sabah são a dinastia reinante no Kuwait, muito amigos dos Al-Saud.

— Com licença, senhor Méchin, preciso ir um instantinho ao banheiro.

Méchin a acompanhou até o início do corredor e voltou à festa, onde se uniu a Dubois e a Le Bon. No banheiro, Francesca refrescou o rosto e ajeitou o cabelo. Voltou ao salão mais arrumada, mas a fumaça dos cigarros, o murmúrio incansável e a felicidade que todos pareciam sentir a obrigaram a buscar alívio na varanda. Ela logo chegou à balaustrada, onde apoiou os cotovelos e cobriu o rosto. *Melhor assim... Ele que dance com Valerie*, pensou, elevando os olhos ao céu, limpo e exuberante de estrelas, que a fez esquecer Kamal Al-Saud e Valerie Le Bon. Ela parecia petrificada, com o olhar perdido na noite, sem noção do tempo nem da algaravia que escapava pela porta da varanda.

— É uma linda noite — disse alguém atrás dela.

Ela estremeceu. Reconheceu imediatamente a voz de Al-

Saud.

— Nunca vi uma igual — afirmou ela, sem se voltar.

Kamal se aproximou da balaustrada, e, como um manto, o perfume dela o envolveu. Apoiou as mãos sobre a mureta, e Francesca as observou de soslaio: eram vigorosas e escuras, com dedos longos e unhas limpas, refletindo beleza e potência em harmonia. Ele usava um Rolex de ouro e um discreto *chevalière* no dedinho esquerdo.

— Cheguei há pouco tempo e a procurei por todo lado — comentou Kamal.

— É mesmo? — respondeu Francesca, olhando para a escuridão do parque.

— Você parece zangada esta noite — afirmou Kamal, torcendo os lábios. — Acho que prefere ficar sozinha. É melhor eu voltar à festa. Desculpe por ter interrompido sua tranquilidade.

Francesca se virou, arrependida.

— Desculpe, alteza. Fui mal-educada se o fiz acreditar que sua companhia não me agrada.

Ela o olhou nos olhos e o mundo se calou: só tinha consciência de si e do príncipe que a observava fixamente, sem pestanejar. Em torno deles, criou-se um vazio pesado e sugestivo. O olhar dominante dele a hipnotizava e, embora ela lutasse para reassumir o controle, uma força dentro dela a prendia ao encantamento, fazia-a esquecer os motivos que a levavam a detestar os árabes. Um sorriso de Al-Saud a devolveu à realidade. Envergonhada, prosseguiu:

— Peço-lhe que fique e que me dê a oportunidade de agradecer-lhe por tudo que fez por mim aquele dia no mercado.

— Não há nada que agradecer. Lamento por não ter chegado um minuto antes e evitado que acontecesse. No entanto, permita-me dizer que o agente da *mutawa* que a agrediu já foi afastado de seu cargo.

O tempo passado desde a ida ao mercado havia suavizado o

coração de Francesca, e, por mais que ela tentasse se alegrar com a notícia, a sensação perturbadora que experimentava não a deixava sentir a raiva e o ódio de antes.

— Acredite, alteza, que lamento que esse homem tenha perdido o emprego. Tenho certeza de que ele só estava cumprindo seu dever. Como já admiti uma vez, repito agora: fui imprudente ao sair com uma *abaaya* que não cobria totalmente minhas pernas.

— Eu acredito — afirmou Kamal. — Porém, tenho certeza de que o agente deveria ter agido com mais cautela. Se ele a houvesse interrogado, você teria tido a oportunidade de explicar que é estrangeira. Isso a teria eximido do castigo.

— Quer dizer que se eu fosse uma mulher árabe, a agressão teria sido justa?

— As mulheres de meu povo conhecem seus deveres. É inconcebível que uma mulher árabe cometa a imprudência de sair mal coberta.

Francesca se conteve para não replicar. Kamal Al-Saud já havia suportado com estoicismo e educação impertinências demais de sua parte. Francesca se calaria e engoliria seus argumentos.

— Sim, claro — aceitou, complacente.

Kamal soltou uma curta gargalhada.

— Eu sei muito bem que acha que o que acabei de dizer é uma estupidez. Mas agradeço a trégua. Na verdade, não estou com vontade de discutir com você, e, sim, de ter um momento agradável.

Ela ficou vermelha como um tomate, mais uma vez vulnerável diante da destreza e segurança daquele homem. Sorriu abertamente depois desse instante de aturimento, certa de que qualquer argumento, por mais falso que fosse, seria inútil e tornaria a colocá-la no papel de menina imatura.

— Seu sorriso é lindo — disse Kamal, repentinamente sério. — Dançaria comigo o resto da noite?

Francesca se arrependeu de ter recorrido à dor no pé como

desculpa para não dançar com Jacques Méchin; nesse momento, mesmo que estivesse engessada, teria aceitado dançar com Al-Saud.

— Lamento, alteza, mas o doutor Al-Zaki me disse ontem que ainda devo ter cuidado e evitar forçar o pé.

Kamal franziu o cenho, e Francesca temeu tê-lo contrariado com sua recusa. Era extenuante conversar com esse homem.

— Então — disse Kamal —, não deveria ficar tanto tempo em pé. Vamos para o jardim. Podemos sentar naquele banco.

Ele a tomou pelo braço e a ajudou a descer a escadaria da varanda. Francesca se sentia ridícula: na realidade, poderia ter corrido escada abaixo sem problemas, porém tinha que fingir certo mal-estar no tornozelo para justificar tanto cavalheirismo da parte do príncipe. Ele a segurava e a guiava com suavidade e cautela, como se ela fosse se quebrar em mil pedaços a qualquer momento.

Francesca gostava de senti-lo perto de si; o corpo forte e viril dele roçava suas costas, fazendo um calafrio percorrer sua coluna vertebral. Poderia ficar andando ao lado dele durante horas, sem se cansar nem se entediar, ciente só de seu contato, embargada pelo aroma do tabaco e de seu perfume almiscarado.

Surgiram dúvidas; afinal de contas, o que sabia sobre Al-Saud? Que era um príncipe, amigo íntimo de seu chefe, que viajava com frequência e que havia estudado nos melhores colégios e universidades europeus. Quantas esposas teria? Ela sabia que uma se chamava Fátima; notara uma inflexão no tom de voz dele quando se referiu a ela no dia do episódio no mercado. Ele sorria e trocara a expressão séria por uma doce e complacente, que Francesca nunca tinha visto nele. Devia amá-la muito.

Sentaram-se. Francesca ficara totalmente desanimada.

— Hoje de manhã, assim que voltei do Kuwait, fui ver o doutor Al-Zaki — comentou Kamal. — Ele me disse que seu

pé está em perfeitas condições e que não restará nenhuma sequela.

— Ele foi mais flexível com o senhor do que comigo. Ainda me obriga a usar a faixa e a fazer compressas todas as noites. Há alguém doente em sua família? Pergunto porque estive com o doutor hoje de manhã...

— Não, ninguém doente. Por vontade de Alá, todos gozam de excelente saúde. Fui ver o doutor Al-Zaki para perguntar por você. Queria me assegurar de que tudo estava bem.

— Ah.

De qualquer maneira, ela não devia se iludir: Al-Saud, movido pela culpa e pela amizade com Dubois, preocupava-se com ela como o faria qualquer pessoa educada e diplomática.

— Não tive oportunidade de lhe agradecer pelo buquê de camélias que me mandou — disse ela, insegura. — Eu já havia ouvido falar dessas flores, mas nunca tinha tido uma nas mãos. É a flor mais perfeita e mais bonita que já vi.

— Fiz questão de que fossem camélias — disse Al-Saud —, porque me fazem recordar a brancura de sua pele. — Ele tomou-lhe a mão e contemplou-a sem urgência nem ansiedade. — Minha pele parece mais escura em contraste com a sua — disse, por fim, e soltou-a suavemente. — Aposto que nunca viu uma lua como esta — acrescentou, repentinamente animado.

— Na Arábia, a lua parece estar mais perto da Terra — admitiu Francesca.

— Ela é muito importante para nós, beduínos. Sua luz nos guia no deserto.

— Por que cada vez que fala dos beduínos, alteza, usa a primeira pessoa?

— Porque eu sou beduíno; meu pai foi um beduíno, assim como meu avô e toda minha ascendência. Durante séculos, vivemos no deserto, e nós o conhecemos como ninguém. Nós aceitamos suas inclemências e aprendemos a conviver com elas. Por muito tempo, o deserto serviu como uma muralha

natural para evitar nossos invasores, e nós o respeitamos. Eu quase diria que o idolatramos por isso.

— De qualquer maneira, o senhor não é mais um beduíno, não no sentido estrito da palavra. Quero dizer, não é nômade e não vive em tendas.

— Em algumas épocas do ano, eu vivo em tendas e vago pelo deserto, sim. — Kamal riu diante da expressão de Francesca. — Não consegue acreditar que na metade do século XX ainda exista uma forma de vida tão antiga e inculta, não é?

— Para ser sincera, é difícil acreditar.

— De qualquer maneira, ser beduíno é muito mais que viver em tendas e perambular pelo deserto. Nós temos que lidar com a área mais hostil do planeta, e aprendemos a sobreviver a suas secas, a seus ventos e a seus perigos incontáveis. Sabia que o deserto de Rub' al-Khali é o mais inóspito da Terra? Ocupa a região sudeste de meu país. Ninguém se aventura nele, só nós, e com muito respeito, sem ultrapassar os limites que ele nos impõe. O beduíno é corajoso por natureza; precisa ser, senão, perece. E precisa ser sábio também, pois, ao contrário dos ocidentais, ele venera e entende a natureza, não encontra nela um inimigo que tem que vencer e subjugar. E apesar da hostilidade de que é vítima, defende sua terra, porque é a única coisa que Alá lhe deu, além dos cavalos.

Ele falava com paixão, mas sem levantar o tom de voz, gesticular ou agitar as mãos. Falava com firmeza e certeza, desprovido de veemências vãs e fanatismos. Ela se comoveu escutando-o; era difícil não se encantar com sua energia e seu ardor. Inexplicavelmente, sentiu orgulho dele. Admirava-o por professar tanto amor por sua terra, por conhecê-la tão bem e por preferi-la, apesar de ter vivido nos lugares mais bonitos da Europa. Ela se deu conta de que não sentia esse apego por Córdoba, nem pela Sicília, de onde sua mãe falava tanto. Só em Fredo havia encontrado paixão similar, quando ele falava sobre o vale d'Aosta e a Villa Visconti.

— Eu o admiro — confessou Francesca.

— Por quê? — surpreendeu-se Al-Saud.

— Por amar tanto seu país e sua gente. Eu não sinto essa paixão por nada e, ao me comparar ao senhor, percebo que perdi tempo com bobagens, que não concentrei minhas forças em nada especial.

— Não posso acreditar nisso — replicou Kamal. — Uma mulher como você dificilmente se concentraria em bobagens. E quanto a sua família? Por acaso, não sente grande afeto por ela? Eu notei que você adora o cavalo da fotografia. Seus olhos se iluminaram quando falamos dele.

— Sim, é verdade, Rex é especial para mim.

— Sente falta dele, não é?

— Sim, muita. Mas nem sempre podemos ter tudo que desejamos.

— Isso não é verdade — asseverou Al-Saud. — Podemos ter tudo que desejamos, se desejarmos de coração, sem sombra de dúvidas e sem preconceitos.

— E se não formos covardes — completou Francesca, abatida.

— Você não tem uma gota de covardia. É o que dizem os seus olhos.

Kamal pegou um cigarro, e, ao franzir o cenho para acendê-lo, Francesca pensou que ele era o homem mais bonito que já havia conhecido. Sua virilidade a perturbava. Estavam tão próximos que ela podia escutar a respiração compassada dele e apreciar com mais atenção a beleza de suas feições, em especial, a pele lisa e os lindos olhos verdes, escurecidos pela noite.

Escutaram passos e se voltaram. Uma túnica branca surgiu na penumbra e aproximou-se sem pressa, escoltada por outras duas, que se detiveram a uma distância prudente. Kamal se levantou e se dirigiu ao inoportuno em árabe. Sob o turbante, Francesca distinguiu um homem de não mais de cinquenta anos, mais baixo que Al-Saud e com uma

barriguinha incipiente. Não gostou do jeito como ele cravou os olhos nela, nem de seu sorriso astuto, que lhe dava um aspecto ordinário e lascivo.

— Senhorita De Gecco — disse Kamal —, este é meu irmão, o rei Saud Al-Saud.

Após um instante de estupor, Francesca disse que era uma honra conhecê-lo e fez uma reverência.

— Senhorita De Gecco — repetiu Saud —, a famosa secretária de Mauricio.

— Famosa, majestade? — estranhou Francesca.

— Eu soube de seu lamentável encontro com a *mutawa* no mercado — esclareceu o rei, deixando claro que não era alheio a nada que ocorresse em seu reino.

Ela corou e baixou os olhos, murmurando desculpas. Kamal tomou a palavra e dirigiu-se ao irmão em árabe. Usou um tom frio, e seu semblante se endureceu. Não foi difícil para Francesca compreender que a relação entre eles não era muito boa. Saud também o olhava com animosidade e, de vez em quando, soltava gargalhadas curtas e forçadas, como se menosprezasse o que Kamal dizia.

— Eu me despeço, senhorita — disse Saud, executando a saudação oriental.

— Foi um prazer, majestade.

— O prazer foi meu, garanto. Como de costume, meu irmão tem o melhor gosto ao escolher sua companhia.

O rei voltou à festa com seus guarda-costas. Lá, despediu-se do embaixador francês e dos demais convidados.

— Deve ser uma grande honra para o embaixador francês ter o rei da Arábia em sua festa — comentou Francesca, bastante surpresa.

— Sim, uma grande honra — murmurou Kamal, sem mencionar os favores políticos e econômicos que Saud pretendia mendigar ao governo francês para enfrentar a crise.

— Vamos voltar à festa — disse a seguir.

Durante o resto da noite, Al-Saud esteve frio e distante.

Voltou a dançar com Valerie e conversou com um grupo de árabes. Não a olhou nem lhe dirigiu a palavra, e, depois de uma hora, foi embora com seu amigo Ahmed Yamani sem se despedir dela.

O rei Saud entrou no Rolls-Royce que o aguardava à entrada da embaixada da França e ordenou ao motorista que o levasse para casa. Tariki, o ministro mais importante de seu governo, estava sentado ao seu lado e olhava-o de soslaio. Conhecia aquela expressão de profunda contrariedade.

— Cruzou com Kamal, não foi? — perguntou o ministro.

— Não cruzei — esclareceu Saud. — Eu o procurei de propósito. Ele estava com a secretária de Dubois, aquela de quem Malik nos falou.

— A que teve problemas com a *mutawa*?

Saud assentiu e não disse mais nada. Mergulhou em uma tempestade de planos e ideias que tinham uma única finalidade: tirar Kamal de seu caminho. Ele sabia que a família havia pedido a Kamal que assumisse o governo, como fizera em 1958, e sabia também que se Kamal ainda não aceitara, era somente porque exigia o controle total e absoluto das engrenagens mais importantes do país. Se a situação chegasse a isso, a figura do rei logo se transformaria em uma marionete, em uma simples questão de cumprimento de protocolo. Daí a solicitarem sua abdicação, seria um passo.

— Francesca De Gecco, não? — disse Saud, de súbito.

— Como?

— A secretária de Dubois. O nome dela é Francesca De Gecco, não é?

Tariki o olhou, confuso; já havia esquecido Kamal, Dubois e sua secretária, preocupado com graves problemas. A próxima reunião da Opep e a fixação de cotas de produção petrolífera tiravam-lhe o sono. Ciente de que se tratava de um objetivo ambicioso, ainda tinha dúvidas sobre como abordá-lo. A

definição e a aplicação de uma fórmula equitativa que estabelecesse o preço do petróleo era outro dos seus desafios, em estreita relação com o anterior. Mas, independentemente das dificuldades de tal empreendimento, ele se sentia eufórico: o respaldo total e absoluto do rei da Arábia, por um lado, e o do presidente da Venezuela, por outro, propiciavam-lhe a força política que seu projeto requeria. E embora não confiasse nisso plenamente, pois sabia que Reza Pahlavi era aliado do Ocidente, o cauteloso leilão que o xá havia iniciado em busca de um melhor ressarcimento o animava a pensar que em breve o Irã acabaria se aliando à Arábia Saudita.

E enquanto Tariki se preocupava com todas essas questões, Saud falava da secretária de Dubois. Que diabos tinha na cabeça? A rivalidade com seu irmão Kamal estava começando a cansá-lo. Na realidade, Tariki apreciava o príncipe, a quem conhecia desde pequeno. Gostava de conversar com ele, pois conhecia profundamente questões de ordem mundial das quais Saud, mais interessado em gastar a fortuna da família, não havia ouvido falar.

Mesmo sabendo que Kamal era contra o cartel petroleiro, Tariki tinha certeza de que trabalhar com ele teria sido mais fácil e agradável. Em certas ocasiões, o peso das decisões o angustiava, e não havia ninguém com quem compartilhá-lo. Saud se limitava a assinar os documentos e decretos como faria um cego.

— É uma jovem lindíssima — prosseguiu Saud. — Sua pele parece porcelana. Kamal parecia realmente interessado nela.

— Você sabe muito bem que seu irmão troca de amante como você troca de automóvel. Será mais uma de suas conquistas, que ele logo descartará.

— Você teria que vê-la para acreditar: tem o rosto de um anjo e o corpo de uma deusa. É irresistível. Eu conheço meu irmão — insistiu o rei. — Sei que está louco pela secretária de Dubois.

— Não se engane, Saud. Você não conhece seu irmão. Ninguém o conhece. Ele é inexpugnável como uma fortaleza. Jamais alguém saberá o que pensa, e menos ainda você.

Sim, Kamal era sagaz e calculista, falava pouco e prestava muita atenção; às vezes, parecia invisível, até que, em um ponto da polêmica, expressava uma reflexão que deixava a maioria boquiaberta. Escutava com paciência e consideração e, embora às vezes parecesse distraído, não perdia nem uma palavra ou detalhe. Era impossível interpretar o significado de seus gestos e expressões e nunca se podia saber que opinião tinha sobre uma pessoa, um fato ou uma decisão. Embora a inveja exasperasse Saud, tinha que reconhecer que Kamal era um reflexo fiel de seu pai, o bravo beduíno fundador do reino, o sagaz dirigente temido e respeitado pelas potências mundiais e adorado pelo povo.

Saud, porém, sentia-se longe dessa descrição: tinha dificuldade de controlar seus impulsos, de se concentrar nas questões de Estado, e, depois de oito anos de reinado, ainda não conseguia abarcar tudo que se esperava dele como rei. Os problemas chegavam diariamente a seu gabinete e o sufocavam. A Arábia sofria carências básicas de estrutura, que o rei Abdul Aziz não havia conseguido superar antes de sua morte, entre elas, a precária unidade política que tribos de beduínos e seitas islâmicas punham em risco ao se declararem independentes e fixarem suas fronteiras dentro do território do reino.

A escassez de fundos, que desapareciam tão logo entravam nas arcas do tesouro, constituía seu maior pesar; a inumerável família Al-Saud, sempre sedenta de pensões provenientes do petróleo, exigia somas cada vez maiores para manter o padrão de vida que havia alcançado e que não queria perder. Nesse assunto, Saud aceitava sua falta de autoridade moral para acabar com o desperdício: seu padrão de vida era, de longe, o mais extravagante e caro. Ele era fascinado por automóveis ingleses, em especial das marcas Jaguar, Rolls-Royce e Aston

Martin, e adorava o rugido do motor da Ferrari que havia acabado de comprar em Maranello. Tinha uma fortuna investida em cavalos de corrida e gastava muito dinheiro em apostas, apesar da proibição corânica aos jogos de azar. Dava joias a suas amantes ocidentais, estabelecia-as nos melhores bairros de Paris e Londres e pagava suas contas sem reclamar. Passava férias deliciosas em locais paradisíacos, onde não poupava gastos nem reparava em miudezas; sua última temporada nas ilhas Fiji havia lhe proporcionado tanto prazer que ele não se arrependia da soma fabulosa que havia deixado em hotéis, lojas, cassinos e restaurantes.

Nesse sentido, Kamal estava à frente: sua fortuna pessoal não se baseava só nas regalias a que tinha direito pela exploração de petróleo, pois a venda de seus famosos cavalos, uma raça única muito valorizada por sua beleza estética e velocidade, havia aumentado significativamente o saldo de suas contas bancárias nos últimos anos, tanto que poderia manter seu padrão de vida sem o dinheiro derivado do ouro negro. Além de tudo, a herança que receberia depois que o xeque Harum Al-Kassib, seu avô materno, morresse chegava a vários milhões de dólares e contribuía para assegurar seu futuro econômico.

Kamal se tornaria um homem poderosíssimo se chegasse ao trono, e não estava longe de conseguir isso. O que seria de Saud se o obrigassem a abdicar? O que viria a seguir? O exílio? Ele não suportaria a humilhação, a distância, a falta de dinheiro, a desonra. Kamal não se tornaria rei. Saud cuidaria disso.

Voltou a pensar no brilho raro que iluminava o olhar de seu irmão enquanto contemplava a jovem argentina; isso lhe havia revelado, pela primeira vez, os sentimentos do coração inextricável de seu irmão.

— Meu irmão Faisal organizou um encontro em sua casa para avaliar a situação do reino — comentou Saud. — Eles vão se reunir amanhã à tarde.

— Como você soube? Imagino que não foi convidado — disse Tariki com sarcasmo.

— Você sabe que tenho espiões por todo lado. — E, batendo na janela com fúria, acrescentou: — Esse bando de traidores não vai se livrar de mim como se eu não fosse ninguém. Meu pai me nomeou seu sucessor. Não vão me tirar do trono.

Tariki se ajeitou no banco, observando Saud com preocupação. Considerava-o caprichoso e banal, sempre preocupado com suas questões pessoais, que, em geral, giravam em torno de mulheres, cavalos, carros importados e viagens. Para ele, Saud Al-Saud era um ser inofensivo, facilmente manipulável desde que suas veleidades fossem satisfeitas. No entanto, a atitude dele nesse momento, sem traços de falsidade, seu semblante endurecido e suas sobrancelhas grossas unidas em uma só linha deixaram-no em alerta, pois, assim como o considerava medíocre e superficial, também tinha certeza de que era um homem sem escrúpulos. Pouco inteligente, certo, mas com dinheiro e falta de senso moral suficientes para fazer tudo aquilo que lhe permitisse alcançar seus desejos. Tariki, que havia lutado com intrepidez para colocar a Arábia no lugar em que se encontrava, não estava disposto a perder o terreno ganho por causa de uma velha disputa entre irmãos.

— Como pretende deter a pressão de sua família? — perguntou Tariki. — Você sabe que a intervenção de Kamal em 1958 impediu que quebrássemos. As condições atuais não são muito diferentes. Você poderia aceitar a colaboração dele e, assim, aplacar os ânimos de sua família.

— Nunca — afirmou Saud. — O que Kamal pode fazer que eu não posso?

— Para começar, você deveria ter um controle estrito de gastos e da distribuição de pensões. Depois, planejar o fluxo de fundos em um prazo de três anos, pelo menos. No entanto, acho que é tarde demais. Sua família perdeu a confiança em

você e, mesmo que demonstre boa vontade para moderar os gastos e administrar as receitas, deseja a mão dura e a sagacidade de Kamal.

— Com assessores como você, quem precisa de inimigos?
— ofendeu-se Saud. — Amanhã, pedirei ao ministro da Fazenda um planejamento de gastos e imporei um controle estrito da distribuição das pensões. Vamos ver se com isso acalmo o nervosismo de meus tios.

Faltava pouco para chegar ao palácio, e Tariki sabia que não teria outra oportunidade para arrancar de Saud quais eram suas verdadeiras intenções. O rei estava um pouco embriagado — ele mesmo o vira com uma taça de champanhe na mão em várias ocasiões —, alterado e cheio de raiva e, assim, Tariki conseguiria fazê-lo falar. No dia seguinte, com a mente clara e as emoções controladas, não conseguiria uma confissão.

— Você e eu sabemos muito bem que um controle de gastos não impedirá que intervenham em sua gestão — disse Tariki. Na escuridão do automóvel, ele buscou o olhar do rei e notou que sorria. — Na realidade, seu problema é outro — acrescentou o ministro.

— Kamal — completou Saud. — Meu único problema sempre foi ele.

— Pois bem — continuou Tariki. — Acho que só lhe resta uma alternativa: aliar-se a ele.

— Está enganado. Ainda me resta outra possibilidade.

O automóvel transpôs o portão da residência de Saud e atravessou o grande jardim antes de parar em frente ao pórtico principal. Dois guardas se aproximaram; um deles abriu a porta do Rolls-Royce, enquanto o outro vigiava o entorno com um fuzil na mão. Antes de descer, Saud se voltou para seu vizir e sorriu com ironia.

— Cuide de aumentar o preço do petróleo, e eu me encarregarei do resto.

Então, disse ao motorista que levasse Tariki até sua residência, não muito longe dali, e despediu-se.

Apesar da temperatura elevada, janeiro estava aprazível. Nas manhãs, mais frescas e úmidas, via-se um céu límpido e azulado sobre o jardim da embaixada, que Francesca gostava de percorrer antes de começar a trabalhar. Ela costumava se sentar em um banco e admirar as palmeiras; gostava do verde de suas folhas enormes, dispostas em roseta sobre o ápice, e do amarelo de suas flores e seus frutos, que pendiam em grandes cachos. Tentava se imaginar em um oásis: uma área cultivada no meio do deserto, como lhe explicara Dubois, com sombras para se proteger do sol sufocante, água fresca e cristalina dos *uadis*, os rios desérticos, tâmaras doces para recuperar o ânimo e outros frutos exóticos que os beduínos apreciavam como pedras preciosas. De qualquer maneira, achava difícil visualizar esse pequeno paraíso no meio da paragem hostil.

Francesca também destinava esse breve recreio matinal à leitura de um livro ou da correspondência que chegava da Argentina. Devido ao Natal, que passara sem que ela se desse conta –, nem sequer havia uma igreja onde rezar diante do presépio –, havia recebido cartões e longas cartas. Sua mãe lhe mandara todo tipo de bênçãos e desejos de prosperidade, acompanhados por recomendações e conselhos. Fredo, afastado da religião havia um longo tempo, confessou que havia acompanhado Antonina à missa do dia vinte e quatro, conseguindo surpreendê-la.

Por volta das nove horas, Francesca voltava à embaixada, onde Mauricio a esperava em sua sala com uma lista de tarefas e pedidos. Ela gostava de trabalhar com Dubois e não tinha dúvidas de que ele também a valorizava como assistente. Sem dúvida, haviam chegado a um ritmo de trabalho harmonioso, sem sobressaltos nem apuros, pois planejavam como seriam os dias e raras vezes saíam do previsto. Dia a dia, Francesca ia se afirmando em seu cargo e voltava a se sentir como em Genebra, onde era consultada sobre a maioria dos trâmites e a vida profissional de seu chefe dependia quase

totalmente dela. Já não tinha a sensação de não ter raízes e achava estranho pensar que havia pouco tempo se perguntava o que estava fazendo ali. Pareciam haver se passado anos desde a manhã em que Malik a pegara no aeroporto de Riad. Sem se dar conta, ela se habituara a escutar, cinco vezes por dia, o chamado dos muezins para orar. Usava a *abaaya* sem notar, comia cordeiro, tomava leite de cabra, e gostava, e estava começando a entender os empregados quando falavam em árabe. As ruas, as praças e os edifícios mais importantes da cidade lhe eram familiares, e, embora por prudência não o fizesse, poderia andar sozinha pelo centro de Riad sem se perder. Os cheiros e a aglomeração do mercado já não a incomodavam, e havia aprendido a se livrar dos vendedores insistentes e das crianças que puxavam sua túnica; inclusive, achava até natural a atitude displicente de Malik.

Não havia recebido mais notícias de Aldo. Para dizer a verdade, seu silêncio a surpreendia. Imaginava que a relação entre ele e Dolores havia melhorado, que já não discutiam nem dormiam em quartos separados, que Aldo a enchia de chamegos e que estavam esperando um filho. Diante dessa ideia, não ficava triste, mas também não ficava feliz, e era a contradição de seus desejos o que a inquietava.

Janeiro passou sem mais novidades e fevereiro começou com boas perspectivas. Por isso, ela não sabia se se alegrava ou se desanimava com a notícia de que Dubois e ela iriam a Jidá a trabalho e ficariam hospedados na casa do príncipe Kamal. Francesca não tivera notícias dele desde a festa na embaixada da França. Kamal Al-Saud era como um ladrão astuto, que entrava e saía de sua vida, transtornando-a, deixando-a com o coração palpitante de uma mulher apaixonada. Ela não sabia replicar ou enfrentá-lo. Incomodava-a sua atitude, sua sedução que logo se transformava em indiferença. Sua intenção não era voltar a vê-lo: queria paz.

Francesca decidiu que seria mais benéfico permanecer em

Riad para cuidar dos assuntos da embaixada, mas Dubois se opôs com uma tenacidade que era rara nele. Por fim, a probabilidade de uma reunião com um grupo de empresários italianos pôs fim à discussão.

— Não conheço uma palavra desse bendito idioma. Se eu conseguir marcar uma reunião com os italianos, você será uma peça-chave. Além do mais, vai conhecer Jidá, a cidade que tantos cuidados lhe provocou quando a estava pesquisando para aquele relatório que lhe pedi.

No dia seguinte à festa na embaixada da França, Kamal faltou à reunião que aconteceria na casa de seu irmão Faisal. A inflação, o sistema financeiro, a situação econômica, o desemprego e a industrialização seriam temas centrais da agenda do encontro, questões de primeira ordem que requeriam soluções imediatas, que a família esperava receber dele. Porém, Kamal deixara Riad pouco antes de amanhecer e se dirigira a seu refúgio em Jidá. Atravessara o deserto de Nedjed a grande velocidade em seu Jaguar, adentrara a região do Hejaz, onde parara para orar voltado para Meca, lotada de peregrinos nessa época do ano, e chegara a Jidá quando o sol se punha no horizonte.

Ao transpor o portão de sua propriedade, começou a encontrar a serenidade que buscava com desespero. Era difícil para ele lidar com esse estado de ânimo que lhe era tão incomum que nem sequer conseguia definir. Não era tristeza nem alegria; também não se sentia eufórico nem deprimido; experimentava todas as emoções ao mesmo tempo, e essa confusão o irritava, pois, pela primeira vez, não era dono de si.

Na fazenda, pediu um café forte e que preparassem seu cavalo. Trocou a túnica por uma calça azul-escura e uma camisa de seda branca, e as sandálias por longas botas, e escolheu um turbante mais leve, bege. Tomou o café

lentamente na sala enquanto Sadun, o mordomo, contava-lhe as novidades e perguntava-lhe pela família, à qual servia havia mais de trinta anos. Minutos depois, ele se dirigiu às estrebarias. Os cavaleiros o saudaram com uma reverência, sinceramente contentes por vê-lo, pois fazia tempo que o amo Kamal não os visitava.

Na entrada da estrebaria, seu cavalo Pegasus o esperava, soberbo em seu porte de garanhão forte e arisco, elegante com a nova sela de camurça. Ele parou a certa distância e o contemplou com orgulho. Seus empregados haviam feito um bom trabalho; o cavalo estava saudável e bem-cuidado. Fadhil, o responsável pelas estrebarias, homem acostumado à criação dos *muniqi*, sabia que Pegasus era especial para seu amo, não só por estar avaliado em quase meio milhão de dólares, mas por ser o último presente que recebera de seu pai; embora ouvisse ofertas tentadoras, o príncipe as refutava sem nem considerar.

Trocou impressões com Fadhil, que segurava as rédeas do inquieto corcel, mas logo o dispensou. Acariciou a cabeça de Pegasus e falou em árabe com ele enquanto tirava a sela e as rédeas para avaliá-lo. Apalpou o lombo do animal, sem encontrar queimaduras ou feridas, observou as patas e as ferraduras, checou o focinho para descartar resfriados e abriu-lhe os beiços para ver seus dentes, brancos e fortes. Por fim, a vivacidade e a energia do cavalo o convenceram de seu perfeito estado físico. Tornou a selá-lo e o montou. Ao sentir o peso de Kamal, o cavalo empinou, relinchou com brio e saiu a todo galope.

Pegasus parou no topo de uma duna, e Kamal lhe permitiu descansar depois de ter galopado por três quartos de hora. Ainda sentado sobre o lombo de seu cavalo, ele se perdeu na paisagem, com a mente a vários quilômetros dali. O grito de um falcão que sobrevoava em círculos o tirou de seus pensamentos.

Ele caminhou com passos tranquilos e regulares. O deserto

sempre operava maravilhas nele: concedia-lhe um respiro, sedava sua alma e levava-o a refletir. Ao mesmo tempo, e em oposição, dava-lhe um vigor que emergia das areias e fortalecia seu caráter. Mas, de qualquer maneira, embora mais sereno, ele não conseguia esquecer Francesca De Gecco.

Desde aquela noite na sede venezuelana em Genebra, quando a beleza latina da moça o encantara e a tristeza de seus olhos o comovera, a obsessão por possuí-la ofuscava sua razão, e, fechando-se a qualquer argumento racional, ele satisfizera o capricho de tê-la em seus domínios.

Queria observá-la de perto, conhecer o som de sua voz e o aroma de seus cabelos, apreciar a suavidade de suas faces, rodear com as mãos a parte mais esbelta de sua cintura, morder seus lábios, arrancar-lhe gemidos, despi-la lentamente, roçar seus mamilos, beijar seu ventre, fazer amor com ela várias vezes até se saciar, como o beduíno sedento que bebe do *uadi* e depois dorme à sombra das palmeiras. Por que prolongava essa sede lacerante que o estava enlouquecendo? Por que não tomava dela o que desejava? Mil desculpas o justificavam: as assíduas viagens, os problemas do reino, os negócios, as pressões familiares. Agora que a tinha a seu alcance, o que o impedia de fazê-la sua? Ele jamais abria mão daquilo que queria possuir, não costumava ser piedoso com suas presas, não parava para pensar nos sentimentos alheios, não atendia a pretextos nem a súplicas. Mas, com Francesca De Gecco, fazia o contrário. Existia algo diferente nela, algo que o cativava sem que ele soubesse ainda o que era, algo que o fazia mergulhar em uma espécie de estupor que o impedia de agir como de costume.

Ela é tão jovem, pensou pela enésima vez. *O que pode me dar que eu já não conheça?* Talvez fossem a candura e a doçura de seus olhos. Estava farto de especulações, de conviver com a mentira e a desonestidade, de fazer o mesmo jogo sujo dos outros, de mentir para ganhar, de ver o inimigo cair e desfrutar sua derrota. Em meio a tanta mesquinha,

Francesca lhe parecia um oásis onde poderia fazer tranquilo e seguro. Por que não a tomava e saciava sua sede? Temia machucá-la, essa era a verdade. De repente, estava cheio de escrúpulos. Não queria fazer mal a ela. E sabia que a estaria condenando ligando-a a seu destino.

Esporeou seu cavalo e galopou velozmente até a casa. Semanas depois, ele soube, por Méchin, com quem mantinha contato quase diariamente, que Mauricio iria a Jidá, interessado em negócios com uns empresários italianos. De imediato, lhe enviou um telegrama comunicando que os esperava na fazenda, a ele e a sua secretária.



Mauricio marcou a partida para dois de fevereiro. Iriam acompanhados do adido militar, tenente Barrenechea, interessado em um negócio de armas, e de Malik, motorista da comitiva. Francesca teria preferido Kasem, mas Dubois confiava nele para deixá-lo a cargo da segurança da embaixada.

Sara impelira Francesca a ficar em Riad; por motivo algum deveria se encontrar com Al-Saud, menos ainda ficar debaixo do teto dele. A argelina ficava louca diante da submissão de Francesca e lhe dirigia alertas severos acerca da natureza astuta e libidinosa dos árabes.

— Ele vai tomar você, vai possuí-la — insistia a mulher.
— Eu sei disso como sei que Alá é o único Deus e Maomé, seu profeta! Vou falar com o embaixador, contar-lhe minhas suspeitas, e assim ele lhe permitirá ficar em Riad.

— Você não vai fazer nada disso — ordenou Francesca. — Além do mais, não sabemos se Al-Saud está em Jidá. Tenho certeza de que ele emprestou a casa enquanto está viajando pela Europa. Você está fazendo tempestade em um copo d'água.

— Ele estará lá, esperando você — profetizou Sara. — Por acaso, você já não é mulher o bastante para perceber que ele a deseja?

Francesca largou a mala e sentou-se na beira da cama. Pressentia que Al-Saud estaria em Jidá. Seu corpo estremecia de ansiedade ao pensar nisso. Envaidecia-a imaginar que, na realidade, ele a estava esperando. As previsões de Sara não a

incomodavam; pelo contrário, desejava que ela estivesse certa. Mas imediatamente lamentou tamanha leviandade. *Sou uma qualquer*, censurou-se, pois nada do que sentia pelo árabe se comparava ao sentimento puro que professava por Aldo. Era apenas uma inclinação mundana e frívola, uma atração carnal, um desejo de ser possuída, de lhe pertencer.

— Suponhamos que ele esteja lá — retomou Francesca. — E suponhamos também que esteja me esperando. Não acha que tenho princípios morais e força de vontade para repelir suas insinuações?

— Você não tem ideia de com quem está lidando. Se esse homem decidiu que você será dele, nem sua vontade nem seus princípios poderão com isso. Ele a tomará e depois a abandonará. Não confunda esse homem com o jovem inexperiente que você deixou na Argentina, Francesca.

Em dois de fevereiro, em um horário mais cedo que o previsto, deram início à viagem a Jidá, a uma distância de aproximadamente oitocentos quilômetros, que Malik afirmou que completariam em um máximo de oito horas. Chegariam no início da noite.

Ao saírem de Riad, a paisagem se tornou inóspita, e a solidão e o silêncio contagiaram os ocupantes do veículo. Quilômetros e quilômetros de areia cobriam o caminho. Ao longe, envoltas em uma perene nuvem de pó, elevações de pedra avermelhada irrompiam na uniformidade amarelada da paisagem. De vez em quando, avistavam grupos de tendas, camelos e beduínos, que logo perdiam por trás do reflexo sufocante do sol sobre a areia.

Barrenechea, o adido militar, perguntou ao embaixador sobre a condição atual dos beduínos, quebrando o silêncio. Mauricio falou demoradamente. Explicou também que a região que estavam atravessando se chamava Hejaz e que logo entrariam na outra grande zona da Arábia, Nedjed, que se estendia ao longo do mar Vermelho e constituía a área mais fértil do reino, em especial ao sul, na fronteira com o Iêmen.

Mauricio também relatou as batalhas e peripécias que o rei Abdul Aziz havia enfrentado a fim de recuperar as terras que seu inimigo ancestral, Ali bin Husein, tirara de seu pai. Remontou à infância de Abdul Aziz para falar sobre a guerra civil que havia dividido o reino dos wahabitas no século XIX e obrigado os Al-Saud a se exilarem no Kuwait para não perecer nas mãos do clã dos Raschid. Detalhou com minúcias a noite da fuga, quando, escondidos em sacos de couro sobre camelos, os Al-Saud burlaram a perseguição e chegaram ao país vizinho.

Quase ao meio-dia, nas proximidades de Zalim, um pequeno povoado de pastores e oleiros, pararam em uma pousada misérrima para abastecer o carro e almoçar a refeição que Sara havia preparado. Os homens comiam e conversavam. Francesca, sem apetite por causa do calor e da inquietude, afastou-se com passos lentos, fazendo sombra com a mão sobre os olhos enquanto contemplava os arredores. A paisagem não havia mudado desde a saída de Riad: areia, pó, mato esturricado e um vento irritante. No entanto, parada diante da vista imponente, ela se sentia pequena e impressionada.

Por volta das duas horas da tarde, Mauricio informou que, se pegassem o caminho que dobrava à direita, chegariam a Meca.

— Meca é a cidade sagrada — disse Malik pela primeira vez. — É proibida a entrada de quem não é muçulmano.

Francesca olhou para Dubois, que contemplava fixamente a nuca do motorista, contrariado pela advertência sub-reptícia.

— Sabemos disso, Malik — afirmou Mauricio um instante depois. — Jamais ousaríamos violar um território sagrado.

O ambiente ficou pesado, e o desconforto dominou o ânimo de todos, exceto de Malik, que, impávido ao volante, retornou a seu silêncio. De novo, Barrenechea, um homem de boa disposição e riso fácil, dirigiu-se ao embaixador com assuntos de trabalho, e logo o fastio e a seriedade se dissiparam.

Nas proximidades de Jidá, o frescor do ar e o verde substituíram o deserto. A rota de acesso, salpicada de bairros pobres e estabelecimentos industriais, oferecia um espetáculo raro de árvores, plantas floridas e extensões de pasto que tornavam inconcebível a ideia de que um tórrido deserto reinava bem perto dali.

— A fazenda do príncipe Kamal fica na periferia — explicou Dubois. — Agora, vamos evitar a cidade. Não desanime, Francesca. Teremos tempo de vê-la apesar das reuniões.

Já nos domínios da fazenda de Al-Saud, o automóvel percorreu um grande trecho pavimentado, flanqueado por palmeiras em um entorno mais agreste, antes de chegar à casa, que se erguia no meio de um jardim bem-cuidado. A propriedade, completamente branca, sóbria e sem muita opulência, tinha três andares. Grandes janelas de madeira escura, quase preta, sobressaíam na estrutura como se estivessem suspensas no ar; algumas quadradas, outras em arco romano, lotadas de molduras e inscrições cúficas. O teto plano, em estilo mediterrâneo, coroadado de ameias triangulares, conferia-lhe o aspecto de uma fortaleza.

Abriu-se a porta principal, que deu passagem a um cinquentão em um cafetã branco, longo e limpo, e um fez de cores vivas. Mauricio foi ao seu encontro e abraçaram-se fervorosamente. Francesca e o adido militar ficaram à parte. Três rapazinhos pegaram as bagagens e conduziram Malik à área das garagens.

Dubois apresentou Sadun, o mordomo de Kamal, que ele conhecia havia muitos anos. O homem tirou o fez e balbuciou palavras de boas-vindas. A seguir, dirigiu-se a Mauricio em árabe.

— Só os esperávamos mais à noite. O amo Kamal ficará contrariado.

— Saímos de Riad antes do previsto — justificou Mauricio.

— Hoje de manhã, tivemos uma boa surpresa: a senhora

Fadila e as meninas chegaram de Ta'if. Passarão uns dias conosco.

— Estão em casa agora?

— Sim, e muito ansiosas por vê-lo — acrescentou Sadun, e, com um sinal, indicou que entrassem.

Dentro, a sobriedade da fachada dava lugar à exuberância e ao luxo oriental. Uma ampla recepção abobadada, cujas paredes de mármore rosa ostentavam tapeçarias cheias de cor e brilho, comunicava-se com um grande recinto que simulava uma tenda beduína: uma peça de tecido branco caprichosamente disposta pendia do teto e formava longas dobras até as centenas de pontos onde se fixava nas paredes, enfeitadas, por sua vez, com cortinados de tafetá pesados e grossos. Tapetes persas cobriam totalmente o piso. Uma mesa de jacarandá, baixa e comprida, com entalhes de marfim, destacava-se no centro, cercada de almofadas, narguilés e sofás baixos. O aroma do sândalo que queimava em um suporte de cobre tornava o ambiente muito aprazível.

Um criado acompanhou Barrenechea, o adido militar, a seu quarto; Francesca e Mauricio seguiram Sadun até o harém. No caminho, Dubois explicou que a palavra “harém” vinha do vocábulo *harâm*, que significava “proibir”; nesse local, afastado do resto da casa, geralmente escondido atrás de um jardim, as mulheres não usavam a *abaaya*, e, devido a isso, o lugar só podia ser visitado por outras mulheres ou por *mahrans*, ou seja, parentes homens com os quais uma muçulmana não pode se casar: pais, irmãos, tios, avós.

— Vai entrar no harém, senhor? — estranhou Francesca.

— Abdul Aziz, pai de Kamal, considerava-me seu filho e, como tal, anotou meu nome no livro da família. Para os Al-Saud, eu sou um *mahrán*.

— E esse homem? — insistiu Francesca, muito impressionada, indicando o mordomo. — Ele pode entrar?

— Sadun é o eunuco do harém.

Atravessaram o jardim e adentraram uma casa silenciosa e

em penumbra. O ar cheirava a baunilha, um aroma adocicado e inebriante que harmonizava com a decoração. Francesca e Mauricio seguiam calados atrás de Sadun por um labirinto de vestíbulos e corredores. Atrás de uma porta ricamente trabalhada, encontrava-se um quarto que arrancou uma exclamação de Francesca. Era circular, de teto abobadado, cortado por dezenas de colunas de fuste liso e fino, e tinha no centro uma enorme piscina revestida de cerâmicas maiólicas azul-claras. Francesca se aproximou e descobriu, no fundo, uma pintura de um cavalo branco alado em estilo bizantino.

Sadun disse umas palavras em árabe e abandonou o local. Francesca passava o olhar em tudo, mas o deteve na abóbada lotada de molduras e ornamentos que variavam entre avermelhados, dourados e azuis. No centro, a luz entrava por cristais coloridos e banhava o lugar com sua iridescência. Sofás estofados de tecido adamascado, almofadas de seda, tapetes, mesinhas e aparadores completavam a decoração. Francesca se admirou com a beleza e o esmero. O mármore do piso e as cerâmicas maiólicas das paredes brilhavam na tênue claridade.

— Ficou impressionada, não é? — disse Mauricio.

Ao notar certa tristeza na voz dele, Francesca se limitou a assentir, sem demonstrar maior entusiasmo.

Uma mulher entrou no cômodo. Usava uma opalanda de gaze verde-nilo, coberta, em parte, pelos longos cabelos negros que usava soltos até a cintura. Escoltada por Sadun, ela caminhava com o porte de uma rainha, e uma aura de luz parecia circundá-la. Mauricio se aproximou depressa e abraçou-a. A mulher deu-lhe um beijo na testa e segurou seu rosto com as mãos. Francesca poderia passar horas observando-a, notando a serenidade e a feminilidade em seus movimentos, assim como a firmeza e o orgulho em sua expressão.

— *Um Kamal* — disse Mauricio, usando o modismo árabe pelo qual se chama uma mulher de mãe (*um*) de seu

primogênito.

— Querido Mauricio, que alegria enorme tê-lo entre nós!

Dubois se voltou para Francesca e, com um movimento de mão, pediu que se aproximasse.

— Esta é minha assistente, Francesca De Gecco. Francesca, esta é a mãe do príncipe Kamal, senhora Fadila.

A mulher falou em perfeito francês, referindo-se à beleza dos olhos negros e à brancura da pele de Francesca. Esta, intimidada diante do olhar penetrante de Fadila, no qual reconheceu o do filho, baixou o rosto e murmurou um agradecimento. Uma algazarra na porta principal anunciou um grupo de moças e meninas que invadiu o quarto.

— O príncipe Kamal tem tantas esposas assim? — sussurrou Francesca a Mauricio.

— Apesar de seus trinta e seis anos, Kamal ainda não tomou nenhuma esposa, o que deixa sua mãe exasperada. Essas que você está vendo são irmãs e sobrinhas. Na realidade, Fátima, aquela de laranja, é a única irmã de Kamal. As restantes são meio-irmãs e sobrinhas, mas ele adora todas, e elas a ele.

Francesca sorriu, tranquila e contente. Seguiram-se as apresentações. As mocinhas abraçavam e beijavam Mauricio e falavam todas ao mesmo tempo; as mais novas se penduravam no pescoço dele e fuçavam em seus bolsos.

Parecem tão felizes, pensou Francesca, maravilhada pelo frescor e pela inocência que irradiavam. De repente, sentiu-se velha, e apoderou-se dela um forte desejo de tirar o *tailleur*, as meias finas e os sapatos de salto alto, tomar um banho de piscina e depois se envolver em um traje comprido e solto, de cores estridentes, como os que aquelas mulheres usavam.

Deram a Francesca um quarto no último andar. Ela saiu à varanda; não se ouvia nem se via ninguém; aquele lugar parecia um templo. O sono se apoderou de seu corpo. Voltou

ao quarto, tirou o *tailleur* e, só de anáguas, recostou-se na cama. Sonhou que acordava no mesmo quarto e que, em meio a uma bruma leve, distinguia uma figura vestida de branco, alta e maciça, que a observava fixamente, sussurrando em uma língua estranha enquanto se aproximava de seu rosto. Francesca apertou os olhos para não o ver.

Acordou confusa, perguntando-se onde estava. Sentou-se na cama e viu que era noite. Pegou o relógio na mesa de cabeceira. Eram nove horas. Onde estariam todos? A casa estava em silêncio. Estariam dormindo, já? Talvez a houvessem chamado para o jantar e ela não tivesse escutado. Era uma afronta faltar à mesa de um príncipe. De qualquer maneira, ela não sabia se ele estava na casa. Sadun e Fadila não o haviam mencionado, nem mesmo em árabe.

Sentia uma fome voraz. Desceria e, se encontrasse algum criado na sala, pediria alguma coisa para comer. Descartou o *tailleur*, que parecia um acordeão de tão amassado, e escolheu um vestido de linho rosa-claro com detalhes brancos. Não tentaria arrumar o cabelo, não tinha tempo. Tirou os grampos e os deixou cair pesada e livremente.

Uma escada conduzia ao pórtico do jardim. Os saltos de suas sandálias retumbavam sobre o piso de granito e feriam seus ouvidos. A escuridão do jardim a assustava, e, sem olhar, ela caminhava depressa para a luz que emanava de uma porta no fim da galeria.

Encontrou Al-Saud, sozinho, com um livro em uma das mãos e um estranho rosário de contas na outra. Ficou à porta, indecisa entre mostrar-se e voltar para o quarto. Kamal levantou a vista e disse com a segurança e a descontração a que ela já estava acostumada:

— Senhorita De Gecco, entre, por favor. Eu a estava esperando.

Ele devolveu o livro à estante e foi até a porta. Pegou-a pela mão antes de perguntar:

— Dormiu bem?

Francesca assentiu como um robô, com um único pensamento: *Al-Saud está em Jidá, assim como Sara previu*. Por que esse medo? Por que essa falta de controle? Acaso, a ideia de encontrá-lo não a havia seduzido? Ela respirou aliviada quando ele soltou sua mão e indicou-lhe um sofá baixo.

— Lamentei não estar em casa no momento de sua chegada — disse ele, entregando-lhe um copo com uma bebida branca e densa. — Experimente. É nosso famoso *laban*. Mauricio me havia dito que chegariam por volta das sete horas da noite.

— Obrigada — disse Francesca, pegando o copo. — O embaixador decidiu viajar mais cedo. Chegamos por volta das quatro horas.

A bebida, que parecia um iogurte azedo, fez Francesca fazer uma careta. Kamal sorriu e tirou o copo dela.

— É melhor eu lhe trazer um suco de frutas.

A um estalo de seus dedos, apareceu uma criada, a quem ele se dirigiu em árabe. Segundos depois, a garota voltou com um suco de pêssegos, que tirou da boca de Francesca a acidez do *laban*.

— Sei que hoje à tarde você conheceu minha mãe — comentou Kamal, sentando-se diante dela e brincando com seu rosário de contas entre os dedos. — Você lhe causou uma boa impressão. É uma coisa difícil, eu garanto, pois ela é uma mulher especial. Ela a espera para tomar o café da manhã no harém.

— Sua mãe é muito gentil, alteza, e eu me sinto honrada pelo convite. De qualquer maneira, preciso consultar o embaixador. Talvez ele precise de mim para ir à cidade.

— Acredite, Mauricio cancelaria qualquer reunião ou compromisso para não desagradar a minha mãe.

Dubois e o adido militar apareceram na sala, e Kamal se levantou para recebê-los. Perguntou se estavam bem instalados em seus quartos. A seguir, abriu uma porta dupla e entraram na sala de jantar, onde uma mesa baixa e estreita, de uns cinco metros de comprimento, aguardava-os com o

jantar. Sentaram-se sobre almofadas. Kamal, em consideração ao vestido de Francesca, deu-lhe um banquinho. Duas mocinhas apareceram com mais travessas e serviram os comensais enquanto Sadun enchia as taças. Francesca notou que escondiam a mão esquerda às costas e, com grande agilidade, usavam apenas a mão direita.

Dubois e Kamal pegavam a comida com os dedos, e Francesca e Barrenechea trocaram um olhar.

— Coragem — insistiu Al-Saud.

Barrenechea sorriu e pegou a carne com a mão. Francesca, que não queria passar por melindrosa, imitou-o. Faminta do jeito que estava, desfrutou a comida, deleitando o príncipe, que a incentivava servindo-lhe ele mesmo mais *abgusht*, *homus*, *alcuzcuz*, pão pita, *quepi* cru ou salada de berinjela e castanhas.

Terminado o jantar, quatro garotas, trazendo pequenos jarros e toalhas de linho, lavaram e secaram as mãos de todos e entregaram-lhes pétalas de rosas e jasmims para que esfregassem entre os dedos para tirar qualquer vestígio das especiarias.

Voltaram à sala que parecia uma tenda beduína, onde os esperavam o café e os doces. Pirâmides de ameixas, nêspersas e figos brancos se alternavam com tâmaras em calda, frutas secas, *baklava*, *kanafi* e doces finos. Kamal insistiu para que Francesca experimentasse o café moca, que definiu como o melhor do mundo. E apesar de tê-lo achado denso e forte, a jovem afirmou que nunca havia provado nenhum café mais saboroso. Al-Saud lançou-lhe um rápido olhar e sorriu disfarçadamente.

Barrenechea agradeceu pelo jantar e, alegando cansaço, retirou-se para dormir. Antes de fazer o mesmo, Francesca perguntou a Dubois quais eram seus planos para o dia seguinte e ficou satisfeita ao saber que iriam a Jidá depois do almoço. Kamal pediu que uma criada a acompanhasse até seu quarto.

— Poderia me emprestar seu escritório amanhã pela manhã? — pediu Mauricio depois que a jovem deixou a sala.

— Preciso trabalhar com Francesca em alguns documentos.

— Eu lhe empresto meu escritório — concordou Kamal —, mas não Francesca.

Mauricio parou, com a xícara de café a meio caminho da boca, e olhou para Kamal.

— Minha mãe a espera no harém para tomar o café da manhã.

— Sua mãe a convidou ou você lhe pediu? Você está louco se acha que Fadila a aceitará. É uma imprudência.

— Foi minha mãe quem a convidou. Eu não disse nem fiz nada.

Depois, acrescentou com rispidez:

— Você está com ciúmes. Quer Francesca para si.

Mauricio se levantou de supetão.

— Outra vez essa história! Você sabe que seu interesse por uma mulher é o suficiente para que eu a veja como uma irmã. Depois de tantos anos, quem você pensa que eu sou? Um miserável?

— Desculpe, Mauricio. Você conhece meu temperamento terrível.

Dubois saiu andando pela sala, de cabeça baixa. Kamal sorvia lentamente o café e seguia seus passos com o olhar.

— Não sei aonde você quer chegar com minha secretária — disse Dubois. — Devido a sua posição, eu sei que não pode ter nada sério com ela. Você cavaría seu próprio túmulo se a convertesse em sua mulher. E não quero que brinque com ela. Francesca é um ser delicado e sensível.

Ele refletiu por alguns instantes e acrescentou com firmeza:

— Não se engane com Francesca, Kamal. Eu já lhe adverti uma vez que ela não é como as mulheres às quais você está acostumado.

— Eu sei — respondeu Al-Saud no mesmo tom.

A seguir, atravessou a sala e alcançou o amigo. Pôs a mão no ombro dele e olhou-o fixamente. Talvez devesse lhe contar tudo que havia feito para ter Francesca por perto, o que havia sentido ao vê-la pela primeira vez na festa da independência da Venezuela em Genebra, a comoção de seu espírito, a maneira como a havia desejado. No entanto, calou-se, reticente a despir os segredos de sua alma.

— Hoje à tarde, recebi um telegrama de Jacques — disse, voltando ao sofá. — Ele chega em dois dias, acompanhado por Le Bon e sua filha. Vêm da Jordânia e terminarão a viagem em Jidá.

— É uma pena, mas já teremos ido embora quando eles chegarem. Meus negócios aqui não tomarão muito tempo.

— Então, tire umas pequenas férias e passe uns dias comigo. Quanto tempo faz desde nossa última cavalgada pela praia? Além do mais, meus avós virão ao oásis em duas semanas e se ofenderão se souberem que você partiu sem vê-los.

Uma criada guiou Francesca pelo labiríntico harém, que já não era silencioso: vozes, risos, gorjeios de uma menina cantando, o pranto de um bebê e o canto de pássaros cortavam os corredores. Diante da porta, os sons se tornaram ainda mais intensos. Com um empurrão sutil, a criada a fez entrar no recinto da piscina, onde várias garotas andavam nuas ou banhavam-se. Meninos e meninas, nus também, corriam por entre as colunas. Sadun, o eunuco, trançava o cabelo de Fátima e sussurrava ao seu ouvido. Uma mulher amamentava seu bebê enquanto uma mocinha depilava as pernas.

Seu impulso foi sair, mas a criada se manteve firme à porta e falou com ela em árabe, com doçura. Pegou-a pelo braço e conduziu-a até um banco cheio de roupas, toalhas, jóias, potes e frascos. Ninguém olhava para ela; era como se não existisse ou como se fosse uma delas. O tênue vapor que subia

da piscina, atravessado por raios de luz que entravam pela abóbada, dava um aspecto fantástico e irreal à cena. As mulheres não pareciam perturbadas pela presença de Sadun, que já havia abandonado Fátima e massageava com óleo o ventre de uma mulher grávida. Na piscina, as garotas lavavam os cabelos, ensaboavam as costas umas das outras ou fofocavam nas escadarias. O aroma do óleo, misturado aos dos sabonetes e xampus, acentuava-se devido ao calor. Peixes de bronze distribuídos na borda renovavam a água da piscina e produziam um som monótono que dava sono. Ninguém se preocupava com o tempo; todas brincavam ou descansavam no chão morno como se fossem donas dos séculos, como se os minutos equivalessem a horas.

Francesca não opôs resistência quando duas criadas a despiram; o contato das mãos com sua pele era relaxante, e a voz de uma menina que entoava uma melodia cadenciosa e compassada a hipnotizava. Ela foi conduzida à piscina e não se scandalizou quando Sadun se aproximou para falar com ela.

— Mergulhe — disse o eunuco em um francês ruim, incentivando-a a entrar. — A água está morna.

Ela caminhou na água, devagar, olhando para os pés. No centro, viu novamente o cavalo alado. Fechou os olhos e passou alguns segundos submersa. Ao emergir, enquanto a água escorria por seu rosto e uma brisa fresca endurecia seus mamilos, notou que o barulho havia desaparecido e que os olhos negros e profundos das árabes descansavam sobre ela. As garotas que a haviam despido pediram-lhe que fosse até a escada; uma cuidou de seu cabelo e a outra massageou seu corpo com uma esponja vegetal. Entregue, sem domínio de si, ela se deixou lavar, inclusive as partes íntimas, que as garotas tratavam com habilidade. Havia pétalas boiando na superfície da piscina e o vapor cheirava a rosas. As outras já não olhavam para Francesca. Ela não quis perguntar por Fadila, incapaz de

quebrar a letargia que a envolvia. Vestiram-lhe uma túnica e sandálias de salto baixo. Maquiaram seus olhos com *khol*, pintaram seus lábios de vermelho e perfumaram-na com óleos. Sadun secou e trançou seu cabelo.

— Minha senhora Fadila deseja vê-la agora, senhorita — disse o eunuco enquanto cobria o rosto de Francesca com um véu de gaze.

Ela entrou em uma sala ampla e iluminada, com paredes cobertas por azulejos coloridos e piso atapetado. No extremo oposto, Fadila, recostada em um sofá, contemplava-a de cima a baixo.

— Eu a estava esperando. Você é realmente linda — disse ao ver-lhe o rosto. — Sadun, sirva-nos o café da manhã, por favor.

Elas se sentaram perto da janela, que, como dava para um jardim interno do harém, não tinha grades. Sobre uma mesinha circular de estilo inglês, o eunuco colocou uma bandeja com bules e xícaras.

— Chá, café ou chocolate? — ofereceu.

— Chocolate — aceitou Francesca.

— As garotas a incomodaram? — perguntou Fadila quando ficaram a sós.

— Ah, não, senhora! Em absoluto!

— Eu lhes pedi que a deixassem aproveitar o momento. A ideia de ter uma mulher branca no harém as deixou agitadas e tive receio de que a sufocassem com perguntas, especialmente minha filha, Fátima, que está sempre ávida por saber de seu mundo. Como você se sentiu? Pensei que recusaria o banho antes de juntar-se a mim. Saiba que, para nós, isso é um ato de hospitalidade.

— Confesso que, no começo, senti pudor e quase fui embora, especialmente ao ver Sadun.

— Compreendo. Vocês, cristãos, têm um conceito de recato muito diferente do nosso. Quando eu era pequena, um francês amigo de meu pai costumava passar algumas semanas de

férias em nosso acampamento com suas duas filhas, que eram quase da minha idade. Eu ficava chocada ao ver que, apesar de receberem uma boa educação, as meninas ignoravam questões básicas. Por exemplo, não sabiam que um dia chegaria o sangramento menstrual, e menos ainda o que um marido esperaria delas na cama. Não sei que histórias de cegonhas haviam contado para elas. Quando eu lhes contava o que sabia, elas me olhavam de olhos arregalados e replicavam que jamais fariam aquelas coisas. Para nós, as questões relacionadas ao corpo são naturais, e falamos sobre elas com nossas mães, avós e tias desde pequenas. Por que sentem tanto constrangimento em relação a algo que vive com vocês, que é parte de sua natureza?

Francesca levou um tempo para responder, pois, para dizer a verdade, jamais havia parado para analisar por que o sexo e o corpo representavam o demônio. Sua mãe, por exemplo, não gostava de falar desse assunto; pigarreava, ficava vermelha e evitava olhar para ela. Francesca acabara aprendendo na escola, com as colegas. Mas de onde elas tiravam as informações que com tanta segurança lhe transmitiam era algo em que ela jamais havia pensado. As irmãs do Sagrado Corazón, colégio que frequentou, limitavam-se a falar da pureza imaculada e da virgindade de Maria, da malícia dos homens, que constituíam a perdição das mulheres, e da bênção de tornar-se freira. A relação de Sofía e Nando não jogara muita luz sobre sua grande ignorância; fosse por vergonha ou por pudor, Sofía se esmerara mais nos detalhes românticos e platônicos que nos carnis e passionais, e Francesca, por prudência, não tentava aprofundar o assunto. Sempre teve dúvidas, certa só de uma coisa: devia ser algo prazeroso, pois, quando voltava de seus encontros com Nando, Sofía sorria inconscientemente e seus olhos cintilavam. Porém, quando imaginava sua primeira vez, Francesca apertava as pernas e engolia com dificuldade.

— Acho que o problema está em nossa religião — disse,

por fim. — O catolicismo venera a virgindade de Maria, mãe de Cristo. É como se sua santidade e seu mérito estivessem em ser virgem.

— Mas ela teve um filho — objetou Fadila.

— Sim, mas por obra e graça do Espírito Santo, sem a intervenção de homem nenhum, e, por isso, ela se manteve virgem.

— E o que você pensa, Francesca? Não sobre Maria e sua virgindade, mas sobre sexo.

— É a primeira vez, senhora, que alguém me diz essa palavra sem baixar a voz nem ficar vermelho. Apesar de meus vinte e um anos, não sei muito sobre o assunto, admito, mas não é fácil se informar no lugar de onde venho. — Ela sorriu antes de acrescentar: — Eu jamais falei tão abertamente, com tanta liberdade, sobre isso.

— Liberdade — repetiu Fadila, calando-se por alguns instantes. — Nem vocês, ocidentais, nem nós, orientais, conseguimos ser verdadeiramente livres. Os séculos passam e ainda continuamos na escravidão.

— Diz isso por viver dentro de um harém?

— Não, em absoluto. Não me referia a uma escravidão física, pois, de um jeito ou de outro, todos os seres humanos têm limitação de espaço. Para nós, árabes, esse espaço é o harém, como para você é sua casa e para seu país são as fronteiras que o delimitam. Para mim — retomou —, o harém significa família. É minha casa, meu santuário, o lugar onde pari e vi crescer meus filhos, o lugar onde eu aguardava ansiosa a chegada de meu marido e onde, um dia, rogo a Alá por isso, verei os filhos de Kamal e de Fátima correndo e brincando, e, por que não, os filhos de Mauricio, de vez em quando. Não se deixe influenciar pelas ideias erradas que o Ocidente tem acerca da palavra harém; vocês, inevitavelmente, a relacionam a luxúria e excessos. Você viu algum tipo de excesso aqui? Viu algo que perturbou sua moral ou seus princípios?

Francesca negou depressa, apesar de a imagem daqueles corpos nus que andavam pela sala da piscina ainda confundir-la.

— Aqui, somos mais livres que em qualquer outro lugar — prosseguiu Fadila. — Este é nosso mundo, onde mandamos em tudo. Os homens respeitam isso e não se intrometem. É fora destas paredes que não temos liberdade, assim como vocês.

Ficaram pensativas. Francesca, que, na realidade, sentia-se mil vezes mais livre que uma árabe, não sabia o que dizer, e Fadila queria conversar sobre outro assunto.

— Mauricio me disse que você é uma excelente assistente, muito inteligente e capaz.

— Eu gosto muito de meu trabalho, senhora. Se é verdade que o faço bem, não há mérito algum nisso, uma vez que me divirto quando estou trabalhando.

— Isso é o importante: ser feliz. E me alegra saber que você é.

Francesca não quis se aprofundar no assunto de sua felicidade, que longe estava da plenitude. O trabalho havia se transformado em um paliativo, mas nada tinha a ver com a felicidade que sentira um ano atrás nos braços de Aldo.

— Eu conheço Mauricio desde que ele tinha oito anos — prosseguiu a mulher. — Eu o conheci pouco tempo depois do acidente no qual os pais dele perderam a vida, e posso lhe assegurar que nunca o vi tão saudável e contente.

— O embaixador encontra em vocês a família que perdeu há tanto tempo — disse Francesca. — Gosta de estar com vocês mais que de qualquer coisa.

— Sim, é verdade. Kamal foi um irmão para Mauricio, e meu marido e eu, seus pais. No entanto, agora o vejo radiante, com um brilho no olhar que eu desconhecia nele.

Francesca, sem nada a acrescentar, agradeceu pela intervenção de Sadun, que chamava sua senhora para orar.

Kamal gostava de mimar suas irmãs e sobrinhas quando se hospedavam em sua casa. Passou a manhã no mercado de Jidá, mais moderno e completo que o de Riad, comprando roupas, joias, perfumes e brinquedos. Um entusiasmo incomum dominava seu ânimo; ele caminhava pelas vielas do mercado desviando de vendedores, pacotes e mulheres e impulsionado por uma energia que jamais havia experimentado. Nada o contrariava, e ele sorria com facilidade. Com cuidado especial, escolheu uma roupa de montaria, e teve que ir a várias barracas de flores para conseguir um buquê de camélias brancas. Seus guarda-costas o seguiam de perto, cada um levando uma montanha de pacotes.

De volta à fazenda, Sadun ajudou os homens, e os três juntos levaram os presentes para dentro de casa.

— Quero tudo isso no harém — ordenou Kamal ao mordomo enquanto ele mesmo pegava uma sacola e o buquê de camélias. — E que os presentes não sejam abertos enquanto eu não chegar.

— É melhor que vá logo, senhor; do contrário, encontrará caixas vazias e papéis amassados.

No harém, Kamal foi recebido com um alegre rebuliço, e não viu diferença entre o comportamento das adultas e o das meninas: todas o perseguiam e suplicavam que lhes dissesse que pacote pertencia a cada uma.

— O meu primeiro! — pediam em uníssono.

Kamal pegou Yashira, sua sobrinha preferida, no colo, e a menina se agarrou ao pescoço dele e deu-lhe um beijo no rosto.

— Ajude-me a distribuir os presentes, Yashira.

— Primeiro, o de *um Kamal* — sugeriu a menina.

Fadila, que, afastada, escrevia uma carta para sua irmã no Cairo, levantou os olhos e baixou os óculos até a ponta do nariz.

— Venha, *um Kamal* — chamou Yashira. — Pegue seu presente.

Al-Saud se regozijava observando-as enquanto disputavam as roupas, os vidros de perfume e as joias; como crianças, comparavam quem havia sido mais afortunada na distribuição, em uma eterna disputa, e nunca conseguiam concordar em qual era o presente mais caro e o mais bonito.

Embora sorrisse, um pensamento triste ensombrava as feições de Kamal. O que seria daquelas mulheres, as mulheres de sua família, tão alheias ao mundo real e aos problemas que acossavam o reino, se alguma coisa estourasse a bolha em que viviam? Algumas mães e avós, afinal, não eram mais que criaturas indefesas, seres inúteis que não saberiam como proceder diante da mínima adversidade.

— Tia Fátima quer saber para quem é o outro pacote e o buquê de camélias — sussurrou Yashira.

— Sadun contou que há uma sacola enorme na casa, cheia de presentes, e um buquê de camélias — disse Fátima. — Pensamos que as camélias fossem para Zora. Como são suas preferidas...

— Você não gostou da gargantilha, Zora? — perguntou Kamal, fingindo decepção.

— Claro que gostei. É linda. Mas você conhece Fátima... Ela quer descobrir para quem é o buquê.

— Para quem é, tio? É para mim? — arriscou Yashira.

— Eu devia matar você, Sadun — disse Kamal.

O eunuco se refugiou atrás de Fadila, que não perdia uma palavra da conversa.

— Tia Fátima disse que é para a moça branca que se banhou conosco hoje de manhã na piscina — insistiu Yashira, buscando o olhar de Kamal.

Kamal se surpreendeu; sua mãe jamais teria permitido a uma estranha tamanha demonstração de familiaridade. E, por um momento, ficou excitado ao imaginar Francesca nua na piscina.

— Tio Mauricio pediu a tio Kamal que comprasse as flores para Francesca — disse Fadila à menina, tirando-a dos braços

de seu filho. — Não é?

— Mauricio? — repetiu Al-Saud, claramente confuso.

Fadila lhe lançou um olhar significativo antes de afirmar:

— Se fosse perfumada, a camélia seria a flor perfeita. Mas não é.

À noite, Sadun apresentou desculpas pelo príncipe Kamal, que ia jantar com a mãe, e Francesca se sentiu aliviada. Não queria vê-lo depois de encontrar sobre sua cama um maravilhoso conjunto de montaria e um buquê de camélias com um cartão que dizia: “Amanhã, às quatro, quero vê-la vestindo isso”. Ele a levaria para andar a cavalo. Diziam que os cavalos do príncipe Al-Saud eram dos melhores. Ela recordou Rex e se deu conta de que fazia tempo que não pensava nele. Ela o havia montado pela última vez naquela tarde no milharal, ao lado do passo tranquilo do baio de Aldo. “Aldo”, murmurou. Esse nome pertencia ao passado; as feições dele se desvaneciam e ela já não se lembrava do timbre de sua voz. Era inacreditável, mas o tempo estava começando a mitigar suas recordações.

Al-Saud também não os acompanhou durante o café da manhã, e o mordomo informou que a senhora Fadila e as garotas haviam partido bem cedo para Riad.

— Algum problema? — perguntou Dubois, preocupado.

— Ontem à noite, a senhora e o amo Kamal discutiram.

No meio da manhã, chegaram Jacques Méchin, Le Bon e sua filha Valerie. Francesca ficou desanimada, certa de que Al-Saud adiaria a cavalgada por causa da chegada de seus amigos. De qualquer maneira, às quatro horas da tarde ela estava pronta, com sua calça escocesa, sua blusa de linho branco, suas botas e suas luvas de pelica.

Um rapazinho bateu em sua porta e, com sinais, pediu que o seguisse. Fora dos domínios da casa, a fazenda abandonava o estilo bem-cuidado. Um pasto vasto, com bebedouros

modernos, destacava-se em primeiro plano; ao lado, um celeiro, com fardos de alfafa até o teto, e uma casinha para guardar selas e arreios. O movimento de gente, que se multiplicava em silêncio, com ferramentas ou rédeas nas mãos, deu-lhe noção da importância da atividade. Os cavalos ostentavam uma pelagem reluzente e marchavam com a cabeça erguida e passo firme.

Francesca viu Al-Saud perto do haras e sentiu sua pulsação se acelerar. Vergonha, medo, insegurança, desejo... Sensações desconstruídas e fortes a obrigaram a parar à entrada e esperar. Kamal, entretido em uma conversa com Fadhil, responsável pelo haras, dispensou seu ajudante ao notá-la e aproximou-se. Ela ficou fascinada com o andar dele, o caimento de sua calça e a elegância que lhe conferiam as botas com esporas, que cintilavam contra os paralelepípedos do chão. Sua camisa estava aberta até a metade do peito, musculoso e sem pelos, e ele usava o eterno turbante na cabeça.

— Vejo que acertei nas medidas da calça e da blusa — disse ele a poucos metros dela.

— A roupa é lindíssima — afirmou Francesca —, mas não deveria tê-la comprado.

— E como você pretendia montar sem ela? — Francesca, corada, deu um sorriso débil. — As botas são confortáveis? O tamanho está certo? Tenho que confessar que pedi a uma criada que pegasse um sapato seu, que levei ao mercado. Já está no lugar de novo.

— Não notei — balbuciou Francesca, perplexa.

Al-Saud deu-lhe o braço e levou-a para ver as cocheiras, uma enorme construção de tijolos caiados com telhado de zinco. O interior era formado por um longo corredor flanqueado de cocheiras, por onde assomavam cabeças de cavalos magníficos. O lugar fedia a esterco, feno e suor animal, cheiros que lhe agradaram porque a fizeram recordar Arroyo Seco. Inusitadamente loquaz, Al-Saud falava da criação

e dos cuidados com os *muniqi*.

— Já disse a Fadhil, o homem com quem eu estava falando, que prepare Nelly para você sempre que quiser. Nelly é uma égua mansa. Você não terá problemas com ela.

— Se conhecesse Rex, o senhor me daria o animal mais bravo de seu haras.

Khalid, outro funcionário do haras, apareceu nesse instante, arrastando Pegasus, que empinava, dava coices e negava-se a avançar. Francesca se convenceu de que se tratava do cavalo mais bonito que ela já havia visto, mais bonito até que Rex.

— É esse cavalo que vou montar, alteza?

— Eu jamais permitiria isso. Pegasus tem o diabo no corpo. No ano passado, matou um dos meus homens que tentava domá-lo.

Francesca ficou espantada. Pegasus tentava morder Khalid, que, sem soltar as rédeas, afastava-se.

— Meu Deus! Como ele é bravo! Quem se atreve a montá-lo?

— Eu — disse Kamal, e assobiou.

O animal parou de se debater, empinou as orelhas e, mais calmo, permitiu que Khalid encurtasse a distância que o separava do patrão. Então, Kamal deu-lhe um tapa na testa com a luva e falou duramente com ele em árabe. A seguir, pegou as rédeas e dispensou Khalid, que foi embora reclamando baixinho.

Francesca não resistiu à tentação e acariciou Pegasus, sem prestar atenção no olhar penetrante que Al-Saud lhe dispensava nem em seu peito, que subia e descia, batendo acelerado. Ficou satisfeita com a tranquilidade do animal que, poucos minutos antes, queria rasgar Khalid com os dentes, e envaidecida porque o árabe via que ela se virava muito bem com um cavalo raivoso, e teria pedido a ele para montá-lo se, ao levantar o rosto, os olhos de Al-Saud não a houvessem assustado. Em um instante, sem se dar conta, ela estava em

seus braços, que a apertavam sem compaixão. Ela tentou se soltar, mas a força do árabe a dominou com facilidade, e Francesca ficou frouxa contra seu peito. Então, Al-Saud se inclinou e cobriu os lábios dela com os seus. Beijou-a sem comedimento, aturdido, indiferente ao pânico de Francesca, que tremia e protestava, surpresa diante daquele momento incompreensível e vertiginoso. Ele a inclinou levemente para trás e passou os lábios por seu pescoço até o começo do decote.

— Você não imagina o quanto eu esperei por este momento — disse ele, com o rosto afundado no pescoço de Francesca.
— Por que está tremendo? Está com medo? Olhe para mim.

— Não — murmurou ela, incapaz de encontrar seu olhar.

Delicadamente, Al-Saud ergueu-lhe o rosto, segurando-o pelo queixo.

— Abra os olhos e olhe para mim — ordenou ele em um sussurro, e Francesca obedeceu.

A chama de desejo escurecia os olhos verdes de Kamal. Ela sentiu medo e, sem perceber, apertou-lhe os ombros. Ele beijou-lhe a testa, o nariz, os olhos e as faces com uma doçura da qual Francesca não o julgava capaz.

Perto do ouvido de Francesca, Al-Saud sussurrou:

— Você sabe o quanto é bonita? Acho que você não tem consciência de seu poder.

E, tomando-lhe o rosto com ambas as mãos, tornou a beijá-la.

Francesca relaxou, e um impulso de loucura acabou de quebrar sua já debilitada força de vontade. Porque era uma loucura admitir que se sentia extraordinariamente bem nos braços daquele árabe.

A voz de trovão de Le Bon e o riso de Méchin quebraram o feitiço. Kamal se afastou e, ajeitando a camisa, foi ao encontro dos dois.

Francesca, ainda confusa, cumprimentou-os como um robô e jamais soube do que os homens conversaram durante

aqueles minutos intermináveis. Pediu licença, voltou depressa até a casa e trancou-se em seu quarto.



Francesca levou as mãos ao pescoço, ao mesmo lugar onde pouco antes Al-Saud passara os lábios. *Aldo jamais me beijou assim*, pensou, com os olhos fechados e a respiração acelerada. O contato, entre furioso e romântico, a deixara atordoada. Tentou se enfurecer e considerar selvagem e de gosto duvidoso tamanha demonstração de machismo, mas sua raiva não durou muito, ela, à medida que ia relaxando, sentia um frio no estômago.

Não sabia se descia para jantar, mas a ideia de mostrar-se indiferente e dona de si a instou a ir. Na sala, apesar de já estarem todos presentes, só viu Kamal. Ele usava uma calça bege e uma camisa azul-clara, sem o turbante. Poucas vezes, ela havia visto os cabelos dele, castanho-escuros e cacheados. *Como é lindo!*, pensou.

Méchin lhe ofereceu o braço para irem à sala de jantar. Com elogios e comentários banais, o francês conseguiu distraí-la e acalmá-la. Mauricio a contemplava com estranheza e, de vez em quando, olhava para Kamal, que lhe devolvia um olhar frio. Valerie estava mais insinuante e provocativa que de costume, tanto que o professor Le Bon pigarreou diversas vezes e retomou os detalhes de sua visita à Jordânia. Valerie não parecia se afetar com as admoestações de seu pai e, sentada ao lado de Kamal, continuava roçando nele, fingindo que o fazia sem querer, e pestanejando com seus cílios longos quando seus olhares se cruzavam. Al-Saud, alheio aos avanços de Valerie Le Bon, comia e escutava. Quando seus olhos encontravam os de Francesca, ele a

contemplava com seriedade até que ela desviava o olhar.

— A Jordânia é um país lindo! — afirmou pela enésima vez o professor Le Bon.

— A Jordânia é uma invenção dos ingleses — disse Kamal, falando pela primeira vez. — Deveria ser parte da Arábia. É um país sem história nem antepassados, uma verdadeira criação artificial.

— No entanto — objetou Gustav Le Bon —, o rei Hussein tem orgulho de sua estirpe e de seu reino.

— Ele deve tudo a Lawrence, que o livrou dos otomanos — afirmou Méchin.

— Que Lawrence? — perguntou Barrenechea, o adido militar.

— Jacques está se referindo a Thomas Edward Lawrence — interveio Dubois —, mais conhecido como Lawrence da Arábia.

— A política dos ingleses sempre foi desmembrar as áreas de seu interesse — disse Francesca, assustando-se ao ver que todos se calaram e olharam para ela.

— O que quer dizer? — perguntou Kamal.

— Imagino que se trata do velho aforismo “divida e reine”.

— Ah, Francesca, sempre falando de política... — reclamou Valerie. — Não tem um tema mais divertido?

— Do que eu deveria falar, então? — perguntou Francesca, mordaz. — Da última moda em Paris ou do penteado da princesa Grace no último jantar da Cruz Vermelha?

Fez-se um silêncio, que o professor Le Bon quebrou segundos depois:

— Você deveria ser uma mulher mais informada e culta, Valerie, como Francesca é. Assim, poderíamos conversar sobre assuntos interessantes durante nossas longas viagens. Eu não ficaria tão entediado.

— Mas eu ficaria — respondeu Valerie.

Depois do jantar, Méchin conversou em particular com Kamal.

— Você sabe que eu sempre vou direto ao ponto — disse Méchin assim que a porta do escritório foi fechada.

Kamal sentou-se e começou a brincar com seu rosário de contas.

— Fale.

— O que você pretende com a secretária de Mauricio?

Kamal conhecia Méchin desde que se entendia por gente. Ele havia sido o melhor amigo de seu pai, e, por isso, Abdul Aziz o nomeara seu tutor durante seus estudos no exterior. Kamal o respeitava porque, embora tivesse todos os defeitos de um típico parisiense, demonstrava inteligência e moderação. E o amava, pois sabia que era para Jacques Méchin o filho que este nunca havia tido.

— Por que me pergunta isso? — disse Kamal, indolente, e acendeu um cigarro.

— Kamal, eu o conheço como ninguém. Você pode enganar qualquer um, mas não eu.

— Não é minha intenção enganar ninguém.

— Não use seus jogos de palavras comigo nem aplique seus silêncios desconcertantes. Eu vi a troca de olhares entre vocês durante o jantar. Até Valerie Le Bon notou. Eu sei que você a deseja e que pretende possuí-la.

Kamal o olhava e fumava.

— Você tem consciência de que Mauricio está apaixonado por ela?

— Ele disse isso a você?

— Não; você sabe que ele é muito reservado. Mas até um cego veria. Ele é outro homem desde que essa garota apareceu. Kamal, o reino de seu pai está atravessando a pior crise desde sua fundação. Seu irmão Faisal já tem o cálculo do déficit deste ano e afirma que aumentou de forma alarmante em relação ao ano passado. Eles esperam que você tome as rédeas. A situação interna da família é tensa; até perigosa, eu me atreveria a dizer. Saud não permitirá que o afastem do trono. Seus tios e Faisal, apesar de tudo, estão dispostos a deixá-lo

de lado e pôr você à frente do país. Pois bem, no meio dessa tempestade, você decidiu vir a Jidá para seduzir a secretária de Mauricio? Deixe essa pobre criatura em paz; ela é inocente e doce como uma gazela. Será a infelicidade dela, nas atuais circunstâncias, estar vinculada a você.

Francesca passou a manhã e as primeiras horas da tarde trabalhando com seu chefe, empenhado na análise de um acordo depois de uma reunião com os italianos e no controle da documentação que enviaria a Riad com o adido militar, que voltaria no dia seguinte. As horas com Mauricio pareciam eternas depois de tanta inquietação e uma noite mal dormida. Além do mais, notava-o sério e distante, zangado, talvez, o que a deixou angustiada. Certa de que a irritação se devia a sua pequena cena com Valerie Le Bon, desejou não ter aberto a boca.

Francesca não era ela mesma; uma mistura de sensações a confundia. Pensou em cavalgar. Cavalgar sempre a tranquilizava. Pediu para uma criada avisar Khalid que montaria Nelly, a égua que Al-Saud havia reservado para ela. Vestiu a roupa de montaria e fez um rabo de cavalo no cabelo. Olhou o relógio. Eram quatro e meia da tarde. A essa mesma hora, no dia anterior, estava no haras com Kamal, encantada por sua voz, atraída por sua personalidade, impressionada com sua beleza física. Depois o beijo... O beijo que ainda ardia em seus lábios e pescoço.

Saiu do quarto. Entrou na sala, despreocupada, e, ao dar de cara com Al-Saud e Valerie se beijando sobre as almofadas, sentiu um golpe no peito.

— Desculpem — disse, saindo apressada.

O empregado do haras que trazia Nelly ficou desconcertado quando Francesca arrancou-lhe o chicote da mão, montou a égua com um salto e açulou-a de tal modo que o animal empinou antes de sair em disparada.

Kamal encontrou o rapaz ainda contemplando, atônito, Francesca e a égua. Ordenou:

— Prepare Pegasus!

Francesca fustigava Nelly, que galopava com as orelhas baixas. Inclinação sobre o lombo do animal, ela se deixava aturdir pelo vento, pelo som dos cascos e pela respiração acelerada da égua, que corria a toda velocidade. Ela sabia que não a poderia deter e deixou-a galopar. Francesca apertava os olhos, e a imagem de Valerie pendurada no pescoço de Al-Saud lhe arrancava lágrimas que escorriam por suas têmporas. Açoitou Nelly de novo, descarregando na égua sua fúria e frustração.

Pegasus era o cavalo mais veloz do haras. Não demorou muito até que Kamal divisasse Francesca, que já havia abandonado os limites da fazenda e, no meio das dunas, dirigia-se ao mar. Ele notou que as forças da égua se esvaneciam e que a distância entre eles diminuía rapidamente.

— Francesca, pare! — gritou. — Pare, maldição!

Francesca olhou para trás. Al-Saud estava mais perto do que ela pensava; podia até distinguir com clareza a raiva que o dominava. Bateu com força nas ancas de Nelly e gritou para açulá-la, mas a rapidez de Pegasus prevaleceu; pouco depois, de soslaio, ela avistou o focinho do garanhão. O silêncio de Al-Saud a assustou, e ela não teve coragem de olhá-lo de novo. Mesmo sabendo que ele logo a alcançaria, continuou cavalgando para demonstrar que não o obedeceria.

Kamal alinhou Pegasus com Nelly, levantou-se sobre os estribos e, inclinando-se para Francesca, arrancou-a da sela e sentou-a diante de si. Francesca só se deu conta do que acontecera segundos depois, quando, ao sentir os braços de aço que a rodeavam, lutou com fúria e tentou pular do cavalo. Assustado com os movimentos bruscos, Pegasus empinou e começou a dar coices e a bufar. Kamal conseguiu segurá-la antes que caísse e controlou Pegasus, enfurecido, só com a pressão dos joelhos.

— Fique quieta ou vou lhe dar um tapa! — ameaçou.

Francesca se voltou para esbofeteá-lo, mas a força primitiva que emanava dos olhos do árabe a obrigou a ficar quieta. Nem sequer teve coragem de pedir que afrouxasse a pressão dos braços; calada e imóvel, sentia uma dor pungente nas laterais do corpo, enquanto engolia a raiva e suportava a humilhação de ser subjugada.

Kamal pegou as rédeas de Nelly, que havia parado uns metros além, e voltaram. Muito agitado no começo, ele conseguiu regularizar sua pulsação e acalmar-se. Com um movimento rude, aproximou ainda mais Francesca, e ficou satisfeito quando ela obedeceu e acomodou as costas contra seu peito. Cavalgaram em silêncio até a casa, furiosos demais para falar, ainda que o trote compassado de Pegasus e o contato quente dos corpos os acalmassem.

Ao chegar, Kamal afrouxou o abraço e ajudou-a a descer.

— Olhe para mim! — ordenou em um sussurro. Inclinando-se na sela, levantou o rosto de Francesca pelo queixo. — Você está louca se pensa que, depois de tudo que fiz para tê-la comigo, vou deixar que escape de mim por causa dos arroubos de uma desmiolada. Conversaremos depois. Agora, vá descansar.

Esporeou Pegasus e levou Nelly para o haras.

Bateram na porta de seu quarto. Francesca foi assaltada por uma agitação incontável. Abriu. Era Sadun. Seu amo mandara chamá-la. Penteou-se e desceu, disposta a acabar com aquela situação absurda.

O mordomo lhe indicou que fosse para o escritório. Al-Saud, parado em frente à mesa, contemplava umas fotografias. Não olhou para ela, não falou. Agiu como se continuasse sozinho, como se ela jamais houvesse entrado. Francesca, que havia descido para lhe dizer umas poucas e boas verdades, ficou quieta, observando-o, apaziguada pelos

movimentos lentos e pela paz do árabe.

Ele havia tomado banho e feito a barba; seus cachos ainda estavam úmidos e o ar cheirava a seu perfume almiscarado. *Que homem mais estranho!*, pensou. Era inexpugnável e enigmático, mas mostrara-se tão aberto no dia anterior enquanto a abraçava e beijava!

Kamal foi em direção a ela, e Francesca se afastou.

— Eu não mordo — disse Al-Saud. Então, entregou-lhe as fotografias.

As imagens mostravam ela e Marina fazendo compras em Genebra, ela a caminho do consulado, ela no barco que navegava pelo lago Lemano, ela com seu chefe em algum coquetel ou recepção, ela na entrada de sua casa.

— Como conseguiu essas fotografias? — perguntou com um fio de voz.

— Eu mandei que fossem tiradas. Mandei que seguissem você durante algumas semanas.

Francesca olhava para ele e para as fotos, para as fotos e para ele, e não podia acreditar no que estava vendo e ouvindo.

— Seu nome completo é Francesca Maria De Gecco. Nasceu em dezenove de fevereiro de 1940, em Córdoba, na Argentina. Seu pai, Vincenzo De Gecco, morreu quando você era uma menina de apenas seis anos, e sua mãe, Antonina D'Angelo, teve que trabalhar como criada na mansão de uma família rica, os Martínez Olazábal.

— Por quê? — sussurrou Francesca. — Para quê?

— Porque, certa noite, em Genebra, eu a vi e a desejei. Eu a queria aqui comigo, em minha terra, entre meu povo, e a trouxe para cá.

Francesca negava com a cabeça e balbuciava em castelhano. Havia sido ele. A estranha transferência para Riad era obra dele. Pensou na esposa do cônsul e soltou uma risada que se misturou com o pranto, o medo e a fúria. Al-Saud tentou tocá-la, mas ela o repeliu com aversão.

— Não se atreva! — gritou. — Quem diabos pensa que é?

Quem diabos pensa que é para decidir meu destino, para me tirar de Genebra e me trazer para este maldito país de selvagens e incultos? Por quê? Para quê? Que mal eu lhe fiz?

Kamal ameaçou se aproximar de novo, e Francesca avançou e bateu no peito dele. Foi uma luta muda, até que Al-Saud a venceu. Sem poder se mexer, irada, Francesca acabou chorando nos braços dele. Afastou-se lentamente e olhou-o com desconcerto.

— Por que me trouxe aqui? — insistiu. — Por que me tirou de Genebra?

— Porque a quero para mim.

Francesca lhe deu as costas e levou as mãos ao rosto, confusa, vencida pela realidade que, de repente, ele havia jogado em sua cara. Pensava rápido, em muitas coisas, sem nenhuma clareza. Kamal a tomou pelos ombros, e ela se assustou de novo.

— Não tenha medo de mim — suplicou ele.

Sim, ela tinha medo dele. De seu magnetismo, de seu poder, de tudo isso. Ele era um árabe, um homem duro, caprichoso e tirânico, e, apesar de tudo, como o desejava! Como ansiava que ele voltasse a beijá-la e que seu ardor a fizesse sentir viva!

— Isto é uma loucura — disse, pensando em voz alta.

— Sim, uma loucura! — repetiu ele, obrigando-a a virar-se. — Fico louco quando a vejo, quando escuto sua voz, quando sinto seu perfume, quando a toco, como agora. Fico louco de paixão e desejo. Beije-me!

E, segurando seu rosto, buscou os lábios de Francesca e mergulhou em sua boca.

A impetuosidade de Kamal a fez estremecer; completamente vencida, ela se agarrou às costas dele e retribuiu beijo por beijo, carícia por carícia, suspiro por suspiro, em uma entrega livre, com a mesma excitação que emanava dele e que a deixava irremediavelmente perdida. Tentar não o desejar parecia insensato. Seu corpo, seu sorriso,

seus modos, seus olhos a enfeitiçavam. Aquilo que havia se transformado em uma tortura era agora desfrutado sem reservas nem remorsos. E que magnífica sensação de plenitude e felicidade! A luta entre o que devia fazer e o que seu coração pedia aos gritos acabou naquele instante em que ela se sentiu dele.

— O que será de mim agora? — perguntou.

— Você será minha — respondeu Kamal.

— Somos diferentes — interpôs ela. — Nossos mundos se desprezam desde sempre. Estamos separados por séculos de ódio e guerras. Ah, Kamal, tenho tanto medo! Tenho certeza de que isso é um erro!

— Esqueça o mundo, a religião, o passado! Deixe que o desejo flua dentro de você, que a possua, como me possuí. Seremos só você e eu. Não tema. Eu a protegerei e não permitirei que nada nem ninguém lhe faça mal. Diga que será minha. Diga!

— Sim, sua!

Nessa noite, Valerie Le Bon, usando como pretexto uma dor de cabeça, não desceu para jantar, e, bem cedo na manhã seguinte, ela e seu pai deixaram a fazenda para voltar a Paris. Os dias que se seguiram foram cheios de felicidade para Francesca. Acordava ansiosa, pulava da cama e achava que o dia era pouco para gozar a plenitude que experimentava quando Kamal estava perto ou quando a beijava sem moderação.

Porém, às vezes, inquietava-se, assaltada por dúvidas e questionamentos. Em especial, perguntava-se o que diriam sua mãe e Fredo quando soubessem e o que pensariam a senhora Fadila e os demais Al-Saud, tão apegados às tradições e ao islamismo. Francesca queria curtir aquelas férias sem se preocupar com o futuro e conformava-se ao pensar que Kamal cuidaria de todos os problemas. Havia noites em que não

conseguia dormir ao imaginar o que teria que enfrentar se unisse sua vida à de um príncipe muçulmano, mas, na manhã seguinte, quando Al-Saud a recebia para tomar o café da manhã, e ela percebia que seus olhos brilhavam de amor ao vê-la, nada do que havia atormentado seus sonhos tinha importância. Bastava escutar sua voz ou vê-lo entrar na sala para que os temores desaparecessem e a felicidade lhe devolvesse o sorriso. Ela recordava sua experiência com Aldo, que lhe parecia adolescente e imatura. Só havia servido para guiá-la até Al-Saud, e, mesmo que procurasse não o fazer, comparava-os, e via em Aldo um menino medroso, incapaz de enfrentar os preconceitos de uma sociedade e de uma família convencionais.

As horas pareciam eternas quando Kamal se trancava em seu escritório ou ia a Jidá para cuidar de seus negócios. Às vezes, ele ficava ao telefone durante mais de uma hora, e, embora falasse em árabe com seu tom de voz habitual, a expressão que escurecia seu rosto convinca Francesca de que nem tudo era cor-de-rosa na vida de Al-Saud. Ele se mostrava reticente quando ela perguntava algo a respeito e tinha uma habilidade extraordinária para se esquivar de interrogatórios e mudar de assunto.

Certa tarde, enquanto percorriam a propriedade a cavalo, ela tentou induzi-lo a contar-lhe as coisas.

— O que a preocupa? — perguntou Kamal.

— Nada. Quero saber mais sobre sua vida, já que você parece saber tudo acerca da minha.

Kamal desceu de Pegasus e, pegando-a pela cintura, ajudou-a a desmontar de Nelly. Pegou sua mão e caminharam em direção ao pasto, onde os empregados exercitavam e escovavam os cavalos. Francesca não sabia se ele responderia ou se ficaria trancado em seu silêncio habitual.

Um instante depois, Kamal se voltou para olhar para ela.

— Há temas sobre os quais nunca falarei com você — disse ele com sinceridade. — Não porque desconfie de você ou

porque julgue que não é capaz de compreendê-los. Eu confio em você mais que em mim mesmo e sei que é uma mulher muito inteligente. No entanto, vou mantê-la afastada de certas questões para protegê-la.

— Proteger-me? Quer dizer que você corre perigo?

— Quem não corre perigo? Existe alguém que possa afirmar que tem a vida garantida?

— Não me enrole com suas frases — disse Francesca, exasperada. — Você sabe o que quero dizer.

— É só isso que você precisa saber de mim — disse Kamal.

E, sem se importar com a presença dos empregados, pegou-a pela cintura e beijou-a com lábios ardentes.

Kamal lhe fazia as honras de senhora da casa, e os criados lhe atendiam e obedeciam com submissão cega e respeito, exceto Sadun, que a evitava e mal a cumprimentava. Kamal se mostrava cavalheiro e atencioso na presença de Dubois e Méchin e evitava incomodá-la com demonstrações de paixão. Suas ações tinham como único objetivo agradá-la, e, na fantasia de Francesca, só ela ocupava os pensamentos dele, tão importante e desejada se sentia. Iam ao mercado de Jidá, onde Kamal demonstrava sua generosidade gastando altas quantias; quanto mais Francesca reclamava, mais ele gastava. Almoçavam em algum restaurante tradicional e, depois, percorriam a cidade. Kamal gostava da parte velha de Jidá, notoriamente diferente da área moderna em que a influência da arquitetura ocidental era evidente. O setor velho, que Kamal sempre havia visitado com seu pai, caracterizava-se por ruas estreitas de paralelepípedos, edifícios de dois ou três andares e pequenos comércios.

As proeminentes sacadas das casas, construídas com madeira de cores vistosas e completamente fechadas, chamaram a atenção de Francesca. Kamal as chamava de *moucharabiah*.

— São feitas assim para que se possa ver sem ser visto.

Essas palavras a levaram de volta àquela manhã em Riad,

quando, conduzida por Malik ao mercado, havia visto, por entre as grades de uma janela, aquele par de olhos tristes e brilhantes. Seria esse seu futuro ao lado de um muçulmano? Teria que olhar por uma janela sem ser vista? Ela não queria pensar nisso; recusava-se a cogitar um destino tão amargo, sendo que Kamal se mostrava liberal e flexível. Mesmo assim, preferia não perguntar nada, com medo da resposta. Afinal, ele pertencia àquele mundo, respeitava-o e cumpria suas normas.

Certa tarde, Francesca encontrou Mauricio lendo na sala. Parada à porta, contemplou-o, se perguntando se ele saberia que Al-Saud havia mexido os pauzinhos para que ela fosse transferida para a embaixada da Arábia. Lembrou-se da reação dele ao ler na papelada que ela tinha vinte e um anos e das palavras que ele dissera a seguir: “Iam mandar outra pessoa, mas, de última hora, não sei por que, designaram você”. Tudo indicava que ele desconhecia as manobras do amigo.

Ela o cumprimentou, e, imediatamente, Mauricio abandonou o livro e se levantou. O nervosismo dele a surpreendeu; já não era o Mauricio Dubois de antes, o chefe aprumado que ela tanto admirava. Conversaram sobre trabalho, e, depois de fazer um balanço da visita a Jidá, Dubois confessou, em vista dos contatos e acordos obtidos, que a viagem havia superado suas expectativas.

A seguir, falou que logo deveriam voltar. Haviam se passado dez dias desde a saída de Riad, e os assuntos da embaixada demandavam sua presença. Calculava o retorno para dali a dois dias.

— Dois dias? — disse Kamal, a modo de saudação, dando um tapinha nas costas de seu amigo. — Nem pense nisso, Mauricio. Acabei de receber notícias de meu avô. Ele chegará ao oásis Ramsis em breve, e tenho certeza de que deseja ver você. Depois de tantos anos, não pode lhe negar isso. Você

conhece o velho... Ele ficará decepcionado se não for visitá-lo.

Dubois objetou e deu desculpas, mas Kamal rebateu cada um de seus argumentos. Por fim, Mauricio se resignou a, dali a dois dias, partir para o oásis onde a tribo do xeque Al-Kassib acamparia.

— Mande preparar os cavalos — disse Al-Saud, olhando para Francesca. — Quero lhe mostrar um lugar.

Francesca, que havia esperado o dia inteiro por um momento a sós com Kamal, saiu depressa para se trocar e voltou à sala em poucos minutos. Al-Saud, já com sua roupa de montaria, conversava com Dubois e Mé-chin; falavam em voz baixa, e seus semblantes a deixaram preocupada. De qualquer maneira, não adiantaria se esforçar para escutar, porque estavam falando em árabe. Será que um dia aprenderia aquela língua intrincada de sons guturais e simbologia confusa?

— Ótimo, você está pronta — disse Kamal, satisfeito. — Vamos, então.

Jacques e Mauricio trocaram olhares significativos enquanto Francesca e Kamal se afastavam.

— Estão vivendo um sonho do qual logo terão que despertar — disse Méchin. Dubois assentiu.

— Aonde está me levando? — perguntou Francesca, inquieta, pois fazia mais de uma hora que a casa havia ficado para trás.

— Você vai ver. — E olhando para ela de soslaio, acrescentou: — Você é impaciente, como uma boa ocidental.

À medida que avançavam, o dourado do deserto ia ganhando o verde das palmeiras, e o terreno começava a se ondular, primeiro, em elevações sutis, mas, depois, em altas dunas. De vez em quando, rajadas de vento fresco animavam o passo dos cavalos, que começavam a trotar, e davam uma trégua ao calor sufocante.

Francesca olhou ao redor: o silêncio era impressionante, a

solidão, absoluta, e a imponente do deserto, aterrorizante. No entanto, ao lado de Kamal, ela não tinha medo. A segurança dele a reconfortava. Ele cavalgava com a cabeça erguida e o olhar atento, à espreita; sua expressão era dura, suas mandíbulas se mantinham contraídas e os músculos do antebraço se destacavam ao segurar as rédeas. Pararam no alto de uma duna e viram o mar Vermelho a seus pés.

— É a primeira vez que vejo o mar — confessou Francesca.

— Vamos — disse Kamal, e açulou Pegasus, que desceu até a praia.

Galoparam perto do mar. A água respingava neles e o vento inflava suas camisas. Francesca ria de pura felicidade, e Kamal a contemplava extasiado. Depois, desmontaram e deixaram Nelly e Pegasus descansarem. Al-Saud estendeu uma esteira, onde se deitaram para secar. Francesca tirou as botas, enrolou a barra da calça e correu de novo para o mar. Brincou com o fluxo e refluxo das ondas, molhou os pés e, procurando conchas, encharcou os braços e o peito.

Kamal se apoiou nos cotovelos para observá-la. Ela parecia uma menina, rindo e gritando diante da novidade. Estava radiante, e mais linda que nunca. A oeste, os penhascos desapareciam por trás do resplendor do sol, que já ia se pondo. Kamal ficou maravilhado com o céu, estranhamente rosa, violeta e laranja. Fechou os olhos e sorriu, desconcertado pelo júbilo, embargado de uma paz infinita e desconhecida, pleno da energia transmitida pelo riso cristalino de Francesca arrastado pelo vento.

— Veja, Kamal! — exclamou a jovem, e aproximou-se correndo. — Veja que conchas lindas! Veja esta pedra, que suave! — E passou-a pelo rosto.

— Venha — disse Kamal, deitando-a a seu lado. — Você está encharcada.

Ele tirou o turbante e secou o rosto, os braços e o pescoço dela. A camisa branca de Francesca estava colada a seu peito e revelava a exuberância de seus seios e a ponta endurecida de

seus mamilos. Eles se olharam. Francesca sorriu com timidez, e Kamal notou que estava perdendo o controle. Beijou-a com ardor, devorando seus lábios, buscando-a com a língua. Abandonou a boca de Francesca e percorreu as faces e o pescoço dela com os lábios enquanto suas mãos a exploravam com uma insolência que não haviam demonstrado antes. Francesca, que gemia abraçando-o, debatia-se entre o desejo que governava seu corpo e o medo que lhe provocavam os arroubos de Al-Saud, que revelavam uma loucura desconhecida para ela. Bem, era verdade que ele já a havia beijado com ousadia; no entanto, nesse momento, tratava-se de um ardor que a assustava, de um poder avassalador que desejava possuí-la desde as profundezas de seu ser.

— Pare. Chega — suplicou ela, tentando tirá-lo de cima de si.

Al-Saud soltou-a e levantou-se, arfante e agitado.

— Você me faz perder o controle — disse, levando a mão à testa.

* * *

Kamal acordou com o membro ereto, perturbado pelas cenas de um sonho luxurioso. Pegou seu Rolex, no criado-mudo: era uma e meia da madrugada. Saiu da cama e foi à varanda. O ar marinho acariciou seu torso nu, e os aromas da murta e do alecrim que percorriam a galeria provocaram-lhe uma sensação prazerosa. Ele se apoiou sobre a balaustrada para contemplar o céu estrelado e a lua.

Pensou em Francesca, tão perto, a poucos metros, e imaginou-a adormecida, com a camisola enroscada ao redor da cintura e as pernas descobertas. Sorriu quando a memória arrastou até seus ouvidos o riso alegre dela na praia. Ela se divertira com o mar e com o simples ato de recolher conchas, expandindo como uma aura a vitalidade e a juventude que ele havia pretendido tomar em um arroubo. Ela se assustara; o

destempero de Kamal não tinha perdão. Estava desesperado porque a queria toda para si. Possuiria aquele ser simples que era Francesca, naturalmente inclinada ao bem e ao amor, aquela bonequinha linda e frágil, e possuiria também aquele outro ser complexo, aquela mulher fatal que se revelava sem rodeios quando ele a tomava nos braços.

Às vezes, ficava desconcertado com o ciúme que sentia, porque nunca o havia sentido com outras mulheres. Ciúme de quem ela gostava, dos destinatários de seus sorrisos e de seus pensamentos, dos homens que a desejavam, principalmente do tal Aldo Martínez Olazábal, que teria atravessado o mundo para ir atrás dela se ele não houvesse impedido. Deu um soco na coluna da balaustrada. Martínez Olazábal jamais se aproximaria de Francesca. Ele garantiria isso.

Escutou um barulho no extremo oposto da varanda e avistou o perfil de Francesca, parada perto do peitoril. A brisa colava sua camisola ao corpo e marcava o contorno de suas curvas. Seu cabelo preto comprido banhava os ombros. Não queria assustá-la, de modo que limpou a garganta suavemente para chamar sua atenção. Francesca se voltou e ficou olhando para ele. Kamal avançou. A lua iluminava suas feições e seu torso nu e musculoso.

— O que foi? Não consegue dormir? — perguntou.

Francesca negou com a cabeça e ajustou o robe sobre o corpo, como se estivesse com frio.

— Eu também não — acrescentou ele.

Ele se aproximou lentamente, como se tivesse medo de espantá-la, e passou o dorso da mão pelo rosto dela. Ela continuava observando-o com os olhos arregalados e a atitude de quem espera ser atacada. Kamal percebeu seu medo, e a ternura que sentiu quase o levou a renunciar ao objetivo que havia traçado ao encontrá-la ali. Mas seu desejo por ela era maior; na realidade, era a única coisa que importava desde que ele a havia visto pela primeira vez em Genebra. Não esperaria mais; havia feito tanto para tê-la que era uma tolice não se

fundir nela e se transformarem em um só. Pensava em Francesca como sua fazia tempo, mas isso não era mais suficiente. Queria marcá-la como sua, modelá-la a seu gosto na intimidade de uma cama, sentir-se dentro dela, ensiná-la a amar.

Abraçou-a fervorosamente, fazendo Francesca soltar um gemido de angústia. Kamal se afastou e tomou seu rosto com ambas as mãos.

— Francesca, meu amor — sussurrou perto de seus lábios.
— Saiba que para mim você é a coisa mais importante, a única coisa que importa. Há muito tempo, quando a vi aquela noite na sede da Venezuela, pensei: *Quero que ela seja minha mulher, a companheira da minha vida*. E agora que a tenho aqui, que a conheço melhor, sei que estava certo. Eu te amo, Francesca. — Ele beijou suavemente os lábios dela. — Eu te amo tanto...

— Kamal...

— Preciso de você esta noite — disse ele, e seu tom suplicante a surpreendeu. — Faça amor comigo.

— Tenho medo — admitiu ela segundos depois.

— Medo? Ainda tem medo de mim?

— Tenho medo de não o satisfazer. Eu não sei nada.

— Francesca — murmurou Kamal, sorrindo com benevolência. — Eu serei seu professor. Basta se deixar guiar, e o resto virá sozinho. Vamos para meu quarto — disse. Tomando-a pela cintura, conduziu-a para dentro.

Fechou a porta e acendeu o abajur. Francesca olhou ao redor com timidez. Era um quarto amplo, onde se destacava a cama de grandes dimensões. Algumas cadeiras em volta de uma mesa de café completavam o mobiliário. Uma janela, que dava para os fundos da fazenda, estava aberta. Francesca caminhou para ela, como se buscasse uma escapatória. Apoiou as mãos no parapeito e pôs a cabeça para fora, para que o ar fresco acariciasse seu rosto. Passaram-se só alguns segundos até sentir os braços de Kamal se fecharem em torno de sua cintura. Ele havia tirado a calça, e ela sentiu sua ereção contra

os glúteos. Começou a respirar profunda e aceleradamente, com medo.

Kamal afastou os cabelos dela e beijou-lhe a nuca. Deslizou as mãos por seu decote e acariciou seus seios. Ouviu-a gemer e viu-a pressionar-se contra seu peito, e entendeu que controlar a paixão que o dominava não seria fácil. Tirou o robe e abriu as fitas da camisola; as duas peças caíram ao chão. Francesca ficou completamente nua entre os braços de Kamal. Ele acariciou seus ombros e sentiu a pele dela se arrepiar. Virou-a, mas ela se recusou a fitá-lo; cobria os seios com as mãos e mantinha os olhos obstinadamente voltados para baixo. Ele, porém, contemplava-a com adoração. O silêncio era absoluto, quebrado apenas pelos sons noturnos já transformados em parte da quietude e da respiração de Francesca. Kamal apoiou a mão aberta sobre o peito palpitante dela e sentiu-a trepidar.

— Não tenha medo — disse.

— Kamal, não estou pronta para isso. Ainda não é hora.

Al-Saud a calou com um beijo e, sem afastar a boca de seus lábios, sussurrou:

— Quero estar dentro de você. Não me rejeite. — Depressa, acrescentou: — Livre-me dessa tortura, por favor!

Francesca levantou a vista e sustentou o olhar de Kamal. Seus olhos verdes e exigentes a hipnotizaram, e a confusão desapareceu junto com o pudor, a vergonha e os princípios que por anos ela julgara intransponíveis. Um desejo que ela não mais queria sufocar se espalhou por seu corpo e a fez livre e atrevida. Ela se agarrou a Kamal. O contato dos corpos nus a fez arfar. Ele a pegou no colo e a levou para a cama. Emocionado, acariciou as pernas de Francesca com os lábios, beijou seus joelhos, suas coxas suaves e torneadas, adentrou a parte mais recôndita com a língua e a fez gritar.

Até esse momento, Francesca não sabia que uma mulher podia sentir aquilo. Seus beijos e carícias anteriores e o momento compartilhado na praia haviam pressagiado o que

experimentava nesse instante; no entanto, nada do que havia vivido anteriormente podia se comparar àquilo.

Francesca deixava Kamal agir, sem frescura nem falsas apreensões, plenamente feliz, entregue por completo, amando-o. Entre os gemidos, ela ria de sua própria falta de vergonha. Houve um momento de dor, agudo e lacerante, mas Kamal parou e beijou-a e acariciou até que ela se viu pronta para continuar. Então, penetrou-a profundamente, e o grito que Francesca reprimiu mordendo os lábios se fez vivo nele. Por fim, ele caiu sobre ela, esgotado.

— Alá a abençoou com o dom da paixão — disse Kamal, arfando. — E eu sou o homem mais feliz do mundo por possuí-la.

Francesca permaneceu quieta, com o olhar fixo no teto. Kamal a puxou para seus braços e colou-a a seu corpo. Perguntou se estava bem, mas ela apenas assentiu, comovida demais para falar, dominada por aquela sensação que ainda pulsava entre suas pernas. Ela apoiou a cabeça no peito de Kamal e concentrou-se nas batidas de seu coração, vertiginosas no início, mas, com o passar dos minutos, mais calmas, voltando a seu ritmo normal.

— Em que está pensando? — perguntou ao levantar o rosto e vê-lo tão concentrado.

— Na primeira vez que a vi, na festa da independência da Venezuela.

Ela tentou recordar esse evento, mas em vão. Imagens pobres em detalhes surgiam em sua mente e, no geral, tinham a ver com Marina.

— Mauricio sabe que você arranjou minha transferência para Riad?

— Não.

— Como conseguiu fazer isso?

— Ah, Francesca, com dinheiro, se consegue quase tudo.

— Você me viu de novo depois da festa da Venezuela?

— Eu voltei a Genebra várias vezes só para vê-la. Eu ia aos

mesmos coquetéis, reuniões e conferências que seu chefe frequentava, e ali a encontrava. Enquanto eu viajava, mandavam-me suas fotografias e um relatório de suas atividades. Algumas vezes, eu parava em frente à porta do edifício onde você morava e esperava que saísse.

— Eu nunca reparei em você.

— Nunca. Uma vez, você me viu, mas não me olhou.

— É mesmo? Quando?

— No dia do almoço do governo do Cantão de Genebra. Eu estava na mesa ao lado da sua; pude escutar você, vê-la de perto e até sentir seu perfume. E queria matar o italiano que tentava seduzi-la. No final, você se levantou para ir ao banheiro, e eu fui atrás. Ao sair, você trombou em mim.

— Era você! Até pegou minha bolsa no chão e me devolveu!

— E a toquei pela primeira vez. Aqui. — Ele tocou o braço esquerdo dela.

Francesca ficou em silêncio, tentando compreender Kamal, a magnitude de seus sentimentos e de suas paixões. Às vezes, pensar nisso lhe provocava medo.

— E por que reparou em mim?

— Alá a fez fascinante. Você sabe disso.

— Acha que sou convencida, então?

— Não, em absoluto. Mas só sendo cega para não notar sua própria beleza e seus atrativos.

— Na realidade, a única coisa que eu sei é que nunca devem ter lhe faltado mulheres bonitas — disse Francesca com um tom de voz maroto. — Mulheres muito mais fascinantes que eu, uma simples secretária de embaixada.

— Você não é uma simples secretária de embaixada — disse Kamal, contrariado. — Você é minha mulher.

— Diga — insistiu Francesca —, o que foi que o seduziu em mim, de verdade?

— Sua beleza foi a primeira coisa que me atraiu. Depois, quando a observei com atenção, descobri algo que me afetou profundamente.

— O quê? — perguntou ela, impaciente.

— A tristeza em seus olhos.

Francesca tentou se afastar, mas Kamal a puxou de novo para si.

— Por Alá, juro que nunca vi olhos que refletissem tanto a alma de uma pessoa! Diga-me, que preocupação a perturbava tanto?

— Não quero falar sobre isso.

— “Isso” se chama Aldo Martínez Olazábal.

Francesca se levantou apressada.

— Como você sabe dele?

— Eu sei tudo sobre você, meu amor.

Francesca tornou a se deitar, mas evitou tocá-lo. O que a incomodava, na realidade? Aceitar que havia amado outro antes dele ou que Al-Saud soubesse tudo sobre ela enquanto ela não sabia nada sobre ele?

— Você ainda o ama? — perguntou Kamal, tentando disfarçar o ciúme atroz que endurecia sua voz.

— Nunca o amei; não como amo você.

Ele se deitou sobre ela e contemplou-a com ferocidade antes de falar:

— Agora, você e eu somos um só, e jamais poderá se afastar de mim.

— Eu te amo, Kamal Al-Saud. Por que está falando assim?

— Você disse que me ama?

— Sim.

— Jure! Por sua honra!

— Eu juro.



Francesca acordou confusa. Ao se voltar e encontrar Kamal orando em direção a Meca, enrolado em um lençol, a nitidez do que havia vivido a obrigou a suspirar. Ficou em silêncio na cama, respeitando a solenidade do rito, encantada com os movimentos e o tom repetitivo da voz de seu amante. Escutou o muezim, que, do minarete de uma mesquita próxima, convocava os fiéis para as preces matutinas, o *fair*: “Deus é grande; não há mais Deus que Alá, e Maomé é seu Profeta. Venham orar”. Muitas vezes, ela havia escutado esse chamado em Riad, pensando que isso jamais lhe importaria, que nada teria a ver com ela. Nesse momento, ao contrário de tudo que ela havia imaginado, o homem a quem havia acabado de se entregar orava para seu Deus com a devoção e o temor que só um árabe pode professar.

Deviam ser por volta das cinco horas da manhã. *Que cedo!*, pensou. O esgotamento de uma noite intensa deixava suas pálpebras pesadas. A seguir, remexeu-se entre os lençóis, com a certeza de que só haviam passado alguns minutos; no entanto, ao não encontrar Kamal a seu lado e sentir seus olhos feridos pelos raios de sol que entravam pela fresta da porta, deduziu que devia ser tarde. Ficou angustiada ao descobrir que, na realidade, era mais de meio-dia. Pulou da cama, vestiu-se rapidamente e desceu correndo a escada em direção ao salão principal. Jacques Méchin e Dubois estavam indo almoçar quando Francesca entrou na sala, atordoada e arfante.

— Boa-tarde — disse. Embora tentasse pensar em um argumento válido para justificar sua ausência, concluiu que

não dizer nada seria mais sensato.

— Boa tarde — respondeu Méchin, indo ao seu encontro.
— Chegou bem na hora do almoço. Venha, querida.

Ele lhe ofereceu o braço para entrar na sala de jantar. Dubois continuava pensativo e taciturno, como já estava fazendo tempo. Méchin, que se esforçava para quebrar o gelo do ambiente, também não era o mesmo aos olhos de Francesca. Ela recordava suas visitas à embaixada com o professor Le Bon e as conversas amenas sobre política e história e notava que ele não aprovava seu relacionamento com o príncipe Al-Saud.

Acaso, consideravam que era indecente de sua parte? Acreditavam que Kamal merecia uma mulher a sua altura? Acaso, Dubois pensava que ela havia traído sua confiança se envolvendo com seu melhor amigo, um herdeiro da dinastia saudita? Achavam que era uma mulher leviana, uma mulher sem princípios?

Com tantos questionamentos, o almoço caiu como chumbo em seu estômago. Furiosa, ela se perguntava onde estaria Kamal. Precisava dele desesperadamente, precisava da segurança de seu semblante tranquilo, da paz de seus movimentos lentos, de um sorriso que lhe desse a entender que estava tudo bem. Como ele podia deixá-la sozinha depois do que acontecera na noite anterior? Para ela, isso era uma falta de consideração. Nem um bilhete, nem um recado pela criada, e Dubois e Méchin também não o mencionavam. Talvez agora, saciada a sede, apaziguado o instinto, ele não tornasse a olhar para ela. Francesca ficou angustiada e recordou os presságios de Sara como uma condenação bíblica: “Ele a tomará e depois a abandonará”.

Depois do café, Jacques se retirou para descansar, e Mauricio Dubois mandou Malik preparar o carro, pois iria à cidade. A ideia era tentadora para Francesca: um passeio pelas ruas de Jidá a distrairia; além disso, conversaria com seu chefe e esclareceriam tudo. Mas Mauricio não a convidou. Minutos depois, ao escutar o carro na porta, ele se despediu

laconicamente e partiu, deixando-a sozinha e angustiada.

Ela se recostou nas almofadas e deu uma olhada ao redor. Foi até a biblioteca e olhou as lombadas dos livros, mas nenhum a seduziu; os poucos escritos em francês eram sobre criação de cavalos, cura das doenças mais comuns dos *muniqi* e outras questões relacionadas a equinos, que não lhe interessavam.

Se ao menos houvesse um romance ou um ensaio, pensou, suspirando, e tornou a deitar-se nas almofadas.

Sadun entrou pela porta do jardim trazendo umas toalhas e nem sequer parou para cumprimentá-la, o que a incomodou bastante. Ela já havia sofrido duros embates naquele dia, e qualquer detalhe a irritava. Já fazia algum tempo que o mordomo também se mostrava seco e distante, sendo que, no começo, apesar da limitação do idioma, tinha se esmerado para servi-la e agradá-la.

Ela foi para o jardim e sentou-se à beira da fonte. Tocou a água, e os nenúfares balançaram sobre suas folhas carnudas. Uma brisa quente arrastava os aromas do alecrim, da murta, dos lírios-do-vale e do louro, e ela seguiu o rastro, que a conduziu ao harém, onde ficou olhando as janelas fechadas, meio escondidas atrás das plantas. Pensou em pedir permissão a Sadun para tomar um banho na piscina, mas logo descartou a ideia, pois lhe pareceu atrevida na ausência da senhora Fadila. Os acontecimentos haviam se precipitado desde aquela manhã em que a conhecera. Sua vida tinha dado uma guinada decisiva, e nada voltaria a ser como antes. Ela já era mulher. A mulher de Al-Saud. Pensou na partida repentina da mãe de Kamal. Ela nem sequer se despedira. Como se fosse urgida por um assunto grave, deixara a fazenda com seu séquito como escolta.

Teve a boa ideia de montar Nelly e subiu depressa para se trocar. No haras, Khalid se mostrou gentil e diligente e, sem hesitar, ordenou que preparassem a égua. Junto com Nelly, chegaram mais dois cavalos, montados pelos guarda-costas de

Kamal. Francesca notou que levavam armas e facas na cintura.

— O amo ordenou que Abenaboh e Kader sempre a acompanhem — explicou Khalid, em um francês mal pronunciado.

Francesca deu uma olhada nos núbios, solenes sobre as selas, e pensou que estragariam sua única atividade prazerosa naquele dia. Não poderia ser ela mesma com esses homens atrás, cerceando sua liberdade.

— Não é necessário que me acompanhem — disse. — Não vou sair dos limites da propriedade. O que poderia acontecer, Khalid?

— Ah, senhorita! Não diga nada e aceite a proteção de Abenaboh e Kader. Com que cara vou aparecer diante de meu senhor se lhe acontecer alguma coisa? — perguntou ele.

Ela saiu com os guarda-costas, que, apesar de manter uma distância prudente, pareciam estar sobre as ancas de Nelly. Por que Kamal mandara que a acompanhassem? Correria perigo? Quem o protegia enquanto seus homens estavam com ela? Durante o primeiro trecho, esse pensamento a alarmou, mas a beleza da paisagem e a inquietude de Nelly, que mordida ansiosa o freio, fizeram-na esquecer seus pensamentos obscuros.

De volta a casa, horas depois, ela ficou frustrada quando soube por Méchin que Kamal continuava ausente e que jantariam sem ele. A passo lento, arrastando o xale, foi ao quarto para tomar banho e se trocar. Mais tarde, sentada em frente à penteadeira, enquanto escovava o cabelo úmido com desânimo, repetiu, dessa vez em voz alta:

— Mulher de Kamal Al-Saud.

Perguntou-se se ser mulher dele significaria longas esperas, dias enfadonhos, guarda-costas metendo o nariz em sua intimidade, olhares de viés, medos e segredos.

Pensou em inventar uma desculpa e ficar no quarto, mas desceu para se juntar a Mauricio e Jacques. O jantar correu sem contratempos, e Francesca, já insensível à cara feia de seu

chefe e às tentativas infrutíferas de Méchin para animar a noite, continuou pensando, absorta nos mesmos monólogos internos que ao longo do dia haviam mudado seu estado de ânimo várias vezes.

O som de um automóvel na entrada, e, um instante depois, a voz de Kamal dando ordens à porta principal fez Méchin se calar, Dubois erguer a cabeça e o olhar ausente de Francesca se encher de brilho. Expectantes, aguardavam-no. Al-Saud entrou na sala de jantar envolto em uma capa de seda branca e usando uma *ghutra* muito elegante, que Francesca não conhecia. Saudou a todos com o cumprimento oriental e pediu desculpas por não ter participado do jantar. Não deu explicações, e ninguém se atreveu a pedi-las.

— Espero que tudo tenha sido do agrado de todos. Tomaremos o café na sala depois — acrescentou, antes de ir para seu quarto.

Francesca o seguiu com o olhar até que ele se perdeu por trás da porta e só reagiu quando deixou de ouvir seus passos. Sentiu um calafrio nas costas. Um peso no estômago a impediu de continuar comendo. Notara-o tão distante e inacessível como nas primeiras vezes que o vira na embaixada. Pediu licença a Méchin e Dubois e abandonou a sala de jantar. Tirou os sapatos de salto alto, atravessou o pórtico correndo e subiu a escada igualmente depressa. Já em seu quarto, ficou apoiada na porta, com o olhar fixo perfurando a escuridão, até que as risadas provenientes do andar de baixo a puxaram de volta à realidade.

Ela pôs a camisola e enfiou-se na cama, com os lábios trêmulos e os olhos marejados. Precisava de sua mãe. Tinha a impressão de que tudo era um caos e desejou que Antonina estivesse ali para se aconchegar em seu colo e ouvi-la dizer “*va tutto bene, figliola mia*”. E que depois Fredo aparecesse e a enchesse de beijos e a estreitasse em um abraço. De repente, sentiu saudades de sua cidade: a Plaza España, o bulevar Chacabuco, o palácio dos Martínez Olazábal. Sentia falta de

Arroyo Seco também, de seu Cívico e de dona Jacinta, dos passeios com Rex, de Sofia e de sua vida na Argentina. Nunca deveria ter partido; fugir havia sido um erro. Começou a chorar e afundou o rosto no travesseiro para que ninguém a ouvisse.

Em meio ao pranto, julgou ouvir alguém avançar pelo corredor e parar diante de sua porta. Um segundo depois, Kamal entrou sigilosamente. Francesca deu-lhe as costas e fingiu dormir, esperando que ele não quisesse acordá-la e fosse embora logo. Porém, Al-Saud tirou o roupão e deslizou sob o cobertor. Tomou-a pela cintura e beijou-lhe o ombro. Francesca sentiu o peito nu dele contra suas costas e a dureza de sua virilidade em suas nádegas e sufocou um gemido. Kamal a fez virar-se. Ao roçar sua face com os lábios, deteve as carícias.

— Você está chorando — alarmou-se. — O que foi? Está sentindo dor?

— Não.

— Ainda não se recuperou de ontem à noite?

— Não é isso.

— O que minha princesa tem, então?

Francesca se agarrou ao pescoço dele e continuou chorando. Al-Saud se acomodou, encostado na cabeceira da cama, e deixou-a liberar suas dores: estava com saudades da mãe e de seu tio Fredo, queria voltar para Córdoba, precisava de seus amigos, de seu cavalo, de suas coisas, de seus lugares...

— Por que você saiu e me você deixou aqui? — censurou-o. — Eu me senti sozinha e entediada. Hoje, precisei de você mais que nunca.

— Desculpe. Agora, entendo que foi falta de consideração de minha parte, mas não achei que você fosse se incomodar. Eu tinha uns assuntos para tratar e não queria adiá-los nem mais um dia. Sadun não lhe avisou que eu iria a Jidá e que talvez voltasse depois do jantar?

— Sadun não fala comigo ultimamente.
— Entendo.
— Mauricio e Jacques também não.
— Eu sei, Francesca, mas não se preocupe. Deixe tudo em minhas mãos. Se você soubesse o quanto precisei de você hoje, não brigaria comigo.

— É mesmo? — disse ela com ironia. — Você nunca parece precisar muito de ninguém.

— De você, sim! — disse Kamal, bravo, e obrigou-a a fitá-lo. — Só você é importante, já lhe disse ontem à noite. Eu nunca falo por falar. Você me fez tanta falta que eu quis mandar tudo para o diabo e voltar para casa para buscá-la. Jamais duvide de mim, Francesca. No meio das reuniões, eu me lembrava de você gemendo e gostando enquanto se tornava mulher em meus braços e perdia meu pensamento, sonhava acordado.

A força de Kamal e a veemência de suas palavras apagaram as dúvidas e os pensamentos tristes que haviam atribulado Francesca o dia todo. E conforme a audácia das carícias aumentava, a saudade e a desilusão se transformavam em felicidade e confiança plena.

Kamal a cobriu com seu corpo e contemplou-a longamente com veneração. Francesca ficava comovida quando ele a contemplava assim, o que a fazia se sentir amada e linda. Ela sustentou seu olhar sem mal conseguir respirar, subjugada pela atração que emanava da pele de seu amante, que a deixava tão diferente e que a obrigava a se entregar aos deleites instintivos e lascivos que sempre lhe haviam dito que eram pecado. Al-Saud baixou as tiras da camisola de Francesca e beijou seus mamilos. Francesca passou os dedos pelo cabelo dele enquanto arqueava as costas em busca da voracidade de seus lábios.

Kamal sentia dentro de si uma rebelião à qual não estava habituado; sua maestria na cama tinha a ver com o controle e o domínio absoluto da situação. Com Francesca, acontecia o

contrário: seu sangue fervia nas veias e explodia nele, sem controle, em uma excitação despótica que o subjugava por completo. Mas ele queria mostrar a Francesca que o jogo de mãos, os suspiros, as línguas e as palavras entrecortadas, aquele preâmbulo no qual se descobriam os segredos e os encantos dos corpos era tão maravilhoso quanto o ato em si, e por isso tentava se controlar e não se comportar como um animal no cio.

Quando acabaram, continuaram se beijando e sussurrando palavras de amor, ainda prisioneiros de uma paixão inesgotável. O ar fresco da noite secou o corpo suado dos dois e acabou acalmando-os. Francesca, nos braços de Kamal, traçava o contorno dos músculos dele com o dedo. Ele brincava com os cabelos dela.

— O que você fez hoje para se distrair? — perguntou o saudita.

— Não muito. Tentei ler, mas seus livros não me interessaram. Tive vontade de ir à piscina do harém, mas não tive coragem de pedir permissão a Sadun.

— Pedir permissão? — interrompeu Kamal. — Você é a senhora desta casa. Pode fazer o que quiser quando quiser. Fui claro? Não quero mais escutar que você se privou de algo por medo de Sadun ou de qualquer outra pessoa. Sadun e os outros são seus empregados, e eu lhes pago para que a sirvam como a uma rainha.

— Khalid foi muito gentil — prosseguiu a jovem. — Preparou Nelly assim que lhe pedi, com muito boa vontade. Mas cavalgar sem você não foi a mesma coisa.

— Abenaboh e Kader foram com você?

Francesca assentiu.

— De agora em diante, eles serão seus guarda-costas. Aonde você for, eles a acompanharão.

— Por que, Kamal? Não gosto que dois homens me sigam. Não me sinto livre.

— Não discuta sobre esse assunto, Francesca. Agora, você é

minha mulher, e qualquer pessoa pode lhe fazer mal para me atingir.

Francesca pensou nessas palavras e acabou achando que a presença imposta dos núbios era uma prova do amor de Al-Saud, então não tornou a questionar sua decisão.

— Amanhã, partiremos para o oásis onde a tribo de meu avô está acampada — retomou Kamal. — Você vai gostar de conhecer minha avó. Ela é uma mulher extraordinária.

— Como ela se chama?

— Juliette.

— Juliette?

— Sim, ela é francesa. Meu avô a chama de Sherazade.

— Sherazade, como a heroína de *As mil e uma noites*?

— Exatamente. Dizem que ela enrolou meu avô assim como Sherazade fez com o sultão Shariar quando lhe contou todos aqueles relatos fantásticos ao longo de mil e uma noites para evitar que ele a matasse. — Kamal riu. — Sim, você gostará de conhecê-los. Às vezes, parecem crianças discutindo, mas se amam profundamente.

— Conte-me como uma francesa se casou com um beduíno do deserto — perguntou Francesca, impaciente.

Al-Saud lhe contou a mesma história que seu avô lhe contara anos atrás. Juliette D'Albigny era filha de um rico parisiense, amante de cavalos, em especial dos árabes, e amigo íntimo do então xeque Al-Kassib. Ele havia comprado alguns cavalos dele, e assim começara a amizade. Certo verão, ele decidiu visitar seu amigo beduíno e levou consigo sua jovem filha, pois durante anos ela insistira que lhe mostrasse o deserto. Juliette pisou em solo árabe naquele verão e nunca mais foi embora. Harum, filho e orgulho do xeque, apaixonou-se perdidamente por ela, e Juliette logo foi cativada pelos encantos e extravagâncias dele. No início, nenhuma das duas famílias aceitou a relação: D'Albigny, porque não queria sua única filha casada com um árabe que vagava pelo deserto, e o xeque Al-Kassib, porque não queria

uma infiel como membro de sua tribo. Além do mais, Juliette era extrovertida demais, na opinião do velho árabe, acostumado a mulheres submissas e respeitosas. Juliette disse que jamais voltaria a Paris, e Harum ameaçou abandonar a tribo. Então, as duas famílias acabaram compreendendo que o amor que unia os jovens era grande demais para ser enfrentado e decidiram aceitar a união. Os jovens se casaram segundo o rito muçulmano um mês depois.

— Eu queria estar no oásis agora mesmo — disse Francesca.

Eles flutuavam em um estupor luxurioso e quente. Às vezes, fechavam os olhos e cochilavam; depois, abriam-nos repentinamente e se asseguravam da presença do outro. Kamal se deitou de lado e percorreu o corpo nu de Francesca com a mão, desde o ombro, passando pelo antebraço, seguindo a curva da cintura e dos quadris, a perna macia, até o joelho, e dali voltou até o pescoço, tocou sua orelha, os cabelos, os ombros, os seios. Cada centímetro daquela mulher lhe pertencia, ele a conhecia toda, conquistara-a por completo. Abraçou-a possessivamente.

— Você é minha — sussurrou.

— Você sabe que sim — afirmou ela.

Ficaram calados por um bom tempo. De repente, Francesca quis saber se Kamal estava dormindo.

— Kamal?

— Sim.

— O que vai acontecer quando voltarmos a Riad?

— Como assim?

— O que vai acontecer conosco?

— Eu não voltarei a Riad — anunciou ele. — Quando voltarmos do oásis, irei para Washington. Ficarei fora durante algumas semanas, não muitas, e prometo que nos casaremos quando eu voltar.

— Casar? — repetiu ela.

Ela procurou o interruptor do abajur e o acendeu. Kamal se

recostou na cabeceira da cama, apoiando a cabeça no braço.

— Por que me olha assim? Eu disse alguma loucura?

— Não, claro que não.

— Não quer se casar comigo?

— Sim, claro que quero. É que você me pegou de surpresa. Não imaginei que seria tão rápido.

— Eu disse que a queria para mim — disse Al-Saud, como se a fizesse recordar uma velha promessa. — Não quero esperar mais. Você será minha esposa, pela vontade de Alá.

Francesca havia caído em uma espécie de estupor. Fixava seus olhos negros enormes nos olhos verdes dele, tentando organizar seus pensamentos. Amava esse homem e confiava nele; guiada pelo instinto, certamente, pois pouco sabia de seu passado e de seu presente. Contudo, bastava que ele olhasse para ela para acabar com suas dúvidas, que a tocasse para que seu corpo se eletrizasse, que lhe dirigisse um sorriso para que ela o guardasse como um tesouro. Ela o sentia dentro de si e não duvidava que a faria feliz; ela se entregava e o orgasmo chegava, saciando o desejo abrasador que ele mesmo havia despertado ao olhar para ela, ao tocá-la, ao sorrir.

— Por que se surpreendeu? — perguntou Kamal. — Você será minha esposa e minha amante, a mãe de meus filhos, aquela que compartilhará meus sonhos, minhas frustrações, meus cansaços, minhas alegrias. Você será meu refúgio, e eu serei o seu. Alá vai abençoar nossa união e os frutos de nosso amor serão sagrados. Se quiser — disse ele, um instante depois —, podemos nos casar também pelo ritual cristão. Mas será um segredo nosso. Ninguém de minha família deve saber.

— Para mim, não faz diferença casar por um rito ou outro — afirmou ela, mas logo pensou em Antonina e no sermão que lhe faria. — Mas o farei por minha mãe, para que ela não fique brava. Ela é muito católica.

— Sim, meu amor, o que você quiser.

— Já queria estar no oásis — repetiu Francesca, aconchegada no peito de seu amante.

— Amanhã, você vai conhecer o verdadeiro coração do meu reino, a estirpe que deu vida a isto que hoje chamamos de Arábia Saudita.

Na manhã seguinte, Francesca acordou com alguém batendo em sua porta. Encontrou a camisola aos pés da cama, enrolada no cobertor, e vestiu-a depressa. Jogou o robe por cima e disse a quem batia que podia entrar. Sadun entrou, trazendo uma bandeja com o café da manhã, e a vivacidade em seu rosto moreno a deixou desconcertada.

— Bom dia, senhorita. Espero que tenha passado uma noite excelente — disse ele em um francês ruim, acomodando a bandeja sobre a cama. — Prefere café ou chocolate? Eu recomendo esta torta de tâmaras, é minha especialidade. Tome seu café tranquila enquanto eu preparo seu banho. Depois, eu a ajudarei com a mala. O amo Kamal me pediu que a acordasse e que lhe dissesse que estará de volta em um instante. Ele se levantou às cinco e, depois do *fair*, começou os preparativos para a viagem a Ramsis. Agora, está aprontando os cavalos.

Sadun dirigiu-se ao banheiro, e Francesca escutou o rangido da torneira e a água batendo na louça da banheira. Ele voltou e se dirigiu ao guarda-roupa, de onde tirou a roupa de montaria, que acomodou em cima da poltrona, e as botas, que lustrou com uma flanela.

— Vou lhe trazer um chapéu, senhorita. Não é conveniente que cavalgue todo esse tempo com a cabeça exposta ao sol. Volto em um instante.

Francesca o viu sair, certa de que Kamal o havia repreendido severamente, e sentiu-se culpada, mas imediatamente reconheceu que jamais o havia visto levantar a voz nem ser rude com seus empregados, nem mesmo daquela vez em que uma das garotas que servia à mesa derrubara a jarra de *laban* no tapete persa da sala de jantar. De qualquer

maneira, o que quer que Kamal houvesse dito, Sadun havia mudado por completo.



Marchavam a um ritmo regular sobre os cavalos, sob um sol sufocante que recrudesca conforme se afastavam do mar e adentravam a península. Kamal e Mauricio encabeçavam a comitiva. Francesca os observava conversar amena e confidencialmente. Teve cuidado para não se aproximar, certa de que quebraria a harmonia.

Méchin cavalgava atrás dos jovens, que não reparavam que os anos não passavam em vão e que o parisiense já não suportava bem tanto esforço. Mas cavalgar até o acampamento do xeque a cada temporada era um rito que nem os achaques de Méchin impediriam. Por isso, o francês enxugava o suor da testa, abanava-se com seu chapéu de safári e consultava o horizonte com seus binóculos com cada vez mais frequência, mas não se queixava. Francesca se aproximava de Jacques e tentava animá-lo; passava-lhe o cantil e fazia perguntas sobre os avós de Kamal e a tribo.

Os empregados fechavam a marcha, alguns a cavalo, outros guiando camelos abarrotados de bagagem. Embora os considerasse criaturas imponentes e atraentes, Francesca se mantinha distante, alertada por Sara, que lhe havia dito que eram animais imprevisíveis, cheios de astúcia, que gostavam de cuspir e morder.

Malik cavalgava com o grupo de empregados. Francesca sentia seu olhar, como a respiração de um animal perigoso à espreita. Haviam se cruzado em poucas ocasiões na fazenda de Kamal, pois ele estava totalmente dedicado à tarefa de atender ao embaixador; no entanto, essas poucas vezes haviam

bastado para confirmar a índole dos sentimentos que o motorista acalentava por ela. Malik exteriorizava sua natureza quando a olhava fixamente, e uma corrente de ódio a sacudia. Ela se perguntava se ele sabia de sua relação com Al-Saud. Olhou para trás e encontrou-o conversando animadamente com Abenaboh e Kader, e não teve dúvidas de que, se não sabia, logo saberia.

— Falta muito? — perguntou a Méchin, para tirar Malik da cabeça.

— Uma hora, mais ou menos — respondeu Jacques. — Há anos, faço este percurso, querida, mas é a primeira vez que me canso tanto.

— Eu também estou cansada. Queria chegar logo — admitiu Francesca. — O príncipe me contou que a avó dele é parisiense.

— Exatamente. Os D'Albigny fazem parte da nata de Paris. O casamento de Juliette com Harum deve ter sido um escândalo. Pelo que sei, ela estava meio comprometida com um membro da alta sociedade parisiense, mas, quando Juliette põe algo na cabeça, não há quem a faça mudar de ideia. Você vai gostar da avó de Kamal, e ela vai gostar de você — disse Méchin.

E, pela primeira vez em muito tempo, Francesca notou que ele voltava a ser o mesmo Jacques Méchin de antes.

Uma linha negra se desenhava no horizonte, e Francesca achou que se tratava de outra miragem. Porém, à medida que avançavam, a linha ganhava realismo e corpo. Por fim, transformou-se em uma algaravia que se aproximava a todo galope. Homens a cavalo brandiam suas armas acima da cabeça e emitiam sons monocórdios e agudos. Francesca sentiu seu sangue gelar. Seus companheiros, porém, sorriram.

— Não tenha medo — disse Jacques. — É a comitiva de recepção que o xequê enviou.

Kamal e Mauricio apressaram seus cavalos, e Méchin e Francesca os imitaram. Minutos depois, deu-se o encontro.

Kamal pulou de Pegasus, e dois beduínos, de quem só se viam os olhos, receberam-no com um abraço. Com habilidade, despojaram-se do turbante e exibiram rostos curtidos da areia e do bafo quente do deserto.

— São os tios de Kamal — explicou Méchin. — O que está à direita se chama Aarut; o outro, Zelim.

— E o xeque Al-Kassib?

— O xeque nunca faz parte da comitiva de recepção. Ele nos espera em sua tenda, no oásis, como determina o protocolo beduíno.

Jacques lhe ofereceu ajuda para descer e, juntos, foram cumprimentar os demais. Kamal lançou um olhar rápido a Mauricio, que apresentou Francesca como sua assistente. Isso a desanimou ostensivamente. Buscou Kamal com o olhar, mas não conseguiu atrair sua atenção, pois ele estava distraído com seus tios.

Montaram e seguiram caminho. Até Méchin se juntou ao grupo de Kamal, Mauricio e os beduínos, e Francesca ficou sozinha no meio da comitiva. Estava incomodada, marginalizada, espreitada por vários pares de olhos que a examinavam minuciosamente, como faria um médico.

As primeiras copas de palmeiras emergiram do mar de dunas quando eles adentraram o oásis, onde uma movimentação frenética de homens e mulheres se somava ao verde e ao frescor do ar para transformar aquele refúgio em um espaço encantado. A única tenda completamente branca se destacava também por seu tamanho imponente. À entrada, postavam-se dois homens corpulentos, com cimitarras presas ao cinto e os braços cruzados à altura do peito. Eles saudaram com reverência o príncipe Al-Saud quando entraram na tenda do xeque.

Francesca ficou surpresa: jamais teria imaginado que uma tenda rústica pudesse encerrar tanto luxo discreto e harmonia de tonalidades. Foi envolvida pelo aroma das essências que queimavam em fogareiros de cobre, e seus olhos se

deleitavam com o brilho dos narguilés de ouro, o cetim das almofadas, os vermelhos, azuis e dourados dos tapetes e as obras de arte dispostas sobre uma mesa com entalhes de marfim.

Kamal roçou disfarçadamente a mão de Francesca ao avançar para cumprimentar seu avô. O jovem e o velho se abraçaram. Falavam com efusividade em árabe, sem dar atenção a uma anciã que contemplava a cena por trás de umas cortinas.

— Por acaso, esqueceu esta pobre velha, Kamal? — perguntou ela em um francês perfeito.

— Vovó — murmurou Al-Saud, caminhando para ela. — Você está linda, como sempre.

As saudações prosseguiram e, de novo, Mauricio apresentou Francesca como sua assistente pessoal. Duas garotas dispuseram sucos de frutas e *laban* sobre uma mesa que ocupava o centro da tenda. Momentos depois, a tranquilidade e a mansidão daquela gente reinavam de novo, e, enquanto bebiam, conversavam sobre cavalos.

— Homens malvados — disse Juliette, olhando em torno. — Submeteram esta pobre mocinha ao tórrido deserto durante grande parte do dia e ainda a mantêm aqui, escutando bobagens. Venha, querida — disse a Francesca, levantando-se. — Vou acompanhá-la à tenda que preparei para você.

A pele diáfana de Juliette, a delicadeza de suas feições e os movimentos elegantes de seu corpo miúdo, que uma túnica de gaze azul-clara ajudava a realçar, faziam-na parecer mais uma fada que uma mulher de carne e osso e obrigavam Francesca a voltar os olhos para ela repetidamente. *Exceto a elegância, não há nada dessa mulher na senhora Fadila*, pensou, imaginando também que, quando jovem, aquela mulher devia ter sido uma beldade.

— Por aqui, Francesca — convidou a anciã, afastando os tecidos da entrada de uma tenda. — Já deixaram sua bagagem no dormitório. — Ela apontou para outra cortina, que dividia a

tenda em dois. — Mandei preparar a banheira com água quente para você. Certamente, vai querer tomar um banho antes do jantar.

— A senhora é muito gentil. Não precisava se incomodar.

Francesca sorriu, e Juliette ficou olhando para ela. Por um segundo, viu seu próprio reflexo, cinquenta anos antes, quando, jovem e bonita, cheia de paixão pela vida e segura de si, havia arriscado tudo por amor.

Zobeida, a beduína que serviria Francesca durante sua estadia, entrou discretamente na tenda, trazendo toalhas, frascos de perfumes, cosméticos, essências e óleos.

— Querida — disse Juliette —, deixo você com Zobeida. Ela lhe dará o que você desejar. Até a hora do jantar.

Juliette foi embora, e Francesca ficou imóvel no centro da tenda, contemplando os detalhes que a rodeavam, percebendo também os sons do exterior, a língua árabe, o relincho dos cavalos, os balidos das ovelhas. Sentiu-se uma intrusa. *O que estou fazendo neste oásis no deserto, convivendo com uma tribo beduína? Como cheguei até aqui?* Ela escorregou por um túnel de recordações, e, apesar de as imagens se aglomerarem desordenadamente, via com clareza os rostos. “Nada é por acaso”, dissera certa vez seu tio Fredo. “Cada um de nós é uma parte minúscula de um plano enorme e infinito, onde nossos fios se cruzam ou não, segundo a vontade do Arquiteto que o traçou.” Ela tivera que percorrer um caminho tão longo para encontrar o verdadeiro amor, e havia sofrido tanto também. Em um lugar tão afastado e alheio a tudo que lhe era familiar, ela se perguntou se realmente este era seu destino. Sussurrou o nome de Aldo e sentiu-se embargada pela saudade daquele amor de verão tranquilo e previsível, daquele homem de seu mundo, que seguia os mesmos códigos e princípios. Às vezes, Francesca se assustava com a hombridade estrepitosa e contundente do árabe que a havia tirado do lugar ao qual pertencia e a transformado em sua mulher sem sequer consultá-la.

Zobeida tocou-lhe o antebraço e, como não falava uma palavra em francês, esmerou-se em gestos para indicar a Francesca que entrasse no quarto contíguo onde a esperava uma banheira de cobre transbordando de água quente, cujo vapor inundava a tenda com o perfume dos sais e dos óleos. De um lado, destacava-se um catre com um colchão alto coberto de pétalas de rosas e de jasmims. Isso a surpreendeu.

— Muito obrigada — disse à criada, que lhe devolveu um sorriso.

Zobeida apoiou sobre um pequeno móvel o que ainda segurava nos braços e aproximou-se de Francesca para tirar sua jaqueta. Obrigou-a a sentar-se no catre e tirou-lhe também as botas de montaria, as meias e a calça. Massageou seus pés com uma destreza e uma habilidade que lhe deram sono. Zobeida acabou de despi-la e conduziu-a à banheira, onde Francesca mergulhou por completo, relaxada pela água morna. A beduína esfregou seu corpo com sabonete de madressilva, aplicando uma massagem enérgica que estimulou sua circulação e avermelhou sua pele. Apesar de ser intensa, a massagem pelos dedos, mãos, braços e ombros era prazerosa e a deixava mole. Zobeida passou aos pés, pernas, ventre e seios, logo chegando à cabeça de Francesca. O aroma do óleo com que esfregou as pontas dos cabelos venceu os cheiros de lavanda e madressilva. A garota fazia tudo calada; só se escutavam sua respiração serena, o atrito na pele úmida de Francesca e os sons externos, que se confundiam com a calma. Ela saiu da banheira sentindo-se sonolenta, e Zobeida a guiou até o catre, onde Francesca adormeceu, enrolada em uma toalha.

Ao acordar, uma hora depois, Zobeida já havia estendido aos pés da cama um vestido com um bilhete da senhora D'Albigny, que dizia: “É para você. Gostaria que o usasse esta noite”. A mistura de essências e aromas continuava impregnando o ambiente, fresco apesar do sol sufocante. Francesca se levantou animada, e Zobeida começou a arrumá-

la para o jantar. Esfregou suas mãos com uma mistura de glicerina e suco de limão, o que as deixou suaves e claras, de uma brancura perfeita. Perfumou-a com água de jasmim e a maquiou levemente, destacando seus olhos negros. De um braseiro, a moça pegou madeira de sândalo chamuscada, que colocou sobre um prato, e indicou a Francesca que levantasse os braços para passar a fumaça densa e aromática perto de suas axilas. O vestido, de seda branca com renda de Bruxelas em volta do decote, caiu maravilhosamente bem nela; descia até a metade das panturrilhas, deixando seus ombros e braços expostos. Francesca decidiu pôr os sapatos de pelica que Kamal lhe havia comprado em Jidá. Zobeida prendeu seu cabelo e, com uma tesoura quente, fez pequenos cachos que emolduravam seu rosto e acentuavam a tonalidade alva de sua pele.

Jacques Méchin passou para buscá-la e foram à tenda do xeque Harum Al-Kassib. Quando ela entrou, fez-se silêncio entre os convidados, e isso a deixou constrangida. Todos a contemplavam com atenção enquanto ela buscava desesperadamente Kamal, que conversava do outro lado da tenda.

— Bendito seja Alá, clemente e todo-poderoso, que guiou até minha tenda a mulher mais bonita do deserto! — exclamou o xeque Harum, extasiado.

Imediatamente, esclareceu o comentário para sua esposa:

— À exceção de você, Sherazade, claro.

Kamal interrompeu sua conversa e contemplou Francesca, extasiado, mais uma vez possuído pelo feitiço de sua beleza. O xeque apresentou a jovem aos demais convidados, chefes subalternos de sua tribo, e, a seguir, declarou com bom humor que estava morrendo de fome. Ofereceu o braço a Francesca e a convidou a sentar-se a sua direita a uma mesa baixa coberta de travessas. Os demais se acomodaram livremente, e Kamal ocupou o lugar à esquerda de seu avô, em frente a Francesca. Ele notou que ela estava constrangida e nervosa.

Juliette ordenou que fossem servidos, e, após uma circunspeção inicial, os comensais saborearam sem comedimentos nem frescuras os diversos pratos e bebidas. Todos se conheciam havia muitos anos, conversavam afavelmente e recontavam velhas histórias, que os faziam gargalhar. Mauricio ostentava um sorriso constante, como se, por fim, houvesse encontrado aquilo que o fazia feliz, e Méchin estava mais falante que de costume, animado pelo xeque, que já deixara de lado a formalidade e os bons costumes e vociferava, entre um bocado e outro, suas ideias e opiniões. Kamal sorria com as histórias de seu avô, comia e falava pouco.

A algaravia e a amizade das pessoas acentuavam a solidão e a nostalgia de Francesca. Ela se sentia uma estranha ali, nem sequer entendia a língua em que falavam. Queria que o jantar terminasse para voltar para a tenda.

— Não falem mais em árabe — ordenou Juliette. — Nossa convidada está de fora das conversas.

— Desculpe, senhorita — lamentou o xeque, beijando-lhe a mão. — Fomos mal-educados.

Francesca levantou o rosto e deu de cara com Kamal, que a observava fixamente com uma inexpressividade que a atormentava. A reserva exagerada de seu amante estava começando a incomodá-la; era difícil enxergar sua alma, pois, em geral, ele se mostrava reservado e sério. Francesca sustentou seu olhar e não se deu o trabalho de disfarçar o ressentimento que sentia por não ter sido apresentada como sua futura esposa. Um sorriso, um gesto de amor, era tudo que ela pedia para ficar bem.

— Sua mãe não quis vir ao oásis para não encontrar você — disse o xeque, dirigindo-se a seu neto. — Disse que está furiosa e que não quer vê-lo.

Francesca se alarmou. Dubois e Méchin trocaram olhares consternados.

— Mais um problema por causa de mulher? — insistiu o

xeque Harum, gargalhando.

— Você conhece sua filha, vovô — disse Kamal. — É impossível agradá-la.

— Como está Faisal? — perguntou Juliette, depressa. — Faz tempo que não temos notícias dele.

A menção do irmão de Kamal deu origem a novas polêmicas. Discutiram durante o resto da noite sobre o governo, o petróleo e a situação dos beduínos.

Kamal jogou uma pedra nos cascos dos cavalos para distrair o guarda, parado estoicamente perto da tenda de Francesca. Ao ver o homem se afastar, atraído pelos relinchos, ele entrou, e, graças à luz que transpassava as cortinas, viu a silhueta escura de Francesca sentada na beira da cama, e a de Zobeida, que escovava seus cabelos. Afastou a cortina que separava os dois espaços, assustando-as.

— Você nos assustou — disse Francesca.

Kamal se dirigiu à doméstica em árabe, e ela, sem o fitar, deixou a escova em cima do móvel e saiu.

— O que você quer?

— O que eu quero? — repetiu Kamal, surpreso. — Fazer amor com você, é isso que eu quero.

— Nota-se — disse ela, olhando para a virilha dele.

Kamal a tomou pelos ombros e levantou-a do catre.

— Solte-me — queixou-se Francesca.

— O que foi?

— Quero ficar sozinha.

— Mas eu quero ficar com você.

— Será sempre assim? — perguntou ela, mordaz. — Quando sua alteza me desejar, deverei cair a seus pés e, quando sua alteza não me desejar, deverei me manter afastada, sozinha e triste?

— Por que está falando assim comigo?

— Estou cansada. Deixe-me sozinha, quero dormir.

— Não a deixarei! — disse Kamal, furioso, e assustou-a.
— Diga-me o que está acontecendo!

Ele a segurou pelos ombros outra vez e sacudiu-a de leve. Fitaram-se. Por fim, Francesca suavizou suas feições ao ver o desconcerto no rosto de Kamal.

— Por que não disse a seus avós que sou sua noiva?

— Tolinha — disse Kamal, acalmando-se. — Tanta confusão por isso?

Ele a abraçou.

— Para mim, é importante. Tenho a impressão de que não tenho importância alguma para você, que só pensa em mim quando me procura à noite, e não existo durante o resto do tempo.

— Não diga isso — implorou Al-Saud, com uma tristeza que acabou amolecendo-a. — Já lhe disse que você é a única coisa que importa em minha vida. Quando não estamos juntos, penso tanto em você que creio que você poderia me sentir. Quando você não está comigo, morro de ciúme de quem esteja com você, de quem a veja sorrir, de quem sinta seu perfume, de quem se atreva a desejar sua beleza, que é toda minha. Hoje, eu a teria levado para longe da tenda de meu avô para não dividi-la com ninguém, e, se não mencionei minha decisão de me casar com você, foi para que a deixassem em paz. Você não os conhece. Eles teriam se tornado insuportáveis, teriam feito mil perguntas e estudado você como se o jantar fosse um interrogatório policial. Além do mais, quero que eles a conheçam primeiro para depois, com calma, comunicar-lhes sobre nosso casamento.

— Ah, Kamal! — soluçou Francesca, agarrando-se a sua cintura. — Você me confunde. Por que é assim, tão distante e reservado? Por que não conversa comigo? É difícil chegar a sua essência quando fica tão calado e distante.

— Desculpe, meu amor, é um costume entranhado em mim. Não gosto que os outros conheçam meus pensamentos nem que saibam de mim. Por isso, em parte, não disse nada

sobre nós. Você é a coisa mais importante da minha vida, e sinto que, se a compartilhar, vou expô-la, e não estou disposto a correr riscos. Mas vou mudar com você, prometo! Eu me abrirei para você como um livro, para que me leia e sacie sua curiosidade.

— Não se trata de curiosidade. Trata-se de saber quem é o homem com quem decidi me unir para sempre. Eu o amo como nunca pensei que poderia amar um homem, mas sei tão pouco sobre você que às vezes me assusto e me pergunto a quem estou me entregando. Às vezes, acho que tudo isso é um erro.

— Não! — respondeu ele, desesperado. — Nunca mais diga isso! Não é um erro. Diga apenas que me ama. Diga de novo.

— Eu te amo, Kamal. Você é o amor da minha vida.

— Francesca! — sussurrou ele, beijando-a.

Acabaram em cima da cama, em uma luta desesperada para tirar o robe, a camisola, a calça e as botas. Fizeram amor com desespero, urgidos pelo desejo que queimava seus corpos. Francesca arfava no ouvido dele; sua respiração quente e o aroma de sua pele, mistura de suor, sândalo e jasmim, chegavam como ondas enquanto ele investia entre suas pernas e o excitavam a ponto de fazê-lo esquecer a sutileza das paredes de tecido e gemer como animal ferido. Francesca passava as mãos pelas costas dele, descia até as nádegas e apertava-as para fazê-lo entrar mais; o corpo vibrante de Kamal se confundia com o seu, como se fossem um só. A indecência desavergonhada de seu amante, que havia arrebatado sua inocência e que agora a tornava lasciva e luxuriosa, por fim, a libertava, pois, como nunca, ela se sentia ousada e segura, sem medos nem dúvidas, capaz de enfrentar a pessoa mais valente, e também a redimia do peso do pudor, que, evaporado com o sangue virginal, dera lugar ao paraíso revelado pelas mãos de um homem que lhe dizia: “Veja, esta é você, esta é a mulher que eu desejo tanto”. Kamal era a referência de sua própria feminilidade.

O momento, depois do ato sexual, em que Kamal puxava o corpo de Francesca para junto do seu, quando o desejo febril dava lugar à saciedade e à paz, estava a um abismo de diferença em relação a tudo que haviam experimentado, porque, apesar de tê-la possuído, Kamal ainda continuava precisando dela desesperadamente.

— Sua mãe está brava com você por minha causa, não é?

— Sim.

— Ela não me quer como sua esposa porque sou católica?

— Ela quer alguma moça da alta sociedade de Riad.

— Alta sociedade de Riad? — repetiu Francesca com displicência. — Parece que sou perseguida pelas altas sociedades — completou, com ironia.

Kamal sabia a que ela se referia, mas não fez nenhum comentário. Seu semblante se ensombrou de ciúme, pois Francesca havia aludido a seu antigo amor apesar de estar nos braços dele.

— Quem é Faisal?

— Meu irmão.

— Irmão ou meio-irmão?

— Meio-irmão; minha única irmã é Fátima. Mas não há diferenças para mim. Faisal é, além de tudo, um grande amigo. Você vai gostar da esposa dele, Zora. Ela é uma mulher maravilhosa. É diretora da primeira escola para meninas fundada no reino. Ela e Faisal a fundaram. Vou perguntar a Zora se pode lhe ensinar árabe.

Francesca ficou pensando na ideia de aprender árabe. Virava-se tão bem com o francês que nunca havia precisado do idioma. Perguntou-se que outras coisas mais teria que aprender para pertencer ao mundo de Al-Saud. Decorar o Alcorão e repetir as *sunas* como um pai-nosso? Orar cinco vezes por dia com o rosto colado no chão e praticar as abluções de praxe? Viver entre as paredes de um harém e usar a *abaaya* toda vez que transpusesse a porta? Jejuar no mês de ramadã? Levantou a vista em busca do rosto de Kamal para se

acalmar.

— Você não se dá tão bem com seu irmão Saud, não é?

— Por que está dizendo isso?

— Na noite em que me apresentou a ele, na embaixada da França, senti certa tensão entre vocês.

— Fiquei incomodado porque ele ficou olhando para seu decote — disse Kamal.

— Parecia algo mais que ciúme por causa de um olhar indiscreto. Na realidade, parecia um ressentimento de anos.

— Nós não concordamos muito em algumas questões de política e administração do reino, e isso nos distanciou um pouco. Mas ele continua sendo filho de meu pai, e eu o respeito como rei.

— Por que esperou tantos meses para me confessar que foi você quem me trouxe para a Arábia?

— Você faz perguntas demais — reclamou Al-Saud.

— Você disse que se abriria como um livro — retorquiu Francesca.

— É verdade. — Depois de um silêncio, ele disse: — Houve circunstâncias que me levaram a adiar nossa aproximação. Em primeiro lugar, a animosidade que você sentia por nós.

— Não é verdade — mentiu ela.

— Sim, é verdade, e não a culpo. Você viveu experiências que só pioraram a imagem ruim que você tinha dos árabes. O problema com o livro de arte, por exemplo, quando você chegou a Riad.

— Eu deveria ter imaginado que foi você quem o devolveu a mim.

— Depois, a *mutawa* no mercado. O que você teria dito se, naquele dia, em seu quarto, com o pé para cima e enfaixado por causa da agressão, eu lhe houvesse dito que já era minha?

— Eu o teria mandado plantar batatas — admitiu Francesca, rindo.

— Além do mais, surgiram várias viagens de negócios, e eu não fiquei muito tempo em Riad. Os assuntos de Mauricio em

Jidá vieram a calhar. Por falar em viagens, amanhã, vou acompanhar meu avô a Jidá.

— Posso ir com você?

— Não, não pode. Meu avô não permitiria. Vamos a Jidá para vender lã e cavalos, e ele vai dizer que ter uma mulher na comitiva dá azar nos negócios. É quase um ritual para ele que eu o acompanhe todos os anos quando vai vender seus produtos. Mauricio e Jacques irão também.

— Voltarão à tarde?

— Voltaremos em três dias.

— Três dias! Três dias aqui, sozinha! Três dias sem você. Por que faz isso comigo? — disse ela, desanimada.

— Você vai ficar com minha avó. E vai ver que não terá tempo para pensar em mim.

Kamal voltou no quarto dia, com Rex, inquieto, trotando ao lado de Pegasus. A comitiva, formada por homens, cavalos e dromedários lotados de pacotes, seguiu para o redil. Kamal, por sua vez, entregou os corcéis a um cavaleiro e foi para a tenda de sua avó, que estava lendo uma carta. A idosa baixou os óculos até a ponta do nariz e sorriu para ele com cumplicidade.

— O que você está procurando não está aqui — disse.

— Estou procurando você — replicou Kamal. Sentou-se ao seu lado e abraçou-a.

— Ela está na tenda. Está descansando — disse Juliette.

— Você tinha que adivinhar, não é?

— Se você não a houvesse tomado para si, eu pensaria que tenho um neto cego ou idiota. Essa garota é como a luz, ardente e brilhante. Você escolheu bem, meu filho. E não dê ouvidos às bobagens de sua mãe.

Ele se comoveu com as palavras da avó e ficou em silêncio.

Juliette acariciava o rosto do neto e o contemplava serenamente, lembrando-se de quando ele era pequeno e

passava os verões no oásis.

— Ela está descansando na tenda — repetiu Juliette. — Não se sentiu bem hoje. Calma, não é nada! — Ela o segurou pelo pulso e obrigou-o a se sentar de novo. — Deve ser o calor. Ela não está acostumada.

De fato, Francesca não havia se sentido bem em nenhum dos quatro dias da ausência de Kamal. No início, o cansaço e uma forte dor de cabeça se confundiram com a tristeza, mas ela não deu muita importância aos sintomas. Naquela tarde, no entanto, depois de um almoço frugal, ela tivera que se deitar, porque, segundo Juliette, sua pressão estava baixa.

Na noite antes da partida, ela havia adormecido nos braços de Kamal, mas, na manhã seguinte, acordou sozinha, com o borbulhar da água que Zobeida vertia na banheira. Tomou café com Juliette, que a convidou a cavalgar até a hora do almoço. Abenaboh e Kader as acompanharam. Ao chegar ao *uadi*, o rio que se forma na época das chuvas e que, semanas depois, evapora sem deixar rastro, desmontaram e sentaram-se à margem, protegidas pela sombra de uma palmeira transbordante de tâmaras.

— Meu neto está apaixonado por você, Francesca — disse Juliette, buscando a jovem com o olhar. — Eu o conheço como se o houvesse parido e posso lhe garantir que ele não é mais o mesmo. Sei que é por sua causa — continuou, sem comentar que Zobeida havia confirmado suas suspeitas ao contar-lhe da entrada sorrateira de Kamal na tenda de Francesca na noite anterior. — Ele tenta disfarçar, mas a contempla com uma ternura da qual eu não o julgava capaz. Meu garoto a ama de verdade. Por que essas lágrimas?

Francesca passou o dorso da mão pelas faces e tentou sorrir. Estava tensa. Era a primeira vez que falava de sua relação com Al-Saud, e não esperava que o fizesse com a avó dele, apesar da atitude amistosa e compreensiva de Juliette.

— Vamos, Francesca, não precisa ficar assim.

— Desculpe, senhora. Eu também estou apaixonada por

ele, mas acho que não será possível. Quando estou ao lado dele, ele me faz sentir segura, sentir que tudo vai dar certo e que nada poderá nos separar. Mas, depois, olho em volta e vejo que tudo é tão diferente de mim, de minha educação. As pessoas são diferentes, pensam diferente, e eu não sei o que pensar. Estou confusa, não em relação ao amor dele ou ao meu, mas quanto ao que teremos que enfrentar.

— Eu sei exatamente como você se sente. Sei o que está sofrendo. Sua alma se desgarra quando pensa que não poderá ficar com o homem que ama. Mas também lhe digo que pelas veias de Kamal corre sangue nobre, forte e corajoso. Ele é o homem mais inteligente, hábil e decidido que conheço, e não digo isso porque é meu neto, e, sim, porque é verdade. Ele deveria ser o rei.

— Justamente por isso receio que não possamos ficar juntos. Ele pertence a seu povo, a seu reino. Conheço suas responsabilidades e obrigações. Ele não é um homem qualquer, que pode decidir sobre sua vida pessoal; no caso dele, as consequências importam. Kamal é parte da realeza deste país, e jamais lhe permitirão casar-se com uma ocidental.

— O que você diz é verdade. Não posso negar essa realidade. Mas meu neto tem orgulho de você e sente que, ao seu lado, pode conquistar o mundo. Não permita que um punhado de velhos conservadores estrague o amor que vocês sentem um pelo outro.

Juliette a animou contando histórias e segredos da infância e adolescência de Kamal, que lhe revelaram uma faceta dele que ela não conhecia. E, embora houvessem se passado anos, Juliette insistia que seu neto ainda conservava um espírito sensível e romântico, que escondia para não sofrer.

— O destino que coube ao meu rapaz não é fácil — repetia a idosa com frequência, mas Francesca não tinha coragem de perguntar a que destino se referia.

Distraiu-se bastante com a senhora D'Albigny, mas não

deixou de sentir saudades de Kamal, com uma intensidade que a deixava desconcertada. A ausência dele às vezes era insuportável, e a necessidade de seu corpo, de sua voz, de seu desenfreno na cama, de sua doçura depois, não a deixavam dormir. Na manhã do quarto dia, quando Zobeida entrou na tenda para ajudá-la com o banho e informou-lhe que o xeque e sua caravana ainda não haviam chegado, Francesca se desanimou ostensivamente, tanto que Juliette, ao vê-la pálida e melancólica, aconselhara uma sesta depois do almoço e um chá forte com muito açúcar.

Kamal a encontrou dormindo. Levou um banquinho até a cabeceira do catre, sentou-se e ficou olhando para ela. Francesca dormia profundamente, sem fazer ruído algum, nem sua respiração se escutava. Ficou assustado com a palidez de suas faces e sua posição estática. Aproximou-se do rosto dela para se certificar de que estava respirando, e, ao roçar os lábios de Francesca com o turbante, ela começou a se mexer.

— Acorde com calma — disse Kamal em seu ouvido antes de beijar sua face quente de sono.

— É você mesmo ou estou sonhando?

— Acabei de chegar.

Francesca se agarrou ao pescoço de Kamal e beijou seu rosto, olhos, boca, testa, enquanto repetia que estava com saudades, que não a deixasse sozinha, que precisava dele.

— Por que tanto desespero? — perguntou Kamal. — Minha avó disse que vocês se divertiram juntas.

— Sim, sim, sua avó é muito boa, mas eu não posso viver sem você.

Al-Saud a afastou um pouco e tomou seu rosto nas mãos. Olhou-a fixamente, com aquela expressão inextricável que Francesca nunca conseguia decifrar.

— É verdade o que está dizendo? Que não pode viver sem mim?

— Sim, é verdade. Você é tudo para mim. Você se tornou a razão da minha vida.

Como Kamal continuava olhando-a com estranheza, ela perguntou:

— Você tem dúvidas acerca do que estou dizendo?

— Não, jamais. É que eu desejava tanto que você dissesse isso... Eu tinha medo de... Afinal de contas, eu a arranquei dos seus e a trouxe até aqui. Não, não duvido de você. Você me pertence, de corpo e alma. Posso sentir sua entrega cada vez que a possuo. Não, eu jamais duvidaria de você — afirmou ele.

— Como está se sentindo? — perguntou, depressa. — Minha avó disse que hoje você não passou bem.

— Agora que você está de novo comigo, sinto-me magnificamente bem.

Kamal sorriu e beijou-a nos lábios. Com certa urgência, ordenou:

— Ponha a roupa de montaria e me acompanhe. Tenho uma surpresa para você.

Em um curral menor, vizinho ao redil principal, um cavaleiro escovava as ancas de Rex enquanto outro colocava nele uma sela nova e reluzente de couro preto, com o nome Francesca Al-Saud gravado em ouro.

— Onde está minha surpresa? — perguntou.

Kamal apontou para o cavalo.

Ao ver o animal, Francesca estacou.

— Ele se parece com Rex.

— É Rex. Eu o comprei de Martínez Olazábal para você.

Francesca alternou seus olhos arregalados entre Al-Saud e o cavalo até sair correndo para o pasto e abraçar o pescoço do animal. Os cavaleiros se afastaram a um sinal de Kamal. Francesca beijava a testa do cavalo e dizia que o amava, que sentira saudades. A presença de Rex naquela terra tão distante significava recuperar parte daquilo que havia deixado para trás e que não mais teria. Ela se agarrava ao garanhão como se abraçasse também sua mãe, Fredo e Sofia e como se em seu cheiro penetrante revivesse os odores do campo, da cidade, da cozinha da mansão, do jardim de Ponce, do apartamento de

seu tio, pois Rex pertencia àquele mundo e havia um pouquinho de cada coisa nele. Sentiu saudades e, quando seu coração começou a doer de tantas recordações felizes, voltou o olhar para Kamal e encontrou-o apoiado na cerca. Ele se aproximou com passos tranquilos, sorrindo com doçura.

— Feliz aniversário, meu amor.

— Você se lembrou — murmurou ela, emocionada.

Adentraram o oásis, percorrendo-o juntos pela primeira vez, e pararam os cavalos ao notar o silêncio cúmplice do deserto, que já havia sufocado os sons do acampamento. Fizeram amor apoiados no tronco áspero de uma palmeira: Kamal a levantou rapidamente, e Francesca enroscou as pernas na cintura dele. Sozinhos, no meio do oásis, longe de tudo e de todos, não se reprimiram, e quando o orgasmo tomou seus sentidos e intumescceu seus corpos, gritaram sem controle, consumidos pelo fogo voraz que só apagavam um no outro. Então, Kamal ficou parado, desfrutando as últimas correntes daquele rio de sensualidade que fluía de Francesca e que o transtornava. Ainda a segurava no colo, com as costas contra a palmeira e as pernas ao redor dele, quando confessou, arfante:

— Que Alá me ampare, porque estou perdido por sua causa. Estou louco por sua culpa, e nada mais me importa, exceto ter você.

Ele a desceu com cuidado e apoiou a testa no tronco, acima da cabeça dela, tentando normalizar a respiração. Levantaram as calças e ajeitaram as camisas em silêncio.

— Ainda não lhe agradei por Rex — disse Francesca, segurando-o pelo pulso. — Para mim, é como se, com um passe de mágica, você tivesse feito aparecer uma das recordações mais bonitas que deixei na Argentina.

— Há outras que, com um passe de mágica, eu gostaria de fazer desaparecer de sua cabeça — objetou Kamal.

— Já fez isso há tempos.

Cavalgaram um pouco sem conversar, cada um absorto em

suas próprias questões.

— Como comprou Rex? — perguntou Francesca, por fim.
— Não me diga que foi à Argentina?

— Você sabe que meu negócio principal é a compra e a venda de cavalos. Estou habituado a adquirir e vender exemplares em qualquer parte do mundo. Ao ver a fotografia de Rex em seu criado-mudo, imediatamente, falei com meu agente em Paris. Ele foi a Córdoba e fechou o negócio com Martínez Olazábal. No início, encontrou certa resistência por parte do capataz da fazenda.

— Seu Cívico! — recordou Francesca. — Ele deve estar morrendo de angústia. Assim que chegar a Riad, vou escrever a ele para explicar. Ele não vai acreditar! Kamal, você não faz ideia de como me fez feliz. Finalmente, Rex é meu, e não terei que o montar escondida.

Na volta até o acampamento, Francesca contou a Kamal as peripécias vividas junto com seu cavalo e deixou-o de muito bom humor.

À noite, o xeque e os membros de sua comitiva comeram um jantar frugal e trocaram poucas palavras, cansados depois da viagem de volta desde Jidá. Foram dormir sem conversar muito nem fumar bucolicamente o narguilé. Al-Saud acompanhou Francesca até sua tenda. Ficaram sentados sob o toldo da entrada, contemplando o céu estrelado. Francesca relaxou nos braços de Kamal, arrulhada por sua voz, que lhe contava lendas de cavalos alados, tapetes voadores e gênios em lâmpadas. Quando ela adormeceu, Al-Saud pegou-a no colo e levou-a ao catre, onde Zobeida a esperava para despi-la e aconchegá-la entre os lençóis fragrantes.

No dia seguinte, Kamal passou a manhã e as primeiras horas da tarde praticando cetraria com seu avô, arte que dominava com destreza desde a adolescência. À noite, totalmente recuperada da viagem, a tribo quis festejar, eufórica pelo

sucesso das vendas da lã e dos famosos cavalos Al-Kassib. Também se prestariam homenagem ao neto do xeque e príncipe herdeiro, que logo desposaria a mulher branca que havia chegado com ele. Achavam que, como sempre, Kamal havia lhes dado boa sorte nos negócios em Jidá.

Durante a cavalgada a essa cidade, Kamal havia encontrado o momento certo para comunicar a seu avô e a seus tios a notícia de seu noivado com Francesca. Jacques e Mauricio escutaram em silêncio e não fizeram comentários, ainda que Kamal jamais houvesse compartilhado com eles suas sérias intenções.

O xeque e seus filhos se surpreenderam sinceramente e depois se mostraram preocupados, em especial por se tratar de uma jovem ocidental e cristã, uma companheira tão pouco propícia para o futuro rei da Arábia Saudita. De qualquer maneira, não mencionaram seus receios e o parabenizaram efusivamente, dizendo que nem as huris do paraíso eram tão belas quanto Francesca. De volta ao oásis, a notícia do casamento correu como rastilho de pólvora entre os membros da tribo, e uma alegria generalizada se apoderou de todas as tendas.

Terminado o jantar, o xeque, sua família e seus convidados saíram da tenda para receber as honras. No centro do acampamento, ardia uma enorme fogueira, e os beduínos, com suas mulheres e seus filhos, acomodavam-se ao redor, fazendo uma algazarra que morreu subitamente com a chegada do amo. Um homem deu um passo à frente e indicou ao xeque e a Kamal os lugares principais. Depois, pediu a Juliette, Mauricio, Jacques e filhos do xeque que se acomodassem perto dos dois. Então, dirigindo-se ao público, apresentou o espetáculo.

Francesca, que era quem desposaria o venerado príncipe, não suscitava grandes paixões no povo e ficou relegada atrás de um grupo de idosas que falavam ao mesmo tempo e gesticulavam de tal modo que encobriam a pouca visão que ela

tinha do espetáculo, uma típica dança beduína. Dez homens em roupas coloridas de cetim formaram uma fileira no centro do palco improvisado. Ao som da música, ressonâncias compassadas e lamentosas, monocórdias e dissonantes, desagradáveis para Francesca, os dançarinos giraram sobre si coordenadamente, ficando ombro a ombro, e começaram a brandir suas cimitarras em várias direções com extrema precisão. Francesca mal conseguia respirar, pensando que um deles poderia arrancar a cabeça do colega. Enquanto o resto do grupo prosseguia com as manobras arriscadas e os sons lânguidos se repetiam, um dançarino abandonou a fila e recitou versos em homenagem ao xeque e ao príncipe saudita.

— Esta é uma das danças mais antigas da Arábia. Chama-se *ardha* — sussurrou Jacques Méchin a Francesca.

— É muito interessante — mentiu a jovem.

— Imagino que teve uma grande surpresa quando viu seu cavalo aqui.

— Ah, Jacques! Você não pode imaginar.

Méchin riu, estimulado pela alegria de Francesca e pelo brilho de seus olhos negros. Achou-a mais linda que nunca, com seu cabelo grosso e escuro que lhe chegava até a cintura e o tom rosado do vestido que lhe caía maravilhosamente bem. *Se eu tivesse trinta anos a menos*, pensou, lamentando-se e observando-a com mais atenção, como se quisesse descobrir o feitiço que ela havia lançado sobre o intelectual e moderado Mauricio e que havia conquistado o impenetrável coração de Kamal. Concluiu que tudo se reduzia a uma estranha mistura de inocência e voluptuosidade, à absoluta inconsciência de si mesma, à simplicidade de seu espírito, quando, na realidade, esperava-se encontrar dentro daquele corpo mundano e apetecível uma mulher voraz e experiente. Ele a desejou como havia muito tempo não desejava uma mulher e imediatamente se sentiu vil e traidor.

— Kamal não poderia ter escolhido melhor — disse, para afastar a tentação.

Francesca o olhou, satisfeita, e agradeceu. Pela primeira vez desde o início de sua relação com Al-Saud, a expressão de Méchin voltava a ser sincera e amistosa, desprovida dos subterfúgios em que havia caído ultimamente.

— Vocês são jovens e cheios de coragem — continuou o francês, falando mais para si mesmo. — Vencerão os obstáculos.

— Que obstáculos, Jacques?

O tom infantil da jovem o encheu de piedade, e Jacques achou que Francesca era como uma ovelha entre lobos. Também pensou que Kamal, sendo um lobo, deveria proteger sua ovelha para que não a esfaqueassem.

Vão esfaqueá-la, pensou, e um calafrio arrepiou sua pele.

— Francesca, você é uma jovem inteligente e perspicaz. Dizer que tudo será fácil entre você e Kamal seria como insultar sua inteligência. — Ele fez uma pausa para acender o cachimbo, em busca de um pretexto para ordenar seus pensamentos. — Os árabes são pessoas maravilhosas. São gentis, generosos, confiáveis, são os amigos bons e leais que qualquer pessoa poderia desejar, mas também são impulsivos, aguerridos e inflexíveis. Suas crenças religiosas são mais importantes para eles que a própria vida, e, acredite, Francesca, eles estão dispostos a morrer para defendê-las. Eles protegem os seus como feras e raramente permitem que alguém se intrometa em seus assuntos. Kamal é um deles. E é especial, claro. Teve a possibilidade de conhecer o mundo e outras formas de pensamento. Por suas veias, também corre sangue ocidental, o que representou para ele uma janela para conhecer a cultura de seus outros ancestrais. Ele está cheio de um ar renovador que poderia levar a Arábia a estar entre os países mais poderosos do mundo. Sei que ele pode conseguir isso. Ele tem coragem e sabedoria para tanto. Mas encontrará inimigos que tentarão sabotar tudo que ele conseguir.

Méchin se calou por um instante, e seu olhar se enterneceu.

— E você, sem dúvida, é uma de suas maiores e mais valiosas conquistas. Você é quem ele escolheu como mulher.

Francesca ficou sem fala, um tanto atordoada. Por um lado, o discurso parecera alarmante, mas, por outro, era um louvor ao amor. Ela se limitou a agradecer e não quis aprofundar o tema, com medo da realidade que encerrava. De qualquer maneira, ela bem sabia que, em Riad, ninguém a queria.

Os aplausos chegaram a seus ouvidos, indicando que a *ardha* havia acabado. O apresentador dispensou os dançarinos e anunciou o próximo número. Kamal e os demais homenageados pareciam se divertir, especialmente Dubois, que, com uma animação incomum, conversava com Juliette e o xeque, aplaudia e ria de qualquer coisa. Para Francesca, o espetáculo não era estimulante, em absoluto, e ela decidiu, uma vez que voltariam à cidade bem cedo na manhã seguinte, retirar-se e tentar dormir, apesar do barulho.

Na solidão da tenda, ela encontrou a quietude pela qual ansiava. Estava exausta; sua pressão devia estar baixa de novo. Vestiu a camisola e o robe. Resignada à ausência de Zobeida, que participava do festejo, escovou ela mesma os cabelos depois de tantos dias durante os quais, com extremo cuidado e delicadeza, a beduína os escovara. Sentiria falta dela, sem dúvida, e de seu silêncio tranquilizador, de suas mãos habilidosas, do perfume de sua pele acobreada. Sentiria falta também dos cafés da manhã com Juliette, das cavalgadas ao coração do oásis, das conversas sobre Kamal enquanto molhavam os pés no *uadi*. Pensou nos dias vividos em Jidá, e a iminência da volta ao trabalho e à vida normal deixou-a devastada. Francesca havia se afeiçoado ao mundo de Al-Saud e não queria voltar para Riad, como se voltar significasse quebrar o encanto, despertar de um sonho prazeroso. Ela compreendeu que já pertencia àquele lugar.

Kamal entrou no quarto e a abraçou por trás. Beijaram-se, acariciaram-se, cheiraram-se, desejaram-se, e, no momento em que estava quase a arrastando para o catre, Al-Saud se

lembrou do que havia ido fazer ali.

— Venha. Quero lhe mostrar uma coisa.

— Vou me trocar.

— Não, venha assim. Estaremos sozinhos.

Deram-se as mãos e saíram da tenda. Correram, desviando de palmeiras, margeando o *uadi*, sentindo a água fresca nos pés nus. Eram guiados pela luz da lua, que iluminava uma faixa de terra. Pararam no topo de uma duna, onde Francesca se admirou com a grandiosidade daquele vale de areia platinada que se estendia a seus pés em uma eternidade maravilhosa e imponente, que suscitava medo e prazer, vontade de percorrê-la e pânico de adentrar seus mistérios, que tornava sua respiração pesada e a obrigava a segurar com firmeza a mão de Kamal. Permaneceram em silêncio, com a vista perdida no negrume do horizonte. O acampamento ficara para trás, envolvido por um halo de luz avermelhada e sons melancólicos. À frente, se projetava a imensidão do deserto, que já a havia cativado. Ela olhou para seu amante para dizer algo e encontrou-o absorto na paisagem noturna.

— Você ama mesmo esta terra, Kamal. Vejo isso em seus olhos.

— Aqui nasci, aqui nasceram meus pais, isto foi o que conheci desde que vi a luz e isto foi o que me ensinaram a amar e respeitar. Durante os anos de estudo na Inglaterra, não existiu uma noite em que eu não sonhasse em voltar para o deserto. Eu sentia tanta falta de meus cavalos. Queria sentir seus cascos afundando na areia, montá-los até extenuá-los. Tinha saudades de minha casa, de minha mãe, de meu pai. Havia deixado aqui as melhores coisas que eu tinha, e só queria voltar.

Francesca amou esse momento e guardou-o com suas recordações mais preciosas, pois, pela primeira vez, sentia que Kamal abria seu coração e mostrava seu interior com desprendimento e confiança.

— Quando entrei na Sorbonne, fiquei deslumbrado —

prosseguiu ele. — A magnificência do lugar, a sabedoria dos professores, a majestosa biblioteca, gente de todos os cantos do mundo... Enfim, pensei em não voltar à Arábia. — Ele sorriu tristemente e acrescentou: — Mauricio e Jacques não acreditaram, mas levei cinco anos para voltar. Voltei na ocasião do atentado contra meu pai. Saud, meu irmão, foi quem o protegeu e saiu ferido.

Depois desse comentário, Kamal se fechou em seu silêncio habitual e manteve o olhar fixo no horizonte. Segundos depois, Francesca pressionou seu braço. Ele se voltou e olhou-a demoradamente.

— Como você é linda! — disse, por fim, e beijou-lhe os lábios, o pescoço, o decote.

Caíram de joelhos no chão, onde prosseguiram as carícias febris e os gemidos contidos. Ele a tomou ali mesmo, na areia morna, a céu aberto, com as estrelas e a lua cheia como únicas testemunhas de seus suspiros e palavras de amor. Ficaram exaustos, mudos, meio desconcertados.

— Jamais me senti assim — confessou ele, apoiando a cabeça no peito sibilante dela.

A noite estava mais fresca, e Francesca sentia frio. Kamal a envolveu com sua capa e aconchegou-a contra seu peito. Ficaram olhando o céu, cheio de estrelas. Francesca não se lembrava de já ter visto tantas, nem mesmo em Arroyo Seco. Sentiu-se mais viva que nunca, cheia de paz, e pensou que isso era ser feliz.

— Francesca — disse Kamal, como se jogasse a palavra ao vento. — Seu nome é lindo — disse, recordando o efeito que havia causado nele quando o investigador particular que contratara em Genebra o mencionara pela primeira vez.

— Meu pai se chamava Vincenzo Francesco. Deram-me esse nome por isso.

— Fale-me de seu pai.

Ela ficou incomodada; raramente falava de Vincenzo. Ela e sua mãe haviam selado um pacto tácito e nunca tocavam no

assunto. Antonina chorava à simples menção de seu marido e Francesca não suportava vê-la sofrer. Com Sofia, não tinha muito a falar sobre seu pai, pois ela pouco o recordava, e Fredo parecia evitar o assunto.

— Ele morreu quando eu tinha seis anos — disse, depois de um tempo. — Mas isso você já sabe. Lembro-me de poucas coisas: o dia do velório, o enterro depois. Minha mãe chorava tanto! Eu cobria os olhos e rezava para que as lágrimas dela acabassem, mas nunca acabavam. Houve momentos em que odiei meu pai por fazê-la chorar tanto. E o odiei também por nos deixar sozinhas.

Ela sentiu um nó na garganta, que doía por tentar segurá-lo. Engoliu em seco e prosseguiu:

— Minha mãe raramente fala dele; cada vez que começa a me contar algo, chora, e eu odeio isso. Tenho uma recordação muito distante de meu pai; quase parece um sonho, mas acho que foi verdade. Eu estava em meu berço, dormindo, e, ao abrir os olhos, vi seu rosto por entre as grades de madeira. Ele me contemplava com muita doçura e, ao ver que eu havia acordado, sorriu e acariciou minha cabeça. Fico imaginando quanto tempo ele havia ficado ali me olhando. Talvez tenha sido um sonho e meu pai nunca tenha me observado por entre as grades do berço. Eu jamais saberei. Ele me amava muito, isso eu sei, eu sinto. Ainda lembro o som de suas chaves quando ele voltava do trabalho — continuou, com a voz congestionada. — Ao entrar em casa, ele perguntava: “*Dov’è la mia principessa?*”. E eu corria para ele. Sempre fazia a mesma coisa: ele me pegava no colo, me girava no ar e me levava à cozinha para cumprimentar minha mãe. Ah, Kamal, como eu gostaria que ele estivesse vivo e que você o conhecesse!

As lágrimas molhavam o braço nu do árabe, que a abraçava e tentava consolá-la.

— Não chore, pequena, por favor! Sou capaz de suportar qualquer coisa, menos seu choro. Desculpe, não pensei que recordar seu pai a entristeceria tanto. De agora em diante,

você será feliz. Nada turvará seus dias, e eu sempre estarei ao seu lado para garantir que seja assim. Ah, meu amor! Não sei o que lhe dizer para que a dor vá embora e você volte a sorrir.

Francesca se acalmou. Al-Saud secou as faces dela com sua camisa.

— Eu me emocionei falando de meu pai, mas não pense que fui infeliz por toda a vida por causa de sua morte — afirmou Francesca, mais dona de si. — Tio Fredo assumiu o lugar dele, e foi o melhor pai.

— Imagino que seu tio é um grande homem — comentou Kamal.

— Sim. Ele sofreu muito também. Abandonou a Itália depois que seu pai perdeu tudo no jogo e suicidou-se. Os Visconti pertenciam à nobreza, sabia? Eram proprietários de um castelo que pertencia a eles havia séculos. Chamavam-no de Villa Visconti. Meu tio tem um quadro desse lugar em seu escritório e nunca se cansa de contemplá-lo. Ele fica muito triste quando recorda sua pátria e sua adorada vila. Um dia, eu gostaria de conhecê-la; na realidade, gostaria de conhecê-la com ele.

— Por que você saiu de Córdoba? — perguntou Kamal após um silêncio.

— Por covardia. Eu fui embora para não ver Aldo Martínez Olazábal nunca mais. Ele havia prometido que nos casaríamos, mas me enganou. Sua família é uma das mais ricas de Córdoba, pertence à alta sociedade, e ele é considerado uma pessoa muito respeitável. Eu, porém, sou a filha da cozinheira.

A fluidez e a segurança de sua confissão a surpreenderam. Satisfeita por se referir a seu passado sem que isso lhe causasse dor, prosseguiu:

— Ele me deixou para se casar com uma mulher de sua classe social. Eu sei que ele não a ama, mas, enfim, foi a decisão dele. A vida é feita de escolhas. Algumas vezes, acertamos, outras, erramos. Eu acho que, seja qual for a

decisão, certa ou errada, deve vir do coração, de nossa própria certeza, e não ser consequência do medo. Na realidade, essa é a verdadeira coragem, não acha?

— Acho que você é a mulher mais corajosa que já conheci. Você é pura, transparente e valente. É o que dizem seus olhos. Você jamais poderá esconder seus sentimentos, pois seus olhos a delatam, minha vida. Você é corajosa porque decidiu se afastar desse homem para não sofrer mais. Fugir para não sofrer não é covardia, e, sim, coragem. Abandonar tudo que nos é familiar e conhecido em busca de paz e harmonia é uma sábia decisão.

— Os dias que estou vivendo ao seu lado, Kamal Al-Saud, estão sendo os mais felizes de minha vida.



Ao saber do noivado de Francesca com Al-Saud, Sara ficou brava.

— Cairão raios do céu! — explodiu.

— Eu sei que será difícil — aceitou a jovem. — Para eles, eu sou uma infiel. Não me aceitarão facilmente, mas terão que se acostumar, porque vou me casar com ele.

Sara sentou-se na beira da cama e contemplou Francesca serenamente. Seu olhar era mais doce, e ela já não franzia o cenho.

— Você faz ideia de com quem vai se casar? — perguntou, por fim.

E, diante do silêncio desconcertado de Francesca, prosseguiu:

— Você é tão inocente, está tão por fora das coisas, que, por isso, não tem tanto medo quanto eu de Kamal Al-Saud. Ele será o próximo rei dos árabes — disse Sara com solenidade.

— O próximo rei?

— Atualmente, a Arábia vive uma de suas crises mais graves, e tudo devido à má conduta do rei Saud. Em 1958, aconteceu algo similar. Há quem diga que a família Al-Saud quase foi à falência, e, se não quebrou, foi pela intervenção do príncipe Kamal, que, nomeado primeiro-ministro, assumiu o controle do reino e evitou que afundasse. Em 1960, apesar das súplicas de tios e dos demais irmãos, o príncipe Kamal renunciou ao cargo de primeiro-ministro por graves diferenças com o rei, e, desde então, os problemas voltaram e

agravaram-se.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou Francesca, abismada pela realidade de quão pouco conhecia Kamal.

— Na época, eu ouvi meu patrão anterior dizer essas coisas. Ele era muito bem relacionado com a família real.

Francesca havia se entregado por completo a Kamal, praticamente ignorando seu passado. Não se arrependia, mas admitia que não saber nada a inquietava. Preferiria que o próprio Kamal a informasse de seus problemas, e não uma empregada da embaixada. Enfim, a única coisa que ela conhecia era a atividade dele na fazenda de Jidá. A história de intrigas palacianas que Sara lhe contava era inacreditável, porém coincidia com detalhes que ela antes ignorara. Recordou a breve confissão de Kamal acerca de seu irmão Saud, e as palavras de Sara ganharam sentido: “Nós não concordamos muito em algumas questões de política e administração do reino, e isso nos distanciou um pouco”.

— Kasem disse que essa viagem a Washington do príncipe Kamal é para obter o apoio dos norte-americanos caso ele se torne rei. E ele, certamente, conseguirá — continuou Sara —, pois ele conta com o apoio da família inteira, que já não suporta o comportamento do rei Saud. Esta cidade se transformará em um barril de pólvora prestes a explodir, porque não acredito que o rei se afastará sem protestos. Você tem ideia do dinheiro que está em jogo? Bilhões de dólares, querida. E, por bilhões de dólares, uma pessoa pode chegar a matar.

— O que está dizendo, Sara! — exclamou Francesca, escandalizada. — Quer dizer que a vida de Kamal está em jogo?

Haviam se passado três semanas desde a volta a Riad, e Al-Saud ainda continuava no exterior. Ele ligava com frequência e lhe mandava caros arranjos de flores, mas isso não era suficiente para Francesca: ela queria Kamal. Todas as manhãs, se levantava com a esperança de vê-lo aparecer, mas os dias

se sucediam em uma lentidão exasperante, e Kamal não aparecia. Por telefone, ela o notava preocupado e distante; ele passava metade da ligação insistindo que ela só deveria sair da embaixada se fosse absolutamente indispensável e que nunca saísse sem a companhia de Abenaboh e Kader. Francesca, que esperava suas ligações para dizer que o amava, que precisava dele, limitava-se a perguntar se estava acontecendo alguma coisa, se ele se sentia bem, se estava com algum problema, e ele usava o cansaço como pretexto.

A tensão das reuniões, nas quais arranjos e entendimentos com autoridades do governo norte-americano punham em jogo, talvez, o futuro do reino árabe, haviam devolvido Kamal ao pesadelo de sua realidade; o contraste com os dias vividos ao lado de Francesca na fazenda de Jidá e no oásis reforçava sua pouca vontade de estar em Washington. Mas seu destino era salvar o que seu pai havia construído com vontade e esforço, arriscando sua vida em tantas batalhas, algumas contra exércitos armados, outras em mesas de negociação que as grandes potências do mundo sempre haviam presidido hierática e inflexivelmente. Agora, em meio ao caos financeiro, ele tinha que apelar a esses países de novo, ciente de suas múltiplas fraquezas e de sua única força: o petróleo. De qualquer maneira, a capacidade de negociação que isso lhe outorgava seria nula se ele não administrasse com sagacidade as circunstâncias adversas e não potencializasse os pontos a seu favor. A Arábia precisava dos Estados Unidos, mas os Estados Unidos não precisavam da Arábia na mesma medida.

Os Estados Unidos, que ostentavam a hegemonia do planeta desde o fim da Segunda Guerra Mundial, apresentavam-se como seu principal sócio, inexoravelmente poderosos e indiscutivelmente relacionados aos assuntos do Oriente Médio, em especial com o Irã, após terem sufocado, em 1953, a primeira revolução socialista, com Mohammed Mossadegh à frente, e restituído Reza Pahlavi com todas as honras de um xá da antiga Pérsia. Também tinham no bolso a Líbia, do rei

Idris, seguro provedor de petróleo da mais alta qualidade. Portanto, os Estados Unidos tinham duas fontes de hidrocarbonetos asseguradas. Kamal tinha que negociar com cautela.

Com a recordação da histórica conversa entre o rei Abdul Aziz e o presidente Roosevelt, a bordo do *Quincy*, no mar Vermelho, Kamal tentaria novamente uma aliança com os americanos, o que implicaria, para Saud, abrir as portas estrategicamente fechadas tempos atrás, fundamentalmente, devido à criação da Opep. Kamal sabia muito bem que a criação do cartel do petróleo havia constituído uma resposta justa à baixa arbitrária do preço fixado, mais conhecido como *posted price*, em 1960, por parte da Esso, comportamento que, inesperadamente, as demais companhias imitaram, violando assim um acordo que regia os negócios desde o início do século e que regulava os cânones para os países produtores, a propósito, já miseráveis. A injusta situação, no entanto, devia ser avaliada com calma, pois o poder de manejo dos recursos financeiros, da tecnologia e da informação continuava nas mãos deles, os ocidentais: era isso que Kamal entendia e que Saud se recusava a ver.

O petróleo, abundante no deserto árabe, de excelente qualidade e fácil obtenção, sangue vital que preenchia as veias da indústria e que lhe dava vida, seria inútil como areia se os árabes optassem pela atitude errada, ou seja, se enfrentassem o verdadeiro senhor do mundo. O reino precisava dos ianques para garantir o crédito e os investimentos que tirariam a Arábia daquele atoleiro. Sem recursos financeiros nem indústrias, ela continuaria sendo um país inferior, consumidor de automóveis importados e jatinhos ultramodernos até que o petróleo acabasse e o dinheiro desaparecesse, quando voltaria a ser o planalto desértico e inculto que havia sido por séculos. Obter a tecnologia do Ocidente: esse era o objetivo de Kamal.

Apesar de não concordar com as condutas políticas e a

ideologia do líder egípcio Abdel Nasser, Kamal resgatava uma frase sábia, quase profética, de seu livro *A revolução no mundo árabe*: “O petróleo, meus irmãos, é o nervo vital da civilização. Sem ele, já não haveria meio algum de existir”. Sim, o nervo vital da civilização, mas com o Irã e a Líbia como aliados, que lhe entregariam navios abarrotados, a preponderância do reino saudita perdia valor.

No entanto, Kamal tinha um ás na manga: a participação da Arábia na Opep. O cartel não operaria nenhuma mudança substancial se os sauditas não a apoiassem. Era, pois, a preponderância da Arábia Saudita na Opep o que Al-Saud negociaria com os ianques, o que significava, em outras palavras, evitar o tão temido embargo, porque quem podia garantir ao Ocidente que os parceiros árabes com que contava, povos complexos, passionais e aguerridos, respeitariam o *status quo* por tempo indefinido? Nem o próprio Reza Pahlavi se mostrava tão dócil quanto no início, e suas palavras diante da queda do *posted price* mostravam isso: “Embora essa iniciativa das companhias pudesse lhes parecer justificada pela situação do mercado, é absolutamente inadmissível para nós, uma vez que foi tomada sem que fôssemos consultados e sem nossa anuência”.

Quem poderia afirmar aos governos americano e inglês que não surgiria outro Mossadegh ou outro Nasser? Ninguém. Mas Al-Saud podia garantir a eles que, enquanto contassem com seu apoio, nenhum membro da Opep voltaria a ameaçá-los, pelo menos não seriamente, com o monstro do embargo petrolero.

A caminho da Casa Branca, onde o secretário de Estado e o de Recursos Naturais do governo Kennedy os esperavam, Al-Saud e Ahmed Yamani liam os últimos estudos acerca da capacidade petrolífera dos campos do Texas. Kamal torceu os lábios com ironia ao comparar os misérrimos dezessete barris diários que os ianques obtinham de seus poços texanos em contraposição aos vinte mil barris que as terras sauditas

davam no mesmo período, sem contar as apavorantes diferenças de qualidade.

— Hoje de manhã, me informaram que Howard Page e Harold Snow estarão presentes à reunião — comentou Yamani.

O primeiro, habituado às questões do Oriente Médio e assessor do conselho diretor da Esso, havia sido um dos poucos a advertir, em 1960, que, se o *posted price* caísse, as reações dos países produtores seriam de uma magnitude difícil de conter. O segundo, inglês e funcionário do alto escalão da British Petroleum, vaticinara, após saber da notícia da queda do preço do petróleo, que o mundo cambalearia. A presença dos dois especialistas era um ponto a favor para Al-Saud e uma demonstração de boa vontade por parte dos secretários de Kennedy.

— Com Page e Snow presentes, as coisas ficarão mais fáceis para nós — disse Ahmed.

O motorista atendeu a uma ligação telefônica e passou-a a Kamal.

— É para o senhor, alteza — disse, passando-lhe o fone.
— É de Nova York, da joalheria Tiffany.

— Sim, sou eu. Não, eu disse pérolas de Bahrein. Quatro voltas. Sim, um solitário. Não, tudo de platina. Prefiro o maior, o de sete quilates. Muito bem. Até logo.

Kamal devolveu o telefone ao motorista e retomou a leitura. Ahmed ficou olhando para ele, sem saber como abordar um tema da vida privada de Al-Saud, pois o príncipe jamais lhe permitia entrar nela.

— Sua mãe me disse que você pretende se casar com a secretária de Mauricio — aventurou Yamani.

— Minha mãe faria bem se ficasse de boca fechada — disse Kamal, sem tirar os olhos do relatório.

— Quantos anos ela tem?

Al-Saud levantou o rosto e perfurou Ahmed com seu olhar de aço.

— Vinte e um — disse.
— Por seu caráter e vivacidade, achei que tinha mais.
— Você também vai me dizer que sou velho para ela? — replicou Kamal, contrariado. — Estou ficando cansado dessa mesma ladainha.

— Era simples curiosidade.

Depois de um silêncio, Yamani tomou coragem e disse:

— Ela é bonita e muito atraente, apesar de ocidental e cristã. Se você se casar com ela, vai transformá-la no alvo dos ataques. Ela será sua maior fraqueza.

Minha fraqueza, repetiu Al-Saud para si mesmo, e sorriu, confundindo seu amigo.

— Falo como seu amigo — prosseguiu Ahmed —, mas também como seu assessor. O que o futuro lhe reserva transformará você em um membro da realeza saudita, será um rei antes que um homem. Você deveria tirá-la da cabeça; primeiro, por seu próprio bem, e depois, pelo bem dela. Você sabe que sua família jamais a aceitará. Acabarão com ela antes de vê-la casada com você.

O ar taciturno de Dubois havia se acentuado nos últimos dias devido às notícias ruins que chegavam da Argentina. O adido militar, tenente Barrenechea, comentava sobre o descontentamento das Forças Armadas do país, e era sabido que o “descontentamento” dos militares argentinos só podia significar a proximidade de um golpe de Estado. Todos os dias, Mauricio falava com a chancelaria para obter notícias e entender melhor a situação política do governo de Frondizi. As novidades, no entanto, chegavam confusas e pareciam mais fofocas que versões de um órgão oficial. A verdade era que ninguém sabia com certeza o que aconteceria.

Em meio ao nervosismo e à desorientação que se vivia na embaixada, Francesca descobriu que estava esperando um filho. As náuseas diurnas, o cansaço inexplicável durante o dia

e as alterações de seu estado de ânimo prenunciaram o que, dias depois, o atraso da menstruação confirmou. Ela sentia uma felicidade que não sabia se devia se permitir, pois ter um filho de Al-Saud complicaria ainda mais a intrincada relação entre eles. Temia que o próprio Kamal recebesse mal a notícia e que a censurasse por falta de cuidado e prevenção. Mesmo assim, ela se sentia feliz e não desejava resistir a essa felicidade. Era um milagre que um ser minúsculo e frágil crescesse em suas entranhas, uma criaturazinha nascida do amor entre ela e Al-Saud.

Contra todas as suposições, Sara vivia a gravidez de Francesca como se estivesse esperando seu próprio neto. Cumulava-a de cuidados, atenções e conselhos, obrigava-a a comer carne de cordeiro no almoço e no jantar e a beber um litro de leite de cabra por dia, preparava-lhe um tônico nauseabundo para evitar o desgaste dos dentes e dos ossos e massageava suas pernas com um emplastro de mel e limão que mantinha as veias sob controle e melhorava a circulação.

— Seria um pecado que umas pernas como estas tivessem varizes — dizia.

Francesca a deixava fazer o que queria, porque, em meio a tanta incerteza e solidão, Sara lhe fazia recordar sua mãe.

Pensava sempre em Antonina e em Fredo, mas, apesar de trocarem cartas frequentemente, não havia encontrado um jeito de lhes transmitir tamanha notícia. Na verdade, não temia a reação de Fredo, aberto e liberal como era, mas, sim, a de sua mãe, tão arraigada aos costumes e ritos cristãos. Por fim, tomou coragem e escreveu a eles para confessar que se casaria com Al-Saud.

Além dos cuidados, Sara era excelente companhia quando terminava sua jornada de trabalho. Francesca gostava de ouvi-la falar, pois ela sabia muito sobre os costumes árabes. Certa tarde, Francesca lhe perguntou por que, se no começo ficara tão brava e contrariada com sua relação com Al-Saud, agora, se mostrava contente e predisposta.

— Agora, é diferente — afirmou a mulher. — Você carrega o filho dele no ventre. Os árabes são astutos e brutais, mas seu coração se amansa quando se trata de um filho. Por causa desse bebê, o príncipe Kamal jamais a abandonará.

Sara lhe contou sobre o costume islâmico da circuncisão e esclareceu que, diferentes dos judeus, que a praticam nos recém-nascidos, os árabes a fazem aos oito anos, com festejos que chegam a durar três dias. Francesca não sabia que os muçulmanos se circuncidavam, e Sara achou muito engraçada sua ignorância, sendo que havia concebido um filho com um árabe.

— As mulheres de sua raça gostam muito de deitar com um circuncidado. Dizem que dá mais prazer.

Mas logo Sara parou de rir e sentenciou:

— Ele a desvirginou, por isso, vai se casar com você. Se você não fosse virgem, ele jamais a desposaria.

Para Francesca, era difícil pensar em Kamal como um homem tão obtuso e medieval; no entanto, não tinha coragem de ignorar os comentários de Sara, pois ela mesma havia sido assaltada por dúvidas acerca da natureza das crenças e dos pensamentos de seu amante. Ela não duvidava de seu amor, porém seus silêncios, seus olhares inextricáveis, os segredos que ele escondia dela e a apavorante realidade de que ele era árabe punham-na frente a frente com a verdadeira índole de Kamal, um homem duro e insensível, embora passional e mundano. Às vezes, Kamal era fogo como o dia no deserto, às vezes, frio como as noites de céu aberto e lua cheia, como se as características climáticas da terra onde ele nascera houvessem modelado seu espírito a sua imagem e semelhança, aquecendo seu sangue com a mesma facilidade com que o esfriava.

Sara aumentou suas dúvidas e inquietudes ao falar da poligamia dos árabes. Segundo explicou, eles podiam desposar até quatro mulheres. Recitou o parágrafo da sura que fala do casamento, que conhecia de cor: “Não vos caseis mais

que com duas, três ou quatro mulheres. Escolhei as que vos agradem. Se não puderdes sustentá-las devidamente, não escolhais mais que uma, ou contentai-vos com vossas escravas”. O parágrafo era de tal insolência e falta de vergonha que afligiu Francesca pelo resto do dia.

Certa tarde, a última de março, Sara e Francesca estavam conversando na cozinha da embaixada quando Malik apareceu trazendo um telegrama.

— É para a senhorita — disse, naquele tom de respeito fingido que Francesca detestava.

— Não gosto de Malik — disse Sara quando o motorista saiu. — Não gosto de como ele olha para você. Ele é calado e tranquilo, mas não devemos nos enganar: Malik é ressentido e malicioso. Foi ele quem nos contou sobre seu relacionamento com o príncipe Kamal. “Ela faz o que quer com ele”, disse, e seu rosto se endureceu de raiva. Não gosto nem um pouco dele — repetiu.

Francesca, ansiosa por ler o telegrama, ignorou o comentário e rasgou o papel.

— Kamal chega amanhã! — exclamou.

* * *

O Learjet de Kamal aterrissou no aeroporto de Riad bem cedo na manhã seguinte. Antes de ir para o palácio do rei, onde seu irmão Faisal e seus tios Abdullah e Fahd o aguardavam, passou por sua casa e tomou um banho e o café da manhã. Não havia pregado o olho durante a viagem, pensando em Francesca e nas decisões que tomaria quando chegasse à cidade. Por mais que soubesse que os assuntos do reino ocupavam o primeiro lugar de suas prioridades, não lhe agradava a ideia de adiar o casamento.

Em toda a sua vida, nunca havia temido nada nem ninguém; agora, no entanto, sentia medo pela primeira vez, por causa dela; porque talvez todos tivessem razão de que a

decisão de desposá-la poderia lhe fazer mal. Todas as noites, ao voltar ao hotel, enquanto Ahmed Yamani atendia ligações telefônicas e lia a correspondência, ele andava pelo quarto com a ansiedade de uma fera enjaulada. Tomava um banho frio, e então, enrolado em um roupão, jogava-se no sofá, passando as contas de seu *masbaha* em busca de calma.

Esse não sou eu, pensava, e não era já fazia quase um ano, desde aquela noite na festa da independência venezuelana, quando seus olhos descobriram, em um canto da sala, o ser fascinante e luminoso que acabaria com a paz de sua existência. Ela se destacava em meio a tantas falsas aparências graças à pureza de seu olhar e de sua beleza. Contemplava a ostentação com superioridade, e, no entanto, nada nela era presunçoso. Falava de forma decidida, embora seus movimentos fossem extremamente graciosos e femininos. E quando a viu dançar, quis arrancá-la das mãos do inexperiente que a conduzia, que ousava tocar aquele corpo esbelto e doce, que ele já havia decidido que lhe pertencia. Francesca se tornou sua obsessão daquela noite em diante, e tê-la possuído não sufocava a revolução de sentimentos e sensações; na verdade, a recrudescia, pois ele queria mais, queria Francesca toda para si. Não gostava do rumo que a situação estava tomando, pois, pela primeira vez em seus trinta e seis anos, dependia de alguém para viver. Por isso, havia imposto a si mesmo, como uma espécie de cilício em volta do coração, cuidar primeiro dos assuntos do governo e, depois, se encontrar com ela.

Ele chegou ao antigo palácio do rei Abdul Aziz, que agora Saud usava como local de trabalho, pois havia mandado construir para ele e sua família uma residência descomunal no bairro de Malaz, da classe alta de Riad. O velho palácio, com a imponência e a sobriedade de uma típica fortaleza medieval, construída com adobe e pedra, pobre em janelas e aberturas, era, no entanto, o lugar preferido de Kamal, cheio de recordações da infância, uma etapa feliz de sua vida.

Ele transpôs o portão levadiço e estacionou o Jaguar perto da entrada principal, onde um guarda, depois de uma reverência austera, informou que Kamal estava sendo aguardado na sala do rei. Kamal, que tinha esperança de não encontrar com seu irmão, atravessou resignado o pátio de lajotas, palco de suas brincadeiras com Faisal e Mauricio. À entrada da sala, cumprimentou com afeto os guarda-costas de Saud, Al-Haddar e Abdel, postados como pilares à porta. Escravos da família, tinham sido alforriados em 1953, mas não quiseram abandonar o rei Abdul Aziz, por quem professavam uma devoção cega, e ele os nomeara guarda-costas. Fiéis até a morte, eles haviam demonstrado coragem em várias ocasiões: no atentado de 1950, por exemplo, Al-Haddar perdera um olho, que orgulhosamente cobria com um tampão preto, enquanto Abdel tivera que lutar entre a vida e a morte durante três dias devido a ferimentos no estômago. Como não tinham mais idade para essas coisas, Saud os conservava como motoristas ou ajudantes, mas sempre ao seu lado, pois não confiava em ninguém mais. Diziam que, se alguém quisesse saber algo sobre o rei e seus segredos, deveria perguntar a Abdel ou a Al-Haddar, agora, se eles diriam qualquer coisa, eram outros quinhentos, pois Saud tinha certeza de que nem as torturas mais cruéis os fariam ceder.

Além de Saud, Kamal encontrou na sala seu tio Abdullah, responsável pela Secretaria de Inteligência, seu tio Fahd, ministro das Relações Exteriores, seu irmão Faisal, secretário de Estado, o ministro do Petróleo, xeque Tariki, e Jacques Méchin, que se aproximou para cumprimentá-lo com sincera alegria. Logo depois, chegou Ahmed Yamani, que se desculpou pelo atraso. Conversaram sobre trivialidades, sem pressa, mas, embora parecessem descontraídos, ninguém ignorava a tensão reinante desde a chegada de Kamal, como se junto com ele houvessem entrado um ar gelado e uma sombra lúgubre. Abdullah, irmão preferido de Abdul Aziz, seu braço direito ao lado de Méchin, tomou a palavra e explicou as medidas

financeiras propostas pelo rei.

— Antes de você chegar, Kamal, Saud estava nos mostrando seu plano de gastos até o fim do ano. — E lhe entregou um relatório, que Kamal folheou.

— Na última parte, está a projeção de receitas com que atenderemos aos gastos — disse Tariki. — Como pode ver, teremos que diminuir as pensões da família, pois as condições...

— As receitas estão supervalorizadas — interrompeu Kamal.

Fez-se um silêncio mortal.

— Por que diz isso? — interveio Méchin apressadamente.

Kamal dissertou sobre as condições de mercado, citando o *posted price*, a taxa de juros do crédito internacional, que, a propósito, seria mais alta que a prevista no relatório, a superprodução petrolífera russa, que, embora não tivesse a qualidade do combustível árabe, muitas companhias considerariam boa, o nível inflacionário, o sistema monetário e a realidade política, nada favorável para os países integrantes do cartel. Por último, afirmou que as receitas seriam trinta por cento menores que o estimado e que o déficit subiria para vários milhões de dólares, sem contar as dívidas que arrastavam desde o ano anterior, a duras penas cobertas com adiantamentos do pagamento do petróleo.

— Se o que está dizendo for verdade, precisaremos nos endividar de novo para cobrir o déficit, pois não é possível cortar os gastos mais do que já cortamos — disse Saud.

— E a quem você pedirá dinheiro? — perguntou Kamal.

— Aos bancos de sempre.

— Não lhe emprestarão — disse Kamal. — Com a criação da Opep, o Ocidente inteiro está de olho em você, e os bancos a que pretende recorrer são a máxima expressão do capitalismo ocidental. Eles darão mil pretextos: que o preço do petróleo está baixo, que você já está endividado, que as garantias não são suficientes, e não lhe darão um dólar. Para

eles, a existência do cartel representa uma ameaça constante e inaceitável sobre o recurso energético mais importante do mundo. Eles agirão agora, enquanto a Opep é frágil e vulnerável.

— Eles acabarão cedendo — disse Saud, furioso. — Vão se arrastar até mim e pedir que eu venda petróleo para eles.

— Você vai se arrastar — disse Kamal, com um tom tranquilo e impassível. Os demais, porém, prenderam a respiração. — Eles são os donos do poder. Você tem que entender isso, Saud.

— Mas eles precisam de nosso petróleo — insistiu Tariki.

— Eles precisam de petróleo — corrigiu Kamal. — E têm petróleo garantido com o Irã e a Líbia.

— Você não faz ideia dos problemas que tive que enfrentar em todos esses anos de reinado — retomou Saud, despeitado. — Quando nosso pai morreu, o reino estava longe de ser o que pensávamos.

— Nosso pai morreu em paz, pois alcançou tudo a que se propôs e mais — apontou Kamal. — Recuperou as terras que haviam sido arrebatadas de sua família, uniu as regiões de Hejaz e de Nedjed, fundou o reino e consolidou seu poder. Se hoje as grandes potências do mundo nos respeitam, é graças a ele. Até os ingleses tiveram que desistir de suas tentativas de dominá-lo.

A conversa estava se inflamando, e os ânimos, inquietando-se. Méchin decidiu interceder perguntando a Kamal se tinha alguma proposta para contornar o vendaval financeiro em que se encontravam. Então, Ahmed Yamani tirou de sua maleta vários informes e distribuiu-os. Ao notar o nível baixíssimo de gastos previstos, Saud e Tariki se opuseram.

— Você é o soberano de nosso povo — aceitou Kamal. — A decisão está em suas mãos. — E, com isso, pôs um ponto final à polêmica.

Fahd, que em silêncio havia comparado o relatório de

Tariki com o de Yamani, tirou os óculos, levantou-se e, de um modo menos diplomático e conciliador que o de seu irmão Abdullah, dirigiu-se a seu sobrinho e rei:

— A família quer que Kamal volte a cuidar dos assuntos econômicos e financeiros, como fez em 1958.

Os olhares escrutaram alternadamente o rosto do rei e o rosto do imutável príncipe.

— Não é necessário — disse Saud. — A situação está sob controle. Essa planilha de receitas e gastos preparada pelo ministro da Fazenda nos permitirá suportar a crise de fundos até que o dinheiro da venda do petróleo esteja em nosso poder. Não quero de volta a figura do primeiro-ministro. Isso só tornaria evidente que temos problemas e nos desprestigiaria no exterior.

— Já estamos desprestigiados — disse Kamal.

Saud demorou um momento para compreender que seu irmão havia sido mais direto do que ele pensava.

— O que quer dizer? — perguntou Saud, com rispidez. — Está dizendo isso por causa da criação do cartel?

Tariki, verdadeiro mentor da Opep, interveio na disputa entre os irmãos, expondo as razões que os haviam levado à ingrata tarefa de enfrentar as *majors*, ou seja, os monstros petroleiros ingleses e norte-americanos. Era urgente aplacar os ânimos. Ele tinha plena consciência de que, se Saud caísse, o arrastaria junto, e sem direito a réplica, pois nenhum membro da família duvidava de que ele era o cérebro que governava a Arábia havia pouco mais de oito anos.

— Na realidade — continuou Tariki —, a criação da Opep visa a um objetivo maior e supremo, que é transformar os mercados de matérias-primas do mundo com o intuito de evitar a pilhagem a que os poderosos nos submetem desde tempos imemoriais. Não se trata só de agrupar os países produtores de combustível, e, sim, todos os países do Terceiro Mundo que abastecem as indústrias do Primeiro Mundo com suas *commodities*. Nós, os mais fracos, vamos nos unir para

formar uma sociedade invencível.

— Que parceiros você escolheu, os mais pobres e endividados do planeta! — ironizou Kamal. — Quando falo de desprestígio, eu me refiro à atitude que estamos tomando frente àqueles que ostentam a hegemonia do mundo. Eles usam nosso petróleo porque são eles que têm indústrias, eles nos pagam porque são eles que têm dinheiro, e, por essas duas razões, são eles que impõem as regras. Nós teríamos que jogar no lixo o petróleo que encontramos com tanta facilidade em nossas terras se as companhias não o comprassem, pois não temos tecnologia sequer para refiná-lo, menos ainda para usá-lo. Dependemos da tecnologia deles inclusive para transportá-lo em tubos até o porto de Jidá. Para o Primeiro Mundo, o fato de termos adquirido certa notoriedade se deve simplesmente a um capricho da natureza. Nós não somos nada sem o Ocidente, e não podemos nos dar ao luxo de enfrentá-lo.

— Você parece um aliado das companhias petrolíferas — disse Saud, levantando-se. — Vejo que a cristã com quem anda acabou transtornando-o de tal modo que você é capaz de trair seu próprio sangue.

O ambiente ficou insustentável; as expressões eram tensas e os olhares estavam voltados para o chão. Kamal recolheu seus papéis e guardou-os em sua pasta com calma e sem pressa. A seguir, levantou o olhar imperturbável e cravou-o no de seu irmão.

— Você não devia ter dito isso — disse.

E abandonou a sala com a segurança que lhe dava saber que Saud não conseguiria controlar os gastos e que os bancos não lhe emprestariam nem um centavo. Ele se afogaria, e Kamal o veria perecer sem lhe estender a mão.

Fahd e Abdullah lançaram um olhar de censura ao rei antes de seguir Kamal, escoltados por Yamani, Faisal e Méchin. A sala mergulhou em um silêncio que revelava aos gritos o desconcerto, o nervosismo e a indecisão dos que

permaneceram. Saud começou a tamborilar os dedos na mesa enquanto Tariki o olhava com ar admoestador.

— Vou mandar matá-lo — disse, por fim, o rei.

— Você não fará isso — ordenou Tariki. — Se mandar matá-lo, acabará de cavar seu próprio túmulo, pois tudo apontará para você. Neste momento, nenhum grupo de poder do Oriente Médio ganharia algo matando-o, e, pelo lado do Ocidente, nenhum governo enviaria suas forças secretas para eliminá-lo, sendo ele seu menino mimado e futuro aliado. Portanto, restaria você como único suspeito. Por que acha que ele passou quase um mês entre Washington e Nova York? Se quiser se livrar de Kamal, vai ter que pensar em outra coisa. Vai ter que encontrar um ponto fraco, o calcanhar de Aquiles, e bater forte e sem dó. E essa cristã que você mencionou? O que se sabe concretamente sobre ela?

Saud mandou chamar seus guarda-costas, Al-Haddar e Abdel, e ordenou que contatassem Malik, seu espião na embaixada argentina.

Na outra ala do palácio, o grupo que havia abandonado a sala do rei estava reunido no escritório de Abdullah. Depois da explosão de Saud, ninguém tornara a abrir a boca. Enquanto pensavam nas circunstâncias e em suas consequências, bebiam um café grosso e quente e passavam as contas coloridas pelos dedos.

— Não vou falar aqui — disse Kamal subitamente. — Este lugar deve estar infestado de microfones.

— Fique tranquilo — disse Abdullah. — Mando revistar a sala todas as manhãs antes de começar a trabalhar.

Faisal perguntou a Kamal sobre sua viagem aos Estados Unidos e, de imediato, passaram a se dedicar aos assuntos de Estado. Ninguém mencionou o comentário grosseiro e extemporâneo de Saud, mas a mesma certeza passava pela cabeça de todos: ele tinha os dias contados como rei. Suas

extravagâncias e seu comportamento licencioso, nem um pouco afinados com os dogmas islâmicos em relação à moderação do espírito, acabaram exaurindo a família, pois desde o início todos haviam notado a pouca capacidade de organização e a falta de carisma do sucessor de Abdul Aziz. Faisal, que defendia um imediato retorno ao Alcorão como único meio de recuperar a antiga grandeza, era o mais interessado em pôr fim ao escandaloso reinado de seu irmão mais velho, e pressionou Kamal mais uma vez para que assumisse o cargo de primeiro-ministro sem perda de tempo.

— Não farei isso, Faisal — asseverou Kamal. — Não aceitarei o cargo de primeiro-ministro enquanto não tiver garantia de que darei a última palavra nas questões econômicas e financeiras. Quero livre-arbítrio nos ministérios da Economia e do Petróleo e não tolerarei Saud metendo o nariz e questionando tudo que faço. Não viverei de novo o que aconteceu em 1958.

Discutiram durante mais de uma hora. Por fim, Kamal resumiu ideias e atribuiu responsabilidades. Quando cada um já sabia o que devia fazer e haviam marcado a data da próxima reunião, despediram-se. Era quase meio-dia.

— Não vá embora ainda — pediu Abdullah a Kamal. — Preciso falar com você.

Kamal pensou em inventar um pretexto, mas desistiu ao ver na careta de seu tio o rosto tão querido de seu pai. Depois da morte de Abdul Aziz, nove anos antes, Abdullah havia se tornado seu guia e conselheiro. Sem dúvida, tratava-se de um dos soldados mais corajosos com que Abdul Aziz havia contado para executar o projeto de unificação da península. Intrépido e arrogante na guerra, mostrava uma faceta completamente diferente em tempos de paz, e a mesura de seu caráter condizia com a sabedoria de seus argumentos. Ele era muito consultado pelos membros da numerosa família saudita, que recorriam a ele para resolver problemas de diversos tipos, desde uma nomeação no governo até o nome de um bebê.

— Sua mãe me procurou na semana passada — começou Abdullah. — Sobre o negócio com a moça argentina.

Kamal abandonou a cadeira e passou a andar pela sala.

— Eu argumentei que, com certeza, se tratava de outra aventura sua, mas ela disse que desta vez é diferente, que você quer se casar com ela. É verdade?

— Sim, é verdade.

— Kamal, ela é cristã.

— Desculpe, tio, mas não vou discutir minha vida privada com você nem com minha mãe, nem com ninguém.

— Sua vida não é mais privada desde o momento em que a família começou a pensar em você como futuro rei.

Fitaram-se e mediram-se, tentando esgrimir argumentos para se convencerem mutuamente, e, por fim, desistiram. Kamal pegou suas coisas, saudou o tio com o típico cumprimento oriental e preparou-se para abandonar a sala.

— Espere um minuto — pediu Abdullah. — Já pensou no inferno que essa garota vai viver ao seu lado no seio de uma família hostil, presa a costumes para os quais ela não está nem remotamente preparada?

— A única coisa que eu sei é que minha vida seria um inferno se ela não estivesse ao meu lado — disse Kamal depois de certa reflexão.

— Você é egoísta.

— Pode ser.

Abenaboh e Kader conduziram Francesca ao apartamento de Kamal no bairro de Malaz, lugar que representava certo risco, pois a família Al-Saud inteira vivia ali; no entanto, na hora da sesta, não se via viva alma na rua. Por volta das duas e meia, o automóvel parou em frente a um edifício pequeno e elegante, e Kader acompanhou Francesca, totalmente coberta pelo *abaaya*, até o segundo andar. Sem que precisasse bater, Al-Saud abriu a porta.

— Olá — disse Francesca.

— Olá — respondeu ele, fazendo-a entrar.

Deu ordens a Kader, que se postou no vão da escada na recepção. Ele a guiou até a sala principal em silêncio, onde a desembarçou da túnica, da jaqueta e da bolsa. Parou em frente a ela e acariciou-a com o olhar, um olhar sem sombra de luxúria, manso e sossegado, que surpreendeu Francesca. Kamal estendeu o braço e passou os dedos pela face dela.

— Todos dizem que vou lhe fazer mal amarrando-a a minha sina.

— Faça-me mal, então — disse ela, sorrindo, movida pela simples felicidade de tê-lo diante de si.

Seu sorriso derreteu a moderação de Al-Saud, que a apertou em seus braços e beijou-lhe o topo da cabeça, a testa, os olhos úmidos, as faces, até que seus lábios encontraram os dela, quentes e ansiosos.

— Pequena! Minha pequena! — repetia Kamal enquanto a despojava das roupas.

Amaram-se com a paixão dos dias compartilhados em Jidá e no oásis. Momentos depois, recuperavam-se dentro da banheira, com água e espuma até o pescoço, e Francesca recostada no peito de Kamal. Às vezes, adormeciam, e, quando acordavam, falavam em sussurros. Kamal a beijava suavemente, brincava com seus cabelos úmidos e a percorria desde o contorno da cintura até a voluptuosidade de seus seios.

— Seu pai teve quantas mulheres? — perguntou Francesca.

— Muitas.

— Mais que as quatro que ordena o Alcorão?

— Andou lendo o Alcorão?

— Não. Sara, a governanta da embaixada, recitou essa sura para mim. Ela também me disse que vocês são circuncidados aos oito anos. Posso ver?

Kamal riu e mostrou-lhe.

— Não sabia que você era circuncidado.

— Eu acho isso bom — disse ele.

— Por quê?

— Porque sou o único de sua vida.

— Sim, é — afirmou a garota. E perguntou de novo: — Seu pai teve quantas mulheres?

Kamal riu de novo. Ao notar certa diversão no riso dele, Francesca ficou contrariada.

— Por que está rindo?

— Porque acho divertido que você fique escandalizada. Tenho que reconhecer que meu pai parecia querer povoar o reino só com sua descendência. Ele teve filhos com algumas escravas também. Era um verdadeiro garanhão, o velho.

— *Mamma mia!*

— E o que a preocupa? Que eu vou ter muitas mulheres porque meu pai teve ou porque o Alcorão permite? Você precisa entender que, nesse sentido, somos guiados pelos mesmos critérios de qualquer homem ocidental. O árabe que encontra uma mulher a quem ama e que o completa, certamente, não sente necessidade de casar-se com outra. Você faz ideia de quantos europeus eu conheço que mantêm duas mulheres, a esposa e a amante? Quando não são várias amantes ao mesmo tempo! Os ocidentais são adeptos de uma poligamia velada, e, eu me atreveria a dizer, socialmente aceita. Quanto mais mulheres, mais viris são os homens. O que acontece é que os ocidentais mudam o sentido das palavras e confundem as coisas. Eles fazem promessas e não as respeitam. Ou acaso não juram diante do altar fidelidade até que a morte os separe?

Kamal deixou Francesca calada e meditativa. O amor furtivo entre Esteban e Rosalía surgiu na mente dela, e ela se lembrou também de si mesma na noite em que Aldo Martínez Olazábal bateu em sua janela, quando, oculta nas penumbras do parque, quase sucumbira a seu desejo. Essas recordações, somadas à concisão do argumento de Kamal, devolveram a ela a tranquilidade perdida na tarde em que Sara recitara a sura

corânica. Então, fez um buraco na espuma e apoiou as mãos de Kamal sobre seu ventre.

— Vamos ter um bebê — disse, virando-se para ver a reação de seu amante.

Al-Saud ficou branco, e ele, que nunca distraía o olhar, por um momento só demonstrou desconcerto e surpresa.

— O que foi? Não gosta da ideia de ser pai?

Kamal não disse nada, encantado com o contraste entre sua mão escura e o ventre claro de Francesca.

— Alá seja louvado — murmurou depois, com a voz trêmula. — Um filho meu crescendo dentro de você. Um filho meu dentro de você — repetiu. — Por que não me disse quando chegou? Eu não teria tocado em você. E se o machucamos? Eu fui muito brusco. Fizemos amor no chão! E, na verdade, fui um animal!

Ele estava alterado, e Francesca achou muito divertida sua preocupação.

— Não ria. Não seja inconsequente. Vamos sair da banheira. Vamos ao doutor Al-Zaki. Não está sentindo dores? Nem contrações?

— Kamal, pelo amor de Deus! — surpreendeu-se Francesca. — Fique calmo! Seu filho e eu estamos em perfeitas condições. E nem se atreva a parar de fazer amor comigo porque estou grávida. Não seja ignorante, isso não faz mal ao bebê. Eu me sinto muito bem, salvo um pouco de mal-estar matinal.

— Mal-estar matinal?

— Só o normal, que qualquer grávida sente nos primeiros meses.

— Não me interessa. Quero que Al-Zaki a examine. Ele cuida dos partos de minha família. Vamos.

Saíram da banheira. Kamal a enrolou em uma toalha e carregou-a no colo até o quarto como se ela fosse uma inválida. Depositou-a no leito e ajoelhou-se junto à cabeceira. Parecia ter recuperado o controle e, enquanto sorria e afastava

duas mechas de cabelo da testa dela, contemplava-a com uma ternura que a deixou emocionada.

— Eu te amo tanto — sussurrou Francesca. — Tive medo de que você não o quisesse.

— Como pôde pensar isso? Nosso filho é a coisa mais importante que Alá me deu.

Ele beijou o ventre de Francesca e descansou o rosto sobre ele.

— Você e o bebê são a razão que tenho para existir.

Francesca se censurou pela desconfiança e perguntou-se o que a levava a atormentar-se com questionamentos vãos se sabia que Al-Saud era um bom homem. Por que, depois de tudo que havia vivido, ainda sentia escrúpulos em relação a ele? Ela o observava enquanto se trocava, sério e preocupado, com a cabeça ocupada sabia-se lá com que, imerso em um mundo misterioso ao qual ela não tinha acesso.

— Daqui a três dias, partirei para Genebra — informou Kamal. — Será uma viagem curta. Estarei de volta em menos de uma semana e começaremos os preparativos para o casamento. Agora que meu filho está a caminho, não há razão para esperar.

— Outra viagem — disse Francesca, desanimada. — De novo sozinha.

— Os dias passarão como um suspiro.

— Como podem passar como um suspiro se praticamente não tenho permissão nem para ir até o jardim da embaixada? Abenaboh e Kader não querem me levar ao mercado para fazer compras. Eu passo o dia inteiro trancada em minha sala, na sala do embaixador ou na cozinha.

— E assim continuará sendo — determinou Al-Saud com dureza. — Abenaboh e Kader estão cumprindo ordens minhas. Não quero que você se exponha, menos ainda, se eu não estiver na cidade.

Diante da aflição da jovem, Kamal suavizou o tom:

— Ouça, meu amor, este não é um momento fácil para

mim. Existem questões importantes que preciso resolver antes de poder ficar completamente tranquilo. Eu lhe peço que me compreenda e obedeça. Como eu poderia continuar vivendo se algo acontecesse a você ou a nosso bebê? Eu jamais me perdoaria.

— O que poderia acontecer?

— Você não tem que se preocupar. Viva tranquila, cuide-se e alimente-se para que nosso bebê seja saudável e forte como o pai. Eu direi a Jacques que vá visitá-la diariamente. Sei que você sempre gostou de conversar com ele.

Ele se afastou para observá-la atentamente.

— Você está mais magra — disse. — Não está comendo bem?

— Não suporto nada no estômago. Vomito quase tudo que como. No começo, eu não tolerava o cheiro do leite; agora, nem da carne, nem do perfume que Mauricio usa. Você não faz ideia das peripécias que faço para vê-lo o mínimo possível.

— Não contou a ele que está grávida, não é?

— Não, achei que você gostaria de contar. Só Sara sabe.

— Como está Mauricio?

— Muito preocupado. As notícias que chegam da Argentina indicam que o golpe de Estado é iminente. Se os militares tomarem o poder, Mauricio terá que renunciar ao cargo de embaixador?

— Não se eu puder evitar. Em relação à gravidez, por ora, é melhor que ninguém saiba.

Kamal foi até o criado-mudo, abriu a gaveta e tirou um primoroso estojo de veludo azul, que entregou a Francesca.

Ela o abriu com mãos trepidantes e viu uma gargantilha de quatro voltas de pérolas, que Kamal colocou em volta de seu pescoço.

— São pérolas do arquipélago de Bahrein, as melhores que existem. O melhor do mundo para você, Francesca. — Beijou-lhe o pescoço.

A jovem levantou os olhos e sorriu para esconder um

pensamento desagradável. Sua mãe sempre dizia que pérolas traziam lágrimas.



Francesca passou a última tarde de abril chorando depois de falar ao telefone com sua mãe. Antonina pronunciara as palavras como se quisesse que a atravessassem. Entre outras expressões, dissera que a ideia de que sua única filha se casasse com um muçulmano revirava seu estômago. Antonina acabara soltando o fone, e Fredo o pegara no ar.

— Sua mãe está muito brava agora, mas, com o tempo, vai se acostumar à ideia, você vai ver. Eu a convencerei.

Francesca sabia que não seria assim. Antonina jamais aceitaria um muçulmano como genro. *Por que tanto problema?*, pensou. *Que diferença faz a religião se nosso amor é verdadeiro e puro?* Ninguém parecia se importar com o que para ela era essencial, nem sua família, nem a de Kamal. Ela continuou chorando, e em suas lágrimas se misturavam a dor pela hostilidade de sua mãe e a angústia pela ausência de Kamal, que havia lhe prometido que faria uma viagem de dias e já estava longe havia semanas. Ela se perguntava se seria sempre assim, se passaria a vida esperando por ele.

Logo, Sofía ligou, pois soubera do casamento por Fredo. “Ligue para ela”, dissera ele. “Vai lhe fazer bem.” E, de fato, escutar a voz de sua amiga depois de tanto tempo levantou o ânimo de Francesca. Sofía não mencionou Aldo, em parte por prudência, em parte porque o casamento de sua amiga com um príncipe saudita era mais interessante que a lúgubre existência de seu irmão. Em sua ansiedade por saber dos pormenores, quase não dava tempo a Francesca para responder.

Após o período em Genebra, ocupado com questões relacionadas à Opep e ao petróleo, Al-Saud fora a Paris, onde assuntos de suas empresas particulares exigiam-no urgentemente. Com um desejo adolescente, esperava, todos os dias, pela hora em que poderia falar com Francesca e perguntar-lhe por seu filho. Incomumente falante, ele contava o que havia comprado para o bebê: roupinhas para o enxoval, um berço e um cesto também, e brinquedos, tantos que já não sabia onde colocá-los, e um carrinho para levá-lo para passear, e uma corrente e uma medalha de ouro iguais às que seu pai lhe deu quando ele nasceu, e um andador para quando o bebê comesse a dar os primeiros passinhos. Francesca escutava a lista interminável com paciência, e, a seguir, perguntava quando ele voltaria, e Kamal respondia invariavelmente: “Em breve”. Naquela tarde, no entanto, Kamal ligara para dizer que voltaria no dia seguinte.

À noite, por volta das dez horas, ela se sentou para responder a uma carta de Marina, confirmando as notícias sobre seu casamento e sua gravidez. Sara entrou no quarto com a habitual descrição e os passos arrastados e pôs a mão sobre o ventre de Francesca.

— Como está se sentindo? — sussurrou, para não alterar a paz reinante no ambiente.

— Melhor, agora que Kamal está voltando. Mas estou tão ansiosa que não vou conseguir pregar o olho durante a noite.

— Isso não é bom para o bebê — disse a argelina. — Vou lhe preparar um chá de camomila.

Sara foi para a cozinha, onde encontrou Malik sentado à mesa. Olhou para ele de soslaio e passou ao seu lado sem dizer nada. Ela sabia que Malik, fanático seguidor dos preceitos wahabitas, levava uma existência de asceta: abominava o luxo e os excessos, comia frugalmente, não fumava, não bebia, não apostava, odiava música e dança, fazia rigorosamente as cinco orações diárias e, no mês do ramadã, peregrinava frequentemente a Meca. Além disso, era comum encontrá-lo

em seu quarto meditando de joelhos no chão em atitude de faquir. Sempre deixava claro que detestava tudo que provinha do Ocidente, em especial, as mulheres, a quem chamava de “concubinas do diabo”, impertinentes com seus ares de liberdade, tentadoras com seus corpos quase nus, chamativas com seus rostos excessivamente maquiados, inebriantes com os halos sufocantes de seus perfumes e irreverentes com tanta voluptuosidade ao caminhar e falar.

— Boa noite, Sara — disse ele com um bom humor incomum.

A argelina se deu conta de que ele estava inquieto.

— O que está fazendo? — perguntou ele.

Sara olhou para ele desconfiada antes de responder.

— Estou fazendo um chá para Francesca.

Malik se levantou e ficou andando sem rumo pela cozinha. Esfregava as mãos e mordida o lábio inferior. Parou repentinamente e ficou imóvel como uma estátua quando escutou o borbulhar do líquido na xícara.

— Kasem está chamando você — disse Malik a Sara de maneira enérgica. — Ande, Sara, vá. Kasem a está chamando — urgiu ele.

A mulher deixou a cozinha.

— Alá seja louvado por esta oportunidade! — exclamou o homem, apertando os dentes.

Tirou do bolso uma ampola cor de caramelo. Passara a tarde inteira pensando em uma ideia, e, quando tudo parecia em vão, uma oportunidade surgira diante dele. Ele quebrou o pescoço da garrafinha de vidro, esvaziou o conteúdo no chá de camomila e mexeu bem. Recolheu os restos da ampola, guardou-os no bolso e deu uma olhada ao redor antes de abandonar a cozinha pela porta dos fundos.

Sara, desconcertada ao ver que Kasem não queria nada, parou na entrada da cozinha ao comprovar que Malik havia desaparecido.

— Homem idiota — resmungou a mulher. Voltou para o

chá de camomila, adoçando-o antes de levá-lo a Francesca.

— Beba tudo, querida. Isso a fará dormir.

Francesca terminou a carta para Marina e, enquanto esperava que o chá amornasse, tirou a roupa e vestiu a camisola e o robe. Voltou à mesa, onde começou uma carta para sua mãe. “Se soubesse como estou feliz...”, escreveu na primeira linha, e bebeu um gole de chá, que estava mais amargo que de costume. “Talvez Sara tenha deixado a erva descansar por tempo demais”, imaginou, continuando a escrever e beber.

As letras começaram a ficar embaçadas diante de seus olhos. Ela notou que fazia esforço para não fechar as pálpebras. Seus braços pesavam e, como se estivessem sem vida, caíram nas laterais de seu corpo. Um formigamento percorreu suas pernas até a ponta dos dedos, e ela percebeu que não conseguiria se levantar. Tentou dominar esse estupor que a governava, mas seus músculos não respondiam e sua cabeça estava esgotada. Deixou cair a caneta-tinteiro, que espalhou grossas gotas azuis ao bater no chão. Viu a bainha do robe manchada de tinta e inclinou-se para limpar. Como se tivesse vontade própria, sua cabeça caiu para a frente e arrastou o corpo inteiro, que caiu no chão. Tinha a impressão de que era engolida por uma garganta sem fim. Ali, caída, começou a soluçar, emitindo um gemido seco, quase inaudível. Sentiu uma solidão angustiante antes de desmaiar.

Malik entrou no quarto de Francesca minutos depois. Atravessara a embaixada com cautela, oculto no escuro e em silêncio, guiado pela segurança que lhe propiciava o fato de conhecer com precisão a quantidade de passos a percorrer e a localização dos móveis. Fazia dias que treinava andar às cegas pelo longo corredor que ligava a área de serviço aos quartos.

Encontrou a cama ainda feita, o abajur aceso e nenhum sinal de Francesca. Avançou sigilosamente até encontrá-la

inconsciente no chão e cutucou-a com o pé para se certificar de que estava dormindo um sono profundo do qual só acordaria depois de várias horas. Pegou-a como se fosse um saco e aventurou-se pelo corredor; já havia decidido que, se ouvisse vozes ou ruídos, abandonaria a garota ali mesmo e desapareceria.

Chegou à porta dos fundos, que dava para o pátio, e, antes de sair, certificou-se de que o guarda também estava dormindo. Com cuidado, atravessou o jardim, pois, embora não corresse riscos ali, a entrada principal estava guardada por Kader, guarda-costas de Al-Saud. Na metade do quarteirão, divisou o Mercedes-Benz que, como lhe haviam indicado, estaria à espera. De dentro do automóvel, alguém abriu o porta-malas e baixou só um pouco o vidro da janela do lado do motorista.

— Ponha-a aí dentro — ordenou uma voz grossa e profunda, e Malik rapidamente cumpriu a ordem. — Agora, volte para a embaixada e aja normalmente.

Certo de que participaria do sequestro, Malik empalideceu. Ansiava com um fervor perverso acompanhar pessoalmente os detalhes do destino atroz que aguardava a “puta ocidental”, como chamava Francesca desde que ela começara a se relacionar com o príncipe saudita. Ele sabia muito bem que tipo de criatura desprezível e diabólica se escondia por trás daquelas falsas aparências. Seus modos de menina inocente, sua voz suave e sua gentileza jamais o haviam enganado, e menos ainda sua apavorante beleza. Desde o dia em que a conhecera, ele ouvia a voz de Alá, que o prevenia contra sua malícia velada e o instruía a proteger o islamismo e sua gente das artimanhas daquela infiel, que havia chegado ali com claras intenções de desprestigiar e blasfemar, e que quase havia conseguido, e nada menos que com o filho preferido do rei Abdul Aziz. Seria uma satisfação vê-la padecer. Por outro lado, ele não era idiota e sabia que as investigações logo o apontariam como o contato interno que a havia entregado. Era

impossível permanecer na embaixada.

— Disseram-me que eu iria com vocês — argumentou.

— Volte à embaixada — repetiu a voz. — E fique de boca fechada.

— Mas...

— Faça o que estou mandando!

O Mercedes-Benz partiu, e Malik ficou parado, olhando para o carro até que desapareceu umas esquinas adiante.

Mauricio Dubois, sentado ao lado de Méchin no banco de trás do carro da embaixada, tentava compreender de que forma as coisas haviam chegado tão longe, devido a qual maldito desígnio tudo havia virado de cabeça para baixo. Porém, independentemente das razões e dos motivos, a realidade era única e incontestável: Francesca havia sido sequestrada. Nesse momento, a caminho do aeroporto de Riad para receber Kamal, ele se perguntava como lhe contaria, porque, apesar das reservas que tivera no início, agora estava totalmente seguro de que seu amigo estava perdidamente apaixonado por ela. Kamal o culparia; afinal de contas, antes de partir para Genebra, semanas atrás, havia dito: “Cuide dela, Mauricio”. A culpa, a vergonha e a incerteza o estavam enlouquecendo.

— Conte-me de novo como ocorreram os fatos — pediu Jacques Méchin.

— Não há muito para dizer — admitiu Mauricio. — Hoje de manhã, Sara, a governanta, notou a ausência de Francesca. Verificamos se não havia saído com Abenaboh e Kader, ou com Malik, o outro motorista que temos, mas ninguém a havia visto nem sabia nada sobre ela. Era como se a terra a houvesse engolido.

— Não existe a possibilidade de que Francesca tenha fugido por vontade própria?

— Impossível — afirmou Mauricio. — Esse argumento está fora de discussão. Francesca não abandonaria a Arábia por

motivo algum, isso eu posso lhe garantir. Como eu estava dizendo, as fechaduras das portas não foram forçadas.

Kader, ao volante do veículo, indicou que o Learjet de sua majestade havia acabado de aterrissar. Méchin, Dubois e os dois guarda-costas desceram do carro e avançaram em direção ao avião, que manobrava vários metros à frente. Kamal desceu e trocou umas palavras com o piloto e a comissária de bordo ao pé da escadinha. A seguir, buscou seu carro com o olhar e surpreendeu-se ao ver Méchin e Dubois, que, escoltados por Abenaboh e Kader, aproximavam-se com passos rápidos. O espanto deu lugar a um mau pressentimento e formou um nó em sua garganta. Cobriu a distância entre eles em dois passos largos e perguntou:

— Onde está Francesca?

Só Jacques conseguiu falar.

— Acreditamos que ela tenha sido sequestrada ontem à noite.

Com a rapidez de um felino, Kamal se jogou sobre Abenaboh e Kader, segurou-os pela lapela e começou a insultá-los. Méchin e Dubois conseguiram segurá-lo e fazê-lo entrar no carro. Mauricio tomou o lugar do motorista, arrancou, cantando os pneus, e deixou os guarda-costas no meio da pista completamente abalados.



Um cheiro nauseabundo de óleo rançoso e de borracha queimada inundava seu nariz e acentuava seu enjoo. Francesca sentia as mãos intumescidas e os pulsos doloridos. Suas pernas estavam dobradas e coladas ao estômago, geladas e rígidas. Tentou mexê-las, mas uma dor aguda a atravessou da ponta do pé até a virilha. A escuridão sufocante do quarto a impedia de ver onde estava. Na cama, evidentemente, não. Talvez houvesse caído no chão. A caneta-tinteiro, as gotas de tinta, o robe manchado... Recordações difusas cintilavam no meio da confusão. Ela tentou se levantar, mas não conseguiu separar as mãos nem as pernas. Ao tentar articulá-las, só conseguiu uma nova onda de dor. Estava balançando compassadamente; o movimento parava um pouco, para logo recomeçar, um segundo depois, com um impulso brusco.

Francesca, com os pés e mãos amarrados e os olhos vendados, estava na parte de trás de um jipe velho e sujo, a caminho do lugar onde seus captores haviam decidido mantê-la prisioneira. Ela só sentia a secura na garganta, o martírio nos tornozelos e pulsos, e o calor sufocante. Gotas de suor corriam por seu peito e se perdiam em seu ventre, mas ela não as notava; enroscada em uma teia de imagens, continuava acreditando que estava na embaixada. *Estou com muita sede*, pensou, e tentou pegar o copo com água que Sara deixava na mesa de cabeceira todas as noites. Pensou em Antonina e na discussão pelo telefone.

— *Mamma...* — disse em voz alta, tremendo devido à dor de garganta provocada pelo esforço.

— Ela está acordando — disse uma voz em árabe.
— Aplique a dose — ordenou outra, mais intimidante.
— Ela já está muito drogada. Não poderia matar nem uma mosca.

— Faça o que eu digo.

O homem sentado ao lado do motorista pegou uma seringa em uma caixinha de metal, tirou a tampinha prateada e injetou algo no antebraço de Francesca, que, depois de alguns minutos, mergulhou de novo em um mundo ininteligível de sonhos estranhos.

A caminho da embaixada, Jacques e Mauricio expuseram a Kamal os fatos confusos que os levavam a pensar que Francesca havia sido sequestrada.

— Hoje de manhã, Sara, a governanta, notou a ausência de Francesca e foi ao quarto dela, onde encontrou a cama feita e a luz da penteadeira acesa — disse Dubois. — Achou estranho e começou a procurá-la pela casa, de onde ninguém a viu sair. Kasem, um dos motoristas, afirmou que havia se levantado bem cedo e que Francesca não havia aparecido na cozinha nem na área de serviço.

— E o tal de Malik? — interrompeu Kamal. — Onde está ele?

— Acreditamos que aí está o xis da questão — disse Méchin. — Malik também desapareceu e ninguém o viu sair da embaixada. O automóvel que ele dirige está na garagem, como de costume.

— Além do mais, o que Sara contou é mais que suspeito — retomou Dubois. — Ontem, após uma discussão com a mãe pelo telefone, Francesca passou a tarde toda chorando. Depois, ao saber que você estava voltando, ela ficou muito animada e não conseguia dormir. Sara lhe ofereceu um chá de camomila para acalmar e, ao chegar à cozinha, encontrou Malik, que estava incomumente nervoso. Enquanto Sara preparava o chá,

Malik lhe disse que Kasem a estava chamando, e ela se ausentou da cozinha durante alguns minutos para atender a um chamado que não existia. Ao voltar, Malik já não estava lá. Ela não notou nada estranho. Acabou de fazer o chá e o levou ao quarto de Francesca. Essa foi a última vez que a viu. Seu tio Abdullah mandou analisar os restos do chá, pois supomos que Malik pôs algum sonífero na bebida para tirar Francesca da embaixada.

— Achamos que ele a levou pelos fundos — apontou Dubois. — O guarda confessou que dormiu boa parte da noite, coisa incomum nele, pois é um dos nossos melhores. Temos quase certeza de que ele foi drogado também, pois bebeu um café que Malik levou para ele na guarita, sob o pretexto de um pouco de conversa e companhia.

— Pois bem, não há dúvidas: Malik a entregou — disse Kamal. — Mauricio, leve-me imediatamente ao escritório de meu tio Abdullah.

— Estamos indo para a embaixada — interveio Méchin. — Seu assistente, Ahmed Yamani e seu tio Abdullah estão nos esperando lá. Seu tio já tomou providências e está fazendo algumas investigações.

Na embaixada, encontraram Abdullah Al-Saud, chefe do serviço secreto da Arábia, dando ordens a dois especialistas que enchiam de cabos e aparelhos a sala de Mauricio Dubois. Ahmed Yamani interrogava Sara pela enésima vez, e ela, apesar da *abaaya*, deixava entrever seu medo e desconsolo.

— Foi ele, senhor — afirmou a argelina. — Foi Malik. Ele é um homem estranho e nunca gostou de Francesca. Foi ele, foi ele que a sequestrou.

— Está bem, Sara, pode ir.

A argelina tentou dizer algo mais, mas se arrependeu e guardou silêncio. Kamal, ainda parado na entrada, seguiu-a com os olhos até que a mulher se perdeu em uma esquina do corredor. Voltou o olhar para o interior da sala e observou seu tio, concentrado nas ordens que dava para conectar um

gravador ao telefone. Yamani olhava fixamente para o chão e acariciava o queixo. Méchin conversava com Dubois, pálido e alterado. Perguntou-se por onde começar. Ou só restava enfrentar uma espera angustiante até que os sequestradores entrassem em contato?

— Dispense seus homens, tio — ordenou Kamal em francês.

Abdullah disse aos técnicos que saíssem. Kamal fechou a porta e avançou para o centro da sala. Os demais o olhavam fixamente, e, embora esperassem por uma palavra dele, a voz de trovão que inundou a sala quando por fim falou abalou seus ânimos crispados.

— Saud foi informado? — inquiriu Kamal.

— Ainda não — respondeu Abdullah. — Seu irmão não está em Riad. Partiu ontem para seu palácio em uma ilha grega do mar Egeu, onde vai passar uns dias.

— Muito bem — disse Kamal em um tom baixo e duro. — E o ministro Tariki?

— Partiu há dois dias para Genebra para tratar de assuntos da Opep.

— Melhor assim — afirmou. — Não quero que isto seja relatado a ninguém enquanto eu não autorizar. E você, Mauricio, deu parte às autoridades argentinas?

— Não, ainda não.

— Perfeito. E não o faça por enquanto.

— Não posso, Kamal — opôs-se Dubois. — Preciso informar — acrescentou, sem ânimo. — O sequestro de um membro da embaixada é algo de extrema gravidade. O chanceler não pode permanecer alheio. O que aconteceria se Francesca... A situação é gravíssima! — explodiu de um modo que todos pensaram que ele perderia o controle.

Kamal se aproximou de seu amigo com presteza e pôs a mão em seu ombro.

— Eu a encontrarei, Mauricio. Eu prometo. Ninguém vai tirar Francesca de mim, eu garanto. Nem Francesca, nem o

filho meu que ela carrega no ventre.

— Filho que ela carrega no ventre? — repetiu Méchin.

— Francesca está grávida. E tão certo como Alá é meu Deus, eu os encontrarei. Mas preciso de tempo, Mauricio. Eu lhe peço setenta e duas horas. Não comunique a chancelaria de seu país. Eu juro que a encontrarei. Se tornarmos público seu desaparecimento, talvez a matem. Temos que agir com cautela e, especialmente, com extrema discrição.

Houve um silêncio enquanto aguardavam a resposta de Dubois, que só assentiu com a cabeça, imediatamente desabando no sofá e cobrindo o rosto com as mãos. Ahmed Yamani entregou-lhe uma xícara de café e sentou-se ao seu lado. Méchin, porém, foi em direção à janela, onde parou, meditativo, com o olhar fixo no jardim da embaixada, certo de que a decisão de Mauricio era equivocada. Kamal, sem notar a angústia de seu amigo nem a evidente discordância de Méchin, dirigiu-se à mesa e pegou uma fotografia de Malik.

— Tio, quero saber os antecedentes deste homem.

— Antes de você chegar, eu liguei para um contato na cia, pois quero confirmar algumas suspeitas. Ele prometeu retornar em breve. Por enquanto, posso adiantar que, segundo nossos arquivos, Malik bin Kalem Mubarak não é exatamente um anjo: tem ideias extremistas que beiram a demência e, durante a década passada, manteve contato com a seita terrorista Jihad. Dei ordem de busca e apreensão contra ele. Também determinei o fechamento dos aeroportos e do porto de Jidá. Nas estradas e nas fronteiras, meus agentes estão revistando cada veículo.

— Acha que já a tiraram do país? — perguntou Méchin.

— Não sei. A verdade é que tiveram tempo suficiente para isso, se, como acreditamos, ela foi sequestrada entre as onze horas da noite e a uma hora da manhã. Além do mais, é sabido que ao norte, na fronteira com o Iraque e a Jordânia, há grandes extensões de deserto que ninguém controla. Por ali, eles poderiam fugir da Arábia sem ser vistos nem deixar

rastros.

— Isso é impossível — interveio Ahmed Yamani. — Nem os beduínos se aventuram nessa região. É quase tão inóspita quanto o deserto Rub' al-Khali, praticamente inacessível. Eles morreriam tentando escapar por lá.

— É verdade — concordou Abdullah —, mas há quem já tenha conseguido.

O jipe chegou ao norte do reino saudita por volta do meio-dia, quando o sol calcinante e o vento voraz, em cumplicidade com a areia, tornavam a vida ali quase impossível. Al-Haddar e Abdel, os fiéis guarda-costas do rei Saud, puseram os capuzes com cuidado e desceram do veículo.

— Disseram que viriam nos buscar ao meio-dia — queixou-se Abdel, que, desde o início, não havia gostado nem um pouco daquela tarefa.

— Ainda não é meio-dia — argumentou Al-Haddar. — Vamos voltar para o carro. Não consigo respirar com esse vento.

— E se não vierem? — inquietou-se Abdel. — Vamos morrer como ratos assados. Não temos combustível suficiente para chegar a nenhuma aldeia.

— Cale-se, agourento! — enfureceu-se Al-Haddar. — Eles têm que vir nos buscar. Estamos com a mercadoria que lhes interessa.

— Está enganado — afirmou Abdel. — A garota não lhes interessa mais. A única coisa que eles queriam era que ela desaparecesse, pois assim podem pedir o resgate. Vão matá-la de qualquer maneira, e o que é melhor que se livrar da garota sem ter o trabalho de tocar nem em um fio de cabelo dela?

Al-Haddar compreendeu a lógica da teoria de seu colega, mas não disse nada, apenas resmungou como costumava fazer quando não queria mais escutá-lo. Abdel, mais cauteloso e reflexivo, às vezes, ficava chato, sempre cheio de escrúpulos,

porém Al-Haddar o respeitava como homem e gostava dele como amigo. Conheciam-se desde a adolescência, quando haviam servido no exército do rei Abdul Aziz. Tempos depois, sua coragem e sua lealdade os posicionaram em um lugar privilegiado, como homens de confiança do amo e senhor da Arábia Saudita. Antes de morrer, Abdul Aziz havia mandado chamar os dois a Ta'if, onde os fizera jurar que seriam tão fiéis a seu filho Saud como haviam sido a ele.

— Saud não tem as qualidades de um bom rei — confessara o velho aos dois, já prostrado em seu leito de morte. — Vocês aprenderam comigo como um rei deve agir. Serão os vizires mais importantes para meu filho, pois o guiarão segundo meus cânones e costumes. Vocês serão fiéis e colaborarão com ele em tudo aquilo que ajude a preservá-lo no trono e a salvar a grandeza e a glória da Arábia. Alá todopoderoso seja louvado! — exclamara antes de dispensá-los.

Eles mantinham a promessa feita a Abdul Aziz quase dez anos antes, apesar de nunca ter sido fácil. Saud era um homem caprichoso e irascível, com mais vícios que virtudes, preocupado com sua qualidade e seu estilo de vida e distanciado das necessidades do povo. As consequências de sua gestão eram visíveis. Já fazia tempo que problemas de todo tipo oprimiam o reino, em especial, os de origem econômica, causa dos demais. Assim como a família, Abdel e Al-Haddar sabiam que Abdul Aziz teria entregado o trono a Kamal. No entanto, a juventude de seu filho predileto e o respeito à *sharia*, lei que garante o trono ao primogênito, levaram Abdul Aziz a declarar Saud seu sucessor. Abdel e Al-Haddar gostavam de Kamal Al-Saud e o respeitavam tanto quanto haviam respeitado seu pai. Desde pequeno, o príncipe demonstrava uma natureza benévola e um espírito de ferro, e, embora tivesse passado muitos anos longe do reino devido a seus estudos na Europa, nunca esquecera suas raízes nem seu povo. Era fácil respeitar e admirar Kamal, reconhecido por todos como o verdadeiro herdeiro dos atributos e qualidades

do pai, possuidor da mesma tenacidade e inteligência, do mesmo semblante sério e reservado, do mesmo sorriso raro, do mesmo tom de voz baixo e daquele mesmo ar de orgulho sem vaidade. A família inteira o venerava; seu irmão Saud, porém, nutria por ele um ressentimento profundo, só justificado pela inveja e pelo ciúme.

De qualquer maneira, Kamal havia se equivocado ao se comprometer com uma ocidental; pior ainda, havia se metido em uma grande confusão ao fazer um filho com ela. Estaria ela realmente grávida? Estava tão magra que era difícil acreditar. Poderia Malik ter se enganado? Mas ele havia sido convincente ao informá-los. De qualquer maneira, tinham que proteger o príncipe Kamal da influência diabólica daquela mulher e, ao mesmo tempo, preservar o bom nome dos Al-Saud.

Abdel, porém, dirigiu seu olhar mais uma vez a Francesca e achou-a muito diferente da imagem de mulher libidinosa e inadequada que haviam pintado para eles. Ao contrário, ele se admirou diante de sua beleza angelical e aprazível e, em especial, da brancura e lisura de sua pele. E, sem poder resistir, tocou-lhe a face.

— Ela está ardendo em febre — disse, assustado.

— E daí? — replicou Al-Haddar, sem afastar a vista do horizonte. — Ouça! — exclamou a seguir. Logo, divisaram um pequeno avião. — São eles.

O avião aterrissou minutos depois. Dois homens desceram e, com poucas palavras e semblantes imperturbáveis, transferiram Francesca. Um deles pegou-a no colo e colocou-a na cabine; o outro entregou um galão de combustível a Al-Haddar, que o verteu no tanque com a ajuda de um funil. O avião acionou as hélices ao mesmo tempo que Al-Haddar ligava o jipe e pegava o caminho de volta.

Durante os primeiros quilômetros, Abdel se manteve taciturno e calado, pensando na garota argentina. Recordou seu corpo frouxo jogado sobre as costas daquele homem e

compadeceu-se. *Como ela é bonita! Parece uma huri*, pensou, fascinado, e compreendeu o feitiço que havia encantado o príncipe Kamal. Não conseguia tirar da cabeça suas feições tão brancas e seu cabelo tão preto e grosso. *O que estou fazendo aqui?*, perguntou-se com amargura ao se ver naquele jipe no meio do deserto. Em uma fração de segundo, uma tempestade de ideias o deixou confuso: a promessa feita ao grande Abdul Aziz, a fidelidade que devia ao rei Saud, o futuro de sua amada Arábia, a admiração e o respeito que sentia por Kamal e o rosto angelical da garota, que, segundo diziam, seria a perdição do príncipe.

Kamal contraiu a mandíbula para controlar o tremor que percorria seu corpo. Aturdia-o pensar que Francesca estava nas mãos de delinquentes insensíveis; não suportava a ideia de que a tocassem, menos ainda de que a machucassem. “Minha Francesca”, murmurou. Imaginou seus gritos, que lhe arrancaram lágrimas de raiva e impotência. Ele sentiu tontura e respirava com dificuldade. Buscou apoio na parede.

— Vamos! — animou-o Jacques Méchin, dando-lhe um tapinha no ombro. — Você vai ver que a encontraremos sã e salva, ela e seu filho.

Kamal, sob o olhar paternal de Méchin, pensou que preferiria encontrar nos olhos cinzentos do francês a recriminação que merecia, porque quem mais, se não ele, deveria arcar com a culpa daquela desgraça? Observou o rosto dos homens que o circundavam: seu tio Abdullah, ocupado em ligações telefônicas sem maiores resultados; seu amigo de infância, Mauricio Dubois, que continuava largado no sofá; seu fiel assistente, Ahmed Yamani, que interrogava Kasem; e, por último, voltou os olhos a seu tutor, seu mestre, amigo de seu pai, Jacques Méchin, e recordou, em uma fração de segundo, os argumentos que todos eles haviam esgrimido para que terminasse sua relação com Francesca De Gecco.

Ouviram o telefone tocar, e Kamal correu para atender. Era o doutor Al-Zaki, médico da família, a quem haviam entregado os restos do chá de camomila e do café para que identificasse no laboratório de sua clínica a presença de alguma droga sonífera.

— Quais foram os resultados da análise? — inquiriu Kamal, e o doutor Al-Zaki falou sem hesitar.

— Encontramos o mesmo sonífero tanto no chá de camomila como no café. Trata-se de uma droga potente, não utilizada na Arábia, mas é possível encontrá-la na Europa, onde sua administração é estritamente controlada devido a seu alto poder narcótico e seus efeitos colaterais.

— Poderia ser administrada a uma mulher grávida?

— Definitivamente, não.

Kamal desligou o telefone e manteve o olhar perdido durante alguns segundos.

— Al-Zaki encontrou o mesmo sonífero tanto no chá de Francesca como no café que o guarda bebeu — informou. — Um sonífero que não se pode obter na Arábia.

Para Abdullah, a presença daquele narcótico era a confirmação que esperava: Francesca havia sido sequestrada. Embora desde o começo se inclinasse por essa possibilidade, em nenhum momento havia abandonado a ideia de uma fuga voluntária. A garota, arrependida da relação com Kamal, poderia ter preferido fugir a enfrentá-lo.

Kasem bateu na porta e entregou um telex a Abdullah, que deu uma olhada no papel.

— É a informação que eu esperava de meu contato na CIA e confirma algumas suspeitas que já tínhamos: “Kateb bin Salmun, conhecido como Malik bin Kalem Mubarak, nascido em Iambo, em março de 1919, filho de oleiros, fanáticos seguidores dos dogmas wahabitas, participou ativamente da seita terrorista sob o comando do extremista Abu Bark, cujo verdadeiro nome ainda não foi possível identificar. Depois da desintegração desse grupo muçulmano extremista, não se teve

notícias da maioria dos seus membros”.

— Um homem com esses antecedentes trabalhando em minha embaixada! — alarmou-se Dubois.

— Como ele foi contratado? — perguntou Yamani.

— Chegou com uma carta de recomendação do secretário particular do rei Saud — explicou.

Dubois buscou o olhar de Al-Saud e encontrou-o absorto no telex, parecendo alheio a tudo que se dizia. Os demais, porém, mostraram-se surpresos com a revelação. Dubois se perguntava se, por acaso, estariam desconfiando do próprio rei Saud. Certamente a harmonia e a afabilidade não caracterizavam a relação entre ele e Kamal, mas supor que Saud sujaria sua reputação, pondo em risco tudo que possuía, para fazer mal à amante de seu irmão era impossível.

— Quem é esse tal de Abu Bark? Quem usa o nome do sogro do profeta? — perguntou Yamani, jovem demais para conhecê-lo.

Abdullah tomou a palavra e expôs os dados mais relevantes do temido grupo extremista Jihad, comandado por Abu Bark, que afirmava ser descendente do próprio Maomé.

— Não é nenhuma novidade que Abu Bark é o homem mais procurado pela CIA, pelo MI5 britânico, pela SDECE francesa e pela Mossad — disse. — Pelo que sabemos, é um fanático muitíssimo inteligente e audaz. No fim da década de 1950, pensava-se que Abu Bark havia morrido, mas, meses atrás, o MI5 o localizou em um subúrbio do Cairo, onde vivia com um grupo de homens em um velho casarão. Quando invadiram a casa, não encontraram ninguém, exceto uma fortuna em armamentos. Supõe-se que foram alertados no último momento sobre o ataque das forças policiais egípcias e da inteligência britânica; senão, teriam levado consigo aquela quantidade de armas e munições que valia vários milhões de dólares.

— Ele é completamente louco — acrescentou Jacques Méchin. — Afirma que fala com o anjo Gabriel, que lhe diz o

que tem que fazer para preservar o islamismo no mundo. Seu objetivo é acabar com o Ocidente, em especial, com os judeus.

— E vocês acham que ele está com Francesca? — perguntou Dubois.

— Que Alá, em sua infinita bondade, não permita, Mauricio — desejou Abdullah. — O sujeito é um demente. Vários atentados já lhe foram atribuídos, e, em caso de sequestros, as vítimas nunca voltaram vivas, mesmo tendo sido pago o resgate.

Três horas depois da decolagem, após sobrevoar dunas e penhascos, o avião aterrissou em um local desolado. O acompanhante do piloto, um homem corpulento e completamente calvo, de olhar malvado e cenho sempre franzido, pegou Francesca, acomodou-a sobre seus ombros e abandonou a cabine. Foi seguido por outro homem, de aspecto menos ameaçador, mas apenas se não se olhasse fixamente em seus olhos, pois, nesse caso, era possível perceber que ali se concentrava toda a maldade de que ele era capaz.

O piloto acionou o motor do avião e decolou um momento depois. Os dois terroristas, com Francesca nas costas, deram início à marcha através daquele mar de areia. Após uma alta duna coberta de mato e superada com dificuldade, encontraram uma extensão que quebrava a uniformidade do deserto graças a imponentes cadeias de penhascos de beleza notável, cujos estratos de pedra caliça variavam do amarelo pálido ao vermelho intenso. Caminharam em direção aos contrafortes seguindo o curso de um *uadi*. Tiveram que escalar alguns metros entre penhascos de pedra que machucava os pés, protegidos apenas por sandálias de couro. O homem que carregava Francesca, apesar de seu tamanho e do peso adicional, subia com a agilidade de uma cabra e, logo, alcançou uma fenda mimetizada na rocha; o outro o seguiu depressa. Era um lugar escuro e úmido devido ao *uadi*, que

abria caminho entre as rochas e cruzava para o outro lado. Depois de alguns metros percorridos quase às cegas, as paredes escarpadas começavam a se separar no alto, o ar se tornava respirável, o solo passava a ser macio e morno graças à areia e uma tênue luminosidade indicava a existência de uma saída. Por fim, passando por uma curva pronunciada e uma fenda estreita na rocha, recebia-se o primeiro vislumbre de algo maravilhoso e incrível: a fachada de um templo magnífico esculpida na encosta da montanha, incrivelmente preservada do tempo e da erosão. Eram surpreendentes as colunas de fuste liso, os capitéis de folhas de palmeiras e os frontispícios adornados com baixos-relevos e esculturas. Tratava-se da lendária Petra, misteriosa cidade de pedra oculta entre penhascos ao sudoeste da Jordânia, uma gema de rocha calíça construída no meio da solidão avassaladora das areias do deserto, cujos templos magníficos e palácios cumulados de tesouros não encontravam equivalente em nenhum outro reino. A antiga civilização árabe dos nabateus, tida na antiguidade como a predileta de Alá, havia desenhado e esculpido com maestria incomparável as fachadas ricamente ornamentadas com colunas, os frontispícios e as esculturas, fazendo-o séculos antes do nascimento do profeta Maomé.

Por fim, emergiram do túnel, e o resto da cidade surgiu diante dos olhos arregalados do homem menor; o outro caminhava com o olhar fixo no chão, concentrado no esforço, pois o fardo estava começando a pesar.

— Pelo que sei, este lugar é tão velho quanto o tempo. O que é isso? — perguntou, apontando a construção mais imponente.

— É chamado de al-Khazneh — respondeu o corpulento.
— É o antigo templo dos nabateus, onde, supostamente, protegiam seus tesouros. Mais além, à esquerda, está o anfiteatro.

— E esses nichos nas paredes? — indagou o outro diante de centenas de vãos que marcavam as encostas circundantes.

— São tumbas. Petra é, especialmente, um grande cemitério — disse, avançando para o al-Khazneh. — Vamos! — ordenou já na entrada do templo.

O interior do al-Khazneh, tão desprovido de ornamentação quanto a fachada era abarrotada, impressionava igualmente devido à extrema minúcia com que o coração da montanha havia sido perfurado para abrir um imenso salão quadrado de mais de cinquenta metros de altura, escalável com facilidade devido às pedras salientes. Perto de uma das arestas internas, o gigante enfiou a mão em um vão e acionou um mecanismo. Uma pedra estreita e baixa deslizou para a direita, revelando uma passagem, por onde se evadiram.

Tochas colocadas nos orifícios das paredes conferiam uma tonalidade acastanhada ao corredor e o jogo de luzes e sombras dava-lhe um aspecto fantasmagórico. O caminho se bifurcava o tempo todo, e o gigante pegava um lado ou outro sem hesitar. O solo, até esse momento, macio graças à areia, tornou-se pedregoso, antecipando uma mudança. Metros depois, a passagem terminou em uma escada estreita e vertiginosa, entalhada na rocha. Cada homem arrancou uma tocha da parede para guiar seus passos pelos degraus irregulares. O mais corpulento desceu rapidamente os últimos degraus e abriu uma porta de madeira, por onde entrou a luz do aposento contíguo. Baixaram a cabeça para não bater no arco romano superior e entraram em um recinto abobadado que se abria para quatro passagens tão escuras e insondáveis como a que haviam acabado de atravessar.

— Por aqui — indicou o gigante, passando por uma entrada.

Não tardaram a cruzar com outros homens que ostentavam tranquilamente submetralhadoras e facas. Ali embaixo, encontraram tanta vida e movimento quanto solidão e silêncio do lado de fora.

A essa altura, qualquer um teria perdido o senso de orientação. Aquele labirinto, que abria caminho pela rocha até

adentrar o coração da montanha, era um esconderijo perfeito para o homem mais procurado pelos governos ocidentais.

— Entre — disse o gigante, indicando uma das portas na lateral do corredor. — O chefe está esperando por você. Eu levarei a mulher a uma cela.

As paredes da sala eram cobertas de telas de cores admiráveis e o piso, de tapetes de caxemira. Acomodado no meio das almofadas, com o tubo de um narguilé nos lábios, encontrava-se Abu Bark, um homem de aspecto inofensivo, cujo rosto, coberto por uma lânguida e malcuidada barba preta, acentuava seu ar de inocência graças a um par de óculos que diminuía ainda mais seus olhos.

— Senhor — disse o recém-chegado, inclinando-se com respeito.

Fazia meses que não se viam. Depois da blitz no Cairo, haviam decidido se separar para dificultar o rastreamento.

— Está atrasado, Bandar. Onde está Yaman?

— Foi deixar a mulher em uma cela.

Abu Bark sorriu, satisfeito, e tornou a sugar o narguilé. O mais famoso Abu Bark da história islâmica era o sogro e amigo íntimo de Maomé, que, com a morte do profeta, em 632, se tornara o primeiro califa árabe a receber a missão de dar continuidade a sua obra. Por isso, aquele homem estranho recostado em finas almofadas, cujo verdadeiro nome ninguém conhecia, havia adotado o pseudônimo Abu Bark, certo de que era parte da dinastia de Maomé e responsável por um legado especial: preservar o islamismo, do mesmo modo que havia feito aquele primeiro caudilho maometano. Dizia que, aos vinte anos, Maomé e o arcanjo Gabriel haviam aparecido a ele para designar-lhe a tarefa de resguardar o islamismo do diabo que o espreitava: o Ocidente. “E quem é o Ocidente, meu Senhor?”, perguntara o jovem Abu Bark. “Os sionistas”, havia sido a resposta do profeta.

Em 1948, ele havia dado início a sua Jihad, a guerra santa, e Israel, o jovem Estado criado pelo *establishment* do Ocidente,

era o objetivo último de sua sede de destruição. Para vencer, as armas eram um tesouro precioso. Desde a bomba de Hiroshima, a tecnologia avançava a passos largos, e era possível obter verdadeiros prodígios armamentistas, mas eram necessárias toneladas de dinheiro, e, embora ele contasse com o apoio financeiro de algumas multinacionais do petróleo, interessadas em manter os povos árabes distraídos e submissos com desgastantes lutas internas enquanto saqueavam o petróleo a dois dólares o barril, a cilada que havia sofrido no Cairo, onde havia perdido um arsenal avaliado em vinte milhões de dólares, deixara-o quase na bancarrota. A possibilidade de pedir um suculento resgate pela amante de um dos homens mais ricos do mundo era algo que Abu Bark não deixaria escapar. Além do mais, sendo uma ocidental, ele mesmo se daria o prazer de estrangulá-la.

— Este lugar é perfeito — comentou Bandar. — Muito melhor que o esconderijo no Cairo.

Abu Bark não fez comentário algum, e Bandar prosseguiu:

— Ela está muito drogada. Tenho medo de que morra de overdose antes de fazermos a primeira ligação para a embaixada argentina.

— Mandem acordá-la um pouco antes da ligação. Temos métodos eficazes para isso. A informação sobre a gravidez está confirmada?

— Sim, Malik confirmou. Fadhir esteve com ele em Riad.

— Está bem. Amanhã, faremos o primeiro contato com o príncipe Al-Saud.

— Príncipe Al-Saud? Qual deles?

— Kamal Al-Saud — replicou Abu Bark.

— O que o príncipe Kamal tem a ver com tudo isso? Não deveríamos pedir o resgate à embaixada?

— Bandar — disse Abu Bark, em um tom benevolente —, não me interessa quem vai pagar o resgate. O dinheiro pode sair da fortuna incalculável do príncipe Al-Saud ou do Estado argentino; para mim, qualquer um dos dois serve. A única

coisa que tem que ficar clara é que o príncipe Kamal Al-Saud é quem deverá entregá-lo no lugar e na hora que determinarmos.

— A ordem é matar o príncipe Kamal — deduziu Bandar.

Abu Bark assentiu.

— Por quê?

— O rei Saud precisa se livrar dele sem levantar suspeitas.

— Entendi. Um sequestro com pedido de resgate pode ter sido organizado por delinquentes comuns e não haverá razão para que suspeitem de motivos políticos — acrescentou Bandar.

Seu chefe assentiu.

— Durante o pagamento do resgate, alguma coisa não vai sair como o previsto e a morte do príncipe será uma lamentável consequência — retomou Abu Bark. — O rei Saud está fazendo isso para se manter no trono. Eu, porém, faço por dinheiro e para livrar o mundo muçulmano de um traidor. Sim, um traidor — reiterou, perdendo sua expressão tranquila. — O príncipe Kamal está negociando com os Estados Unidos para levar seu projeto de governo adiante. E quem são os Estados Unidos se não o berço do sionismo? Saiba, Bandar, que a cidade mais densamente povoada por judeus em todo o mundo é Nova York. Eu não permitirei que esses bastardos entrem na casa Al-Saud. E conseguirei acabar com o carinho estúpido que o povo sente por esse traidor, pois, para a história, o príncipe Kamal terá se sacrificado inutilmente por sua amante cristã, sem pensar na Arábia nem em seus deveres para com o islamismo. É a vontade de Alá! Agora vá, Bandar, e deixe-me sozinho.

* * *

Francesca acordou com dificuldade; suas pálpebras pesavam e um estupor incontrolável dominava seu corpo, em especial, a cabeça, que parecia afundar no colchão. Sentiu náuseas e

ânsias de vômito. Tateou em busca do abajur, mas, por mais que se esticasse, não conseguia alcançar o interruptor. Sua cama sempre fora macia e perfumada, mas, agora, fazia suas costas doerem e tinha um cheiro horroroso que a fazia sufocar. *Que sorte que é um pesadelo*, pensou, reconfortada com a ideia de que veria Kamal no dia seguinte. *É um pesadelo*, repetiu, apesar da sede que deixava sua boca pastosa e era tão real quanto a irre realidade daquele sonho ruim.

— Sara — sussurrou, mas o esforço lhe arrancou lágrimas de dor, de tão seca e machucada que estava sua garganta. — Água — insistiu com um fio de voz.

Isto não é um pesadelo, pensou, e o pânico dominou seu peito. Ela se levantou lentamente, pois cada movimento acentuava as náuseas e a dor de cabeça. Sentou-se na beira daquilo que definitivamente não era sua cama, e, sim, uma espécie de catre malcheiroso e duro. Na parede oposta, distinguiu uma abertura, por onde entrava luz. O desejo de aspirar ar fresco a ajudou a se levantar e guiou seus passos inseguros. Tinha que chegar até ali e pedir ajuda; precisava beber um copo de água.

A abertura, uma janelinha em uma porta de madeira, revelou, através de suas barras de ferro, um lugar sujo e lúgubre, cavernoso e incrível, um lugar quimérico, cenário ideal para histórias de dragões, fantasmas e duendes. “Estou ficando louca”, disse, segurando-se nas grades da janelinha para não cair.

— Socorro! — gritou, ouvindo o eco de sua voz se repetir nos túneis do labirinto.

Apareceu um árabe, alto e robusto, de lábios grossos e olhos esbugalhados. Levava um alfanje no cinto e uma metralhadora curta a tiracolo. Aproximou o rosto da janelinha e disse algo com rispidez.

— Água, por favor — pediu ela, mas só obteve gritos e ameaças naquela língua cacofônica e dura. — Onde estou? Por favor, diga-me onde estou!

O árabe deu um pontapé na porta, e Francesca caiu no chão, perdendo a consciência segundos depois.

* * *

Kamal se desesperava durante o transcurso irremediável das horas. Perderia o juízo se não fizesse alguma coisa. Não suportava a ideia de ficar sentado no sofá, confortável, quando Francesca podia estar sofrendo todo tipo de maus-tratos e carências. Ele não comia nem bebia, certo de que ela também não o fazia. Não fumava, como castigo. Sim, castigo, porque ele era culpado por aquela desgraça, ele a havia exposto ao ódio, aos ciúmes e aos interesses de sua família, à incompreensão e intolerância atávica entre cristãos e islâmicos, aos preconceitos religiosos e raciais. Ele, que não havia escutado nenhum dos seus amigos quando o advertiram do perigo que a espreitava. Ele, que a havia desejado com egoísmo e que, em sua ansiedade por possuí-la, talvez se tornasse o principal culpado pela morte dela. Sua pequena e doce Francesca não morreria! Não ela, tão alheia aos interesses econômicos, aos preconceitos, ao ódio. O que Francesca sabia do ódio, se era só uma menina? Ele não a havia protegido o suficiente. Deveria tê-la levado consigo. Jamais deveria deixá-la na Arábia. Pensou em seu filho, seu filho com Francesca, fruto de um amor imenso. “Alá, que em sua incomensurável onipotência tudo pode, não permita que ela morra, não ela, a mãe de meu primogênito. Leve-me em seu lugar. Ah, grande Alá! Eu sou o verdadeiro culpado. Castigue a mim, não a eles”, rezava baixinho.

— Já é noite! — explodiu, por fim, dando um soco na mesa. — Já se passaram quase vinte e quatro horas e nada, ainda!

— Acalme-se — pediu Abdullah. — Estamos fazendo todo o possível. Estão vasculhando o país de norte a sul, de leste a oeste.

Alguém bateu na porta. Era um homem da Secretaria de Inteligência, que trazia a notícia da captura de Malik bin Kalem Mubarak.

— E a garota? — perguntou Kamal sem demora.

— Nada, sua majestade. Kalem Mubarak estava sozinho. Foi interceptado na periferia de Al Bir, em direção ao norte do país.

— Isso é quase na fronteira com a Jordânia — disse Méchin.

— Isso mesmo — confirmou o agente especial. — Acreditamos que estava tentando sair do país.

— Onde ele está?

— Em duas horas, o avião que o está trazendo a Riad aterrissará.

— Ótimo — disse Abdullah. — Avise o comandante responsável pela transferência que quero Kalem Mubarak no calabouço do velho palácio assim que chegar a Riad.

O agente especial abandonou a sala de Dubois. A atmosfera era estranha, um misto de excitação pela captura de Malik e desânimo por Francesca não estar com ele. As dúvidas os assolavam, e cada um deles precipitava respostas que se negavam a aceitar.

— Vou ao palácio — anunciou Abdullah. — Quero estar presente no interrogatório.

— Esse homem não dirá nada se não for torturado — avisou Kamal. — Leve junto Abenaboh e Kader. Eles saberão como fazê-lo falar.

— Acho que ele falará sem que seja preciso empregar esses métodos.

— Torture-o! — ordenou Kamal. — Não temos tempo a perder. Minha mulher e meu filho estão nas mãos de algum louco, e não tratarei com diplomacia o homem que a entregou aos sequestradores. Torture-o até a morte, até que confesse onde ela está!

Kamal recolhia água com uma jarra e banhava-a lentamente. Francesca, sedenta, tentava pegar a água que escorria por seu rosto. Sua garganta parava de arder e o frescor da água descia por seu corpo nu. Havia começado a chover, e a chuva tamborilava sobre a superfície da lagoa onde estavam submersos. Kamal enchia a jarra de novo e jogava a água sobre a cabeça de Francesca. Repetidamente, com uma frequência que não lhe dava tempo de respirar, com uma violência que a sufocava, com uma fúria que a aterrorizava.

— Chega!

Seu próprio grito acordou-a no instante em que recebia o impacto de um jato de água no rosto. Quando a água parou de escorrer, distinguiu o mesmo homem que havia gritado com ela através das barras de ferro. Tentou se mexer, mas uma dor lacerante tomou seus braços, paralisando-a. Suas mãos estavam amarradas, e, ao tentar se soltar, ela machucou os pulsos. Levantou os olhos: a corda que prendia suas mãos, ligada a um aparelho pendurado no teto, obrigava-a a manter os braços para cima, enquanto as pontas de seus pés nus mal roçavam o chão. Suas axilas ardiam, a ponto de senti-las se desconjuntar, e suas pernas e seus dedos dos pés estavam começando a formigar. Notou o contato úmido da camisola, que grudava em seu corpo.

Um grupo de homens formava um semicírculo em volta dela. Olhavam-na com frieza, e o ódio que aqueles olhos destilavam provocou-lhe um pânico atroz. Aquilo não era um pesadelo.

— Onde estou? — conseguiu perguntar, lembrando-se logo de seu bebê.

Seu sangue pulsava na garganta e seu coração se acelerou. Ela começou a chorar.

Um homem quebrou o semicírculo e avançou para ela. As lágrimas nublavam a visão de Francesca e lhe era difícil distinguir as feições. Esfregou os olhos na manga da camisola e divisou um rosto agradável, um semblante gentil. A barba

desalinhada, um par de óculos redondos e uma túnica branca conferiam àquele homem a aparência de um ser hospitaleiro e generoso.

— Por favor, eu suplico, deixe-me ir. Por que estou aqui? Deve... Deve ser um engano.

— Engano nenhum, senhorita Francesca De Gecco — disse Abu Bark em francês.

— Como sabe meu nome? Quem é o senhor? Por que estou aqui?

As respostas não chegavam, e Francesca perdeu a calma:

— Responda!

O homem deu-lhe um tapa no rosto, e o estupor que aquela reação lhe causou postergou a dor latejante na mandíbula. O sabor metálico do sangue, que escorria pela ferida aberta em sua boca, provocou-lhe ânsia.

— Você não está em condições de exigir respostas, senhorita De Gecco. — Pegou-a pelo queixo, fazendo a dor se acentuar. — O príncipe Kamal tem muito bom gosto para escolher suas mulheres.

Ele tentou beijá-la nos lábios, mas Francesca afastou o rosto e cuspiu saliva misturada com sangue nos pés de Abu Bark.

— Além de bonita, é corajosa — disse o terrorista, acariciando o rosto de Francesca.

— Por favor, deixe-me ir, eu suplico.

— Deixá-la ir? — repetiu Abu Bark, com um sorriso que logo desapareceu.

As sobrelanceiras do homem se transformaram em uma só linha e seu olhar inocente se tornou apavorante.

— Você enrolou um príncipe da Casa Al-Saud, enfeitiçou-o com seu comportamento de puta, obrigou-o a se indispor com a família, com sua própria religião, e ainda me pede que a deixe ir. Por Alá, você carrega no ventre um ser demoníaco!

Deu um soco no estômago de Francesca, que instintivamente recolheu as pernas e gritou com desespero

quando recuperou o ar:

— Não, meu filho, não! — rogou. Seu pranto se confundiu com uma recitação quase automática do pai-nosso.

— Esse ser que você carrega no ventre — prosseguiu Abu Bark — vai custar alguns milhões a mais ao príncipezinho.

Ele ficou alguns segundos absorto nos olhos atormentados dela.

— Puta barata! — explodiu. — Você vai pagar por cada um dos pecados aos quais conduziu nosso príncipe. Desamarrem-na e levem-na ao meu quarto. Vamos pedir o resgate agora mesmo.

Dois homens baixaram Francesca. Ela estava quase inconsciente, e eles a arrastaram pelas passagens até o quarto de Abu Bark.

Kamal consultou a hora. Eram seis e meia da manhã. Havia passado a noite em claro no sofá da sala de Mauricio à espera da ligação em que pediriam o resgate. Os especialistas que gravariam a conversa e tentariam localizar a origem da ligação cochilavam nas cadeiras. Mauricio havia ido à cozinha para buscar café. Jacques Méchin estava, desde a tarde anterior, no velho palácio com Abdullah Al-Saud, tentando arrancar a verdade de Malik, sem resultados. Ahmed Yamani havia acabado de ir embora, pois, em poucas horas, deixaria Riad rumo a Genebra, onde tentaria neutralizar o embargo petroleiro proposto pelo ministro Tariki e pelo presidente da Venezuela em cumprimento ao pacto selado entre Kamal e o secretário de Estado do presidente Kennedy.

Kamal havia esquecido essa importante reunião da Opep. Não estava interessado na Opep, nem no petróleo, nem no secretário de Kennedy. Que importância tinha a Arábia, até, se sua Francesca estava entre a vida e a morte? Um calafrio percorreu sua coluna ao cogitar a possibilidade de nunca mais tornar a vê-la. Ele enlouqueceria sem ela, sua vida perderia o

sentido. Aquela mocinha de vinte e um anos, a antítese de tudo que ele conhecia e era, havia entrado em seu sangue em uma noite quente de verão e arrebatado sua paz de espírito. Ele se levantou violentamente, levando as mãos à cabeça.

Os especialistas acordaram sobressaltados e voltaram a cuidar do cabeamento telefônico e dos aparelhos. Al-Saud ficou andando pela sala, cabisbaixo, com as mãos às costas, passando as contas de seu *masbaha* freneticamente entre os dedos. Ele havia subestimado a cobiça de Saud. *E a sagacidade de Tariqi*, pensou, pois se, como supunha, tudo aquilo fosse obra de seu irmão, o cérebro da operação devia ter sido seu ministro do Petróleo, que tinha muito a perder caso Saud abdicasse.

Mauricio entrou na sala, seguido de Sara, que carregava uma bandeja com café e croissants. Os especialistas aceitaram com prazer a infusão grossa e aromática e engoliram os doces em duas mordidas. Dubois foi até Kamal e estendeu-lhe uma xícara.

— Não, obrigado — disse Kamal, indo para a janela.

— Vamos, tome o café — insistiu Mauricio. — Você não vai conseguir nada agindo como um faquir. Faz um dia que você não come, não bebe, não dorme. Precisa estar esperto e forte. Não sabemos o que estamos enfrentando.

Kamal pegou a xícara e saboreou o primeiro gole, que pareceu fazer seu sangue voltar a circular. O telefone tocou. Os especialistas ligaram o gravador e o localizador de chamadas e disseram a Mauricio e Kamal que atendessem os dois aparelhos ao mesmo tempo.

— Alô? — atendeu Dubois. — Quem fala?

— Quem fala é o de menos — respondeu uma voz evidentemente distorcida. — Esta é uma mensagem para o príncipe Kamal Al-Saud.

— Estou aqui — disse Kamal com uma frieza que não sentia.

— Tenho algo que o senhor está procurando, alteza.

— Quero falar com ela.

— Acho que não está em posição de exigir nada, alteza. Ver sua mulher e o filho que ela leva no ventre vai lhe custar vinte milhões de dólares, soma que o senhor mesmo entregará quando e onde lhe for indicado. Vá sozinho. Se houver outra pessoa a menos de cinquenta quilômetros ao redor, a garota morre.

— Não moverei um dedo sem ter certeza de que ela ainda está viva.

Abu Bark fez um sinal, e um homem levou Francesca ao telefone.

— Kamal... — murmurou Francesca, sem forças.

— Francesca!

— Kamal, não venha. Eles vão matá-lo...

Abu Bark deu-lhe um tapa que a fez soltar um grito de animal ferido antes de perder a consciência.

— Bastardo, filho da puta! Não toque nela! Vou matar você com minhas próprias mãos! Não a machuque! Bastardo!

O silêncio na linha indicava que a ligação havia sido interrompida. Os especialistas desligaram a gravação e o rastreador. Mauricio tirou o fone das mãos de Kamal e desligou-o.

— Ele bateu nela! — disse Al-Saud, fora de si. — Bateu nela!

— E a ligação? — Dubois se dirigiu aos especialistas. — Conseguiram rastreá-la?

— Apesar de ter durado o suficiente para ser localizada, não conseguimos. Evidentemente, eles não usaram um telefone comum. Devem ter utilizado algum aparelho especial, com uma tecnologia avançada que impede a localização da origem da chamada.

— Maldição! — explodiu Kamal, dando um soco na mesa.

— Analisem a gravação. Tentem encontrar algo que nos dê uma pista.

A seguir, abandonou a sala rapidamente.

Francesca se encolheu no chão da cela e abriu os olhos. Uma pontada, que percorreu sua mandíbula como uma descarga elétrica, deixou-a frente a frente de novo com a verdade que sua mente se negava a aceitar: ela havia sido sequestrada para obterem um resgate de Kamal. Fez um esforço para recordar os momentos anteriores: seu quarto na embaixada, a carta que escrevia para sua mãe, o chá de camomila, as letras que ficavam borradas, a caneta que escorregou de suas mãos, o descontrole de seu próprio corpo, mas eram imagens que não lhe diziam nada. Minutos, dias ou horas depois, havia acordado naquela espécie de cova.

Ela tentou se levantar para chegar ao catre, mas seu corpo intumescido a impediu. Não sentia as pernas, e um doloroso formigamento debilitava seus braços. Contraiu-se ao sentir um espasmo no ventre. Massageou o local, mas não conseguiu abrandar a dor.

— Meu filhinho — murmurou enquanto as lágrimas inundavam seus olhos.

A sede continuava a atormentando. Ela bebia as próprias lágrimas, que não conseguiam aplacar a brasa ardente que machucava sua garganta. Sentia gosto de sangue na boca, um sabor metálico que lhe dava enjoo. Morreria e, junto com ela, seu filho. As forças a abandonavam e o frio a envolvia. A escuridão a circundava, apesar da lamparina que ardia a alguns metros, uma escuridão interior que gelava sua alma e minava sua vontade de lutar. Mesmo assim, uma chama de otimismo se mantinha acesa dentro dela, e Francesca tentava se agarrar a ela desesperadamente, porque jamais se renderia. Defenderia sua vida e a de seu filho até seu último suspiro. Por Kamal.



Abdel bin Samir disse a seu colega Al-Haddar que não contasse com ele pela manhã, pois ia visitar sua mãe na periferia de Riad. Al-Haddar recebeu a informação com indiferença, conhecendo a devoção que Abdel professava por aquela velha senhora. Ele sempre ia visitá-la quando tinha que resolver um problema, quando não encontrava paz. E, justamente, desde a entrega da garota cristã no dia anterior, ele andava estranho, taciturno, triste, até.

— Sim — concordou Al-Haddar. — Vá ver sua mãe, se isso o anima.

Abdel foi para seu quarto, certificou-se de que sua arma de calibre quarenta e cinco estava carregada, acoplou o silenciador e colocou-a no cinto, ao lado de seu iatagã. Como não usaria seu automóvel, pois era provável que os homens de Abu Bark seguissem seus passos por alguns dias, até terem certeza de sua fidelidade, esperou o fornecedor do material para a construção da nova piscina. Aguardou até que os homens saíssem da caminhonete e, enquanto transportavam o material pela galeria, subiu na parte de trás do veículo e cobriu-se com uma lona. Minutos depois, escutou a voz de Al-Haddar se despedindo do motorista. A caminhonete partiu. Abdel levantou a lona para ver que direção tomavam, notando que estavam indo para a parte velha da cidade. A poucas quadras do mercado, quando a caminhonete parou, ele deslizou por baixo da lona, abriu cuidadosamente a caçamba e pulou no calçamento. Andou pelas vielas menos movimentadas e entrou no mercado pela área das lojas de

tapetes. Estava procurando uma loja em particular, aquela que servia de guarida a um informante de Abu Bark, um tal de Fadhír, com quem eles, nos dias anteriores ao sequestro, haviam entrado em contato para definir os detalhes. Fadhír não havia dito a eles que esse era seu esconderijo, mas, após o primeiro contato, que havia sido em um café ao lado de uma praça, Al-Haddar o seguira.

Ao entrar na lojinha, dois homens o receberam e, com gestos servis, convidaram-no a escolher tapetes. Abdel abriu a túnica para mostrar sua pistola e indicou que ficassem calados. Instintivamente, os dois retrocederam. Um tentou pegar uma arma na gaveta de uma mesa, mas Abdel empunhou sua pistola com agilidade e deu-lhe um tiro na testa. O outro, um rapaz jovem e magro, jogou-se ao lado de seu colega e dirigiu um olhar suplicante a Abdel. Este guardou a arma, pegou uma corda de cortina que encontrou em cima do balcão e amarrou-lhe os pés e as mãos. Também o amordaçou. Trancou a porta e fechou o postigo. Voltou até o homem amarrado e, de cócoras, sussurrou:

— Onde Fadhír está escondido?

Com um movimento de cabeça, o rapaz indicou que estava em cima. Abdel foi ao fundo da loja, passou por umas cortinas e atravessou um pequeno depósito até chegar à escada em caracol que levava ao telhado, uma escada tão pequena que mal permitia a passagem de seu corpo maciço. O telhado também era um depósito e estava lotado de tapetes enrolados e empilhados. No chão, deitado sobre vários tapetes kilim de lã, Fadhír dormia profundamente com um revólver na mão direita. Abdel pegou sua faca e enterrou-a no ombro do terrorista, cravando-o na montanha de tapetes. O homem acordou gritando e fitou Abdel com os olhos arregalados. O guarda-costas, bem perto do rosto do outro, disse:

— Agora, você e eu vamos conversar.

Kamal parou seu Jaguar em frente ao palácio que pertencera a seu pai. Um guarda abriu o portão e lhe deu passagem. Ele pulou do automóvel, precipitou-se para dentro e atravessou o pátio principal em direção ao porão, onde antigamente ficavam os calabouços, mas que passou a ser usado como arquivo e depósito de móveis velhos.

Escutou os gritos de Malik, que se propagavam pelo corredor do porão em um eco lastimoso. Abenaboh e Kader estavam fazendo seu trabalho. Apressou o passo em direção ao último calabouço e entrou sem preâmbulos. Malik, com os braços em cruz presos a argolas nas paredes, cuspiu sangue e dentes. Kader massageava os nós das mãos. Abdullah sussurrava com Jacques Méchin enquanto Abenaboh enchia um copo com água e jogava-o no rosto do motorista para despertá-lo.

— Kamal — surpreendeu-se seu tio. — Alguma novidade?

— Os sequestradores entraram em contato há meia hora.

— Rastreamos a ligação? — perguntou Méchin, impaciente.

— Não. O que conseguiram com o interrogatório? — urgiu Kamal.

— Esse sujeito é de pedra — reclamou Abdullah. — Estamos aqui há horas e conseguimos bem pouco. Ele confessou ter contatos com a Jihad e que estava fugindo para a Jordânia quando meus homens o encontraram, mas nós já tínhamos quase certeza dessas coisas.

— Talvez ela esteja na Jordânia — conjecturou Jacques.

Kamal foi até Malik, que, apesar de ter os olhos deformados devido aos socos, abriu-os com dificuldade e sorriu.

— Príncipe Kamal — disse com ironia —, ainda não encontrou sua adorada Francesca?

Al-Saud sustentou seu olhar com olhos gelados que obrigaram o outro a baixar a vista. Kamal foi em direção à mesa onde estavam as armas de seus guarda-costas, pegou

uma Magnum de nove milímetros e atirou na mão esquerda de Malik.

Seguiram-se os berros do motorista e o desconcerto dos demais. Malik, em estado de choque, olhava para o toco da mão ensanguentada e gritava, balbuciando incoerências e chorando. Al-Saud, no entanto, permanecia sério, com a arma apontada para a outra mão.

— Você pode manter a mão direita se me disser quem está com Francesca e para onde a levaram.

Malik continuava choramingando e não conseguia se concentrar. Abenaboh o segurou pelo queixo e jogou água em seu rosto para fazê-lo reagir.

— Onde ela está e com quem! — gritou Kamal, colérico.

— Não sei!

O som do gatilho deixou Malik ainda mais alterado. O homem empalidecia a olhos vistos devido à perda de sangue.

— Ele vai morrer! — disse Jacques, alterado. — E, morto, não vai servir para nada.

— Também não serve agora que está vivo — replicou Kamal.

Ele se aproximou e encostou a arma na testa do motorista.

— Eu juro que não sei! Só sei dizer que está nas mãos de Abu Bark e sua gente. Eles a levaram para pedir o resgate.

— Onde? — insistiu Kamal.

— Não sei! Não sei! Juro por Alá!

— Por que estava fugindo para a Jordânia?

— Porque Abu Bark instalou seu quartel-general em Aqaba, mas não tenho certeza de que ainda está lá.

Cada palavra exigia um esforço sobre-humano para ele. Sua língua se colava ao palato e ele estava começando a enxergar com dificuldade.

— Eu juro... — balbuciou Malik. — Eu juro que não sei mais nada. Eu quis ir com eles, mas não aceitaram me levar.

— Aqaba — repetiu Jacques. — Isso fica ao sul da Jordânia. Em que lugar exatamente de Aqaba?

— No bairro de Melazía, em um velho depósito do mercado. Juro que não sei mais nada.

Kamal foi em direção à porta e, antes de sair, voltou-se, levantou a arma e atirou na cabeça de Malik, que ficou pendurado nas argolas com um buraco na testa.

Abdel bin Samir já havia decidido que confessaria ao príncipe Kamal o que sabia sobre a mulher cristã. Fazia um tempo que o aguardava, dentro de um automóvel alugado, em frente ao edifício dele, no bairro de Malaz. A ameaça de morte que pesava sobre o príncipe o redimia do juramento de fidelidade que fizera a Saud Al-Saud. O rei Abdul Aziz havia amado Kamal e não teria hesitado em escolher protegê-lo em circunstâncias semelhantes.

Desde o início, aquele assunto da mulher cristã havia cheirado mal. Em sua opinião e em sua experiência, existiam outros métodos, menos radicais, para se livrar de uma mulher incômoda: suborná-la, ameaçá-la e até dar-lhe um belo susto estavam entre os mais efetivos. Entregá-la a um terrorista parecia ridículo e inoportuno, distorcido e inverossímil. Abdel sempre havia suspeitado que, na realidade, o príncipe Kamal seria a verdadeira vítima. Depois do diálogo com Fadhil, suas suspeitas haviam se confirmado.

Ele não afastava o olhar do edifício de Kamal. Estava começando a perder as esperanças quando divisou o conhecido Jaguar verde do príncipe. Ajeitou-se no banco e aguardou que o carro fosse estacionado. Viu o príncipe sair do veículo e caminhar apressado para a entrada do edifício. Abdel, totalmente coberto, abandonou o veículo alugado, olhou em torno e o seguiu. Não havia ninguém na rua. Antes que Kamal fechasse a porta de entrada, Abdel o chamou, com a voz comedida, e descobriu apenas o rosto.

— Abdel? — estranhou Kamal. — O que está fazendo aqui? Por que não está com meu irmão na Grécia?

— Ele me atribuiu uma missão e tive que ficar — disse Abdel, cravando-lhe um olhar significativo. — Podemos conversar, alteza?

— Agora, não — disse Kamal, tentando disfarçar a ansiedade de livrar-se do velho guarda-costas, que certamente lhe pediria um favor; dinheiro, provavelmente. Ele já havia feito isso no passado.

— Tenho algo a dizer que vai lhe interessar, alteza. É sobre a garota cristã.

Kamal ficou olhando para o homem. Sua confusão durou apenas alguns segundos. Fez um sinal com a cabeça, e Abdel o seguiu para dentro do edifício. Foram para a parte de trás, onde havia um pequeno jardim.

— Fale — disse Kamal.

— A senhorita De Gecco está escondida no templo al-Khazneh, na cidade de Petra, cinquenta quilômetros ao norte de Aqaba, na Jordânia. O terrorista Abu Bark está com ela.

— Como você sabe?

— Al-Haddar e eu a entregamos a uns terroristas de Abu Bark na fronteira com a Jordânia — disse o homem, sustentando o olhar de Kamal com a segurança de quem está fazendo o que é certo. — Lamento, alteza, mas acreditei que seria o melhor para o senhor e para a Arábia. Só depois me dei conta do verdadeiro plano.

— Que plano?

— Matá-lo, senhor.

— Meu irmão está por trás de tudo isso, não está?

Abdel se limitou a assentir.

— Como sei que não está mentindo? Como posso ter certeza de que isto não é parte do plano para me eliminar?

— Não há como ter certeza — admitiu o guarda-costas. — Terá que confiar em mim e recordar o carinho e a devoção que senti por seu pai. O senhor era o filho predileto, e isso é o que conta neste momento. Agora que já lhe disse o que sei, o senhor pode fazer o que quiser. Prenda-me ou mande me

executar, é o senhor quem decide.

— Espere por mim aqui — disse Kamal, limitando-se a dar uma ordem, e foi para seu apartamento.

Instintivamente, ele sabia que o guarda-costas não fugiria.

— Então, isso é uma armadilha — disse Abdullah.

Estavam em sua sala enquanto esperavam que Abenaboh e Kader se livrassem do corpo de Malik. Seu sobrinho Kamal havia acabado de detalhar para eles a conversa com o sequestrador, as poucas palavras trocadas com Francesca e a extraordinária confissão de Abdel bin Samir.

— É uma armadilha! — insistiu, atordoado ao compreender o alcance da situação.

— Eles não estão interessados na garota — prosseguiu Méchin, falando para si mesmo, como se tentasse compreender o que estava acontecendo. — Então, na verdade, é a você que eles querem. Eles sabem de sua oposição à Opep e que você mantém contato com o governo de Kennedy, por isso, o querem fora do jogo.

— Eles vão matá-lo! — gritou Abdullah, exasperado porque seu sobrinho parecia não compreender o significado dessas palavras. — Quando levar o resgate, eles vão acabar com você. Não permitirei que você o leve.

— Você parece não entender, tio — disse Kamal, com parcimônia. — Não tenho intenções de esperar que eles entrem em contato de novo nem de levar nenhum resgate. Eu já decidi: partirei agora mesmo para a Jordânia. Iremos em meu avião. Levarei alguns dos seus homens e armas.

— O que você vai fazer? — perguntou Jacques, pasmo.

Abdullah o fitou com os olhos arregalados, incapaz de replicar.

— Você não faz ideia do que está dizendo — disse Méchin. — Não tem um plano. Isso é um impulso que pode lhe custar caro. Nem sequer sabemos se essa informação é verdadeira.

Por outro lado, o que acontecerá se os sequestradores fizerem contato de novo e você não estiver aqui? Isso poderia ser terrível para a vida de Francesca.

— Espero chegar a ela antes que Abu Bark entre em contato comigo de novo.

— Você não vai fazer isso — disse Abdullah, obstinado. — Não permitirei que o próximo rei da Arábia sacrifique sua vida.

— Nada do que você diga me fará mudar de opinião.

Méchin não tentou contrariá-lo. Ele sabia o quanto Kamal podia ser teimoso, às vezes. Abdullah, porém, não se resignava.

— Eu não permitirei!

— Não sei como você pretende me impedir de fazer o que estou decidido a fazer — insistiu Kamal.

Abdullah já ia retrucar, mas se calou a pedido de Méchin.

— Por que não deixa que os homens de seu tio tirem Francesca de lá? Eles são profissionais preparados.

— Eu também sou — replicou Kamal. — Ou esquece que, ao voltar à Arábia, passei cinco anos na Escola Militar de Riad?

Nada o dissuadiria. Tanto Abdullah como Méchin haviam aceitado que era inútil discutir.

— Quero falar com Abdel — disse o secretário de inteligência. — Onde ele está?

— Mande-o para o calabouço como medida preventiva, mais para sua própria proteção que por medo de que fuja. Desde que traiu um terrorista como Abu Bark, sua vida não vale um centavo.

— Ótimo — disse Abdullah. — Mandarei trazê-lo, e, com base nas informações dele, traçaremos um plano.

Abdel não levantou os olhos enquanto o interrogavam. No fim, teve coragem de se dirigir a Kamal:

— O senhor não deveria aparecer em público, alteza. Os homens de Abu Bark o seguem por todo lado. Provavelmente, nos viram conversar na porta de sua casa.

Kamal ficou em silêncio, com o olhar perdido. Um instante depois, disse:

— Jacques, ligue para minha cunhada Zora e minha irmã Fátima. Diga a elas que venham ao velho palácio usando os saltos mais altos que tiverem e que tragam duas *abaayas* extras.

Abu Bark estava em seu quarto, meditando sobre a conveniência de contatar o príncipe Kamal novamente na mesma tarde. Um de seus colaboradores estava ao telefone, consultando o saldo da conta do chefe em Zurique, enquanto outro, também por telefone, marcava um compromisso com um famoso comerciante de armas belga. Abu Bark se voltou bruscamente quando Bandar entrou no quarto sem bater e parecendo preocupado.

— O que foi? — perguntou, tirando os óculos com irritação.

— Katem acabou de entrar em contato. Há algumas horas, alguém abordou o príncipe Kamal na porta de sua casa.

Abu Bark se levantou e olhou fixamente para seu subalterno. Aquele podia tanto ser um fato sem importância quanto um de extrema gravidade. Nunca faltavam traidores quando havia tanto dinheiro em jogo.

— Puderam determinar de quem se tratava?

— Ele estava completamente coberto — explicou o homem.

— O que mais você sabe?

— Entraram no edifício e conversaram por alguns minutos. Depois, saíram, entraram no carro do príncipe Kamal e dirigiram-se ao velho palácio do rei Abdul Aziz. Até o momento, não foram vistos saindo.

— Talvez tenham saído pelos fundos — sugeriu Abu Bark.

— Todas as entradas estão guardadas. Houve pouco movimento de entradas e saídas: duas mulheres, que, segundo

averiguaram, eram uma cunhada e a irmã do príncipe, e uns fornecedores de artigos de papelaria. Ninguém mais. Os fornecedores deixaram as caixas e saíram com as mãos vazias. As mulheres também abandonaram o palácio uma hora depois.

Abu Bark dispensou o subalterno e tornou a recostar-se nas almofadas. Fechou os olhos e meditou. Ao longo de sua vida, havia aprendido muitas lições, mas duas tinham sido de grande utilidade: a primeira era que coincidências não existem, e a segunda, que sempre devia confiar em seu instinto. Não gostara do encontro do príncipe Al-Saud com um homem que não queria mostrar o rosto. Levantou-se e chamou por rádio o segundo homem na cadeia de comando, Kalim Melim Vandor. Kalim era palestino e odiava os judeus mais que o próprio Abu Bark. De compleição alta e maciça, seu aspecto malévolo lhe era conferido por um tampão que cobria o olho esquerdo, perdido na Faixa de Gaza tempos atrás devido a um fragmento de granada.

— Kalim — disse com firmeza —, temos que sair de Petra nas próximas horas.

O terrorista o contemplou com uma expressão de confusão, e Abu Bark se impacientou:

— Existe a possibilidade de que o príncipe Al-Saud já saiba de nossa localização.

— O que faremos com a argentina? Vamos levá-la conosco?

— Vamos nos livrar dela — decidiu Abu Bark. — Já não precisamos da garota. Primeiro, organize os homens, depois, cuidaremos dela.

Kamal e Méchin tiraram as *abaayas* trazidas por Fátima e Zora e acomodaram-se nas poltronas do Learjet. Minutos depois, o avião decolou. Estavam indo para a Jordânia, acompanhados de agentes de elite da Secretaria de Inteligência. Méchin olhou de soslaio para Kamal. *A adrenalina o está mantendo em pé. Não*

entendo como ele resiste. Faz mais de um dia que não come, não bebe e não dorme, pensou. Kamal, no entanto, estava esperto e cheio de energia.

Antes que Kamal, Méchin e seus homens deixassem Riad, Abdullah havia telefonado para seu correspondente no Reino Haxemita da Jordânia, cunhado do rei Hussein II, com quem mantinha uma relação quase amistosa. Ao saber da possível existência de facções terroristas antissemitas em seus domínios, o rei Hussein ordenou a colaboração com o reino saudita para exterminá-las. Ele não amava os judeus, mas sua situação por si só já delicada com Israel se complicaria inutilmente se fosse divulgado que o famoso Abu Bark estava escondido em seu país.

O avião aterrissou em uma pista privada no sul da Jordânia. Kamal e seu grupo foram recepcionados por dez homens do exército do rei Hussein. Enquanto as apresentações se sucediam, os agentes sauditas descarregavam as armas do compartimento de carga do Learjet: fuzis Mauser, submetralhadoras britânicas Sterling e rifles Fal. O chefe jordaniano apontou para a entrada de uma tenda, onde encarou sem rodeios o agente saudita a cargo da missão e o príncipe Al-Saud.

— Qual é a probabilidade de encontrarmos Abu Bark em Petra? Digo, até que ponto a fonte que deu essa informação é confiável?

— Não podemos saber — reconheceu Kamal, sem se alterar diante do semblante do militar. — Mas existem circunstâncias e dados que nos fazem crer que a informação sobre Petra é verdadeira. É só o que temos. Vamos ter que correr o risco.

— No depósito do bairro de Melazía, em Aqaba, ninguém foi encontrado, mas nos garantem que pelo menos vinte pessoas estiveram nesse lugar dias atrás. Encontraram restos de comida, colchões, roupas, publicações recentes. Mas nada que possa nos ajudar.

— De qualquer maneira, podemos considerar que enfrentaremos vinte homens em Petra — disse o agente saudita.

— É uma suposição muito arriscada — interpôs o jordaniano. — A verdade é que não sabemos quantos homens enfrentaremos.

— Ou se enfrentaremos homem algum — acrescentou Méchin, pessimista desde o início e com pouca confiança na inesperada confissão de Abdel.

— Segundo me informaram, esta é uma operação de resgate — disse o militar jordaniano.

Kamal assentiu.

— Trata-se de um membro da embaixada argentina — explicou o agente saudita enquanto entregava algumas fotografias de Francesca. — Uma mulher de vinte e um anos sequestrada há dois dias por gente de Abu Bark. Resta pouco tempo até que seja necessário notificar as autoridades de seu país e um escândalo se desencadeie. A operação não pode falhar. Temos que a resgatar viva.

O militar jordaniano não quis continuar indagando nem ir além das dúvidas que a missão já lhe suscitava. Antes de mais nada, inquietava-o o fato de um membro da dinastia saudita estar à frente da operação. Por que tanto incômodo por uma argentina? Mas se calou, acostumado a obedecer. A ordem de seu superior havia sido: “Façam Abu Bark e sua gente desaparecer”. Haver uma mulher no meio não mudava o objetivo.

Ele foi até uma mesa e abriu o mapa de Petra.

— Petra é um sítio arqueológico que permanece oculto para a maioria. É uma cidade-forte, protegida pelas montanhas, disfarçada por entre as rochas. Como podem ver, fica em um vale entre os penhascos, o que lhe permite permanecer bem guardada. A entrada mais fácil é a conhecida como caminho do Siq — informou a seguir, indicando um ponto ao sudeste do mapa. — É um labirinto cavado na rocha,

que leva diretamente ao coração da cidade, em frente ao templo mais importante, conhecido como al-Khazneh, situado aqui. Nessas circunstâncias, é impossível chegar pelo Siq, pois ficaríamos expostos ao ataque de terroristas posicionados no alto do al-Khazneh. Eles nos veriam facilmente, e cairíamos em uma armadilha mortal, pois não teríamos como nos proteger.

— Qual é a melhor via de acesso, então? — perguntou Kamal, impaciente.

O jordaniano saiu da tenda e reapareceu segundos depois acompanhado de um beduíno.

— A tribo de Amir viveu por séculos nessa parte do reino, e ele é uma das poucas pessoas que conhece Petra. Afirmo que pode nos guiar até a cidade por outro caminho, mais arriscado, sem dúvida, pois teremos que escalar os penhascos.

— Melhor — interveio o agente saudita. — Se, como disse, Petra se encontra em um vale, teremos uma visão estratégica do lugar.

— Entraremos pelo oeste, pela área do ad-Deir, um templo parecido com o al-Khazneh — prosseguiu o militar. — Dali, avançaremos, margeando a cidade pelo alto. Se for verdade que Abu Bark se encontra em Petra, deve ter gente guardando a cidade. Nessa posição, nosso objetivo será capturar algum guarda que nos conduza a ele. Petra é famosa por seus esconderijos e labirintos subterrâneos; sem alguém que nos indique o caminho, jamais encontraremos Abu Bark e a garota. Não nos restam muitas horas de sol, então, temos que começar a nos mexer. Alteza, pode esperar por nós aqui no acampamento com seu amigo.

— Coronel, eu não pretendo ficar aqui, e, sim, fazer parte da missão. E não percamos mais tempo discutindo isso, pois é inútil — concluiu, encaixando a faca e sua Magnum no cinto.

O jordaniano bateu continência e abandonou a tenda com passos rápidos.

— Eu também irei com você — anunciou Méchin.

— Não — disse Kamal.

— Você é minha responsabilidade desde que era pequeno. Não pretendo abandoná-lo em um dos momentos mais perigosos de sua vida. Além do mais, ainda sou um homem ágil e jovem, ou esquece que já fui um dos melhores soldados de seu pai?

Foram a cavalo até as imediações de Petra; não usariam jipes para evitar o barulho dos motores. Formavam um grupo de vinte homens fortemente armados, que conduziam seus cavalos em silêncio, escrutando o entorno com desconfiança. Kamal se sentia melhor, pois, pelo menos, estava fazendo alguma coisa. As eternas horas na sala de Mauricio haviam-no debilitado. Nesse momento, enquanto o cavalo galopava acelerado e ele tomava a frente do grupo, vibrava de emoção. *Vou resgatá-la viva, nem que seja a última coisa que eu faça*, pensou, jurando a si mesmo.

Cavalgaram até chegar ao oásis al-Matarra, cujo nome se devia ao *uadi* que o percorria.

— Deixaremos os cavalos aqui — explicou o militar jordaniano. — Seguiremos a pé até os penhascos. Devemos chegar em meia hora.

Nesse ponto da missão, Amir, o beduíno conhecedor da área, tornou-se peça-chave e guiou-os com uma certeza que tornava evidente seu conhecimento. Ao pé dos esporões na rocha, checaram armas e facas e empreenderam a subida, inicialmente sem maiores esforços, graças à suave inclinação da pedra e às sinuosidades que transformavam a trilha em uma escada natural. À medida que avançavam, porém, a encosta se tornava abrupta e perigosa. Em um ponto próximo ao cume, que o beduíno chamou de “tumba do leão”, um nicho caprichosamente esculpido na pedra, de onde saíam e entravam lagartos de diversos tamanhos e cores, marcava a referência que o guia buscava. Estavam a um passo de ad-Deir. A partir dali, a escalada se tornou quase vertical.

Chegaram a uma passagem estreita, que parecia uma ferida

aberta no penhasco, e, a um sinal do beduíno, entraram. Era um túnel de curta extensão, após o qual avistaram a fachada colossal, quase inverossímil, do templo ad-Deir. Antes de descer e atravessar o terreno aberto que os separava do templo, o coronel jordaniano enviou dois homens para inspecionarem os arredores enquanto eles permaneciam protegidos na parte final do túnel. Os agentes deram o sinal, e o resto do grupo saiu do esconderijo e dirigiu-se ao ad-Deir. Kamal estimou que a fachada devia medir cerca de cinquenta metros de altura e ficou impressionado com a imponência das colunas e a beleza dos frontispícios de estilo grego.

— Eu fico por aqui — disse o beduíno ao militar jordaniano. — Vocês têm que entrar por essa fenda — explicou, apontando uma abertura à esquerda da fachada do templo. — Ela os levará à parte central de Petra.

A pequena entrada abrigava uma escada esculpida no coração da montanha, que os conduziu de novo ao cume, de onde viam toda a parte central da cidade. O coração de Kamal batia forte, certo de que Francesca se encontrava em algum ponto daquela cidade fantasma.

Repetiram a ação de momentos antes, enviando os mesmos homens para reconhecerem a área com a advertência de que, se não haviam encontrado terroristas nas proximidades de ad-Deir, era provável que encontrassem ali. *Se é que os terroristas estão aqui*, pensou Méchin, desanimado, só escutando o vento e vendo répteis coloridos. Logo, os agentes jordanianos voltaram.

— Em um maciço de penhascos, aproximadamente quinhentos metros ao leste, avistamos um homem. Levava uma submetralhadora e uma faca Bowie no borseguim.

Organizaram o avanço. O grupo se dividiu em quatro para cercar o terrorista, que só reagiu quando os agentes já estavam em cima dele.

— Onde está o resto da guarda? — perguntou o coronel jordaniano enquanto outro torcia os braços do homem para

trás.

— Estou sozinho — afirmou, entre gemidos.

— Está mentindo — disse o coronel e tirou-lhe a faca do borzeguim. — Vou estripá-lo com sua própria faca se não me disser onde estão seus colegas.

Diante da reticência, o jordaniano abriu um sulco na face do homem.

— Quer que eu prossiga ou prefere me dizer onde estão?

O homem cedeu. Minutos depois, chamava seu colega em um promontório no maciço. O guarda saiu de seu esconderijo, uma gruta na rocha na outra margem do *uadi*, e surpreendeu-se ao vislumbrar a ferida aberta no rosto do outro. Perguntou o que havia acontecido, fazendo gestos com as mãos. Por fim, indicou que desceria para socorrê-lo. Não conseguiu chegar: metros antes do local, um agente saudita o surpreendeu por trás e o degolou.

— Onde está o resto da guarda? — insistiu o coronel.

— Não há mais ninguém — respondeu, nervoso ao ver o corpo sem vida de seu colega. — Não há mais ninguém, juro.

— Leve-nos a seu chefe. E tire da cabeça a ideia de dar um alerta. Antes que alguém possa reagir, eu lhe arranco a jugular — ameaçou, encostando a ponta da faca no pescoço do homem.

* * *

Francesca não estava morta. Ela soube disso ao sentir a areia do solo no rosto. O cheiro úmido da cela havia se intensificado, e, junto com ele, as náuseas. Ela pousou a mão no ventre, duro como pedra. Sentiu uma pontada profunda que lhe pareceu eterna e que a obrigou a se encolher e gemer. Começou a chorar, ciente de que alguma coisa estava errada com seu bebê. Recordou a surra que levara daquele homem sinistro, o que ele havia dito, a ligação para Kamal, a voz desesperada dele. As imagens se sucediam com clareza, uma

vez que o efeito da droga havia passado.

Tinha que fugir dali. Não permitiria que fizessem mal a seu filho ou a Kamal. Ela conseguiu se levantar e observar o entorno. Aquilo parecia uma caverna, um buraco toscamente aberto na rocha. Embora estivesse certa de sua lucidez, era difícil acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo. De qualquer maneira, não adiantava saber os detalhes ou as razões daquele pesadelo. Ela tinha que procurar um jeito de fugir. Escutou vozes e assomou-se ao postigo da porta. Dois homens se aproximavam com passos rápidos; um era o que havia batido nela e o outro, alto e maciço, com um tampão cobrindo o olho esquerdo, fez Francesca estremecer de pânico. Falavam em árabe e, pelo tom que usavam, ela imaginou que estavam discutindo. *Tomara que não entrem aqui!*, pensou, em vão, porque eles pararam em frente à porta e a contemplaram por entre as grades do postigo. Francesca retrocedeu.

— Está acordada — comentou Abu Bark. — Vamos nos livrar dela agora mesmo. Não precisamos levá-la ao novo esconderijo.

Abriram a porta e a encontraram em um canto perto do catre. Ficaram surpresos com a atitude dela, como a de uma fera encurralada. Seus olhos negros, fixos nos dois homens, pareciam soltar chamas de ódio e fúria e ameaçavam: “Não me entregarei sem lutar”. Kalim a admirou por isso; ela não estava chorando nem suplicando. Desembainhou a faca e aproximou-se, tentando subjugar-la com seu olhar malvado, como se quisesse hipnotizá-la. Francesca foi recuando até encostar na parede e tentou pôr o catre entre ela e o homem do tampão.

— Venha aqui, menina — disse Kalim.

Francesca foi para o lado, em direção à porta aberta: se conseguisse chegar a esse lado da cela, não seria difícil derrubar o outro sujeito e fugir. Seu sangue fluía vertiginosamente em suas veias e insuflava-lhe um vigor inusitado; ela havia esquecido as dores e pontadas e estava

disposta a enfrentar um exército para salvar seu bebê. Ninguém ousaria lhe fazer mal, nem a ela nem ao filho de Kamal. Kalim levou a faca para perto do rosto de Francesca e assustou-a. Estava brincando com ela, assustando-a para minar suas forças e seu autocontrole.

Ouviu-se uma gritaria e, a seguir, tiros. Abu Bark se assomou ao corredor e, antes de abandonar a cela correndo, ordenou:

— Rápido! Livre-se dela!

Kalim se voltou para sua presa e ergueu uma sobrancelha, mal-intencionado.

— Parece que o destino me concedeu os minutos de que preciso a sós com você — disse, passando a língua pelos lábios.

Francesca não entendeu uma palavra, mas adivinhou, sem dificuldade, as intenções do árabe.

Kamal havia controlado sua agitação até então, sem interferir no trabalho dos especialistas, mas, depois de atravessarem labirintos escuros guiados pelo guarda, ele se separou do grupo, que tentava derrubar os terroristas à entrada da caverna, e avançou em busca de Francesca, certo de que devia fazer isso sozinho.

As passagens ali também ziguezagueavam, lúgubres e tenebrosas, iluminadas apenas por tochas incrustadas na pedra. Avançou sem certeza, se perguntando se havia escolhido o caminho correto. Teve que se esconder nas sinuosidades da parede para deixar outros terroristas passarem, correndo com armas nas mãos, alertados pelo fogo cruzado que se desenrolava no extremo oposto da caverna. Pouco lhe importavam os terroristas, ele só queria abraçar sua pequena Francesca. Recusou-se a pensar na possibilidade de que ela já estivesse morta e seguiu em frente. Paradoxalmente, a promessa que havia feito a si mesmo no

voo para a Jordânia o tranquilizou e permitiu-lhe avançar: ou resgataria Francesca viva, ou não mais veria a luz do sol.

* * *

A faca o atrapalhava agora que pretendia violentá-la. Kalim devolveu-a ao cinto e avançou com os braços abertos. Francesca se movia de um lado a outro; por mais que tentasse manter a cabeça fria, o desespero se apoderava dela com rapidez, ciente de que não escaparia daquele urso a sua frente. Tentou correr para a porta, mas a camisola se enroscou em suas panturrilhas e derrubou-a. O árabe se jogou em cima dela, obrigou-a a se virar e começou a apalpá-la e beijá-la. Ela sentia sobre o peito o peso de uma bigorna e, com seu último fôlego, gritou o nome de Kamal.

O coração do príncipe se agitou ao escutar a voz de Francesca, e ele a chamou também. Pediu que ela continuasse gritando para guiá-lo, mas Kalim tapou a boca de Francesca e levantou-a bruscamente, segurando-a pelo pescoço. O terrorista aguardou, expectante, avaliando se teria tempo para fugir. A voz daquele homem estava perto demais. Um instante depois, a figura imponente do príncipe Kamal se projetou na porta.

— Solte-a! — ordenou, apontando a pistola. — Solte-a!

— Jamais! — disse Kalim.

— Eu mandei soltá-la! Faça o que eu disse ou ninguém poderá reconhecer seu cadáver!

— Essa puta dos diabos vai pagar caro por seu atrevimento!

— vociferou o terrorista, pressionando levemente o punhal no pescoço de Francesca e provocando-lhe um corte.

Kamal perdeu a compostura ao escutar o grito de Francesca e ao ver o fio de sangue que lhe escorria pelo decote.

— Está bem, está bem — disse, depressa. — Peça o que quiser, qualquer coisa, e eu lhe darei, mas não a machuque. Solte-a — suplicou.

— Largue a arma — ordenou.

Kamal jogou a pistola aos pés de Francesca, que, a um sinal de seu captor, pegou-a no chão e entregou-a a ele. Kalim encostou a arma na têmpora dela e passou o braço ao redor de seu pescoço. Arrastou-a em direção à porta e, ao passar perto de Al-Saud, deu-lhe uma coronhada na testa. Kamal caiu de joelhos, cobrindo o rosto. Francesca deu um grito e tentou se livrar dos braços que a impediam de jogar-se no chão ao lado de seu amante ferido. Foi uma luta curta: Kalim largou a pistola e dominou-a. Jogou-a por sobre um ombro e abandonou a cela, indo na direção oposta ao barulho dos tiros.

Kamal se levantou lentamente e precisou se apoiar na parede; a cela parecia girar, seus ouvidos zuniam e sua cabeça latejava dolorosamente. Cravou o olhar em um ponto fixo e conseguiu controlar os giros vertiginosos. Inspirou profundamente e controlou a vontade de vomitar. *Ela está viva*, pensou, e isso o estimulou a conseguir se equilibrar. Pegou sua pistola e abandonou o lugar. Cambaleou um pouco, mas logo conseguiu correr, guiado pela voz de Francesca, que chegava de longe, mas, pouco depois, ele deixou de ouvi-la. À beira do desespero, depois de uma curva acentuada, avistou uma luz no fim do túnel.

Francesca estava descalça e as pedras machucavam seus pés. A luz do sol feria seus olhos depois de tantas horas de sufocante escuridão. Pontadas no ventre a torturavam e o braço do terrorista apertava seu pescoço e a impedia de respirar normalmente. Queria gritar, queria que Kamal a escutasse e fosse socorrê-la. E se a coronhada na testa o houvesse matado? Ela tentou se soltar, mas só conseguiu enfurecer o árabe, que gritou com ela enquanto lhe mostrava o precipício a seus pés. Estavam sobre uma longa cornija de apenas um metro e meio de largura, diante de um abismo que parecia não ter fim. A vertigem provocou um calafrio nela e obrigou-a a agarrar-se a seu captor. Continuaram avançando. Francesca se comportava docilmente, ali.

— Solte-a! — Ouviu atrás de si.

Kalim se voltou com cuidado. Kamal estava a poucos passos dele, com o cano da pistola na direção de sua cabeça. Ele pegou a faca e encostou-a no rosto de Francesca.

— Um passo mais, e eu a degolo — ameaçou.

— Solte-a, e eu lhe darei o que desejar! — propôs Al-Saud, devolvendo a arma ao cinto.

Avançou cautelosamente, e Kalim começou a andar para trás.

— Estou disposto a lhe fazer uma oferta muito generosa. Você sabe que posso lhe dar muito dinheiro. Entregue-me a garota, e eu o transformarei em um homem rico.

— Acha que sou um traidor como você?

— Solte-a. Você não tem saída. Em poucos segundos, os soldados jordanianos estarão por todo lado, e você não terá escapatória. Eu o ajudarei se libertar a garota. Eu lhe darei o que pedir, todo o dinheiro que quiser. Você poderá sair da Arábia e viver onde desejar.

— Saud e você são dois traidores. Traidores de sua raça e do Alcorão. Você vai pagar por tanto descaro! E ela é o preço!

— Fique onde está! — implorou Kamal. — Não continue andando.

Kalim pisou em uma pedra e escorregou. Al-Saud pulou para a frente e segurou Francesca pelas mãos enquanto ela oscilava sobre o precipício. Kalim conseguiu segurar-se em uma rocha saliente mais abaixo e levou apenas uns instantes para recuperar o fôlego. Ergueu-se com dificuldade e conseguiu se pôr a salvo em um espaço estreito. Colou as costas na parede sinuosa e olhou com espanto para o abismo que se abria abaixo dele. Virou-se, testando o terreno antes de apoiar o pé com segurança, até sentir a aspereza da rocha. Cuspiu nas mãos e começou a escalada.

Em pânico, Francesca gritava e chacoalhava as pernas em uma tentativa desesperada de apoiá-las em algo firme, mas só conseguia dificultar ainda mais a posição de Kamal. Suas

axilas queimavam, e ela sentia que suas mãos se separariam do corpo. A situação se tornou insustentável quando Kamal avistou Kalim, que subia o rochedo com agilidade, encurtando a distância que o separava de Francesca a uma velocidade que não daria ao príncipe tempo de protegê-la.

— Francesca, escute! Concentre-se no que vou dizer! Não vou deixá-la cair, entendeu? Não vou soltá-la, mas você precisa liberar meu braço direito.

— Não posso, Kamal, não posso soltá-lo! Vou cair!

— Ouça, Francesca, não perca a calma! Segure-se com as duas mãos em meu braço esquerdo e fique o mais quieta e perto da rocha que puder. Eu não a deixarei cair. Confie em mim.

Francesca tentou se acalmar. *Ele não vai me deixar cair*, pensou, e, com um movimento veloz, segurou o braço esquerdo de Kamal com as duas mãos. Kamal sentiu seus músculos queimando e uma dor lacerante correu até seu pescoço, mas ele não se permitiu queixar-se. Com a mão direita livre, empunhou a pistola e atirou diversas vezes em direção a Kalim, que se soltou das rochas e caiu no abismo. A queimação no braço esquerdo de Kamal foi mitigada quando ele tornou a segurar Francesca também com o braço direito, mas passaram-se alguns segundos até encontrar forças para erguê-la.

— Apoie os pés nas rochas salientes e ajude-me a puxá-la — pediu ele.

As solas dos pés de Francesca sangravam, mas ela nem percebia. Foi subindo a rocha, resoluta, enquanto Kamal a puxava para cima. Uma vez em segurança, ela desmaiou sobre o peito de seu amante.

Ainda deitado na cornija, com os olhos fixos no céu do entardecer, Kamal sentia os batimentos frenéticos de seu coração; o resto de seu corpo havia desaparecido. *Tenho que me levantar*, pensou. Acariciou a cabeça de Francesca e chamou-a diversas vezes, mas a jovem não respondia.

Tenho que me levantar, insistiu ele, e levantou-se. Acomodou Francesca em seu colo e certificou-se de que ela ainda respirava.

Kamal não tinha controle sobre suas pernas, seu ombro esquerdo ardia e uma tontura dificultava seu equilíbrio. Sentado no penhasco, tentou se acalmar. Fechou os olhos e respirou profundamente. O som seco e abrupto de um tiro o levou a agir com rapidez; instintivamente, cobriu Francesca com seu corpo. Levantou a cabeça no momento em que um homem caía, a um passo de distância, com um punhal na mão. Voltou-se, desorientado, e viu Jacques Méchin, ainda segurando a pistola fumegante.

— Era Abu Bark — disse o francês.



A cavalgada de Petra até o acampamento do exército jordaniano foi um pesadelo. Francesca ardia em febre e perdia a consciência o tempo todo. Kamal queria evitar movimentos bruscos, mas era obrigado a galopar porque o tempo urgia. Por fim, o Learjet decolou para Riad com Kamal, Francesca e Jacques como únicos passageiros. Os agentes sauditas ficaram na Jordânia e colaboraram com a transferência dos terroristas sobreviventes a Amã, capital do reino.

Al-Saud ocupou duas poltronas e acomodou Francesca em seu colo. Ela continuava inconsciente e respirava com dificuldade. A palidez de seu rosto o assustava. Tão vulnerável e indefesa, ela havia ficado exposta ao ódio e à intolerância. Ele a havia exposto. A raiva e a impotência o dominavam, e ele teria acabado com a vida de seu irmão Saud de maneira lenta e dolorosa se o tivesse a sua frente.

Ela havia apanhado e sido torturada; era fácil ver isso nos hematomas no rosto, nos pulsos marcados pelas cordas e no sangue seco nos lábios. Kamal não conseguia parar de olhar para ela, apesar do medo que sentia de descobrir outros sinais da violência a que fora submetida. Ela, sua pequena e doce princesa. A palidez de sua face se acentuava e os círculos violáceos em torno dos olhos ficavam mais escuros. Suas feições pareciam as de um ser sem vida. Ela fazia um esforço sobre-humano ao respirar, e esse sibilar acabaria enlouquecendo-o. Ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios.

— Vamos, Kamal, tome um pouco de café. Vai lhe fazer bem — ofereceu Jacques, estendendo-lhe uma xícara.

— Não vai passar pela garganta.

— Não desanime agora. Você vai ver que ela logo se recuperará.

— Estou assustado, meu amigo. Ela está respirando cada vez pior. Está tão pálida que parece morta — disse, com a voz trêmula.

Francesca se inquietou no colo de Kamal, gemeu um pouco e abriu os olhos.

— Meu amor — sussurrou Kamal e beijou-lhe a testa.

Francesca sorriu, e seus lábios rachados se rasgaram. Ela tentou pronunciar o nome dele, mas emitiu um som rouco e incompreensível.

— Shhhhh, não fale. Não se canse — insistiu Kamal.

— Água — pediu ela.

— Água, rápido! — urgiu ele.

Kamal levou o copo aos lábios dela, e parte da água escorreu pelas comissuras nos lábios. O primeiro gole despertou o amargor da bile, e ela sentiu ânsias. Vomitou sobre si mesma e começou a soluçar. Kamal a limpou amorosamente e lhe deu água de novo. Dessa vez, a água tinha gosto de água, e não de fel. Ela bebeu vários goles, que atenuaram a languidez de três dias sem alimentos. Seu estômago se revoltou de novo e seu ventre se retesou.

Para Kamal, era difícil se controlar vendo-a sofrer. Ele não sabia o que fazer, nem o que dizer, nem o que lhe dar para aplacar a dor. A situação o estava enlouquecendo. Ele tinha a sensação pavorosa de que Francesca estava perdendo o contato com o mundo, de que escapava de suas mãos. Kamal falava com ela, tentava mantê-la acordada e reanimá-la, mas a garota fechou os olhos e caiu inconsciente de novo.

Pelo rádio da cabine do avião, solicitaram que uma ambulância os aguardasse na pista do aeroporto de Riad. Também avisaram o doutor Al-Zaki, para que preparasse sua clínica para receber Francesca. Só restava a Kamal rogar para que a hora e meia restante de voo não fosse fatal. Quando

atterrissaram em Riad, Francesca ainda respirava. Kamal a pegou no colo, lânguida, e desceu a escada do avião. Abenaboh e Kader os aguardavam com o Rolls-Royce ligado para levá-los até a clínica. Jacques trocou umas palavras com o piloto e correu para o automóvel, seguindo, alarmado, o rastro vermelho que Kamal deixava na pista. O príncipe estava ferido e não havia dito nada.

— Você está ferido! — disse o francês, segurando-o pelo braço.

Apontou, com espanto, a mancha de sangue que se expandia pela calça cáqui de Al-Saud, mas Kamal imediatamente soube que não era dele. À altura da virilha, a camisola de Francesca estava encharcada de sangue.

— É Francesca! — disse, desesperado.

* * *

Kamal não se importava consigo mesmo, e só à força haviam conseguido pôr uma tipoia em seu braço e dar-lhe um calmante. Para ele, só Francesca importava. Ia e vinha pelo corredor da clínica de Al-Zaki, fumando um cigarro atrás do outro. Jacques Méchin havia desistido de acalmá-lo. Mauricio Dubois, que chegara meia hora antes, não tinha ânimo para falar. A vida de Francesca corria perigo. Uma enfermeira, ao sair da sala de cirurgia, comentara que ela estava perdendo muito sangue. Abdullah Al-Saud e Fadila chegaram, já a par de tudo que havia acontecido. Kamal abraçou a mãe e, imediatamente, chamou o tio a uma sala privada.

— Quero a mais estrita segurança nesta clínica — ordenou Kamal.

Abdullah assentiu:

— Mandarei que cuidem da vigilância da garota e isolaremos esta parte da clínica.

— Quero seus melhores homens, dia e noite.

Abdullah indicou um sofá e sentaram-se. Conversaram

sobre os passos a seguir, e Kamal conseguiu recuperar parte da calma.

— Tudo que Abdel confessou era verdade, tio — disse Kamal. — Meu irmão Saud e Tariki se associaram a um verme como Abu Bark para me eliminar.

Essas palavras angustiaram Abdullah. Agora que podia parar e pensar, compreendia a magnitude do problema que teriam que enfrentar. Perguntou-se de que modo resolveriam uma situação tão delicada, de que modo salvariam a honra da Arábia e da família se o rei havia agido como um mafioso.

Jacques apareceu à porta e avisou que o doutor Al-Zaki havia acabado de sair da sala de cirurgia.

— A paciente estava grávida de algumas semanas — informou Al-Zaki a Kamal. — Lamento informar que a gravidez foi interrompida. Quando ela chegou aqui, não havia mais nada a fazer. Há sinais de agressão no ventre. O mais provável é que isso tenha sido a causa do aborto. A perda do feto acarretou uma forte hemorragia, que é preocupante em seu estado de desidratação. Tivemos que fazer uma curetagem para evitar uma possível septicemia.

— Septicemia? — repetiu Mauricio.

— É uma infecção generalizada grave causada pela penetração de germes patogênicos na corrente sanguínea. Quando isso acontece, a infecção é incontrolável. Estamos ministrando antibióticos fortíssimos a ela. Passadas vinte e quatro horas, a febre deve desaparecer, e saberemos se o risco ficou para trás.

Kamal observava o doutor Al-Zaki atônito e mal podia acreditar no que ouvia. Podia ser verdade, afinal, que sua adorada Francesca ainda corresse perigo? Fechou os olhos e respirou profundamente para sufocar o acesso de raiva e o pranto que o assaltavam. E, em meio a essa tempestade de sentimentos, tomou consciência de que seu filho, o filho que teria com a mulher que amava acima de tudo no mundo, nunca nasceria. Deu um soco na parede, enlouquecido com a

ideia de que a haviam torturado. Logo a ela, em quem ninguém tinha o direito sequer de encostar um dedo!

Jaques e Abdullah conseguiram controlá-lo e obrigaram-no a sentar-se. Fadila se ajoelhou a seus pés e chorou amargamente. Jacques o segurou pelos ombros e disse-lhe palavras de consolo. Kamal, no entanto, continuava possuído pela dor.

— Como vou contar isso a ela? — murmurou momentos depois. — Ela estava tão contente com a criança...

Ele estava com medo, e essa era uma experiência nova e sufocante que o desconcertava. Perguntou-se com que forças enfrentaria Francesca e como suportaria sua reação. Temia seu pranto, temia vê-la sofrer, temia suas recriminações, temia que ela o odiasse e culpasse. Temia perdê-la.

Fadila tomou o rosto do filho nas mãos e deu-lhe um beijo na testa.

— É minha culpa — sussurrou Kamal.

— Nada disso é culpa sua, meu filho.

— Sim, é minha culpa. Vocês me advertiram. Disseram que eu faria mal a ela se a pusesse em minha vida, e eu não quis escutar.

— É que você a ama demais — justificou sua mãe.

— Tanto que daria minha vida para lhe poupar essa dor.

Kamal acordou e, com dificuldade, percebeu que estava na clínica e que adormecera no sofá da sala de espera. No corredor, silencioso e mal iluminado, viu que os guardas de Abdullah continuavam atentos perto do quarto de Francesca. Eles o cumprimentaram com uma inclinação de cabeça e o deixaram passar. Ele entrou silenciosamente. A enfermeira cochilava em uma cadeira. Completou o trecho que o separava de Francesca, tomando cuidado para não fazer barulho, desejando um momento de paz, sem testemunhas nem intromissões.

Passou longos minutos contemplando-a parado junto à cabeceira da cama. Por fim, ajoelhou-se ao seu lado e tomou-lhe a mão.

— Como pude permitir que fizessem isso com você, meu amor? — sussurrou. — Desculpe. Eu jamais devia tê-la deixado sozinha. Desculpe, desculpe.

Os soluços afogaram suas palavras e suas lágrimas molharam a mão de Francesca. Foi difícil levantar os olhos de novo, com medo de enfrentar os indícios do tormento que ela passara. Tinha um corte não muito profundo na mandíbula e outro no pescoço, que Kalim lhe havia feito. Seus lábios secos e rachados denunciavam a desidratação de que Al-Zaki havia falado. Como castigo, ele se impunha essa análise profunda e detalhada e, a cada vez que descobria uma nova marca ou um novo hematoma, sua culpa se confundia com o ressentimento e a ira.

Francesca gemeu de dor. Kamal esperou em vão que ela abrisse os olhos. Os lamentos cessaram, e ela tornou a ficar quieta, como no início. Respirava regularmente. No entanto, ao encostar os lábios na testa dela, Kamal se inquietou, pois ela ainda estava com febre. Pensou no bebê, e imagens de tudo que poderiam ter vivido o atormentaram.

— Alá, tenha compaixão e afaste de mim esse trago amargo!

Ele se levantou e abandonou o quarto, assustando os guardas, que o viram sair da clínica apressado. Entrou em seu Jaguar e partiu a toda velocidade. As lágrimas não o deixavam ver com clareza e a angústia não o deixava pensar. Estava arrasado. Freou o automóvel às portas da mesquita mais antiga de Riad, onde o chiado dos pneus retumbou na solidão da rua. Manteve os braços estendidos sobre o volante, com o olhar fixo na velha construção. Um instante depois, entrou no templo. Passavam das quatro e meia da manhã, e logo começaria a primeira oração. Tirou os sapatos à entrada e avançou para o centro.

— Perdão, Alá, grandessíssimo e todo-poderoso deus da Arábia, perdão! — exclamou com paixão. — Já paguei minha culpa, minha consciência que me tortura e meu filho morto. Desculpe-me por ter posto os olhos em uma mulher em quem não devia. Sei que estou pagando por meu erro, mas tenha piedade dela, que não tem culpa de nada. Tenha piedade, Alá, infinitamente misericordioso. Salve-a, eu lhe rogo.

Kamal caiu de joelhos sobre o tapete, com os braços estendidos para o céu, e começou a chorar amargamente. Ficou ali, estendido, até que, meia hora depois, a voz monocórdia do muezim o devolveu à realidade: “Deus é grande; não há mais Deus que Alá, e Maomé é seu Profeta. Venham orar”. O templo se encheu de homens, que tiraram as sandálias, praticaram as abluções e se acomodaram em fileiras sobre o tapete, voltados em direção a Meca. Em uníssono, repetiram suas orações de joelhos, com o peito no chão, enquanto ouviam a leitura das sunas do Alcorão. Meia hora depois, deixaram o templo com o mesmo silêncio e a mesma submissão com que haviam entrado. Kamal seguiu a massa, calçou-se e entrou no carro. Decidiu ir para sua casa antes de voltar para a clínica. Fazia dias que não tomava um banho nem comia algo decente. Estava começando a cheirar mal e sentia-se tonto e fraco.

Ao chegar a seu apartamento, mandou que preparassem a banheira. O primeiro contato com a água quente fez seus músculos estremecerem e eriçou sua pele, mas, segundos depois, ele conseguiu relaxar. Vestiu roupas limpas e perfumadas e aceitou uma xícara de café preto bem forte, como gostava. Embora houvesse uma variedade de doces, não comeu nada.

Na clínica, descobriu que Francesca havia acordado sem febre e com batimentos cardíacos regulares, embora muito enjoada e meio perdida. Chegou ao quarto quando o doutor Al-Zaki e duas enfermeiras a examinavam. O médico checava o reflexo das pupilas dela à luz, uma enfermeira media sua

pressão e outra trocava o soro. Fadila permanecia calada ao lado de Mauricio e Jacques.

— Estou com sede — sussurrou Francesca.

— Não podemos lhe dar água — esclareceu Al-Zaki. — Você está recebendo soro intravenoso. Enfermeira, molhe uma gaze em água fresca e umedeça os lábios dela.

— Eu faço isso — disse Kamal, pegando a gaze. — Olá, meu amor. Como está se sentindo?

— Um pouco enjoada — murmurou ela.

Kamal molhou os lábios dela com a gaze e beijou-os. Ela fechou os olhos e inspirou o perfume almiscarado que tanto amava. Por fim, o pesadelo havia acabado.

— E o bebê? — perguntou repentinamente, buscando o médico com o olhar.

Pela atitude de Kamal, que ficou rígido e afastou-se um pouco, ela notou que alguma coisa estava errada.

— E o meu bebê? — insistiu, hesitante.

O médico se aproximou da cabeceira e explicou-lhe, sem muitos preâmbulos, que ela havia abortado devido aos golpes recebidos e o mau estado geral em que se encontrava. Francesca virou o rosto, encolheu-se e começou a chorar.

Fadila segurou-se no braço de Jacques, que não conseguiu reprimir as lágrimas. Mauricio abandonou o quarto apressadamente.

Kamal a envolveu em seus braços e afundou o rosto em seus cabelos. Sussurrou palavras de consolo, que ela não escutava. Repetia que haviam matado seu bebê, que não pudera defendê-lo, que o haviam assassinado. A um sinal de Al-Zaki, a enfermeira injetou no soro uma forte dose de Valium. Francesca começou a balbuciar em castelhano, falando de sua mãe e de Fredo, e cada incoerência dava um duro golpe no coração de Al-Saud, que segurava sua mão, beijava-a e acariciava sua testa.

Ela adormeceu minutos depois, um sono agitado no qual repetia o nome de Kamal com a mesma angústia que fizera

nas cavernas de Petra, e, apesar de Kamal dizer “estou aqui, meu amor, estou aqui”, ela continuava chamando-o.

Uma semana depois, o doutor Al-Zaki lhe deu alta, mas prescreveu repouso absoluto, uma alimentação criteriosa e muita tranquilidade. Durante sua estadia na clínica, Francesca havia conseguido recuperar o ânimo. Nunca a deixavam sozinha e a distraíam com conversas banais. O encontro com Sara, que se revezava com Kasem para passar as tardes na clínica, havia sido comovente.

Ninguém mencionava o sequestro, mas ela queria saber e perguntava. Apesar de lhe garantirem que todos os envolvidos haviam sido capturados, ela não ficava tranquila, vendo Abenaboh e Kader sempre presentes. Kamal resmungava quando ela comentava isso e ficava mais fechado que o habitual. Sua atitude era desconcertante para ela e assustava-a. Havia um brilho estranho no olhar dele, algo que ela não conhecia. Tristeza, talvez? Sim, tristeza e dor. Afinal de contas, ele também havia perdido o filho.

Certa tarde, em uma das poucas vezes em que se encontravam sozinhos, Francesca perguntou a ele por que estava tão calado e taciturno.

— A culpa está me matando — confessou ele.

Jacques Méchin bateu na porta e anunciou que Al-Zaki havia acabado de assinar a alta. Francesca deixou a clínica escoltada por dois automóveis com homens enormes armados até os dentes. Abdullah havia prometido a seu sobrinho a melhor vigilância para a garota, com a condição de que, uma vez recuperada por completo, ela abandonasse o reino. Saud e seu ministro Tariki continuariam tão soltos e impunes quanto estavam até o momento, e Kamal jurara que não descansaria até vê-los no exílio, desprezados e execrados, enquanto ele recebia as honras de soberano. Uma vez fora da órbita política, qualquer desgraça poderia acontecer com eles. Por ora, essa

promessa o mantinha em pé.

À exceção de Sara e Kasem, os funcionários da embaixada não souberam da verdadeira natureza do desaparecimento de Francesca, certos de que ela havia sofrido um ataque agudo de peritonite. Independentemente do pouco ânimo, pois a situação política na Argentina era incerta e nada promissora, receberam-na com uma festinha.

Depois de tudo que havia vivido, Francesca começou a reintegrar-se à rotina da embaixada. Queria se encher de processos, reuniões, relatórios e tudo que a pudesse afastar da dor que lhe provocava saber que seu ventre estava vazio. Não lhe permitiam fazer muita coisa, pois ela tinha que repousar durante a maior parte do dia. Ficar sozinha na cama lhe parecia uma tortura. Kamal a visitava diariamente e enchia seu quarto de camélias brancas, mas ela o sentia distante e frio. Raras vezes, ficavam sozinhos, e, nesses poucos momentos, ele insistia em dizer que era o cansaço que o incomodava.

— Por que você me disse na clínica que a culpa o estava matando? Por acaso, você se culpa pelo sequestro?

Kamal repetia que não e mudava de assunto, e Francesca não insistia. Certa tarde, Kamal chegou acompanhado de sua mãe e de sua irmã Fátima. Francesca sabia que Fadila havia estado presente na clínica na manhã em que voltara a si, mas não se lembrava. Agora, se viam depois de tanto tempo, cientes de que as diferenças religiosas e raciais que as haviam distanciado em Jidá ainda existiam. Fadila tirou a *abaaya* e contemplou-a longamente; a seguir, deu-lhe um beijo na testa e entregou-lhe um buquê de flores de oliveira e um broche de ouro e rubis que havia pertencido a sua avó, mãe de sua mãe. Fátima, jovial como sempre, cobriu-a de elogios e afirmou que, embora estivesse um pouco magra demais, continuava sendo a mulher mais bonita que ela havia conhecido. Disse que as outras garotas lhe mandavam saudações e entregou-lhe um lenço bordado pela pequena

Yashira. Tomaram chá e conversaram como velhas amigas. Fátima, ignorando as recomendações de sua mãe, crivou Francesca de perguntas acerca dos costumes ocidentais e ficou maravilhada com a ideia de andar pela rua sem túnica, sem escolta e com as panturrilhas de fora, de dirigir um automóvel e sentar-se em um café tendo apenas um livro como companhia. Saber que as mulheres trabalhavam e ganhavam um salário a levou ao ápice da emoção. Depois de tanto tempo, Francesca via Kamal sorrir.

O silêncio da noite a angustiava, e ela sentia de novo a solidão e o pânico da cela em Petra. Dormia angustiada e acordava subitamente, com a respiração agitada e o corpo encharcado de suor. Quem dera Kamal dormisse ao seu lado... Sentia falta de se aconchegar em seus braços e apoiar a cabeça em seu torso forte. Precisava da segurança de seu corpo, da paz e da alegria que só sentia ao lado dele. Sentia-se sozinha, inclusive, quando Kamal estava ao seu lado. Ele nunca mais mencionara o casamento, e ela nunca encontrava o momento oportuno para lhe perguntar. Às vezes, ao cruzar o olhar com o dele, ela desviava os olhos, incomodada, e zangava-se consigo mesma por se incomodar, mas via aquele brilho estranho nos olhos dele, que ainda não havia desaparecido e, ao contrário, intensificava-se à medida que passavam os dias.

Os cuidados de Sara e o descanso foram suficientes para que Francesca recuperasse as forças e não sentisse mais tontura ao caminhar. Em certa tarde ensolarada do fim de maio, o doutor Al-Zaki, que a visitava com frequência na embaixada, encontrou-a em perfeito estado e limitou-se a recomendar uma espera de dois anos antes de engravidar novamente. Francesca corou e buscou Kamal com o olhar; ele estava fumando, com a vista perdida na paisagem. Al-Zaki se despediu, e Sara o acompanhou até a porta.

Francesca se aproximou de Kamal e disse que queria caminhar pelo jardim. Uma brisa fresca acariciou seu rosto, e ela pensou que a dor logo desapareceria. Andava de mãos

dadas com Kamal, e isso era tudo que importava.

— Que bom que Al-Zaki a achou tão bem — disse Al-Saud, indicando um banco a alguns passos. — Vamos nos sentar. Preciso lhe dizer uma coisa.

A brancura do rosto de Francesca, que intensificava o negro de seus olhos e cabelos, pareceu irresistível a Kamal. Ela estava adorável, e ele foi arrebatado pelo desejo de beijá-la. *Não devo*, pensou, afastando o olhar.

— Agora que você está totalmente recuperada, quero que saia da Arábia. Este lugar não é seguro para você. Quero que parta, o mais tardar, em dois dias.

Como Francesca o olhava e não dizia nada, acrescentou:

— Você tem que me esquecer e esquecer tudo o que passou por minha culpa. Um dia, talvez, você se lembre de mim com carinho e me perdoe pelo mal que lhe fiz.

— O que está dizendo, Kamal? Está me assustando. Você ficou louco?

— Sim, definitivamente louco. Fiquei louco na noite em que a conheci e que sua beleza e fragilidade enfeitiçaram minha razão. Nesse dia, a loucura se apoderou de mim e governou meus atos, e só cometi erros desde então. Lembro-me da tarde na fazenda de Jidá, quando Sadun me disse que você e Mauricio haviam chegado. Eu sabia que, tendo você ali, eu cruzaria uma linha perigosa e não poderia voltar atrás. E enquanto a contemplava dormir, no hospital, meus sentimentos se mesclaram com meus argumentos, e uma batalha feroz teve início dentro de mim. Você abriu os olhos, murmurou algo e dormiu novamente, e isso bastou para calar as vozes da razão e fazer eu me render mais uma vez a seu feitiço, tamanho é o domínio que você tem sobre mim.

— Lembro-me vagamente. Achei que havia sido um sonho.

— Você é uma mulher forte. Tenho certeza de que esquecerá o pesadelo do sequestro e todo o resto. Quero que você refaça sua vida e que consiga superar o que aconteceu — disse ele, como se fosse uma ordem.

Francesca o contemplava aturdida. Embora entendesse que Kamal a deixava, negava-se a aceitar.

— Iremos juntos, não é?

— Não. Você irá sozinha e nunca mais nós nos veremos.

— E nosso casamento? E nossos planos?

— Você é jovem, tem todo o futuro pela frente. Não precisa de mim para ser feliz. Ao contrário, comigo, você seria infeliz, e, isso, eu não poderia suportar. Já lhe causei mal demais. Você tem que se afastar de mim.

— Jamais! — reagiu Francesca, levantando-se. — Não quero viver se não for com você. Você não me fez mal algum. Você só me faz feliz. Está falando assim porque se culpa pelo sequestro e pelo bebê. Está sendo injusto e duro consigo mesmo.

— Nunca serei duro comigo o bastante! Nosso filho morreu devido ao meu egoísmo, à minha teimosia e à minha cegueira, e, por pouco, você não morre também, sem contar as torturas que sofreu nas mãos de seus captores. Você acha que é fácil viver com essa culpa me corroendo? Preciso afastá-la de mim. Você tem que partir. Nunca mais nos veremos — repetiu ele, prestes a ir embora.

Francesca o reteve com um abraço e olhou-o com desespero. Kamal a apertou com fervor e beijou o topo de sua cabeça várias vezes, com a força de vontade desfeita e uma dor atroz na alma.

— Vamos, Francesca — disse, afastando-a de si. — Você vai ver que é o melhor. Com o tempo, vai me agradecer por tê-la afastado de mim e recordará nosso amor como uma aventura louca e sem sentido.

— Como você pode falar do nosso amor como uma aventura louca e sem sentido? Eu o amo além da razão. Só você importa para mim.

— Só Alá pode compreender a natureza do seu amor, depois de ter sofrido tanto por minha causa. Como pode dizer que me ama se, cruelmente, eu a arranquei de seu mundo e a

expus às inclemências do meu? Você é frágil e vulnerável e não soube se proteger. Não, Francesca, não quero viver pensando que estou arriscando sua vida a cada segundo que a mantenho ao meu lado!

— E eu digo que prefiro morrer a me separar de você! Vou morrer de qualquer jeito. Vou morrer de amor por você.

— Ninguém morre de amor — disse Al-Saud com ceticismo.

— Como pode dizer isso? Você é cruel, cruel!

Francesca cobriu o rosto e chorou amargamente. Kamal tentou partir, mas não encontrou forças para deixá-la naquele estado. Tornou a apertá-la contra o peito, ciente de que sua decisão estava por um fio. Um único beijo teria bastado para fazê-lo mudar de ideia. Ele se afastou de novo e estendeu-lhe um lenço.

— Então, você já não me ama? — perguntou Francesca.

Ele ficou em silêncio.

— Mesmo que você negasse mil vezes seu amor por mim, eu não acreditaria, Kamal Al-Saud. Seus olhos o delatam. O que eles me dizem hoje é o contrário do que suas palavras expressam.

— Não vou mudar de ideia. Você partirá em dois dias.

— Você é desalmado e inflexível, e talvez exista, sim, algo que você ame mais que qualquer outra coisa: a Arábia. Seu povo é o motivo pelo qual você está me abandonando. Você sabe que sua família jamais aceitará um rei casado com uma ocidental, uma infiel, que é a única coisa que sou para eles, e está disposto a me sacrificar para salvar seu reino.

— Cale-se! Você não sabe o que diz! Você é injusta, e suas palavras me ferem profundamente. Eu a estou afastando de mim, sim, mas só eu sei o que me custa. Não quero lhe fazer mais mal e desejo reparar de algum modo o que já lhe causei. Não entendo que feitiço diabólico se apoderou de mim na noite em que decidi arrancá-la de seu mundo e forçá-la a entrar no meu. Como você acha que poderá viver ao lado de

um árabe, com costumes completamente diferentes dos seus, sem a liberdade a que está habituada, reclusa, longe do mundo? Eu não sou mais que isso, Francesca. Sou um árabe. Agora, está falando assim, mas chegará o dia em que você me odiará, e eu não suportarei. Isso acabará comigo.

Kamal a deixou sozinha, mergulhada em um vazio no qual só retumbavam os passos dele sobre as pedras. Ele se afastava, indo embora. Francesca o estava perdendo, não conseguia retê-lo, e o conhecia bem demais para saber que sua decisão era definitiva. Tudo havia acabado entre eles, e nada o faria mudar de ideia. Por acaso, ele não percebia que a matava com essa decisão? Ela desabou no banco. Ficou sentada ali, com o olhar perdido nas copas das palmeiras, até que a noite se apoderou do jardim e um guarda disse que era conveniente que ela entrasse. Arrastou os pés até seu quarto, fechou a porta e ficou olhando ao redor sem saber o que fazer. A gargantilha de pérolas que Kamal havia lhe dado naquela tarde tão feliz e tão distante estava no cofre. Ela a pegou entre os dedos e contemplou-a longamente. Tantas recordações bonitas a tomaram antes que arremettesse enfurecida contra a gargantilha, que acabou destruída no chão. As pérolas bateram no assoalho e espalharam-se pelo quarto.

— Pérolas trazem lágrimas! — gritou.

Sara a encontrou sentada no chão, encostada na parede. Desviou das pérolas e ajudou-a a se levantar. Francesca deixou que ela a despisse e lhe pusesse a camisola, e a mansidão e a gentileza de suas mãos a fizeram recordar Zobeida e os dias vividos no oásis do xeque Al-Kassib. Ela se deitou na cama e Sara a cobriu. Pensou em sua mãe. Queria estar com ela, precisava tanto dela... Seria bom voltar para a Argentina. Não, pensou. *Seria melhor fechar os olhos e não acordar nunca mais.*

Jacques Méchin sabia que o encontraria na fazenda de Jidá. Kamal sempre buscava refúgio ali quando precisava pensar.

Enquanto atravessava o deserto em direção ao mar Vermelho, ele lembrava a última conversa que havia tido com Kamal.

— Vou deixá-la, Jacques.

— Por quê? Já não a ama?

— Você sabe que sim.

— Então?

— Você tinha razão. A vida dela estará em risco enquanto viver ao meu lado. Ela jamais será feliz, e eu não viverei em paz. Nunca mais a porei em risco, mesmo que me separar dela seja como arrancar um braço. Além do mais, não há lugar para Francesca no meu futuro.

— Eu confesso que já não sei se o mais sábio é afastar a garota de você, como o aconselhei uma vez. Você está cego pela sede de vingança. A suspeita de que Saud armou um complô contra Francesca o deixou transtornado e parece que pretende trocar o amor que sente por ela pelo ódio por seu irmão.

— Você sabe que não é uma suspeita. Saud e Tariki me querem fora do jogo. Sabem que eu sou o único capaz de substituí-los. Eles jogaram e tentaram me liquidar. Agora é minha vez de jogar, e pode ter certeza de que não falharei. Será um trabalho limpo e eficaz.

— Depois de destruir Saud, o que lhe restará?

— Depois? Não sei o que restará, e não me importa. Só sei que não viverei em paz enquanto não o destruir. E farei isso lentamente, em uma agonia atormentada. Eu o destruirei palmo a palmo, como ele tentou fazer comigo e com quem mais amo.

Já passado o meio-dia, Jacques parou o automóvel em frente à casa de Jidá. Sadun o recebeu, mostrando-se sinceramente feliz por vê-lo.

— Senhor Méchin, seja bem-vindo! O amo Kamal ficará feliz por vê-lo. Sabe, estou preocupado com ele... Está muito abatido. Comedido e calado, como sempre, mas sua alma não está serena. Ele praticamente não come. A luz de seu quarto

fica acesa até muito tarde e, depois que ele a apaga, eu o escuto andar pelo quarto quase até o alvorecer. Às vezes, olho por minha janela e o vejo fumando no jardim, com o olhar perdido no céu. Ele está fumando demais, mesmo que sempre tenha sido moderado. O senhor não vai acreditar, mas ele recusou uma visita de sua mãe e das garotas. E o senhor sabe como ele gosta de recebê-las! Durante o dia, monta Pegasus, aquele seu garanhão louco, e perde-se por horas. Às vezes, me preocupo, quando ele chega à noite e muito agitado. O que está acontecendo com meu amo, senhor? Pensamos que só o veríamos depois do casamento com a argentina, mas não há nem sinal dela, e eu não tenho coragem de perguntar.

— A garota argentina voltou para seu país, Sadun. Agora, leve-me a Kamal. Tenho urgência de falar com ele.

Ele o encontrou no escritório, com o Alcorão em uma das mãos e seu *masbaha* na outra. Ao vê-lo à porta, Kamal foi ao seu encontro, estreitando-o em um abraço.

— O que está fazendo aqui? — perguntou. — Sei que você não gosta de Jidá.

— Faz duas semanas que você saiu de Riad e não tive notícias suas. Queria vê-lo. Estava com saudades.

A resposta sincera e afetuosa daquele francês destemido soou estranha aos ouvidos de Al-Saud, que sorriu.

— Você está ficando sentimental — disse. E pediu ao mordomo: — Traga algo para beber e comer.

Conversaram sobre trivialidades, mas, apesar do esforço de Kamal para mostrar sua melhor veia sarcástica e humorística, Méchin o conhecia bem demais para ignorar que sofria um profundo tormento. Achou-o abatido e mais magro. Não fazia a barba havia dias e precisava cortar o cabelo.

— Na verdade, eu vim até aqui porque quero saber como você está.

Kamal abandonou a máscara de serenidade estudada e fictícia e cravou o olhar no rosto de Méchin, que, apesar dos anos e da confiança, temeu a ira de Al-Saud. Kamal o

contemplou fixamente, imutável. Não estava bravo nem incomodado, mas não respondeu. Ele se levantou e, afastando-se um pouco, perguntou:

— Você a viu antes que partisse?

— Por que quer se torturar? De que adianta saber dela? Só vai conseguir sofrer mais.

— Você a viu? — insistiu, com a voz tranquila, mas firme.

— Sim, eu a vi.

— Como ela estava?

— Arrasada.

Kamal, de costas para Méchin, apertou o copo e fechou os olhos. Um soco no estômago não lhe teria provocado tanta dor quanto aquela palavra.

— Ela o ama profundamente.

— E por que está me dizendo isso assim, com esse tom de censura? — perguntou Kamal, alterado. — Não foi você quem me aconselhou a deixá-la?

— Talvez eu estivesse enganado — admitiu Jacques, com o olhar fixo no chão.

— Parece que todos estavam enganados. Você, minha mãe, meu tio Abdullah, o povo árabe inteiro, o Alcorão. Mas fui eu quem mais se enganou, eu, que a afastei de mim, eu, que permiti que invadissem minha vida. Ela confiava em mim, ela se entregou a mim, ela sofreu por mim, e eu a afastei como se fosse algo indesejável. Eu a fiz se sentir arrasada, ainda que, na realidade, não exista nada mais importante que ela para mim.

Méchin aproximou-se e estendeu-lhe um envelope. Kamal, incomodado com sua própria explosão, olhou-o com surpresa.

— O que é isto?

— Uma carta. Francesca me pediu que a entregasse a você na última vez que a vi. Foi há uma semana, antes que voltasse à Argentina.

Ele sabia muito bem que Francesca tinha ido embora havia

uma semana, deixando a Arábia e seu mundo para sempre, deixando também um vazio dentro dele do qual não sabia como se livrar. Francesca havia partido e ele nunca mais a veria. Sem ela, sua vida não tinha sentido. Nem sua vingança contra Saud, nem seu futuro como soberano eram suficientes para ele.

Um silêncio se formou ao seu redor, e ele não escutou quando Jacques Méchin murmurou um “sinto muito”. Kamal abandonou o escritório. Depois, na solidão de seu quarto, atreveu-se a abrir o envelope.

Riad, 27 de maio de 1962

Meu adorado Kamal,

Tento começar esta carta, mas nada me vem à mente, exceto que o amo profundamente. Não consigo me resignar a isso que está acontecendo conosco. Não entendo como nossas vidas, que imaginei amarradas para sempre, se abriram em dois caminhos tão diferentes. Simplesmente, não posso acreditar.

Por que você me abandonou, Kamal? Não entendo sua decisão. Sei que você ainda me ama. Quando acordo de manhã, tento pensar que isto é um pesadelo, que você vai entrar pela porta e sorrir como só você sabe fazer, que seus olhos vão cintilar de felicidade e que me tomará nos braços para me levar para longe.

Sinto tanto sua falta! Por que insiste em manter essa tortura? Sinto falta de suas mãos na minha pele, de sua boca na minha, das noites de lua cheia no deserto e de nossos corpos juntos na areia. Por que me fez conhecer o paraíso e agora insiste em me fazer mergulhar no pior dos infernos?

Quero ser sincera e absolutamente livre com você. Não

quero guardar dentro de mim coisas que sinto e que um dia posso me arrepender por não ter dito. Não sei se estou conseguindo. Fui feliz ao seu lado e me atormenta pensar que não poderei mais sê-lo. Por que tenho que pensar que o perdi para sempre? Não posso me resignar, Kamal. Volte para mim. Você sabe que o estou esperando, que o esperarei a vida inteira.

Antes de terminar esta carta, quero lhe dizer que, se está me afastando de você para proteger minha vida, se está fazendo isso por medo de que algo ruim me aconteça por causa do seu povo, saiba que eu prefiro morrer em seus braços do que em uma lenta agonia por saber que nunca o terei ao meu lado, porque, até que isso aconteça, viverei feliz com você, e não arrasada como estou. Deixe-me escolher meu próprio destino.

Eu te amo.

Sua para sempre,

Francesca

P.S. Quero que fique com Rex e que, quando o vir, recorde aquela tarde no oásis.

Kamal deitou-se de costas na cama, com a carta sobre o peito nu. Seu coração batia desgovernado. Lágrimas mornas rolavam por seu rosto.

— Francesca... — murmurou. — Meu amor.



Francesca aceitou a proposta de Marina e, antes de voltar a Córdoba, passou uns dias em Genebra. A companhia da amiga lhe faria bem; ela sempre conseguia animá-la.

De fato, foi bom, inclusive, quando desabafou e contou-lhe sua amarga experiência. Chorou nos braços dela como não havia podido chorar depois que Al-Saud a deixara. De qualquer maneira, sua alma continuava esvaída. Era aterrador pensar que, no futuro, Kamal Al-Saud seria só uma recordação, um nome, uma imagem que, com o tempo, se desvaneceria. Não, ela não se resignava. Tinha medo de voltar à rotina, tinha medo de sofrer. Perguntava-se como suportaria o dia a dia e o tédio depois de viver com ele uma vida que parecia uma eterna aventura. Como não o ver em cada homem? Como não sentir seus beijos nos de outros homens? Buscaria o aroma de seu perfume e o som de sua voz entre a multidão, viveria atenta ao telefone e à chegada do carteiro. Pensaria nele dia e noite e morreria de amor. “Ninguém morre de amor”, dissera Kamal, mas ela sabia muito bem que aquela dor ensurdecidora a acabaria matando.

— Sei que isso que está acontecendo com você é muito triste — reconheceu Marina —, mas, pelo menos, você tem a felicidade de ter amado e ter sido amada. Já eu, não sei o que é o amor.

Essas palavras ficaram ecoando na cabeça de Francesca durante dias e, de certo modo, conseguiram afastá-la do estado de desespero em que havia caído. Só restava a tristeza, que ela esquecia de vez em quando com algo engraçado que

sua amiga dizia. Certa tarde, enquanto saboreavam um sorvete às margens do lago Lemán, Marina lhe perguntou se ainda sentia algo por Aldo Martínez Olazábal. E, embora Francesca houvesse demorado para responder, não teve dúvida de que não o amava.

— Acho que, depois de conhecer Kamal Al-Saud, nunca mais vou me apaixonar por outro homem.

— E o que aconteceria se, ao voltar a Córdoba, Aldo quisesse tentar de novo com você?

— Eu não voltaria para Aldo nem se enviuvasse — respondeu Francesca. — E não digo isso por despeito ou raiva, digo simplesmente porque meu coração pertence a Kamal. Eu enganaria qualquer outro homem se decidisse começar uma relação neste momento.

Três semanas depois, Francesca ainda estava em Genebra, com pouca vontade de voltar a Córdoba, apesar das súplicas de sua mãe. Mas as férias de Marina estavam acabando e não fazia sentido continuar ali.

Decidiu que acordaria cedo, tomaria um banho e o café da manhã e iria com seu tio para o jornal. Afinal, retomar sua vida em Córdoba não havia sido tão difícil quanto ela tinha esperado. O carinho de seus amigos, mas, em especial, de sua mãe e de seu tio Fredo, haviam operado maravilhas em sua alma ferida. Ela só havia confessado o sequestro a Fredo, e combinaram que jamais o contariam a Antonina. Sofía se desiludira ao saber que o romance entre sua amiga e o príncipe saudita não havia dado em nada, mas admitira que estava feliz por tê-la por perto outra vez.

Francesca não voltou ao palácio Martínez Olazábal, e não teria voltado mesmo que Aldo e sua esposa não morassem lá. Para ela, essa etapa de sua vida havia ficado para trás. Já era hora de pensar em sua independência, por isso, havia começado a procurar um apartamento para alugar.

— Não concordo que você alugue um apartamento — disse Fredo enquanto caminhavam para o jornal, como faziam todas as manhãs. — É dinheiro jogado no lixo. Você sabe que minha casa é sua casa e que pode ficar lá pelo tempo que desejar. Além do mais, quando eu morrer, o apartamento será seu. Sua mãe não vai gostar nem um pouco da ideia de vê-la morando sozinha. Vai ficar escandalizada.

— Você não vai conseguir me convencer com esses argumentos — afirmou Francesca. — Já faz tempo que perdi o medo de minha mãe. Estou morando com você até encontrar um lugar decente para mim. Não quero me intrometer em sua intimidade, tio. Você não vai me convencer. Em breve, eu me mudarei.

— Se está tão decidida, por que não compra um apartamento?

— Porque não tenho dinheiro para isso.

— Eu lhe darei o dinheiro.

— Não posso aceitar.

— Por que não pode aceitar? — questionou Fredo, contrariado. — Eu vou lhe dar o dinheiro porque você é a coisa mais importante para mim. Quero que você tenha o melhor, Francesca. Não me negue esse prazer.

— Está bem — disse ela, com simplicidade, e entrelaçou seu braço no de seu tio.

Ela se esforçava para se manter animada e olhar a vida com novos olhos. Dizia constantemente a si mesma que viver para recordar era uma bobagem e uma energia passageira a alimentava, incentivando-a a pensar no futuro, até que qualquer insignificância a fazia voltar ao passado e mergulhar na dor. Consolava-se com a ideia de que o tempo curaria a ferida, mas o tempo passava lentamente, e um minuto parecia uma hora, pois cada segundo ela dedicava a Kamal. Às vezes, a dor dava lugar à raiva e ao ressentimento, e achava que, se o visse, seria capaz de esbofeteá-lo. Para ela, o abandono não tinha outra explicação: era o preço que estava pagando pelo

trono da Arábia. Não havia razão para se enganar, pois ela sempre soubera que Al-Saud amava, acima de tudo, seu povo. Mas, invariavelmente, a raiva acabava cedendo e, então, a recordação de seus beijos ardentes e do frenesi de suas mãos desavergonhadas confundiam os sentimentos e as sensações de Francesca, que se revirava na cama sem conseguir dormir.

Sentia-se bem no jornal e gostava de seu trabalho. A promessa de seu tio continuava de pé, e ela logo publicaria seu primeiro artigo. Fredo havia lhe pedido que criasse uma coluna sobre a Opep, e Francesca estava investigando e escrevendo à máquina havia dias.

Por volta do meio-dia, ela recordou que almoçaria com Sofia no Dixie, um lugar badalado onde serviam boa comida. Vestiu o casaco e correu pelo bulevar Chacabuco, pois estava atrasada.

— Desculpe! — disse, quase sem fôlego. — Estou atrasada.

— Não se preocupe. Cheguei agora há pouco — disse Sofia.

— Vamos pedir. Estou faminta.

Sofia pediu ao garçom os pratos e as bebidas, com a jovialidade e o entusiasmo que a caracterizavam antes de sua trágica gravidez. Francesca a contemplava com um sorriso nos lábios, feliz por vê-la recuperada. Sofia era sua esperança. Em um ato impensado, ela tomou a mão da amiga e apertou-a. Sofia a fitou, desconcertada, e retribuiu o sorriso.

— Você parece feliz — disse Francesca. — E eu fico feliz — acrescentou.

— Estou feliz — afirmou Sofia. — Voltei com Nando.

Francesca ficou olhando para a amiga.

— Ele voltou para mim! — exclamou.

Seus olhos se encheram de lágrimas e seus lábios tremiam enquanto ela contava:

— Ele disse que ainda me ama, que não pode viver sem mim, que tentou, mas não conseguiu. Ah, Francesca, estou tão feliz!

Comeram pouco. Sofia sentia um nó no estômago devido à

emoção; Francesca, porém, devido à tristeza. Nando mostrava ser muito mais homem que Kamal. Voltara a uma cidade que o tratara com tanta vileza em busca da mulher que amava, consciente das barreiras que teria que encarar, pois não era pouco ter os Martínez Olazábal como inimigos. Por fim, Francesca disse:

— Estou feliz por você, muito feliz! Sofía, conte com toda a minha ajuda. Eu não soube ajudá-la daquela vez, mas, agora, farei tudo que estiver ao meu alcance para que concretizem esse amor. Tudo! — reiterou, apertando a mão de Sofía de novo.

— Então, hoje, vou dizer que dormirei com você na casa de Fredo.

— Está bem — disse Francesca, sem poder evitar a inveja que a dominou.

Ela também queria passar a noite nos braços de seu amante.

— Posso me sentar?

Sofía e Francesca levantaram o rosto e encontraram Aldo. Parado ao lado da mesa, ele esperava uma resposta. Não tirava os olhos de Francesca. Ela também sustentou seu olhar e observou-o com atenção sem perceber. Descobriu uma resolução em sua atitude que a surpreendeu, e achou-o atraente, bem-vestido, com os cabelos caprichosamente penteados. Pela proximidade, sentiu o mesmo perfume de lavanda que ele usava nos tempos de Arroyo Seco. Esse Aldo em nada se parecia com a imagem do jovem alcoolizado e melancólico descrita por Sofía em suas cartas. Francesca se levantou, resoluta, tirou da bolsa algumas notas e deixou-as em cima da mesa.

— Até a noite, na casa de meu tio — disse enquanto colocava o casaco.

— Francesca, por favor — suplicou Aldo. — Não vá ainda. Preciso falar com você.

— Não temos nada para conversar — disse ela, com

autocontrole.

— Francesca, por favor — intercedeu Sofia.

— Pelo menos, deixe que eu a acompanhe até o jornal — pediu Aldo.

Olharam-se fixamente outra vez. Francesca não queria dar a impressão de abrigar algum sentimento ruim por ele, pois já o perdoara fazia tempo. Talvez não se tratasse de perdão e, sim, de esquecimento e indiferença. Ela assentiu e saíram juntos. No início, não falaram nada. Francesca estava constrangida, porque não tinha nada a dizer. Aldo, porém, parecia satisfeito com a proximidade dela. Seus olhos a contemplavam de soslaio e ele reprimia a vontade de pegar sua mão. Por fim, falou:

— Você está mais linda que nunca.

— Obrigada.

— Faz já dois meses que voltou, não é?

— Sim, quase dois meses.

— E por quê? — perguntou Aldo.

Francesca olhou para ele.

— Quero dizer, por que voltou? Não gostava de seu trabalho na embaixada?

— Ao contrário, eu gostava muito.

— Então?

— Tive que voltar. Dadas as circunstâncias, era o mais conveniente.

— Circunstâncias? — repetiu Aldo.

Francesca ficou calada.

— Que tipo de circunstâncias? — insistiu ele. — Ter se enroscado com um príncipe da dinastia árabe, por exemplo?

— Não exatamente — replicou ela, com um tom duro. — Não voltei por ter me *enroscado* com um príncipe da dinastia Al-Saud, mas, sim, por ter me apaixonado perdidamente por ele.

Caminharam em silêncio as últimas quadras. Quando quase chegavam ao edifício do jornal, Aldo se atreveu a dizer:

- Não me importa.
- O que não lhe importa?
- Não me importa que você tenha amado outro.

Pararam à entrada do *El Principal*. Francesca queria se despedir rapidamente e livrar-se de Aldo, mas ele continuava ali, diante dela, fitando-a com uma ternura que ela não tinha coragem de ferir.

- Tenho que voltar para o escritório — disse ela.
- Sim, claro — concordou ele.

Francesca estendeu a mão para se despedir, mas Aldo a envolveu em seus braços e sussurrou em seu ouvido:

— Eu ainda te amo. Nunca pude esquecer você. Ainda te amo loucamente.

- Aldo, solte-me.
- Desculpe — disse ele, afastando-se.

Francesca virou-se para entrar no edifício, mas ele a segurou pelo pulso.

— Não a deixarei ir até que prometa que jantará comigo esta noite.

— Não posso. Sua irmã vai dormir na casa de meu tio Fredo.

- Amanhã à noite, então.
- Amanhã à noite — disse ela.

No dia seguinte, mal Francesca chegou ao escritório, o telefone tocou. Nora, a secretária de Fredo, tampou o fone com a mão e sussurrou, desconcertada:

- É Aldo Martínez Olazábal.

Francesca deixou sua mesa e atendeu à ligação.

- Alô.
- Olá — disse ele.

Pelo timbre de sua voz, notava-se que estava nervoso.

- Desculpe incomodá-la tão cedo no trabalho.
- Tudo bem. Não se preocupe.
- Nós nos despedimos tão depressa que não tive tempo de lhe dizer que passarei para pegá-la às oito horas na casa de

seu tio. Já fiz reservas no Luciana, um restaurante de massas em Cerro de las Rosas. Pode ser?

— Sim, tudo bem. Estarei pronta. Até mais. — E desligou.

Nora a fitou com olhos inquisidores e Francesca deu de ombros.

— Não é o que você está pensando — advertiu.

— Não sei no que acreditar — confessou a secretária.

— Se eu não o enfrentar e esclarecer a situação de uma vez por todas, ele nunca me deixará em paz.

— Nisso, você tem razão — admitiu Nora, voltando a seu trabalho.

Na realidade, Francesca era movida pelo ressentimento. *Se Al-Saud pôde se livrar de mim tão facilmente e me esquecer como se eu fosse um móvel velho, eu também posso, pensava.* E Aldo Martínez Olazábal era o meio mais oportuno para conseguir isso. Não lhe importava que fosse casado e que houvesse decidido desfilar com ela no Luciana como se fosse sua namorada. Ela queria se colocar à prova, testar-se. Até onde chegaria? O rancor a deixava descarada e, especialmente, sem consideração. Havia encontrado Aldo melhor que o esperado. Além disso, era muito diferente de Al-Saud, tão categoricamente homem. Aldo conservava um vestígio adolescente; suas feições eram ainda juvenis e seus olhos doces eram transparentes. Diferente de sua relação com Kamal, ela seria a dominante, e Aldo, o dominado.

Como havia prometido, Aldo foi buscá-la às oito horas. Ela não o convidou para subir e disse que logo desceria. Fredo não estava gostando nada daquele encontro.

— Espero que sua mãe não saiba que você está andando de novo com o jovem Martínez Olazábal.

— Não se preocupe — disse Francesca. — Nada do que você está imaginando vai acontecer. Eu só quero esclarecer as coisas com ele.

— Faça o que tiver que fazer — disse Fredo. — Só evite aquilo que a possa prejudicar.

— Ah... — suspirou Francesca enquanto colocava o casaco. — Como saber quais são as decisões que nos beneficiam e quais são as que nos prejudicam?

— Todo o mundo sabe muito bem diferenciar umas das outras.

— Tem razão. A questão é ouvir o bom senso quando o coração diz o oposto. Eu sabia que não devia me envolver com Aldo, mas me envolvi. Também sabia que não devia me envolver com Al-Saud, mas me envolvi. E me machuquei nas duas ocasiões.

— Por isso mesmo — insistiu Fredo. — Agora, você sabe que nem sempre deve dar ouvidos ao coração.

— Ah... — suspirou ela de novo. — É que é tão bonito, tio! Fredo deu-lhe um beijo na testa e Francesca o abraçou.

Aldo a esperava apoiado em seu automóvel. Ao vê-la, abriu um sorriso puro, como o de um menino feliz, e Francesca sentiu a mesma ternura e compaixão que ele lhe despertara no passado. Ela também sorriu e permitiu que lhe desse um beijo no rosto. Aldo lhe entregou um minibuquê de violetas.

— Uma vez, você me disse que eram suas preferidas.

Francesca assentiu, com o olhar nas pequenas flores, e não se atreveu a dizer que isso havia sido antes de conhecer as camélias. Colocou o minibuquê no broche que levava na lapela de seu casaco. O aroma era muito agradável. Aldo abriu a porta do passageiro e Francesca entrou.

— Você vai adorar o lugar que escolhi.

— Não se incomoda que nos vejamos juntos? — perguntou Francesca com naturalidade.

— Em absoluto.

Não se referiram mais ao casamento de Aldo, nem direta, nem indiretamente. A noite foi prazerosa, como se fosse o reencontro de dois amigos de infância. Francesca falou de sua vida em Genebra, das dificuldades de seu chefe e da simpatia

de Marina, e ele, de seu trabalho nas fazendas dos Martínez Olazábal, da surpresa que havia significado descobrir como gostava da vida no campo e de como a relação com seu pai havia melhorado.

— Somos o que nunca fomos — explicou. — Amigos.

— Fico feliz — disse Francesca com sinceridade.

Então, levantou a taça e disse:

— A seu pai.

— A meu pai.

Aldo deixou a taça em cima da mesa e olhou para Francesca com ar sombrio.

— Tenho uma notícia ruim para lhe dar — disse. — Meu pai vendeu Rex.

— Eu sei.

— Sabe? Sofía lhe contou?

— Sofía não me disse nada ainda. Acho que não tem coragem. Eu soube por outra fonte.

— Pagaram uma fortuna por ele, acho que mais do que valia. Mas Cívico disse que o homem insistiu muito e ofereceu uma soma difícil de recusar. Eu só soube quando o negócio já estava fechado. Caso contrário, não teria permitido.

— Al-Saud o comprou para mim — disse Francesca, descontraída.

Aldo olhou para ela explicitamente confuso.

— Al-Saud deve ser o príncipe que você conheceu na Arábia.

— Sim, é ele. Mandou um de seus agentes para negociar com seu pai a compra de Rex simplesmente porque eu gostava do cavalo.

— Ele devia amá-la muito para fazer algo assim — admitiu ele, desanimado.

— Não o suficiente — respondeu Francesca. — Vamos pedir a conta?

Já na rua, Aldo a recostou no carro e beijou-a. Foi um beijo tranquilo, sem a paixão que os havia assaltado naquelas tardes

em Arroyo Seco, mas de nenhuma maneira a levou a pensar que aquele homem não seria capaz de fazê-la feliz. Ela gostou do beijo e descobriu um novo Aldo, seguro e confiante, mas não pôde evitar a comparação, que surgiu naturalmente enquanto os lábios dele acariciavam os seus e suas mãos entravam sob seu casaco e apertavam sua cintura. Nesse momento, Francesca sentiu saudades dos beijos de Kamal, que sempre haviam conseguido surpreendê-la; às vezes, ele a beijava com agressividade, às vezes, com paixão, às vezes, com mansa ternura. Como em tudo, ele havia ditado o ritmo, e ela o seguira cegamente.

— Eu a desejo — sussurrou Aldo. — Quero ficar com você.

— Não estou pronta para isso — confessou Francesca, afastando-se.

— Ainda pensa no árabe?

— Não — mentiu ela.

— É porque ainda sou casado? Quero que saiba que, ontem à noite, eu disse a Dolores que quero me separar.

— Não faça isso por mim — disse Francesca. — Eu não voltaria para você mesmo que fosse solteiro.

— Você ainda pensa naquele homem — insistiu ele, e chutou o pneu do carro.

— Não é ele nem é você. Sou eu. Preciso de um tempo para mim. Ainda não estou pronta para me entregar a outro homem. Eu sofri demais, Aldo. Você precisa entender que ainda não estou pronta. Não me sinto segura.

Aldo apoiou a testa na de Francesca e acariciou seu rosto. Segundos depois, Francesca notou que ele estava chorando.

— Dê-me uma esperança — suplicou ele. — Morro de amor por você. Quando penso que você seria minha esposa se eu não houvesse sido um covarde, tenho vontade de me matar.

— Não diga isso!

— Dê-me uma esperança — repetiu ele.

— Dê-me tempo — pediu ela.

— Eu lhe dou minha vida.

Foi bem conveniente que, dias depois do jantar no Luciana, Aldo partisse para a fazenda de Pergamino. Francesca culpava as taças de *chianti* e o ambiente romântico e descontraído pelo comportamento daquela noite. Tinha dado falsas esperanças a ele, mesmo sabendo que entre ela e Aldo nada voltaria a ser como em Arroyo Seco. De qualquer maneira, admitia que havia sido uma noite agradável, em que descobrira que o amor havia se transformado em um profundo carinho. A possibilidade de uma amizade entre eles não tinha por que ser uma quimera, mas Sofía pensava o contrário.

— Ele pediu a separação a Dolores, apesar da oposição de minha mãe. E fez isso porque você voltou. Ele não quer amizade com você, Francesca. Ele a quer como sua mulher.

— Isso não é possível.

— Então, eu lhe peço que seja clara com ele e não o iluda. Ele foi para Pergamino acreditando que, quando voltar, você o aceitará.

— Como vão as coisas com Nando?

— De vento em popa.

Pelo menos Sofía estava feliz. Talvez, não devesse se desanimar por completo, talvez, a vida fosse isso, ciclos, alguns felizes, outros amargos. Francesca estava vivendo seu pior momento e, logo, viria um tempo melhor. Às vezes, sentia uma urgência de abandonar Córdoba novamente. Seu espírito inquieto se sentia prisioneiro em um lugar que não tinha muito a lhe oferecer. Os meses que passara no exterior e as experiências vividas a deixaram exigente. Ela não se conformava com a quietude e a vida rotineira de Córdoba e achava a cidade limitada e enfadonha, colonial e austera, conservadora e cruel. Começou a pensar seriamente em mudar-se para Buenos Aires. Comentou isso com seu tio Fredo.

— Achei que você gostava de trabalhar no jornal — disse ele, decepcionado. — Agora que já publicou seu primeiro artigo e recebeu uma boa crítica, pensei que queria se dedicar

a isso.

— Quero me dedicar a isso — ratificou Francesca. — Mas não aqui. Córdoba me sufoca, tio. Não me sinto à vontade.

— É por causa de Aldo, que começou a persegui-la outra vez, não é?

— Em absoluto. É por mim.

— Não sei como sua mãe vai lidar com isso.

— Você pode convencê-la de qualquer coisa — disse Francesca, risonha. — Ninguém tem tanta influência sobre ela como você.

— O quê? — disse Fredo, incomodado. — Eu, influência sobre sua mãe?

— Sim. Por acaso, nunca notou que tudo que *Alfredo* diz é palavra santa? Nunca notou a cara de boba que ela faz quando o vê e com que cara de boba o escuta falar? Eu acho que ela está apaixonada por você.

— Francesca! — scandalizou-se Fredo.

— É o que eu acho.

— Você acha mesmo que ela... bem... que sua mãe me nota?

— Só um cego não perceberia.



Francesca se agasalhou cuidadosamente antes de sair do jornal. Estava muito frio na rua. Respirou o ar gelado e começou a descer o bulevar. Era um dia de inverno magnífico, com céu límpido e sol tênue.

Kamal a viu desaparecer na primeira esquina e desceu do automóvel estacionado a uma quadra do *El Principal*.

— Fiquem aqui — ordenou a Abenaboh e a Kader, que ocupavam os bancos da frente.

Ele havia chegado ao aeroporto de Córdoba por volta do meio-dia. Depois de meses longe de Francesca, tornar a vê-la em carne e osso, e não como a imagem etérea e difusa que surgia em todas as suas noites de insônia, fez seu corpo se retesar de ansiedade, e ele quase saiu correndo para alcançá-la, mas se controlou; primeiro, faria o que devia fazer.

A caminho do edifício do jornal, pensou, pela enésima vez, sobre o passo que estava prestes a dar. Havia lutado para tirá-la da cabeça, Alá era sua testemunha, mas Francesca estava arraigada em seu coração e havia sido impossível esquecê-la. Tentara argumentos convincentes – a segurança dela, a salvação do reino, o escândalo de um casamento com uma católica, o descontentamento da família –, mas sempre voltava ao ponto de partida: sua vida não tinha sentido sem ela.

Depois daqueles dias na fazenda de Jidá, já de volta a Riad, ele tentara se refugiar no trabalho. Passava longas horas com seus tios e seu irmão Faisal traçando o plano minucioso que derrubaria Saud e seu séquito. Aceitava todos os convites que

recebia e tentava voltar para seu apartamento bem tarde. Porém, o silêncio da casa e as recordações da tarde em que Francesca anunciara que estava grávida lhe tiravam o sono e o faziam pensar. Ele tentava dormir, mas, ao fechar os olhos, via os dela. A imagem de Francesca o perseguia sem trégua nem paz. Acendia o abajur e pegava a carta dela na gaveta da mesa de cabeceira. Já a conhecia de cor. “Por que você me abandonou, Kamal?”

Ele merecia aquele sofrimento. Havia demonstrado fraqueza permitindo que sua razão se anulasse naquela noite da festa da independência da Venezuela. Desde o início, ele sabia que ela era um objeto proibido, porém se deixara levar pela paixão que se apoderava dele só de olhar para ela. Devido a seu egoísmo, ele a havia exposto inutilmente. Levava as mãos à cabeça e reprimia um grito de raiva ao imaginá-la nas mãos dos terroristas. Tampava os ouvidos quando retumbavam em sua cabeça os gritos dela ao apanhar e suportar as torturas. Por tudo isso, ele tinha que sofrer, e a vida inteira não lhe bastaria para expiar a culpa.

Pelo menos, lhe restavam as boas recordações, e o amor também, pois nunca mais amaria como amava Francesca De Gecco. Era um tipo de sentimento e entrega que só se vive uma vez. Ele o havia suprimido de sua vida, e agora tinha que suportar o resto com estoicismo. Mas, um dia, pensara: *suportar o resto com estoicismo? Por quê? Para quê? Pela Arábia? Pelo respeito e pela obediência que devo ao meu povo?* Máximas que no passado haviam representado o cerne de sua educação tornavam-se insensatas quando confrontadas com o amor que sentia. Os alicerces de sua formação desmoronavam enquanto uma nova convicção tomava seu lugar e o obrigava a sorrir: nada compensava a vida sem Francesca, e ele sabia que era capaz de enfrentar o mundo inteiro por ela. Sua consciência já não pesava, e só o desejo incontável de tornar a vê-la o dominava. Kamal sabia que estava de novo no ponto de partida, arrebatado pela mesma inconsciência que o dominara

naquela noite em Genebra, que havia marcado a fogo o destino dos dois. Nada nem ninguém importavam, nem mesmo a segurança dela. Por isso ele estava ali, em Córdoba, uma cidade nos confins da América do Sul que ele jamais imaginara conhecer. Havia atravessado o Atlântico por ela, para arrebatá-la de novo de seu mundo e levá-la consigo.

Uma placa na recepção indicava que a sala de Visconti ficava no segundo andar. Ele subiu as escadas e chegou a uma antessala, onde uma mulher de uns trinta anos foi ao seu encontro. Nora imediatamente notou que aquele homem era estrangeiro. Não eram suas roupas, de finíssima confecção, que o delatavam, mas, sim, suas feições tão pouco comuns. O contraste de seus olhos verdes com a pele acobreada deixou-a momentaneamente muda.

— Bom-dia — disse Kamal em perfeito inglês.

— Bom-dia — respondeu Nora. — Posso ajudá-lo, senhor?

— Estou procurando o senhor Visconti. Ele está disponível neste momento?

— Por favor, sente-se aqui. Verei se ele pode recebê-lo. A quem devo anunciar?

— Por favor, diga que Al-Saud deseja falar com ele.

— Al-Saud, correto?

— Exato.

Nora entrou na sala de Fredo e o urgiu a desligar o telefone.

— O árabe está aqui!

— Quem?

— O árabe de Francesca.

— Al-Saud?

— Ele mesmo.

— Mande-o entrar — disse Fredo, levantando-se para recebê-lo.

Kamal o cumprimentou em inglês e estendeu-lhe a mão. Fredo se dirigiu a ele em francês.

— Desculpe, senhor Al-Saud, mas não falo inglês.

— Nesse caso, falaremos em francês — respondeu Kamal.

Fredo indicou-lhe o sofá ao lado de sua mesa e sentou-se em uma cadeira em frente a Kamal. Pediu café a Nora e solicitou que não passasse ligações.

— Devo confessar, senhor Al-Saud, que o senhor é a última pessoa que eu imaginava encontrar aqui — disse Fredo. — A surpresa foi imensa.

— Entendo. Eu lhe peço perdão por não ter marcado hora, mas acabei de chegar a Córdoba e tinha urgência de vê-lo. Deve imaginar que vim por Francesca.

— Ela já o viu?

— Não. Antes, eu precisava falar com o senhor.

— Comigo?

— Sei que o senhor é como um pai para Francesca, e eu me sinto na obrigação de lhe pedir a mão dela e lhe assegurar que, independentemente dos eventos desafortunados do passado, a segurança de Francesca está garantida.

Fredo se acomodou na cadeira e evitou fitá-lo, pois já havia notado o poder daqueles olhos verdes. Nora entrou e serviu o café. Antes de dispensá-la, Fredo se dirigiu a ela para perguntar se Francesca estava no edifício.

— Não — disse a secretária. — Ela foi ao consulado italiano para pegar uma informação. Voltará em breve — acrescentou rapidamente.

— Quando ela chegar, não diga que Al-Saud e eu estamos conversando. Peça-lhe que fique em sua mesa, pois preciso falar com ela.

— Sim, senhor — respondeu Nora e abandonou a sala.

Fredo levantou os olhos e encontrou o olhar inescrutável do árabe. Poucas vezes, um homem lhe inspirara a admiração e o temor que Al-Saud lhe provocava nesse instante.

— Eu sei a que eventos desafortunados se refere — disse após uma pausa. — Mas permita-me alertar que a mãe de Francesca não sabe o que aconteceu. E não deve saber.

Kamal assentiu.

— Eu também soube da criança — acrescentou Fredo, com

o semblante suavizado.

— Isso foi muito duro — admitiu Kamal. — Para ambos, mas, em especial, para mim, porque a culpa me corroía. E me corrói ainda.

— O senhor diz que a segurança de Francesca estará garantida. Não quero contrariá-lo, mas, vendo o barril de pólvora em que seu país se transformou, e estando o senhor no olho do furacão, acho que Francesca continua tão exposta quanto no passado.

— Não viveremos em Riad, e, sim, em Paris — disse Kamal.

Fredo ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Ouvi dizer que seu irmão, o atual rei, abdicará, e que o senhor ocupará seu lugar.

— Meu irmão, o rei Saud, abdicará, como o senhor bem indicou, mas não serei eu e, sim, meu irmão Faisal, quem tomará seu lugar. Eu renunciei a ser rei antes de sê-lo — explicou e sorriu.

— Não contava com o apoio de sua família?

— Pelo contrário. Toda a minha família, inclusive Faisal, quer que eu seja o rei.

— Então? — impacientou-se Fredo.

— Não posso ter o reino e Francesca ao mesmo tempo. E sem ela não posso viver.

Tamanha confissão de um homem como Kamal deixou Fredo boquiaberto. Ele teve absoluta certeza em relação ao temperamento e às intenções daquele árabe que tanto receio lhe havia inspirado em um primeiro momento. De qualquer maneira, ainda não queria mostrar que estava de acordo.

— Sou testemunha de que o amor que professam um pelo outro é sincero, mas também entendo que a educação que uma mulher ocidental recebe é inadmissível para um homem com sua formação.

— Compreendo suas apreensões — afirmou Kamal. — Sou um homem bem mais velho que sua sobrinha, proveniente de

uma cultura e de uma religião diferentes. Faz sentido que duvide de mim, mas saiba que Francesca será uma mulher livre, no sentido ocidental da palavra. Ela não terá que professar minha religião, apesar de que nossos filhos serão muçulmanos. Poderá se vestir como quiser, comer o que lhe agradar, ir aonde quiser, fazer amizade com quem preferir. Eu confio nela, e isso me basta.

— O senhor a ama, ela o ama, e as diferenças parecem limadas — enumerou Fredo. — Portanto, eu lhe concedo a mão dela, certo de que o senhor está a sua altura. Só espero que... Enfim, só espero que saiba fazê-la feliz. Senhor Al-Saud — continuou Fredo em tom de advertência —, Francesca é a coisa que eu mais amo nesta vida. Ela é a filha que eu nunca tive e por ela estou disposto a qualquer coisa.

— Eu também — afirmou Kamal. Apertou a mão de Fredo.

— Vocês se casarão aqui? Por qual rito? Antonina é tão católica...

Novas dúvidas o assaltavam, e ele começou a desanimar, mas a atitude descontraída e segura de Al-Saud o tranquilizou.

— Podemos nos casar aqui, em Córdoba, na Igreja Católica, antes de partir para Paris. De qualquer maneira, Francesca sabe que também teremos que fazer um casamento muçulmano. Ela me disse que não haveria problema.

— Fico feliz de ver que o senhor é um homem tão aberto e complacente. Devo advertir que minha sobrinha é uma jovem cheia de vitalidade e difícil de dominar. O que ela mais preza é sua liberdade.

— Eu sei — respondeu Kamal. — Por isso, eu jamais a faria viver em Riad.

A firmeza da resposta de Kamal deixou Fredo tão satisfeito que ele se permitiu relaxar os músculos pela primeira vez. Bebeu seu café quase frio.

— Gostaria de tratar mais um assunto, senhor Visconti — disse Kamal.

— Diga — respondeu Fredo.

— Caso algo aconteça comigo, todos os meus bens ficarão em poder de Francesca. E lhe garanto que os anos que lhe restam de vida não seriam suficientes para gastar tudo. Porém — acrescentou, inclinando-se para a frente com o semblante sério —, como os acontecimentos do futuro são imponderáveis, especialmente nas circunstâncias em que me encontro, decidi abrir uma conta no Banco da Suíça, na sucursal de Zurique, onde depositarei dez milhões de dólares em seu nome e no nome de Francesca.

— Senhor Al-Saud! — exclamou Fredo. — O senhor me pega de surpresa! O que vislumbra em seu futuro para tomar uma medida como essa? Isso me assusta, confesso.

— Talvez seja uma medida desnecessária — admitiu Al-Saud —, mas faço isso para minha tranquilidade. Ninguém, com exceção do senhor, jamais saberá da existência desses fundos. Em caso de necessidade extrema, o senhor informará Francesca sobre essa conta. Ela e, caso os tenhamos, nossos filhos, viverão confortavelmente com os juros do capital investido.

— Então, devo entender que Francesca não deve saber desta conversa, salvo em caso de “necessidade extrema”, como o senhor disse.

Al-Saud assentiu.

— E qual seria essa necessidade extrema?

— Caso eu morra ou desapareça — disse Kamal com firmeza. — E caso minha família destitua Francesca de seus direitos.

— Sua família não deu seu consentimento a esse casamento, não é?

— Não.

— E eles poderiam atentar contra a vida de minha sobrinha?

— Já lhe disse que a segurança de Francesca está garantida. Confie em mim.

— Confio, senhor Al-Saud, mas não confio naqueles que o cercam, cheios de interesses pelos quais alguém poderia estar disposto a matar.

— Minha vida sofrerá uma mudança radical depois do casamento com sua sobrinha. Eu não participarei das questões políticas do reino e ficarei à margem do governo de meu país. Isso deve afastar a mim e a Francesca do perigo. Meus inimigos perderão interesse em mim e nos meus. De qualquer maneira, cuidarei dela como se soubesse que a qualquer momento podem tentar roubá-la de mim.

— Eu já dei meu consentimento para que se case com minha sobrinha — disse Fredo. — Não porque tenho certeza de que ela está livre de perigo, mas porque será impossível mantê-la longe do senhor quando ela souber que veio buscá-la. De qualquer maneira, acho que o senhor a ama sinceramente e que tentará fazê-la feliz — completou com benevolência.

Kamal assentiu de novo, e Fredo prosseguiu, mais relaxado:

— Devo confessar, senhor Al-Saud, que sua demonstração de confiança em mim me deixa lisonjeado. Depositar dez milhões de dólares, uma fortuna, no nome de uma pessoa que mal conhece é algo inacreditável.

— Eu o conheço bem, senhor Visconti. Muito bem — repetiu, sem precisar esclarecer que havia mandado investigá-lo. — No entanto, é o amor e o respeito que Francesca sente pelo senhor que me levam a confiar em seu discernimento e sensatez. Sei que a ama como se fosse sua filha, como o senhor mesmo disse momentos atrás, e sei também que jamais faria algo que a prejudicasse.

— Eu daria minha vida por ela, se necessário — disse Fredo, com ar de advertência.

— Somos dois — disse Al-Saud.

— Devo advertir que sou um novato em questões financeiras. Desconheço as leis dos mercados e seu

comportamento.

— Não precisa se preocupar — tranquilizou Kamal. — O dinheiro permanecerá no banco, onde funcionários de confiança o farão render em investimentos de baixo risco. Por exemplo, não quero investir em ações, que são muito voláteis, mas em aplicações de prazo fixo e em títulos de países confiáveis. Nada mais. Por ora, só lhe pedirei que preencha alguns papéis e me forneça a documentação que meu advogado se encarregará de lhe solicitar em breve. Espero que isso não seja um inconveniente para o senhor.

— Em absoluto — respondeu Fredo e, pela primeira vez, sorriu abertamente.

— Esse quadro mostra a famosa Villa Visconti, certo? — comentou Al-Saud, indicando a tela atrás da mesa.

— Sim — respondeu Fredo, olhando-o com estranheza. — Francesca lhe falou dela?

— Sim, em várias ocasiões.

Francesca deixou umas pastas em cima da mesa e tirou o casaco. Logo notou que Nora a olhava de maneira estranha.

— O que foi? — disse, risonha. — Há algo em meu rosto?

— Seu tio quer falar com você. Vou avisar que chegou.

— Senhor — chamou Nora pelo interfone —, Francesca acabou de chegar. Peço que entre agora?

Kamal se levantou, mas não avançou para a porta. Ficou parado ao lado do sofá, ansioso e expectante como um menino. Francesca irrompeu na sala, e seu sorriso e jovialidade pareceram iluminar o recinto. A respiração de Kamal travou e uma pulsação feroz fez sua garganta doer. Perguntou-se se conseguiria falar.

— Tio! — exclamou Francesca. — Adivinhe com quem...

Calou-se ao perceber que Fredo tinha companhia. Voltou-se para o estranho e olhou-o sem prudência, pois achou-o muito parecido com Kamal. Incrivelmente parecido.

— Kamal?

— Francesca — disse ele. Então, avançou em direção a ela.

— Vou deixá-los sozinhos — disse Fredo.

Nos últimos meses, Francesca havia odiado aquele homem com a mesma intensidade que o amara na Arábia. Censurava-o por seu amor não ter sido suficientemente grande e forte para enfrentar os Al-Saud, enquanto ela própria estava disposta a repudiar sua cultura e sua religião por causa dele. Ele a havia traído e afastado. Porém, a presença de Kamal naquele lugar, tão inopinada e inverossímil, desvaneceu qualquer sentimento sombrio que a houvesse assolado durante os últimos três meses.

Kamal a achou adorável, com o nariz vermelho por causa do frio e o cabelo revirado pelo vento. Usava o mesmo terninho azul-marinho que vestia na ocasião em que a assustara na sala de Mauricio, aquele acinturado, que acentuava seus quadris, sua cintura e seus seios de um modo escandaloso que o excitava tanto.

— Eu te amo, meu amor — disse ele.

Francesca não pôde controlar um soluço que subiu por sua garganta e deslizou entre seus lábios. Cobriu o rosto e começou a chorar. Kamal a envolveu em seus braços, colando-a contra seu peito. Francesca se apertava a ele com desespero.

— Kamal! — gemia. — Ah, Kamal!

— Que Alá me perdoe, mas não posso viver sem você! — exclamou Al-Saud. — Não chore, meu amor. Não sofreremos mais — murmurou, cobrindo-lhe o rosto de beijos. — Não chore. Você sabe que não suporto vê-la chorar.

Francesca enxugou as lágrimas com as costas da mão. Kamal deu-lhe um lenço, e ela assoou o nariz.

— Devo estar horrível — queixou-se, ajeitando as mechas de cabelo que caíam sobre seu rosto.

— Você sabe que isso é impossível.

— Não vai mais me afastar de você? — perguntou ela, quase com medo.

— Jamais! Jamais!

— Por que me fez sofrer tanto, então?

— Desculpe-me! — suplicou ele. — Você não faz ideia do quanto me custou afastá-la, mas fiz isso por você, porque temia que a machucassem de novo. Eu não poderia suportar. Minha vida, minha linda, minha pequena Francesca. Diga que me perdoa, eu suplico!

— Você vai me levar com você?

— Sim, sim, claro — afirmou ele, sem parar de beijá-la.

— Ficarei com você para sempre?

— Se você me aceitar.

— Sim, eu aceito. Eu aceito.

— Vamos para meu hotel — propôs ele.

Não havia ninguém na antessala. Al-Saud pegou o casaco e as luvas no cabideiro enquanto Francesca punha o casaco. Saíram à rua abraçados. Ela gostou de encontrar os guardacostas, que conferiam mais verossimilhança à situação.

— É tão estranho vê-lo aqui — confessou ela.

— O que você sentiu ao me ver? — perguntou ele.

— Houve um instante em que meu coração parou. Logo pensei que estava me confundindo, mas você é tão único e especial que eu disse a mim mesma que só podia ser você. Meu Kamal, meu adorado Kamal. E você, o que sentiu?

Ele levou os olhos para o céu e fez um gesto exagerado e teatral com as mãos. Francesca começou a rir. Ele era tão pouco expressivo que aquele gesto serviu como resposta.

— Eu confesso que nunca havia sentido o que senti hoje na sala de seu tio ao vê-la entrar. Tive medo de que você me rejeitasse.

— Você está bem seguro de meus sentimentos — replicou ela. — Não teria vindo até aqui se não estivesse.

Kamal inclinou a cabeça e beijou-a nos lábios. Nunca havia sentido a felicidade inefável que experimentou nesse instante. Sentia que a pureza e a bonança da infância se apoderavam de seu coração só ao roçar os lábios daquela mulher.

Pararam em frente ao Crillón, na rua Rivadavia, e Francesca pensou que, para Kamal, aquele hotel devia parecer uma pensão, porém, via que ele estava tão feliz que concluiu que o luxo duvidoso da melhor suíte do hotel não o preocupava.

Antes de fechar a porta, Al-Saud disse a Abenaboh e a Kader que fossem descansar, pois só precisaria deles à noite. Francesca escutou o barulho da fechadura e vibrou com uma sensação de antecipação. Sentiu vontade de brincar com Kamal e, de costas para ele, fingiu se interessar por uns folhetos que encontrou em cima do criado-mudo. Não demorou a sentir seus braços na cintura e seus lábios na nuca. Afastou-se e olhou para ele com fingida inocência. Ele tentou abraçá-la de novo, mas ela escapuliu.

— Vamos conversar — disse, esforçando-se para não rir diante do desconcerto de Al-Saud. — Quero que você me conte como estão todos por lá.

Ela tirou o blazer, sob o qual usava apenas um sutiã sugestivo, e jogou-o em cima da cama, provocante.

— Como está Mauricio? E Sara? — perguntou, mantendo-se fora do alcance dele. — Diga-me como está meu adorado Rex. Ande, conte tudo.

Kamal cobriu em dois passos o espaço que os separava e tomou-a nos braços.

— Cale-se — ordenou com ferocidade. — Está me irritando com tantas perguntas. Não vou lhe contar nada, não vamos falar de nada nem de ninguém. Farei amor com você, só isso.

A prepotência de Kamal era inegável, mas ela não se importava. Sempre ficara claro quem subjugava quem entre eles.

— Não, não, alteza — replicou ela. — Eu quero conversar. Já se passou muito tempo e morro de vontade de saber como estão todos.

Francesca o conduziu a uma cadeira e o obrigou a sentar-se. Ela ficou em pé. Fitaram-se com olhos divertidos, cientes

da tensão sexual que crescia a cada segundo e se tornaria incontrolável. Ela levantou a saia até os quadris e acomodou-se sobre ele. Logo sentiu a ereção de Kamal entre as pernas.

— Vamos, conte — insistiu.

— Por que está fazendo isso? — queixou-se ele. — Por que é tão cruel comigo?

— Cruel? O senhor foi cruel, alteza, na tarde em que me mandou embora de Riad.

— Você não me perdoou? — Ele fingiu se entristecer. — Isso é uma vingança?

— Sim, uma vingança — admitiu ela.

Kamal baixou as alças do sutiã e descobriu seus seios. Inclinou-se e acariciou os mamilos duros com a língua. Segurando-se nos ombros dele, Francesca jogou a cabeça para trás e suspirou.

— Vou fazer amor com você — disse ele, e ela estremeceu quando o hálito quente tocou a pele de seu peito. — Preciso estar dentro de você. Três meses de abstinência foram suficientes para mim.

— Para mim também — cedeu ela.

Ele a fez se levantar e tirou-lhe a calcinha com mãos impacientes. Ela tirou a calça dele. Kamal a sentou sobre si e penetrou-a com um movimento rápido e forte.

Quando terminaram, ainda agitados e trêmulos, Francesca murmurou no pescoço dele:

— Você sempre consegue o que quer, Kamal Al-Saud.

— Sempre — disse ele. — Você é a prova viva disso.

— Estou com sede — disse Francesca, levantando-se para ir até uma mesa onde havia uma jarra com água.

Ainda estava com a saia enroscada na cintura, mal cobrindo seus glúteos pequenos e firmes, e não havia tirado os sapatos de salto alto nem as meias e a cinta-liga. Serviu-se um copo de água e o bebeu, de costas para Kamal. Ele, que acompanhava seus movimentos atentamente, pensou que poucas vezes havia presenciado um espetáculo tão erótico.

Francesca se virou e disse:

— Quer? — Indicou o copo.

Kamal se levantou e caminhou para ela. Tirou o copo de sua mão e deixou-o em cima da mesa.

— Só quero você.

Terminaram na cama, onde passaram o resto do dia. Quando sentiram fome, Kamal pediu um lanche substancioso. Como um bom árabe, ele tinha uma fraqueza por bolos e doces, e Francesca achava muito divertida essa característica dele, pois o humanizava.

Depois de comer, ficaram deitados em silêncio. Kamal a abraçava, possessivo, enquanto Francesca descansava sobre seu peito.

— Eu decidi vir buscá-la quase imediatamente após sua partida de Riad — disse ele.

Francesca ficou calada, pois não precisava de explicações, mas compreendia que Kamal quisesse se explicar.

— Foi sua carta — prosseguiu Al-Saud. — Ah, a carta. Eu a li até decorá-la. Aquele “por que você me abandonou, Kamal?” me perseguia sem trégua. — Ele pegou o queixo dela e obrigou-a a fitá-lo. — Nunca lhe darei motivos para me perguntar isso outra vez.

Francesca sorriu e beijou-o delicadamente.

— Jure que você também não vai me abandonar, que jamais vai me deixar, que nunca se arrependerá de unir seu destino ao de um muçulmano muito mais velho — pediu ele. Ela se ergueu levemente e fitou-o com estranheza. — Você é jovem e inexperiente demais para ponderar que sou mais velho e que minha religião é oposta à sua, mas eu a amo demais para não destacar agora essas diferenças que, no futuro, podem fazê-la sofrer.

— E você, Kamal? Está disposto a se unir a uma mulher como eu, tão pouca coisa, sem dinheiro nem berço e, pior ainda, católica?

— Você não é pouca coisa — disse ele com severidade. —

Você é minha vida.

— E você é a minha. E mesmo quando você estiver enrugado como uma noz e cheio de reclamações, eu continuarei amando-o como neste momento, em que o considero o homem mais bonito e atraente do mundo. É só disso que eu tenho certeza. Acaso, ainda não percebe que você faz com que eu me sinta orgulhosa por me escolher como a companheira de sua vida?

— Francesca — murmurou ele, pela primeira vez sem palavras.

Por volta das seis horas da tarde, o telefone tocou.

— Quem pode ser? — estranhou Francesca.

— Eu disse a Visconti que estava hospedado aqui — explicou Kamal.

Era Fredo, que queria convidá-los para jantar em seu apartamento; Antonina já havia aceitado. Francesca achou conveniente ir embora, pois precisava tomar banho e trocar de roupa. Kamal mandou os guarda-costas pegarem o carro e a acompanhou.

— Estou nervosa — confessou ela. — Minha mãe não vê nossa relação com bons olhos.

— Alá está do nosso lado — replicou Kamal.

— É melhor você deixar Alá em casa esta noite, pelo menos, enquanto estiver jantando com ela.

Ao encontrar Kamal no apartamento de Fredo, Antonina teve uma grande surpresa. *Na verdade, é um homem bem-apessoado, alto, com uns olhos verdes maravilhosos e modos de cavalheiro inglês*, pensou. Em nada se assemelhava ao demônio que havia imaginado. No início, sentiu-se intimidada por Kamal, não por sua atitude aristocrática ou seu olhar penetrante, mas incomodava-a que ele fosse tanto, e ela, tão pouco, e, conseqüentemente, a sensação de inferioridade a levou a agir com mais comedimento do que teria desejado. Porém, no

decorrer do jantar, ela conseguiu relaxar e aproveitar, pois seu futuro genro se mostrava muito satisfeito em sua companhia e não parava de admirar sua beleza e parabenizá-la pela filha. O idioma, uma barreira no início, deixou de sê-lo quando Al-Saud disse que entendia espanhol, apesar de não falar. Como ia com frequência à Andaluzia por causa dos cavalos, havia feito algumas aulas, e Fredo e Francesca traduziam para Antonina quando Kamal falava em francês.

Antonina observava o homem que havia cativado o coração de sua filha. Sem dúvida, era um homem do mundo, conhecedor da natureza humana, certamente, hábil e desapiadado na hora de defender seus direitos. Portanto, saberia proteger Francesca, que parecia ser a luz de seus olhos. Ela gostava de ver como ele a contemplava, como um servo adorando sua divindade. Isso a recordava o modo como Vincenzo a olhara tantos anos atrás, o modo como Fredo a olhava nesse momento.

Falaram sobre o casamento, e Antonina se comprometeu a falar com o padre Salvatore, seu confessor, para fazer os arranjos. Ficou feliz ao ver que Al-Saud estava tão predisposto a um casamento na Igreja Católica, mas se desiludiu quando ele, diplomático, mas firme, afirmou que não se converteria ao cristianismo.

— Então — disse Antonina —, duvido muito que algum padre aceite casá-los se o senhor mantiver sua religião.

— Nesse caso — intercedeu Fredo, para afastar a sombra que começava a ofuscar o sorriso de Francesca —, vou falar com o bispo, que é um grande amigo meu, e pediremos uma dispensa.

— Não será a mesma coisa — replicou Antonina, contrariada.

Por volta da meia-noite, Al-Saud se despediu e foi para seu hotel. Fredo levou Antonina de volta ao palácio Martínez Olazábal enquanto Francesca lavava a louça.

— Jamais imaginei que minha filha, minha única filha,

fosse se tornar a mulher de um herege — disse Antonina.

— Antonina — disse Fredo, condescendente —, o homem renunciou a um reino por Francesca.

— Sim, eu sei. Ninguém duvida que esteja apaixonado por ela, mas tenho medo que, com o passar dos anos, a paixão que ele sente por ela desapareça e chegue o dia em que se arrependa de ter renunciado ao trono da Arábia. A paixão, cedo ou tarde, acaba morrendo.

— Isso não é verdade — replicou Fredo, de maneira tão precipitada, quase agressiva, que Antonina o olhou com surpresa. — Durante vinte anos, amei uma mulher, e garanto que a paixão que sinto por ela é a mesma que me inspirou no primeiro dia em que a vi.

Na escuridão do carro, Fredo não notou as faces vermelhas de Antonina, mas percebeu que ela ficara nervosa. Arrependeu-se de ter pronunciado aquelas palavras e fez silêncio. Foi Antonina quem falou:

— Essa mulher tem muita sorte por ter o amor de um homem como você, Alfredo.

— Eu nunca confessei que a amo — replicou ele, quase de mau humor.

— Por quê?

— Porque ela ama outro homem.

Ele parou o automóvel em frente ao portão dos fundos do palácio Martínez Olazábal e ficou olhando para a frente. O silêncio era insondável. Fredo queria quebrá-lo, queria dizer a ela tudo que havia guardado ao longo dos anos, mas não encontrava a eloquência que sempre o caracterizara. De novo, Antonina foi quem falou:

— Talvez devesse confessar seu amor a ela. Talvez o coração dessa mulher esteja livre agora, e ela possa amar outra vez.

— Acha mesmo?

— Claro que sim.

Alfredo tornou a olhar para ela, e Antonina sorriu. Sentiu

um nó na garganta, emocionado diante da doçura daquele rosto que tantas vezes ele ansiara beijar. Ela esticou o braço e tirou-lhe a franja da testa. Ele fechou os olhos e respirou profundamente.

— Alfredo — sussurrou Antonina.

— Jamais pensei que chegaria o dia em que poderia lhe dizer que faz mais de vinte anos que a amo — disse Fredo. — Jamais pensei que poderia beijá-la.

Ele se inclinou e beijou-a nos lábios com a timidez de um jovem inexperiente.

Francesca combinou com seu tio Fredo que continuaria indo ao jornal até acabar os trabalhos pendentes para depois cuidar de sua partida com Kamal, que havia lhe concedido só dez dias. Diante da sugestão de Francesca de segui-lo semanas depois, Kamal foi inflexível.

— Devo voltar para Paris em dez dias, no máximo, e não irei sem você. E não há nada mais a dizer sobre isso. Você tem esse tempo para ajeitar suas coisas. Não leve roupas, nem sapatos, nem cosméticos. Eu comprarei lá tudo que você necessitar, e mais. Comprarei tantas coisas que você não terá tempo de usá-las.

Kamal costumava ir buscar Francesca no jornal ao meio-dia e levá-la para almoçar em seu hotel, onde ficava o restaurante mais bem conceituado da cidade. Depois, diante dos olhares condenatórios dos funcionários, subiam ao quarto para fazer amor. No entanto, ninguém se atrevia a questionar os costumes daquele homem estranho, que falava francês, mas que tinha nome de árabe, pois suas gorjetas eram as mais generosas que recebiam.

Certa tarde, enquanto Francesca se vestia e Kamal ainda estava na cama, ele mencionou Aldo Martínez Olazábal.

— Tornou a vê-lo?

— Quem? — perguntou Francesca, desprevenida.

— O filho do patrão de sua mãe — disse ele, que não desejava sequer pronunciar o nome de Aldo.

— Sim — respondeu ela, continuando a vestir-se.

Kamal saiu da cama e dirigiu-se a ela. Segurou-a pelos pulsos e contemplou-a com severidade.

— O que aconteceu?

— Absolutamente nada.

— Ele tentou voltar com você, não é?

— Sim, mas eu não pude aceitar.

Quando voltou do campo, Aldo ficou sabendo por Sofia que o árabe viera buscar Francesca para levá-la a Paris. As ilusões que havia alimentado durante os dias longe dela se despedaçaram, e ele ficou muito desanimado. Porém, no dia seguinte, perto do meio-dia, foi vê-la no jornal. Encontrou-a sozinha, pois Nora estava na sala de Fredo.

— É verdade que você vai se casar com ele?

— Sim.

— E nós?

— Faz tempo que “nós” não somos nada, Aldo.

— Pensei que existia uma esperança.

— Nunca existiu. Aquele dia... enfim... eu não queria magoá-lo.

— Todo o mundo comenta que ele é poderoso — disse Aldo. — Que ele tem muito dinheiro, que é muito mais velho que você, que você vai para o quarto com ele e que ele a trata como se você fosse sua... sua...

Francesca ignorou o insulto e compreendeu a dor e o rancor de seu antigo amor. Ainda gostava dele; Aldo lhe inspirava um carinho puro e genuíno, e não conseguia ficar brava com ele, apesar de sua baixeza.

— Você me conhece, Aldo — disse ela com doçura. — Sabe muito bem que tipo de pessoa sou. Sabe também que o que me move é o amor que sinto por ele. Se ele tem muito dinheiro ou é poderoso, não me interessa, assim como não me interessou quando me apaixonei por você. E, sim, eu sou

mulher dele. E não me envergonho disso, ao contrário.

— Desculpe — murmurou Aldo, sem olhá-la nos olhos.

— Bom-dia — trovejou a voz de Al-Saud. Seu olhar fulminou o rapaz.

— Kamal — disse Francesca, indo ao seu encontro com bastante compostura. — Deixe-me lhe apresentar um velho amigo, Aldo Martínez Olazábal, irmão de Sofía.

Kamal avançou na direção de Aldo e estendeu-lhe a mão. O rapaz correspondeu entre surpreso e intimidado. A imagem que fazia de Al-Saud, construída ao longo do tempo e alimentada pelos ciúmes, não se assemelhava à realidade. Assim como Antonina, ele ficou impressionado com a altura e a elegância de Kamal, com seu jeito simples de se mexer e falar e com a segurança que transmitia. Não era absurdo que Francesca houvesse caído sob seu feitiço. Ao lado daquele homem mais velho e experiente, ele se sentiu um pirralho. Ciente de sua derrota, deu-lhes os parabéns pelo casamento e foi embora. Francesca olhou com timidez para Kamal, que a acolheu em seus braços e deu-lhe um beijo no alto da cabeça.

À noite, ela continuava pesarosa. Bateu na porta do quarto de Fredo e encontrou-o esparramado em sua poltrona predileta, fumando cachimbo e lendo.

— Por que esses olhos tristes?

Francesca se ajoelhou ao lado da poltrona e pôs a cabeça no colo do tio.

— Por que tenho que ser tão feliz e Aldo, tão infeliz? — perguntou. — Eu queria que todos fossem felizes como eu. Sinto uma grande culpa, tio. Foi por minha causa que o casamento de Aldo fracassou. E é por minha causa que ele não encontra paz.

— Não diga isso. Está sendo injusta consigo mesma. Acaso, foi você quem o abandonou para se casar com outro? Foi ele quem teve que sair de Córdoba para esquecer? Não se sinta culpada. Você não é responsável por Aldo ter se apaixonado por você e ter sido covarde demais para defender esse amor.

Ficaram em silêncio. Era verdade. Ela não havia sido a causadora da separação, nem quem havia falado de amor e, semanas depois, se casado com outra; enfim, não era ela quem se apegava a uma vida de luxos e opulência e temia possíveis carências e trabalho duro. Fredo tinha razão, ela não era culpada, mas sofria igualmente por Aldo.

— Na realidade, tio, sinto culpa porque, graças à minha relação com Aldo não ter dado certo, eu conheci o verdadeiro amor. É como se houvesse sido necessário sacrificar Aldo para que eu fosse feliz com Kamal.

— Eu já lhe disse várias vezes que neste mundo nada é por acaso. O Grande Arquiteto entrelaça as linhas do destino de tal modo que, às vezes, não compreendemos sua intenção. Mas, cedo ou tarde, acabamos descobrindo seus motivos. Talvez, um dia, você saiba por que Aldo está sofrendo hoje. — Fredo mudou o tom solene para animá-la: — Seja livre, Francesca. Viva o momento e não estrague essa felicidade pensando em alguém que é suficientemente adulto para cuidar da própria vida, se quiser, assim como fez você.

Francesca deu-lhe um beijo na testa e desejou-lhe uma boa noite.

Nenhum sacerdote consentiria em casar uma católica com um muçulmano; isso não admitia nenhum tipo de discussão. Portanto, deram início aos trâmites para conseguir a dispensa que tanta frustração causara em Antonina. Para ela, sua filha viveria em concubinato, e nada a convencia do contrário. Francesca pediu veementemente, e Kamal concordou em se casar em uma cerimônia civil em Córdoba, mesmo preferindo tê-lo feito em Paris. Na noite anterior à cerimônia, enquanto jantavam no apartamento de Fredo, Kamal entregou a Francesca o solitário engastado em um anel de platina que havia comprado para ela meses antes na Tiffany. Na face interna, estava gravado em francês: “Para Francesca, meu

amor. K.”. Ele pôs o anel na mão esquerda de Francesca, e ela afundou o rosto em seu peito para esconder as lágrimas de emoção.

Acabada a cerimônia civil, que aconteceu em uma sala escura e pouco acolhedora, com Sofía e Nando como testemunhas, houve uma recepção íntima no salão do Crillón. Francesca usava um terninho Chanel de seda marfim, acinturado, que Kamal havia comprado em Paris, e duas camélias de gaze de seda na lapela. Deixara o cabelo solto, que, grosso e brilhante, caía sobre suas costas em longas ondulações negras. Afastado, Kamal admirava suas feições e as curvas de seu corpo, que o terninho destacava: a plenitude de seus seios, a estreiteza de sua cintura, as curvas de seus quadris, cada parte que ele conhecia como ninguém. Sabia que a estava olhando com a avidez de um homem possessivo e tirano e sabia também que tinha que refrear essa conduta própria de sua natureza árabe que a educação de Francesca, cedo ou tarde, acabaria condenando. Como explicar, no entanto, que ele havia tido muitas mulheres ao longo dos anos e que jamais havia experimentado essa necessidade urgente de proteger alguém, de ter direitos sobre sua vida e seus atos? Como explicar que aquilo nada tinha a ver com suas origens, e, sim, com ela? Sim, com ela, que justificava sua vida e lhe dava sentido. Caminhou, apressado, até o outro lado do salão quando a mão de um amigo de Fredo se demorou mais que o devido na cintura de sua esposa. “Minha esposa”, repetiu para si, trazendo um doce bem-estar que refreou seu impulso de aniquilar quem ousava tocá-la. Assim Francesca agia nele, como um bálsamo.

Entre os convidados estavam, além de Sofía e Nando, algumas amigas de Francesca do Sagrado Corazón, alguns funcionários do jornal, entre eles, Nora, a secretária de Fredo, funcionários do palácio Martínez Olazábal e vários amigos de Fredo, a maioria jornalistas e homens relacionados com a política e a cultura do país, que achavam muito estimulante

conversar com Al-Saud, um homem que, como logo perceberam, pertencia a dois mundos, o ocidental e o oriental. Como Antonina havia convidado seus amigos do palácio Martínez Olazábal, jamais imaginou que seus patrões se rebaixariam e participariam do pequeno festejo no Crillón. No entanto, dona Celia, Esteban e Enriqueta apareceram no salão e jogaram por terra suas suposições. Cada membro da família Martínez Olazábal estava ali por diferentes razões; Esteban, pelo carinho que sentia por Francesca; Celia, pela curiosidade que a presença de um homem tão diferente suscitava na sociedade cordovesa; e Enriqueta, pela possibilidade de ver Alfredo Visconti, seu amor secreto, e talvez conversar com ele.

— Sofia! Sua mãe acabou de chegar! — disse Francesca. — Vai vê-la com Nando!

— Não me interessa — replicou a garota, surpreendendo Francesca. — Já comuniquei que pretendo me casar com Nando.

— E o que eles disseram?

— Não concordam, claro. Minha mãe ameaçou, como sempre, tirar meu dinheiro. Não me importa. Nando vai arranjar emprego e nós nos viraremos. Se for necessário, eu também vou trabalhar. É hora de parar de pensar em meus pais e formar minha família.

Quando Al-Saud se inclinou e roçou levemente a mão de Celia com um beijo, ela o achou um homem fascinante. Ele sorriu de maneira sedutora, mostrando a dentição branca e perfeita em contraste com sua pele morena. Seus olhos verdes a hipnotizaram, e, por um momento, ela se permitiu fitá-lo com a franqueza que sempre mantinha sob controle. Ele se dirigiu a ela em um francês impecável, sem sotaques nem erros, e portava-se com tamanha elegância que se notava sua educação europeia. Após a primeira impressão, Celia sentiu inveja e, em um ato de incomum honestidade, admitiu que, por uma noite com aquele homem, muçulmano ou o que quer que fosse, ela mandaria para o diabo os princípios e preceitos

que regiam sua vida. Ficou boquiaberta quando viu o anel de noivado, que Francesca lhe mostrou contrariada, e deduziu que havia custado uma pequena fortuna. Em silêncio, admirou o terninho dela; momentos depois, ao descobrir nos botões do blazer os dois cês entrelaçados, símbolo da Chanel, só pôde ter orgulho de seu olho treinado.

Enriqueta, enquanto isso, aproximara-se de Fredo e cumprimentara-o timidamente. Ele a tratara com a condescendência costumeira, a mesma que usava com sua irmã Sofia e com as demais amigas de Francesca. Para ele, ela era uma criança. Disse a si mesma que, se não se comportasse como uma mulher decidida e ousada, Fredo sempre a veria como uma menina. Seus olhos não o abandonavam. Observava-o conversar, rir, cumprimentar as pessoas e estudava suas feições, seus gestos. Foi assim que notou uma troca de olhares entre ele e Antonina, algo que a deixou atônita. Viu-o jogar um beijo para a mulher e mover os lábios em uma frase silente: “Eu te amo”. Antonina baixou os olhos, ruborizada. Enriqueta ficou arrasada. Apesar de ter decidido não beber naquela noite, pegou uma taça de champanhe quando um garçom passou com uma bandeja e buscou refúgio no banheiro.

Kamal olhou ao redor, notando que a recepção estava se desenrolando segundo suas expectativas e corria bem até para ele, que passava uma noite agradável com os amigos de Fredo. Francesca parecia contente e relaxada e não perdera o ânimo nem mesmo diante da presença dos patrões de sua mãe. Ele girou a aliança de ouro em seu dedo e absorveu seu significado: Francesca era sua. Podia pegá-la ali, na frente de todos, e levá-la embora sem que ninguém pudesse objetar. Buscou-a com o olhar e a encontrou conversando com Sofia e Nando. Como estava feliz! E linda. Sentiu desejo por ela e perguntou-se o que os poucos convidados que restavam estavam esperando para ir embora.

— Francesca — disse, interrompendo-a. — Acho melhor

irmos descansar. Amanhã partiremos bem cedo para Paris.

— Ah, sim, claro! — interpôs Sofia. — É melhor irem. Nós também devemos ir.

— Não, não — disse Kamal. — Continuem aproveitando a noite. Francesca se despediu dos poucos convidados que restavam. Sua mãe e Fredo os acompanharam até o pé da escada.

— *Mamma, non piangere, ti prego* — suplicou a garota quando Antonina começou a soluçar. — *Pensi che sono felice. Ci vediamo domani* — disse, despedindo-se casualmente, como se não fosse partir para a Europa no dia seguinte.

No quarto, ela se sentou na beira da cama, tirou os sapatos e jogou-se para trás, com os braços em cruz. Soltou um suspiro e sorriu, satisfeita. Kamal, que estava tirando o fraque, contemplava sua mulher com um sorriso sutil em uma expressão lasciva. Despiu-se por completo e ajoelhou-se diante dela, que ainda estava recostada e vestida, com os olhos fechados. Kamal se inclinou e disse perto de sua boca:

— Fale em italiano comigo. Fiquei excitado quando a ouvi.

— *Tu sei la mia vita* — disse Francesca, arfando, pois Kamal já estava entre suas pernas, onde seus lábios grossos a acariciavam. — *Senza di te, io non potrei mai vivere. Io ti amo così tanto, tanto...* — E continuou repetindo até que o orgasmo só lhe permitiu gemer.

No dia seguinte, enquanto iam para Paris, Francesca perguntou a Kamal:

— Posso lhe pedir um favor?

— Você sabe que pode me pedir o que quiser.

— Não é para mim, na verdade.

— Estranhei mesmo que fosse para você. Agora que estou pensando, acho que você nunca me pediu nada para si mesma.

— É para Nando e Sofia — explicou ela. — Nando está desempregado, e é bem pobre. Pensei que talvez você pudesse ajudá-lo. Sei que tem contatos aqui na Argentina.

— Por que acha isso? — perguntou Kamal.

— De que outra maneira você teria conseguido que a chancelaria me transferisse de Genebra para Riad? Eu sei muito bem que iam mandar outra pessoa. E nem era uma mulher.

Kamal riu e deu-lhe um beijo na testa.

— Sim, é verdade. Tenho contatos importantes na Argentina. E o dinheiro é um grande aliado na hora de atingir um objetivo. E você era meu objetivo mais importante. Eu a teria raptado se não houvesse conseguido sua transferência.

— Não duvido de que você seria capaz. Vai ajudar Nando, então?

— Farei o possível.

A mansão de Al-Saud em Paris situava-se à avenida Foch, perto do Arco do Triunfo. Eles foram recebidos por uma mulher elegante, vestida de cinza escuro, com o cabelo cuidadosamente preso e um molho de chaves pendurado no pescoço. Kamal a apresentou como madame Nadine Rivière, a governanta.

— Madame Rivière — disse a seguir —, esta é minha esposa, senhora Al-Saud.

A mulher abandonou a atitude cerimoniosa e arregalou os olhos. Disse que poucas vezes havia visto uma mulher tão bonita e agraciada. Desejou-lhes felicidades e muitos filhos. Pensou que já era tempo de seu patrão assentar-se. Ela havia presenciado um desfile de amantes, algumas muito vulgares. Nenhuma daquelas mulheres, que bebiam muito champanhe, apesar de Al-Saud só beber sucos e água, e riam o tempo todo, havia lhe provocado a boa impressão causada por aquela mocinha, e ela pressentiu que gostaria de trabalhar para ela.

Kamal a dispensou depois de algumas instruções.

Francesca foi até a janela, abriu a cortina e olhou para a avenida Foch. A rua estava em silêncio, assim como a casa. Al-Saud jogou o paletó no sofá e Francesca o escutou se

aproximar. Sem tocá-la, falou em seu ouvido:

— Gostou do que viu até agora?

Francesca assentiu.

— Venha. Quero lhe mostrar o resto.

A casa tinha dois andares e tantos quartos que, ao terminar a visita, Francesca disse que não saberia como chegar ao seu. Ficou deslumbrada com a minuciosidade de cada detalhe e com o bom gosto. Kamal a olhava com olhos expectantes, aguardando sua aprovação.

— Esta é sua casa, meu amor — disse. — Agora, você é dona e senhora destas paredes. Pode fazer o que quiser com ela. Pode mudá-la do chão ao teto, se quiser.

— Ela está perfeita assim. Eu não mudaria nada.

Nessa noite, a primeira em Paris, jantaram no La Tour d'Argent. O *maître* chamava Kamal de “alteza” e, entre medidas, acompanhou-os à mesa mais bem localizada, perto da janela, de onde apreciariam a noite parisiense. Francesca ficou imaginando quantas mulheres ele teria levado a esse famoso restaurante.

Quase no fim do jantar, vendo-a calada e séria, Al-Saud lhe perguntou o que estava acontecendo.

— Eu estava pensando na quantidade de mulheres que você deve ter trazido a este lugar.

Kamal deu um sorriso maroto enquanto acendia um cigarro, e sua atitude displicente despertou raiva nela.

— Gosto de vê-la enciumada; de novo, demonstra o fogo que há dentro de você, e que não se limita à cama, pelo que vejo. Sim, é verdade, eu trouxe muitas mulheres aqui, mulheres bonitas, mundanas e divertidas. Passei momentos agradáveis com elas e sei que elas também comigo.

Francesca o olhou fixamente, e Kamal sorriu de novo com ironia.

— Sim, muitas mulheres — repetiu, mais para si mesmo.

— Mulheres demais, na verdade, mas posso jurar pela memória de meu pai que não disse a nenhuma que ela era e

seria o único e verdadeiro amor de minha vida. Isso eu só posso dizer a você. A você, minha esposa, Francesca Al-Saud, que se uniu a mim apesar de tudo, apesar de conhecer meu gênio, minhas origens e minha vida louca, apesar de ter sofrido como sofreu por minha causa e apesar das diferenças que nos separam.

Francesca abandonou a cadeira e, ignorando os olhares escandalizados dos outros clientes, que de vez em quando fitavam desconfiados aquela mulher branca que acompanhava o homem de turbante, sentou-se no colo de Al-Saud, tomou-lhe o rosto nas mãos e beijou-o.

Francesca recordaria esses dias em Paris como uns dos mais felizes de sua vida. Tomados por uma constante sensação de plenitude, riam por bobagens, encontravam prazer em coisas simples e projetavam um futuro que só lhes reservava bons momentos. Viam o mundo por outro prisma. A paixão se desatava sem controle e faziam amor a qualquer hora do dia. Kamal era um bom professor, e Francesca aprendia rapidamente. Gostava de satisfazê-lo e gostava mais ainda de vê-lo tão preocupado em lhe dar prazer.

— Nunca lhe darei um pretexto para que você me abandone — disse ele em uma noite. — Você terá todo o dinheiro que quiser e prazer na cama como nenhuma mulher já teve. Não encontrará em outro o que eu posso lhe dar. Pode ter certeza.

— Eu sei — disse Francesca, benevolente. — Você já me disse isso. E eu acredito.

Às vezes, Kamal acordava de madrugada e ficava olhando para ela com a cabeça apoiada na mão. Assim, adormecida, com as feições relaxadas e um halo de inocência que a circundava, parecia uma menina de quinze anos. Ele se imaginou dali a alguns anos, já quase um velho, enquanto ela estaria no apogeu de sua beleza e maturidade, e não teve dúvidas de que ela continuaria amando-o, mesmo velho. Duvidar de Francesca lhe parecia uma traição.

— Por que não está dormindo? — Ela o surpreendeu uma vez, arrancando-o de suas reflexões.

— Estava olhando para você e pensando que poderia ficar ao seu lado por toda a eternidade. Quando estou com você, não importa onde estamos.

— Importa, sim — rebateu ela, acariciando-lhe o rosto. — Para você, não dá no mesmo estar em qualquer lugar, não enquanto a Arábia existir. Temos que voltar a Riad. Pressinto que, se você não voltar a sua pátria por minha culpa, acabarei perdendo-o.

— Você nunca me perderá — disse ele com severidade. — Nem pela Arábia. Talvez, algum dia, voltemos, mas não agora — acrescentou, com uma expressão que dizia que não falaria mais sobre essa decisão.

— Jacques me contou que existe uma crença beduína que diz que quando uma pessoa vê o deserto, ela volta e fica para sempre. É verdade?

— Sim, é verdade, mas, por enquanto, vamos ficar aqui — insistira ele. — Ainda mais agora que sua amiga Sofia e o futuro marido dela virão para Paris.

Francesca ameaçou se levantar, mas Kamal a obrigou a recostar-se de novo.

— Eu ofereci um emprego a Nando em meus escritórios de Paris. Ele aceitou, e, pelo que sei, Sofia está muito contente.

Francesca o fitou através das lágrimas. Acariciou-lhe a face e beijou-lhe a mão.

— Meu árabe galante — disse. — Sei que você fez isso por mim, para que minha amiga mais querida esteja perto de mim e eu não me sinta tão sozinha nesta cidade.

— Claro que fiz por você. Você sempre está em primeiro lugar em meus pensamentos. Mas também achei que um distanciamento entre Sofia e a família dela não seria nada mal.

— Quando chegarão?

— Nando me pediu dois meses. Eles se casarão em Córdoba e virão para Paris.

O casamento muçulmano foi realizado no Cairo. Zila, irmã mais velha de Fadila, casada com um poderoso industrial egípcio, ofereceu sua mansão nos subúrbios da cidade, e Kamal aceitou de bom grado. Chegaram em uma tarde, no avião de Al-Saud. Francesca estava muito nervosa, mas Kamal se mostrava relaxado e feliz por reencontrar sua família.

Suas irmãs, sobrinhas e cunhadas cuidaram de Francesca e a levaram para fazer compras no mercado do Cairo, onde a abarrotaram de tecidos, joias e perfumes. Durante esses dias, Fadila se manteve distante, ocupada com outros detalhes do casamento, e deixou a atenção mais personalizada a sua futura nora nas mãos de Zora, esposa de Faisal. Notava-se a tensão, mas Fadila se esforçava para ser gentil e atenciosa. Às vezes, olhava para Francesca e, apesar de seu orgulho, admitia que era bonita e simpática; além disso, já demonstrara ser fértil e amava Kamal. De qualquer maneira, era difícil para ela aceitar que seu único filho homem se uniria a uma plebeia, e, pior ainda, católica. Mas ela se calava e ruminava seu descontentamento em solidão, pois sabia que lado Kamal escolheria no caso de um enfrentamento.

Francesca gostou de Zora desde o primeiro momento, e sua cunhada foi um apoio nos dias anteriores ao casamento, durante os quais, segundo o costume, ela foi proibida de ver o noivo. Foram três longos e extenuantes dias sem Kamal, em uma sucessão de cerimônias e festas exclusivamente para mulheres. Na manhã do quarto dia, depois que Fadila mostrou a Francesca o diadema de brilhantes e safiras que seu filho lhe oferecia para desposá-la, Zila, Fátima e Zora passaram a arrumá-la para o casamento, que seria celebrado ao meio-dia. Depilaram-na com uma mistura de melaço e óleos aromáticos que deixou suas pernas suaves como seda e raspam seu púbis, um costume ancestral que, segundo Zora, os árabes achavam muito excitante. Banharam-na e perfumaram-na, vestiram-na e pentearam-na, e, por último, dedicaram-se à maquiagem, uma arte que Zila dominava com maestria.

Uniram suas sobrancelhas com maquiagem, o que a fez recordar um retrato de Frida Kahlo. Destacaram seus olhos com *khol* e sombra cor-de-rosa, que combinava com as cores do vestido. Encheram várias seringas com uma pasta vermelha e desenharam filigranas e pequenas flores em seus dedos e mãos, na testa e no peito.

— Sai com água — sussurrou Zora para tranquilizá-la.

Francesca se olhou em um espelho e não gostou do que viu. Ela era a antítese de uma noiva ocidental. *Se minha mãe me visse*, pensou.

— Você é a noiva mais linda que já vi — disse Zora enquanto colocava o diadema de brilhantes e safiras sobre o véu. — Kamal vai morrer de amor por você.

Kamal a achou fascinante quando a viu surgir, sentada em um andor sobre um mar de flores. Os criados deixaram o andor no chão, e o avô de Kamal, o xeque Al-Kassib, que havia deixado a tribo para comparecer ao casamento, rapidamente lhe ofereceu a mão e conduziu-a até seu neto. O daroês recitou sua parte, e Francesca respondeu, em um árabe mal pronunciado, o que Zora lhe havia ensinado. Os festejos começaram por volta das duas horas da tarde e acabaram ao alvorecer do dia seguinte. Muitíssimas pessoas estavam presentes, e Francesca, que só conhecia poucas, sentia-se perdida. Agarrada à mão de Kamal, ela se deixava conduzir pelos salões e pelo parque enquanto ele lhe apresentava os parentes. Ninguém comentou a ausência de Saud, de sua esposa e de seus filhos, porque todos sabiam das diferenças irreconciliáveis que existiam entre os dois irmãos, mas perguntaram por Mauricio Dubois, acostumados a encontrá-lo nas celebrações importantes da família. Contudo, o pressagiado golpe de Estado já havia acontecido na Argentina; deposto Frondizi, o vice-presidente José María Guido havia tomado seu lugar, em meio ao caos e à confusão. Em consequência, a chancelaria havia convocado Mauricio, que tivera que ir para Buenos Aires.

Após o pôr do sol, Kamal levou Francesca a um quarto afastado e silencioso, onde Marina a aguardava havia alguns minutos. Francesca se emocionou até as lágrimas ao vê-la e agarrou-se ao seu pescoço com desespero, em parte porque Marina pertencia a seu mundo, a um mundo que ela conhecia tão bem. Um alívio encheu seu espírito, e ela pôde voltar à festa com maior segurança.

— Seu marido me ligou na semana passada e me pediu que viesse. Ele pagou a passagem de avião e o hotel. Também me pediu que não dissesse nada, pois queria fazer uma surpresa para você. Como esse homem a ama, amiga! Você tem muita sorte por ser esposa dele. Você nunca havia dito que ele era tão bom e elegante. Que olhos, meu Deus! Quem sabe eu consigo cativar um desses árabes, pois aqui tem de sobra! O mínimo que espero é que me rapte e tire minha virgindade em um oásis.

— A mistura melhora a espécie humana, filho — disse Yusef Zelim, marido de tia Zila, a Kamal, do outro lado da mesa, dando uma piscadinha. — Você escolheu o melhor exemplar de mulher ocidental que eu já vi.

Todos comiam, dançavam e cantavam, e, enquanto alguns descansavam, outros continuavam comendo, dançando e cantando. O movimento e o barulho não paravam nunca. Fátima chamou Francesca e levou-a à mesa das matriarcas mais importantes, onde estava Juliette, tão fora de lugar quanto ela e que a surpreendeu ao declarar que gostava de estar com aquelas mulheres. Para Francesca, o grupo de idosas era intimidador; todas falavam juntas, tocavam seus cabelos e o vestido, admiravam-se com a brancura de sua pele e tiravam e punham o diadema. Terminada a minuciosa inspeção, Fátima declarou que as matriarcas a haviam aceitado como novo membro da família.

Por fim, Kamal a arrancou da festa e levou-a ao centro do Cairo, onde havia reservado um quarto no melhor hotel.

— Sua tia Zila havia preparado um quarto para a noite de

núpcias. Ela vai ficar brava comigo. Vai pensar que eu o dissuadi.

— Minha tia Zila vai saber muito bem que fui eu que decidi passar a noite em um hotel. Além do mais, não quero testemunhas. Você não conhece os costumes de meu povo. Todos ficariam de olho atrás da porta para comprovar meus dotes viris.

— Na aldeia de minha mãe, na Sicília, o marido tem que pendurar o lençol com a mancha de sangue na janela no dia seguinte, pelas mesmas razões que suas tias teriam nos espionado.

— Viu? Não somos tão diferentes, afinal.

Eles não se viam havia três dias e, ao fecharem a porta do quarto de hotel, foram assaltados por um desejo carnal que, satisfeito, deixou ambos extenuados.

— Senti muito a falta de minha mãe hoje — disse Francesca. — Nunca pensei que ela não estaria presente no dia de meu casamento. Queria que tio Fredo tivesse me levado até você.

Passaram os primeiros quinze dias de lua de mel em Nice, no hotel Negresco, onde também chamavam Kamal de “alteza” e o seguiam como um cortejo à espera de suas já conhecidas gorjetas. Tomavam o café da manhã na ampla varanda, com a imensidão do mar à frente. Francesca inspirava profundamente o ar matinal segurando a mão de seu marido. Quando voltavam da praia, entravam na banheira, enorme e redonda, onde ficavam até que a pele dos dois se enrugava e Francesca começava a tiritar de frio.

Kamal encontrou conhecidos, aos quais apresentou Francesca com reticência, cego de ciúmes devido ao modo como olhavam para ela, especialmente quando estava usando roupa de banho. Francesca, por sua vez, notava os olhares cheios de intenções que algumas mulheres dispensavam a seu marido. Porém, Kamal só tinha olhos para ela, e assim demonstrava cada vez que a buscava na intimidade. Entre eles,

havia harmonia e companheirismo, e, mais além da paixão que despertavam um no outro, olhavam-se e sorriam porque sentiam muita paz. O mundo externo seguia seu curso ao redor de uma ilha na qual ninguém podia entrar, com Abenaboh e Kader a uma distância prudente, com suas Magnum nove milímetros escondidas debaixo do paletó.

Depois de Nice, foram à Sicília, onde alugaram um carro para percorrer a costa. Iniciaram o périplo em Santo Stefano di Camastra, cidade natal do pai de Francesca, Vincenzo. Era uma localidade às margens do mar que parecia ter parado na Idade Média. As vielas lúgubres de paralelepípedos e sem calçada, por onde circulavam na mesma procissão pessoas, rebanhos de cabras e motonetas, flanqueadas por casas antigas, despertaram em Francesca uma sensação de opressão e angústia, e ela logo entendeu a decisão de seu pai de buscar novos horizontes na América. A atmosfera ali era de obscurantismo.

Os nativos sabiam que eles eram estrangeiros, olhavam-nos de soslaio e faziam comentários em voz baixa. Entraram em uma *locanda* para beber alguma coisa fresca, e o silêncio se apoderou do recinto. Vários pares de olhos os seguiram até o balcão, continuaram sobre eles enquanto tomavam uma *granita* de limão e despediram-se quando os dois transpuseram a porta.

Na costa amalfitana, em Sorrento, na ilha de Capri e em Pompeia, foram seduzidos pelo brilho especial do sol, que dava ao mar uma tonalidade turquesa indescritível. Na paisagem, amalgamavam-se as montanhas cobertas de vegetação, a costa escarpada e o mar Tirreno. Em Nápoles, comeram pizza no Brandy, onde, segundo o proprietário, essa iguaria havia nascido em meados do século XIX.

Ficaram quatro dias em Roma. Kamal já a conhecia muito bem e foi um excelente guia. Surpreendeu-a no Vaticano, onde lhe contou histórias de papas, padres, pintores e escultores e narrativas sobre as cruzadas que ela jamais havia

escutado. Jogaram moedas na Fontana de Trevi, visitaram o Coliseu, a Villa Borghese e o Palácio do Quirinal. No meio do Fórum Romano, Kamal disse: “Você está parada no coração do cansaço do mundo”.

Entre Roma e Pisa, sucedia-se uma grande quantidade de *piccoli paesi*, cada um com seu encanto próprio e um prato típico para ser degustado, mas a magnificência da torre inclinada, a catedral e o batistério de Pisa, um ao lado do outro no meio do gramado, deixaram-na sem fôlego.

Dali, foram para a baía de Portofino, onde pegaram uma viela estreita, que, serpeando a montanha, conduziu Kamal e Francesca ao castelo de San Giorgio, o mais antigo da região, mal conservado, cuja visita só valeu a pena pela vista maravilhosa que oferecia do golfo do Tigullio e das casas coloridas. À noite, antes de deixar Portofino, Francesca pediu a Kamal que a levasse à região do Vale d’Aosta, onde, por fim, conheceria a Villa Visconti, o antigo castelo que havia pertencido à família de seu tio Fredo.

O Vale d’Aosta tinha mais a ver com a Suíça e com a França que com a própria Itália; até o dialeto, com um forte sotaque francês, evidenciava suas verdadeiras origens. Chegaram a Châtillon, um pequeno povoado nos confins do país, onde Francesca se dirigiu a um camponês que tocava uma vaca pela estrada e perguntou-lhe se conhecia a Villa Visconti. “*Certo!*”, afirmou o homem, e explicou que agora a chamavam apenas de Villa. Explicou como chegar, e, minutos depois, eles estacionaram em frente ao portão que marcava o limite da propriedade. Deixaram o carro ali e se aventuraram a pé. Sobre uma pequena elevação, flanqueada de ciprestes e abetos, erguia-se a residência que tantas vezes ela havia admirado no quadro da sala de Alfredo.

— Ah, se tio Fredo estivesse aqui!

Subiram a escadaria que conduzia à entrada da casa, chegando a uma imponente porta de carvalho com aldrabas lustrosas. Bateram.

— Talvez nos deixem entrar para conhecer — disse Al-Saud.

Um idoso, elegante em seu fraque de mordomo, abriu a porta e contemplou-os com circunspeção. Kamal se apresentou em francês, e o homem os convidou a entrar. Pediu que aguardassem e disse que voltaria em um instante. Francesca ficou observando tudo, impressionada, sem poder conceber que seu tio Fredo houvesse vivido em um lugar como aquele, onde a ostentação e a elegância eram soberanas absolutas. Por entre as pesadas cortinas de veludo vermelho do vestíbulo, entreviu a escada principal, de mármore branco; após um primeiro lance de degraus, uma sacada permitia ver a paisagem alpina de verão, com as rochas cobertas de verde e o amarelo das flores. Cada detalhe do vestíbulo arrancava uma exclamação dela: os afrescos do teto, que mostravam alegorias românticas em tom pastel, os vitrais, que esfumavam a luz e matizavam o piso de vermelhos e verdes, as paredes cinzentas, quase lavanda, as pequenas poltronas estofadas de seda azul, os adornos de porcelana e os quadros a óleo.

Na sala contígua, Alfredo e Antonina se levantaram ao escutar a voz de Francesca. O mordomo os guiou até o vestíbulo, onde a garota estava concentrada em uma peça de cristal de rocha. Ela pensou que se tratava da dona da casa e virou-se, completamente desprevenida.

— *Figliola* — balbuciou Antonina.

Francesca ficou olhando para ela.

— *Figliola, sono io, tua mamma.*

Foi um momento comovente. As mulheres se fundiram em um abraço enquanto Fredo tentava não se emocionar. Kamal ficou à parte até que Francesca o buscou com o olhar.

— Dias atrás, seu marido me ligou e propôs que nos encontrássemos aqui, em Châtillon, mais especificamente na vila que havia pertencido a meu pai — explicou Fredo. — Ele nos mandou as passagens de avião. Chegamos ontem a Milão, e um motorista passou para nos pegar pela manhã. Seu

marido é o único responsável por esta surpresa. É a ele que você tem que agradecer.

— Meu amor... — sussurrou Francesca, acariciando o rosto de Kamal. — Meu amor... — repetiu, incapaz de pronunciar outra palavra.

Kamal a puxou para seu peito e sussurrou:

— Não diga nada, Francesca, por favor, não diga nada.

— Tenho quase certeza de que nos permitirão ver a Villa — disse Fredo. — O mordomo foi muito gentil conosco. Dissemos que esperaríamos lá fora, mas ele insistiu para que entrássemos. Até nos serviu café e uma tacinha de xerez.

— Acho que devemos falar com a dona — propôs Kamal. — Talvez ela até nos convide para tomar um chá.

— A dona? — surpreendeu-se Fredo. — Você a conhece?

— Sim — respondeu ele, descontraído. — Francesca, meu amor, você nos permitiria conhecer sua famosa Villa Visconti?

— Minha famosa Villa Visconti? — repetiu ela, com um fio de voz. — Minha... vila?

— Sim, sua vila. A Villa Visconti lhe pertence. Eu a comprei para você. É meu presente de casamento.

Francesca passou o olhar marejado ao redor e um calafrio percorreu seu corpo. O que Kamal havia dito? Que comprara a Villa para ela? Não era possível... Devia ter escutado mal. Seu coração batia na garganta, e, como um eco distante, chegou a voz dele: “Eu a comprei para você”.

— Por quê? Por que, se já me deu tudo? — perguntou, pendurada no pescoço dele.

— Simplesmente porque te amo — respondeu ele.

À noite, jantaram em uma velha *locanda* na periferia de Châtillon, onde Fredo e seu irmão Pietro haviam bebido suas primeiras cervejas e fumado seus primeiros cigarros escondidos do pai. Tudo continuava igual, segundo ele, até o azul-escuro da porta era o mesmo. Cada pormenor o emocionava e fazia surgir uma história em sua mente. Passaram uma noite maravilhosa, que terminaram bebendo

conhaque no *fumoir* da Villa.

Antes de juntar-se a seu marido, Francesca bateu na porta do quarto de Alfredo. Ele estava lendo no sofá, com os pés sobre um banquinho. A satisfação tomava suas feições relaxadas. Ele fumava seu cachimbo, e o aroma do tabaco holandês se apoderava do quarto, deixando ali a mesma marca que dava ao caótico apartamento da avenida Olmos. Fredo tirou os óculos e sorriu. Francesca se ajoelhou a seus pés.

— Você está contente?

— Muito, tio, e você?

— Pela primeira vez na vida, fiquei sem palavras para expressar o que sinto.

— Tio, eu queria lhe dizer uma coisa — disse ela, levantando-se. — Quero pôr a Villa Visconti em seu nome. Ela é sua, de presente. Quero que você volte a ser dono da Villa Visconti e que as pessoas saibam que sua família recuperou a casa. Por favor, eu suplico, aceite.

Alfredo a contemplou longamente. Via magia no seu rosto, um brilho peculiar nos olhos negros, algo que ele nunca havia encontrado em outras pessoas.

— O que teria sido de minha vida sem você? — disse, pensando em voz alta.

Francesca tomou-lhe a mão e levou-a a seu rosto.

— É melhor deixarmos a Villa em seu nome, querida. Não vai querer chatear seu marido, não é?

— Kamal não diria nada. Ele respeita minhas decisões.

— Sim, eu vejo que ele a venera e que traria a lua e o sol para agradá-la. Mas não é só isso. Para que complicar as coisas? Suponhamos que a Villa ficasse em meu nome. A quem acha que eu a deixaria quando morresse, se não a você? Vamos economizar advogados e papéis e deixar que minha casa seja sua desde agora. Veja isso como um adiantamento de herança — acrescentou, dando-lhe uma batidinha no nariz.

— Para mim, esta sempre será sua casa — disse Francesca.

Ela sorriu, marota, antes de perguntar:

— Você é apaixonado por minha mãe, não é? Não fique vermelho, tio!

— Filha! Que tipo de pergunta é essa?

— Simplesmente uma pergunta. E, mesmo que você não responda, eu já sei a resposta.

Ela se levantou, deu-lhe um beijo na testa e dirigiu-se à porta.

Antes de sair, Fredo a chamou.

— Venha aqui — pediu, indicando uma cadeira ao seu lado.

— Sente-se aqui. — Ele tomou a mão de Francesca e olhou-a direto nos olhos. — Se você já sabe a resposta a essa pergunta tão insolente, quero lhe fazer outra. Você se incomodaria se sua mãe e eu nos casássemos? Eu a pedi em casamento, e ela aceitou, mas preciso de seu consentimento.

Francesca pulou no pescoço de seu tio rindo de felicidade.

— Eu lhes dou meu consentimento. Sim, claro que dou! Sim, sim, sim, meu adorado tio Fredo!

— Onde você se meteu? — perguntou Kamal. — Faz uma hora que a estou esperando. Estava quase me vestindo e indo buscá-la.

— Passei pelo quarto de meu tio e parei para conversar com ele.

— Sim, e eu aqui, morrendo de amor por você!

— Hoje você se transformou em meu herói de verdade. Encontrar minha mãe e meu tio Fredo aqui e descobrir que você comprou a Villa superou os limites de minha imaginação.

— Eu tinha que fazer algo surpreendente para conquistar o carinho de minha sogra.

— Bem, você sabe que conseguiu. Ela vai comer na palma de sua mão, meu herege.

— Sim, atingi meus objetivos, eu sei, mas, agora, tenho outros planos em mente.

Ele a pegou pela cintura e beijou seu pescoço. De novo,

com o mesmo encanto do primeiro dia, foi embriagado pelos jasmims do *Diorissimo* e pela maciez da pele de Francesca.

Depois do amor, Francesca respirava compassada e profundamente nos braços dele quando o ouviu dizer:

— Eu te amo mais que a vida, Francesca Al-Saud.

EPÍLOGO



Paris, novembro de 1964

Kamal foi até a biblioteca, pegou o livro *A civilização árabe*, do professor Le Bon, e voltou a sua mesa. Abriu-o na página cento e trinta e cinco e releu pela enésima vez o parágrafo que ele mesmo havia destacado anos atrás. “Uma grande monarquia absoluta sempre depende de um grande homem colocado a sua frente e, enquanto esse for um verdadeiro gênio, ela prospera, mas, quando é dirigida por médiocres, cai muito mais depressa do que se ergueu.” Ele pensou na Arábia, tão distante e saudosa, e entristeceu-se.

O som do interfone o despertou.

— Sim, Claudette? — disse.

— Seu irmão Faisal na linha dois, senhor.

— Pode passar, por favor.

Faisal estava ligando de Riad, e Kamal logo suspeitou do motivo. Conversaram sobre banalidades até que a voz de Faisal mudou.

— Liguei, na verdade, porque quero eu mesmo lhe dar a notícia: há uma hora, Saud assinou a abdicação. Ele tem vinte e quatro horas para deixar a Arábia e, pelo que disse, vai se estabelecer em seu palácio em uma ilha grega. Foi determinado que receberia uma renda anual mais que generosa para si e sua família. Tariki partiu ontem de manhã para o Cairo, e tio Abdullah já mandou proibir sua entrada no país.

— Então, só me resta lhe dar os parabéns, pois, como suponho, a família já o nomeou rei.

O silêncio de Faisal foi eloquente.

— Você será um grande monarca, meu irmão, e desejo que seja uma época de paz e crescimento — disse Kamal. — Que as gerações futuras o recordem como um grande soberano, como recordam nosso pai. Que Alá guie seu caminho!

— Eu quero nomeá-lo primeiro-ministro de meu governo, Kamal. Você é o único capacitado para desempenhar esse papel com sucesso.

— Elimine a figura do primeiro-ministro; com ela, você só conseguirá ofuscar o rei. Foi necessário criá-la em 1958 para vencer a tempestade, mas você não precisa de um primeiro-ministro. Você tem força e capacidade suficientes para guiar o destino do reino.

— De uma maneira ou de outra, eu o quero aqui, em Riad. Escolha o cargo que quiser assumir, e ele será seu. Ministro do Petróleo, talvez.

— Nomeie Ahmed Yamani como ministro do Petróleo. Você sabe que o venho preparando há anos. Ele é o homem certo para o cargo.

— Sei que Ahmed está mais que preparado, mas, como dizem tio Abdullah e Jacques, não são só o conhecimento e a inteligência que contam, e, sim, o bom nome e as relações. E isso só você tem. Você é respeitado e temido pelas multinacionais e pelos peixes gordos do *establishment*. O reino precisa de você, Kamal. Não poderemos superar a crise sem seu apoio. Colabore com meu governo, eu lhe peço, pela memória de nosso pai.

— Eu farei tudo que estiver a meu alcance para ajudá-lo, irmão, mas não voltarei a Riad.

— Sei que está fazendo isso por Francesca — disse Faisal, sem ressentimentos. — E eu entendo.

Kamal desligou o telefone, apoiou os cotovelos na mesa e cobriu o rosto com as mãos. Saud estava destronado, expulso

da pátria, denigrado perante o mundo. Como ele desejara que esse momento chegasse! Por Alá, esperara-o com anseio! Havia inclusive planejado uma morte lenta e dolorosa para que seu irmão mais velho expiasse o que Francesca havia sofrido nas mãos de Abu Bark e seus homens, um tormento que vingasse a perda de seu primogênito. Porém, nesse momento, quando os fatos de certo modo amenizavam as amargas lembranças do passado, ele não encontrava dentro de si o ódio de anos atrás nem sentia prazer na revanche. Fazia tempo que havia apagado Saud de seus afetos, fazia tempo que não o considerava seu irmão mais velho. Recordá-lo não lhe trazia qualquer emoção, e Kamal não se importava se ele estava vivo ou morto. *Eu deveria mandar matá-lo*, pensou, mas sem veemência. Matá-lo agora que estava indefeso como uma criança? Para quê? Para sujar as mãos com o sangue do filho de seu pai? Francesca estava viva e lhe pertencia, e ele jamais permitiria que a tirassem dele outra vez.

Meu coração está amolecendo, pensou. Levantou-se e ficou andando de um lado a outro, com as mãos às costas e olhando para o chão. Pensou em Faisal como novo rei, e seus sentimentos se mesclaram. O casamento com Francesca havia lhe custado o trono. Aceita pela família, respeitada até, agora que havia lhe dado um filho homem, ela ainda pertencia a um mundo alheio e estranho, e não a queriam como esposa do soberano.

Francesca, pensou, e a simples menção de seu nome justificou tudo que ele havia sacrificado para tê-la. Eram felizes em Paris; ele, absorto em seus negócios, ela, dedicada ao pequeno Shariar e a casa. Teria direito de quebrar a harmonia e pedir a ela para voltarem a Riad? Mas ele tinha saudades da pátria, de sua família, do deserto, de cavalgar às margens do mar Vermelho, do oásis de seu avô.

Vestiu o paletó e saiu do escritório. Disse a Claudette que cancelasse os compromissos da tarde e foi para casa. Encontrou Francesca amamentando seu filho, sentada na beira

da cama, e ficou mudo, fitando-a. Seu perfil parecia cinzelado em alabastro branco e seu cabelo, preso na nuca, revelava um pescoço fino e esbelto. Ela falava em castelhano com o menino e sorria.

— Vai ficar parado aí a tarde toda? — disse ela, sem se voltar.

— Como sabia que eu estava na porta? — perguntou Kamal, aproximando-se.

— Posso senti-lo. — Foi a resposta.

Shariar soltou o mamilo e virou a cabeça para ver o sujeito que interrompia o idílio com sua mãe. Kamal aproveitou e deu-lhe um beijo na testa. O menino havia puxado tudo dele: a cor avermelhada, os cachos castanhos, as feições definidas, a boca carnuda. Apenas os olhos eram da mãe.

Francesca o escutou calada enquanto Kamal lhe contava a conversa com Faisal. A tranquilidade dela contrastava com o nervosismo dele. Ele estava falando e detalhava os fatos e as situações com uma precisão que ia contra sua natureza reservada.

— E o que você respondeu à oferta de Faisal?

— Que não voltarei a Riad.

— Por minha causa, não é? — perguntou Francesca.

— Você é livre demais para viver dentro das limitações de meu povo. Não suportaria.

— Sofro pensando que você deseja viver lá e que não o faz por mim.

— Não entende que você vem em primeiro lugar? Antes que eu, que a Arábia, que o mundo inteiro? O que preciso fazer para você entender?

Saud morreu cinco anos depois, em sua ilha no mar Egeu, vítima da doença que o havia acometido nos últimos tempos de seu reinado. Enquanto Saud morria, Faisal inaugurava um período de bem-estar econômico e social baseado na

austeridade e no estrito cumprimento das normas do Alcorão. Tinha sido duro controlar as finanças deterioradas, mas a estabilidade dos preços do petróleo e um regime criterioso de pensões haviam conseguido deter a queda e evitar a quebra do país. Harmonizadas as receitas e as despesas, Faisal focou sua atenção no desenvolvimento interno do país, enquanto Ahmed Yamani, em seu papel de ministro do Petróleo, fez o mesmo no âmbito externo, onde renovou a consideração e a admiração que antes o grande Abdul Aziz havia suscitado. A Opep, em sua opinião, ainda carecia de hegemonia política, e suas propostas e medidas só conseguiam gerar mal-estar e tensão no mercado petrolífero. Como representante do reino saudita no organismo, Yamani acabava sempre neutralizando as ameaças de embargo, única arma potente com a qual o cartel contava. Seu objetivo supremo era conseguir maior independência na extração, no refinamento, no transporte e na distribuição do ouro negro, que continuava nas mãos de empresas ocidentais. “Desenvolver uma tecnologia própria”, repetia Yamani a Faisal, que o apoiava incondicionalmente.

Kamal acabou aceitando o cargo de embaixador da Arábia Saudita na França. Sua volta ao mundo da política mudou, em parte, seu estilo de vida. Ele viajava com frequência, trabalhava muitas horas por dia, reunia-se com as personalidades mais destacadas do mundo político internacional, era convocado a seminários e convenções, ofereciam-lhe cátedras em renomadas universidades norte-americanas e era assediado pelos jornalistas, que sonhavam entrevistar o enigmático saudita e sua esposa sul-americana.

Ninguém imaginaria que aquele homem imponente, de olhar de falcão, que raramente esboçava um sorriso, que inspirava temor e respeito e cujo cérebro maquinal não parava nem um só minuto, ao transpor a porta de sua casa, jogava-se no tapete da sala de jantar para brincar com seus filhos, que subiam em suas costas e o despenteavam, mexiam em seus bolsos e lhe faziam cócegas. E que depois, na escuridão e no

silêncio da noite, buscava o calor de sua esposa com a ansiedade de um adolescente. Para ele, Francesca era seu refúgio das tensões e dos problemas do mundo externo, era sua companheira e confidente. Ele a amava profundamente. Como sempre, amá-la assim era a única coisa que temia, pois ficava exposto, em carne viva. Dependia dela como do ar e ficava inquieto quando a ideia de perdê-la, de que alguém a tirasse dele, ocupava seus pensamentos.

Francesca se dedicava ao cuidado dos filhos e da casa e contava com a ajuda de Sara e Kasem, que não haviam hesitado em renunciar à embaixada argentina para trabalhar sob suas ordens. Fiéis ao extremo, cuidavam dela e dos meninos como se fossem tesouros de valor incalculável.

Após o nascimento do pequeno Shariar, Francesca deu à luz Alaman. Diferente de Shariar, que estava começando a mostrar sua semelhança com o pai não só nos aspectos físicos, Alaman era um sonhador romântico e o que mais se animava na hora de visitar o bisavô Harum no deserto. Não se cansava de escutar as lendas de *As mil e uma noites*. Francesca o protegia mais porque notava nele uma fragilidade que, talvez, houvesse herdado dela. Alaman canalizava sua paixão pela natureza em uma devoção cega aos cavalos, lia sobre o assunto em todos os livros que caíam em suas mãos e deixava o pai de queixo caído quando comentava algo sobre a criação dos *muniqi*. Em seu décimo aniversário, Francesca lhe deu Rex de presente, e o cavalo só abandonava suas manhas e seus vícios com o filho de sua dona.

Quando Alaman tinha três anos, o terceiro filho dos Al-Saud nasceu, o pequeno Eliah, o preferido de Jacques Méchin. Jacques sempre proclamava que Eliah seria rei da Arábia Saudita. “O maior de todos”, acrescentava, cheio de orgulho, como se fosse de seu próprio sangue. Em Eliah, Jacques encontrava uma réplica melhorada do fundador do reino. Em sua personalidade complexa, o mais novo Al-Saud sintetizava sagacidade, inteligência e uma grande paixão pela vida.

Méchin assumiu a educação do menino como havia feito tanto tempo antes com a de Kamal, ignorando seus quase oitenta anos e uma persistente gota que com frequência o deixava prostrado. Eliah entrava em seu quarto e levantava seu ânimo. O menino era imponente, alto como o pai, de uma beleza de tirar o fôlego, e sua simples presença calava as vozes e impunha respeito. Sério e circunspecto, suas feições relaxavam e seus lábios esboçavam um sorriso quando via a mãe.

Quando lhe disseram que seu terceiro filho era um menino, Kamal perdeu as esperanças de ter sua tão sonhada menina. Por isso, quando Yasmin chegou a sua vida, em uma tarde quente de fim de julho, roubou seu coração. Ela era sua princesa, sua Francesca em miniatura, com aqueles cachos escuros que lhe caíam pelas costas, a pele branca e dois olhos negros que pareciam ocupar todo seu rosto. Nas festas da família, Yasmin cantava, dançava e recitava, exibindo-se como um pavão. Era coquete e cheia de si. Gostava de mergulhar no armário de sua mãe e arrastar seus vestidos pela casa andando de saltos altos. Roubava a maquiagem de Francesca e passava horas em frente ao espelho enchendo os olhos de sombra e rímel. Seu pai sempre a estimulava, permitia-lhe qualquer coisa e não suportava vê-la chorar. Durante anos, tiveram que manter a luz do corredor acesa durante a noite porque Yasmin tinha medo do escuro. Ele via em Yasmin Francesca quando era pequena, aquela que havia sofrido a morte prematura do pai, o desprezo da patroa de sua mãe, a falta de dinheiro e de uma família completa. Punha o mundo aos pés de sua filha como se, ao fazer isso, o pusesse aos pés de sua adorada Francesca.

A Villa Visconti se tornou um refúgio para Al-Saud, e, quando as responsabilidades o sufocavam, dava uma escapada de três ou quatro dias com Francesca. Durante as férias de verão, a família inteira ia para a Villa, onde se reuniam com “os avós da Argentina”, como as crianças chamavam Fredo e

Antonina.

Naquela primeira noite na Villa, tanto tempo antes, depois que Francesca perguntara se ele era apaixonado por sua mãe, Alfredo vestira o roupão e batera na porta de Antonina. Ela estava encantadora com o cabelo solto, a camisola e as pantufas. Contemplaram-se antes que Fredo a tomasse nos braços e a beijasse apaixonadamente. Antonina se entregara a ele sem resistência, como se esperasse aquilo havia muito tempo. Dormiram juntos, e Alfredo se sentira tocando o céu com as mãos quando a fizera sua. Casaram-se na volta a Córdoba e viveram no caótico apartamento da rua Olmos até março de 1976, quando houve um novo golpe militar. Então, Alfredo vendeu o apartamento, deixou a direção do *El Principal* e partiu com sua esposa para passar os últimos anos de sua vida onde a havia começado: na Villa Visconti.

Faisal morreu aos setenta e cinco anos, pelas mãos de um terrorista que o apunhalou na entrada de uma mesquita. O povo inteiro chorou sua morte e milhares de pessoas saíram às ruas de Riad para participar do cortejo fúnebre, que contou com a presença de grandes personalidades internacionais.

Depois da morte de Faisal, Kamal se retirou definitivamente do âmbito político, sem atender às súplicas de seu irmão Jalid, o novo rei, que insistiu que ficasse. Mas Kamal estava cansado, e a morte de seu irmão o deixara devastado. Francesca e ele fecharam a casa de Paris e retiraram-se à fazenda de Jidá, onde se estabeleceram definitivamente, contra o desejo de seus filhos. As crianças não podiam entender o que aquele lugar significava para eles.

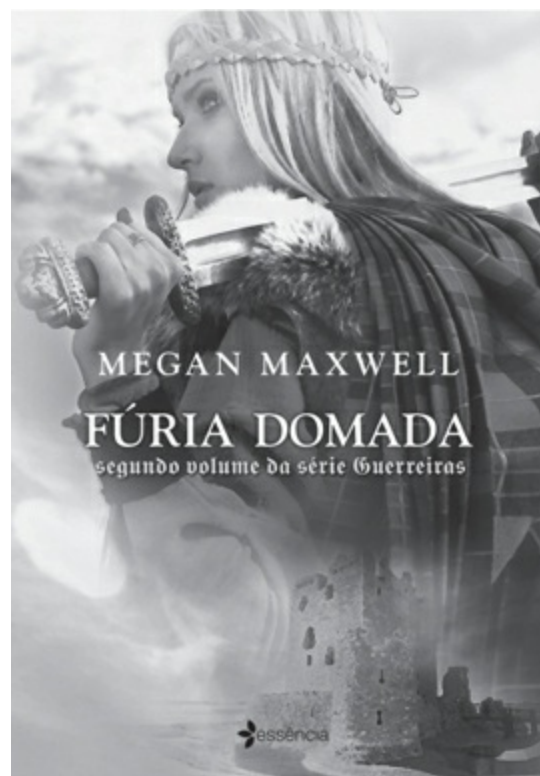
Sadun, o mordomo, velho demais para cuidar dos assuntos da casa, delegou o comando a seu competente sobrinho Yaluf. Os haras continuavam sendo esplendorosos e o lugar predileto de Kamal. A fama de seus reprodutores e cavalos de corrida não havia diminuído, e compradores do mundo inteiro o

procuravam para fechar negócios milionários, porém já fazia tempo que Kamal havia confiado a seus filhos a administração dos negócios e das finanças familiares. Ele só queria estar com Francesca.

Depois de tantos anos, eles estavam novamente na solidão do solo árabe. Andavam de braços dados sob as palmeiras, banhavam-se na piscina com a imagem do cavalo alado, molhavam os pés às margens do mar Vermelho, jantavam no jardim ao lado da fonte com nenúfares e se espantavam, como na primeira vez, com o encanto da lua e do céu estrelado. Kamal nunca deixava de observá-la e pensar: *Já estou enrugado como uma noz e ainda a tenho ao meu lado. Que Alá seja louvado!*

Leia também:





FRANCESCA cruzou com passos rápidos o corredor que comunicava a ala dos quartos com o setor dos escritórios da mansão e entrou na sala de seu chefe sem notar que alguém estava ali.

O homem limpou a garganta e levantou-se quando a saia de Francesca subiu por suas pernas enquanto ela tentava alcançar um atlas situado na prateleira mais alta da biblioteca. O árabe, sério e imponente, avançou em sua direção e obrigou-a a recuar contra a estante.

— Jamais pensei que uma argentina pudesse ser mais bonita que as mulheres de meu povo — disse o homem em perfeito francês.

Francesca ficou enfeitiçada por aquela voz grossa e profunda, olhando para o homem feito tonta, sem pronunciar uma palavra nem exigir explicações, apesar do susto que ele lhe havia dado e de ele contemplá-la de cima a baixo com insolência.

— *Inshallah!* — exclamou ele, fazendo a saudação oriental: a mão sobre o coração, a boca e a testa.

Francesca saiu do estupor ao ouvir a porta ser aberta.

— Meu amigo! — escutou seu chefe dizer.

O árabe se voltou, sorriu, notavelmente satisfeito, e foi ao encontro de Mauricio. Estreitaram-se em um abraço enquanto pronunciavam palavras acaloradas em árabe. Quem era aquele homem?

— O que foi, querida? — perguntou Sara ao encontrá-la no meio do corredor com o olhar perdido. — Que cara!

— Estou um pouco cansada, só isso.

De qualquer maneira, o que poderia lhe dizer? Que um árabe atraente e insolente a havia assustado na sala do embaixador?



© Alejandra López

FLORENCIA BONELLI (1971, Argentina) é licenciada em Economia e trabalhou como contadora. Encorajada por seu marido, decidiu abandonar sua profissão e dedicar-se a escrever. Florencia tornou-se referência como escritora de romances históricos. Seus livros conquistaram a admiração de leitores em todo o mundo.

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

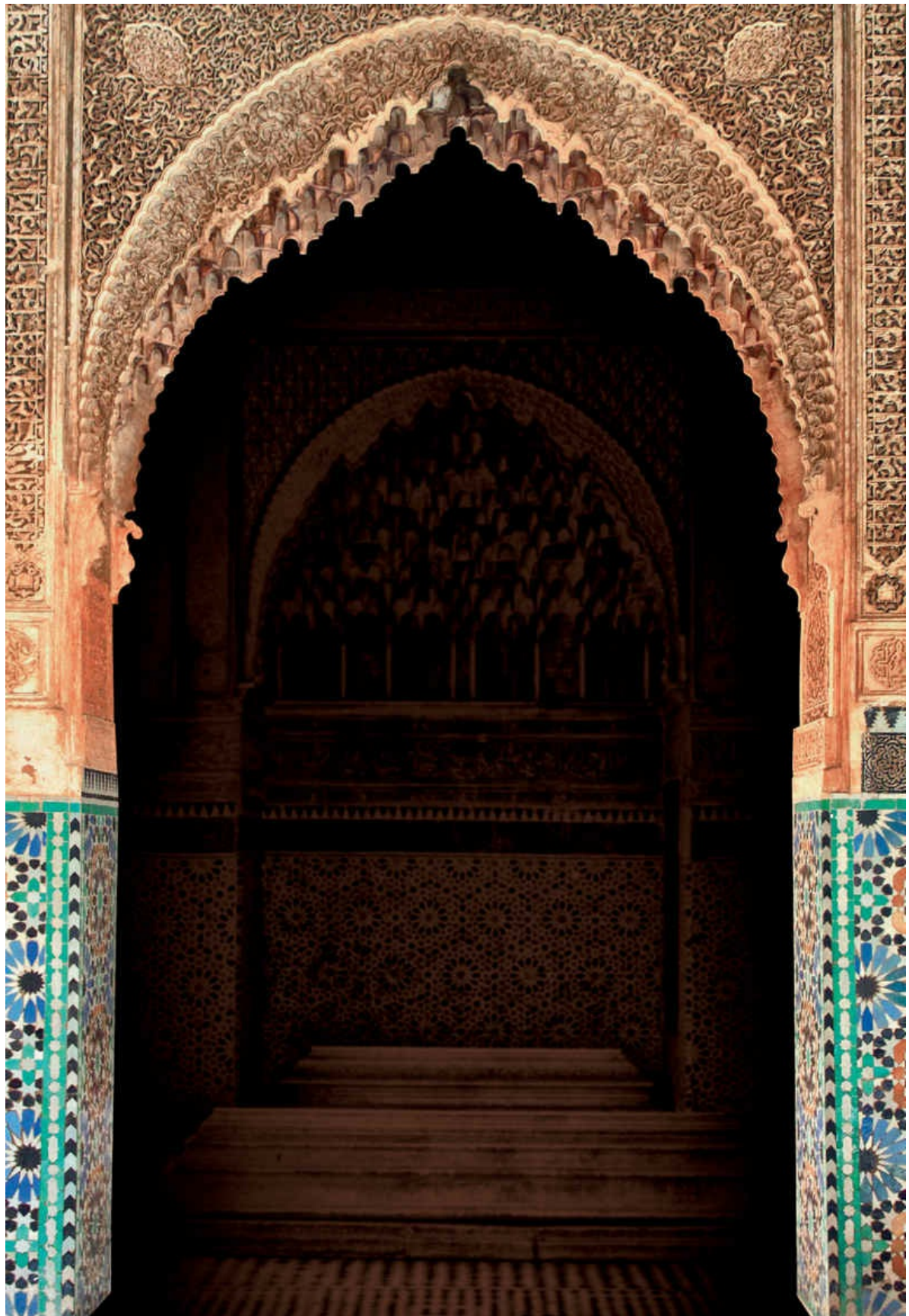
 PlanetadeLivrosBrasil

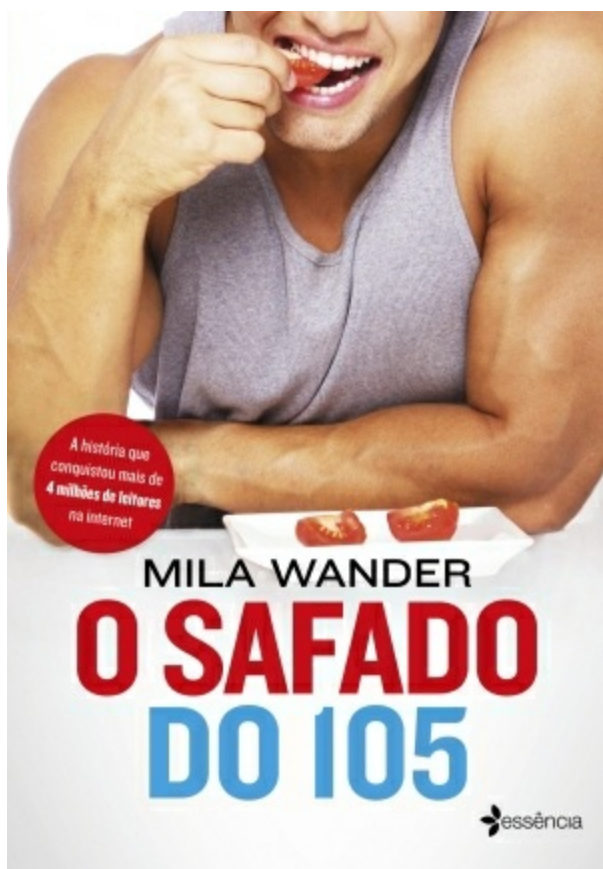
 planetadelivros.com.br

CÓRDOBA (ARGENTINA), 1961. Apesar de suas origens humildes, Francesca De Gecco conseguiu ter uma sólida educação. Sua carreira começou no jornal dirigido por seu rico padrinho e mentor, mas seus planos de se tornar uma jornalista de sucesso foram interrompidos por uma história de amor impossível.

Após sofrer uma terrível desilusão que só o tempo e a distância poderiam curar, seu tio consegue um emprego para a jovem em uma embaixada distante, e Francesca se muda para Genebra. No entanto, essa cidade será apenas a primeira parada de uma viagem muito mais longa. Ao redor do mundo, nos palácios mais deslumbrantes do deserto árabe, Francesca terá uma segunda chance de ser feliz.







O safado do 105

Wander, Mila

9788542205770

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

A história que conquistou mais de 4 milhões de leitores na internet. A analista de sistemas Raissa Magalhães finalmente compra um imóvel e realiza o sonho de morar sozinha. Assim que ela se muda para a casa de número 104, descobre que seu novo vizinho, que ela apelida de Calvin, é um chef de cozinha alto, bonito, jovem e sarado. Com o tempo, ela descobre que dormir em seu novo quarto será uma missão impossível. Da casa 105, geminada com a sua, chegam, noite após noite, gemidos e gritos de prazer das mulheres que visitam seu vizinho. A vocação do rapaz para a safadeza não só impedirá Raissa de dormir profundamente, mas irá incitá-la e excitá-la de tal maneira que ela, também, começará a frequentar o 105. O desejo de Raissa se transformará em paixão. Só que a analista de sistemas sabe muito bem que se apaixonar por um homem com tamanho currículo sexual pode não ser a coisa mais sensata. Conseguirá Raissa mudar o jeito irresponsável e descompromissado de seu vizinho, fazendo-o se apaixonar por ela? Ou será que almejar um futuro amoroso ao lado de um safado convicto é pura ilusão?

[Compre agora e leia](#)

LIVRO II DA TRILOGIA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES



NICOLE WILLIAMS

CLASH

QUANDO CORAÇÕES SE PARTEM

 **essência**

Clash

Williams, Nicole

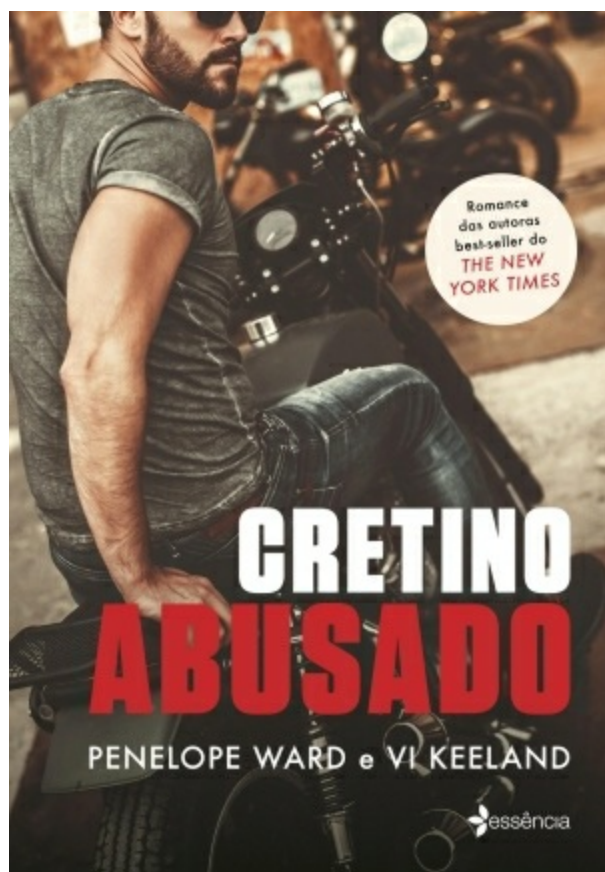
9788542213553

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jude e Lucy estão de volta na continuação de Crash, trilogia best-seller do The New York Times. Certas coisas não mudam nunca: Jude e Lucy sentem uma paixão intensa e avassaladora um pelo outro, e brigam com a mesma intensidade. Cada vez mais incomodada com os holofotes em Jude – e com a quantidade de mulheres em torno dele –, Lucy quer segurar seu bad boy enquanto treina para ser a melhor bailarina de sua turma. Porém, alguma coisa está prestes a dar errado... e não vai demorar. Como ela pode viver sem o garoto que ama? Como ela pode viver consigo mesma se desistir de seus sonhos? Se não fizer a escolha certa, Lucy pode acabar perdendo tudo.

[Compre agora e leia](#)



Cretino Abusado

Ward, Penelope

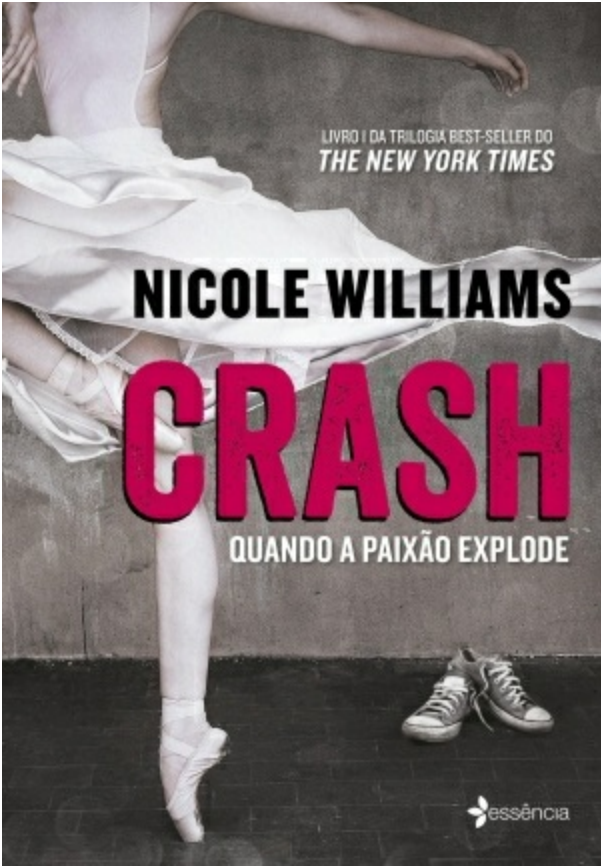
9788542211610

217 páginas

[Compre agora e leia](#)

Após ser traída pelo ex-namorado – chefe da firma de advocacia em que trabalhava – Aubrey decide que precisa de um recomeço. Deixa tudo para trás e aceita um emprego em uma startup na Califórnia, Estados Unidos, e parte em uma viagem de carro que mudará toda a sua vida. Em uma parada na estrada, Aubrey conhece Chance, um homem atraente que viajava de moto. Com o corpo perfeito e sotaque australiano, o ex-jogador de futebol era bem convencido e arrogante. Quando sua moto quebra, Chance precisa da ajuda de Aubrey. Ele promete levá-la em segurança até seu destino em troca de uma carona, e os dois decidem seguir viagem juntos. Aubrey está traumatizada após seu último relacionamento, mas sente uma atração incontrolável por aquele cretino abusado. Apesar da ligação cada vez mais forte entre os dois, Chance guarda um segredo que poderá separá-los para sempre.

[Compre agora e leia](#)

The book cover features a photograph of a ballerina in a white tutu, captured in a dynamic pose. Her right leg is extended, and her left foot is on a pair of sneakers on the floor. The background is a textured, greyish-brown wall.

LIVRO 1 DA TRILOGIA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES

NICOLE WILLIAMS

CRASH

QUANDO A PAIXÃO EXPLODE

 **essência**

Crash

Williams, Nicole

9788542210668

219 páginas

[Compre agora e leia](#)

Para a adolescente Lucy, nada é mais importante que o balé. A dança a transporta para um mundo onde a dor, as lembranças ruins e a violência não existem. Um mundo só dela. Um dia, porém, aquela garota certinha é obrigada a mudar de escola. E é nesse novo ambiente, repleto de descobertas e inseguranças, que conhece um garoto que só usa cinza e vive com uma toca de lã na cabeça. Jude, o maior bad boy da escola, é lindo e seria o sonho de toda garota, e talvez até o genro que todo pai pediu a Deus... se não tivesse sido preso várias vezes e não morasse num abrigo para garotos desajustados. Lucy não liga para a opinião dos outros: o mais importante é o que Jude sente por ela. E o rapaz parece disposto a abrir seu coração, ainda que um segredo que assombra o passado e o presente dos dois esteja prestes a estrçalhar essa paixão.

[Compre agora e leia](#)

MEGAN MAXWELL

Pela lente do amor



Pela lente do amor

Maxwell, Megan

9788542206203

432 páginas

[Compre agora e leia](#)

NOVO LIVRO DE MEGAN MAXWELL Ana Elizabeth troca o luxo e a riqueza da sua aristocrática família londrina pelas "calles" madrilenas, em busca do seu sonho: ser fotógrafa. Dona do seu nariz, ela monta com a amiga Nekane um estúdio fotográfico na capital espanhola e segue seu caminho de sucesso. No dia em que o prédio onde trabalham enfrenta um incêndio, Ana conhece Rodrigo, um dos bombeiros que atendem ao chamado da ocorrência. A troca de olhares aquece não só o corpo da fotógrafa, mas também seu coração e ela se entrega à inusitada amizade – com benefícios – que nasce entre eles. Apesar de cúmplices, um balde de água fria vai comprometer a liga dessa relação, quando Rodrigo – um mulherengo de carteirinha – descobrir que sua querida Ana está grávida de um turista suíço que passou por sua vida sem passagem de volta e de quem ela só sabe o nome. E o que dirá sua pomposa família quando souber que ela está grávida de um desconhecido e é amante de um bombeiro pobretão? Só a leitura do livro revelará!

[Compre agora e leia](#)